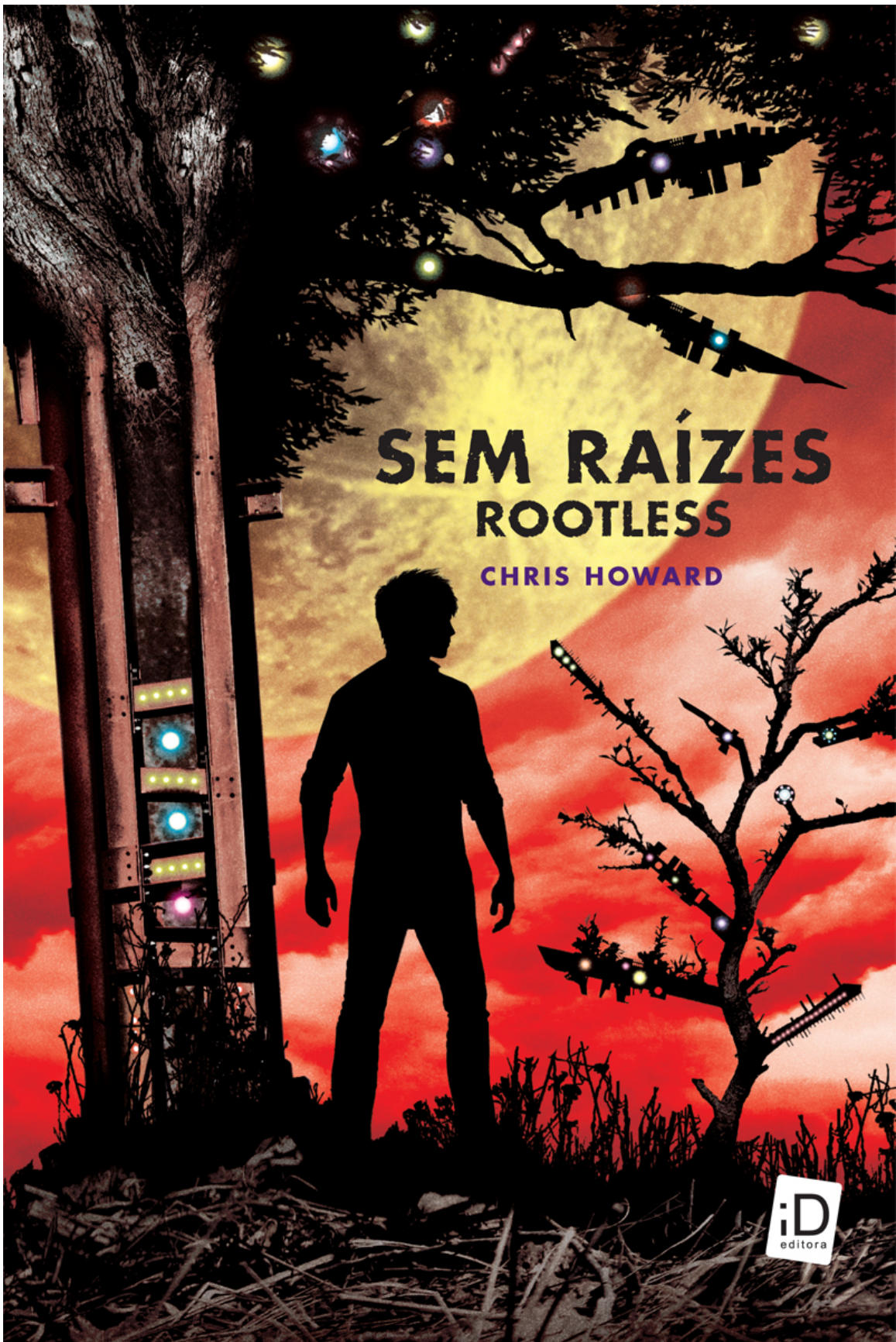




# SEM RAÍZES

## ROOTLESS

CHRIS HOWARD



# SEM RAÍZES

## ROOTLESS

CHRIS HOWARD

iD  
editora

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



# SEM RAÍZES

## ROOTLESS

CHRIS HOWARD

Tradução de  
Bernardo de Carvalho

iD  
editora

# PARTE UM



# CAPÍTULO 1

Estavam me achando jovem demais para um construtor de árvores. Os olhos deles diziam isso com toda a clareza. Não passavam de dois ricos bizarros, ali me encarando como se fosse minha obrigação impressioná-los. E pior que era mesmo. Era aí que estava o problema. O tanque do furgão já estava praticamente vazio, e o estado do meu estômago não era muito diferente. Quem diria que o melhor construtor de árvores das Cidades de Aço passaria tanto tempo sem arrumar nem um mísero trabalho?

– E o que vai ser, chefe? Um bosque cheio de verde? – perguntei, olhando para um tal de Frost, o sujeito interessado em me contratar.

– Mais que isso, sr. Banyan – ele respondeu, em tom de desafio. – Queremos ter todas as estações do ano.

Frost era um homem gordo, com um queixo que chamava a atenção a quilômetros de distância, e o cabelo, descolorido para aparentar mais idade, fazia o rosto parecer vinte anos mais jovem.

– Quer dizer então que você gosta das coisas bem-feitas, não é mesmo? – eu disse, balançando afirmativamente a cabeça, com ar de impressionado. Aprendi muito bem a lição que Pop[1] me ensinou. Faça cada pedido parecer grande coisa. O cliente paga melhor e, no final, ainda fica duas vezes mais satisfeito.

– Você terá à disposição toda a sucata de que precisar – rebateu Frost. Eu quase podia sentir o cheiro do dinheiro daquele figurão.

Parada ao lado dele, a esposa era só brilho, com o cabelo e o rosto salpicados de *glitter*. Até o segurança dos dois estava todo chique, com os *dreads* limpos e bem alinhados e a barba trançada com tecido. Também notei que não havia nenhuma marca na pele dele, sinal de que se tratava de um guarda-costas com quem era melhor não mexer.

Dei uma olhada ao redor. Ao menos o pedaço de terra era grande. Um vazio de cortar o coração: só poeira e céu para onde quer que se olhasse. Mas não seria assim por muito tempo. Em breve, eu ergueria ali uma floresta onde Frost e a mulher poderiam se perder, caminhando tranquilamente à sombra das árvores e protegidos do vento que rasgava o terreno abandonado. Eles poderiam mostrar ao mundo que ainda era possível ter algo especial.

Um desnível no terreno chamou minha atenção. Eu poderia inventar um pouco ali, criar algo diferente. Eles teriam as quatro estações, sem problemas. Já imaginava as folhas de plástico penduradas, prontas para mudar de cor e despencar dos galhos de metal. Eu daria a eles o desabrochar das flores na primavera e as cores do outono.

– Tenho boas notícias, sr. Frost. – Abri um sorriso e estendi a mão para ele. – As estações são a minha especialidade.

Frost retribuiu o sorriso, mas não se deu o trabalho de apertar minha mão. Simplesmente ficou ali com as mãos na cintura e os lábios se contorcendo em algum tipo de brincadeira íntima. Então se aproximou da esposa e colocou o braço ao redor daqueles ombros pontudos. Não consegui deixar de me sentir mal por vê-la tão perto daquele sujeito. Era uma mulher bonita, sem a menor dúvida, de olhos cinzentos e pele parda.

– A questão, meu caro – Frost começou a falar, deixando transparecer alguma inquietude, enquanto alisava a blusa de poliéster da esposa –, é se você vai ser capaz de construir *isto*.

Então ele abriu a blusa da mulher, que ficou praticamente nua, bem na minha frente.

Eu nunca tinha visto uma coisa daquelas.

Não posso negar que a mulher era muito mais atraente do que eu poderia ter imaginado. Mas não foi isso que me hipnotizou, e sim a árvore.

Ela estava tatuada em sua pele em milhares de tons diferentes. As raízes se espalhavam em direção ao lado direito do quadril, e um fino tronco branco se curvava ao longo da barriga, com galhos se projetando para todos os lados. Uma árvore frágil. Flexível. Com folhas douradas caindo, levadas pela brisa imaginária que fazia o tronco balançar.

Senti o suor escorrer pelas minhas costas. Já a esposa de Frost continuava parada na mesma posição, ainda com a expressão fria e o olhar prateado completamente ausente. Demorei alguns segundos até conseguir virar o rosto e desviar os olhos daquela cena.

Frost deu uma gargalhada e afastou-se da mulher, deixando-a ali, com a blusa escancarada.

– E então, garoto? Você consegue fazer? – Dessa vez, quem falou foi o segurança. Seu vozeirão era tão imponente quanto ele. Seus olhos, sempre bem abertos, eram da mesma cor da pele.

Eu, sem saber como reagir, olhei para o terreno vazio, incomodado com a situação. Frost devia se achar o maioral ao fazer



aquilo com a própria esposa. Acontece que, para mim, um sujeito que age desse jeito não merece ter nada que seja bonito.

O segurança repetiu a pergunta:

– Você consegue?

Eu estava com mau pressentimento quanto àquilo tudo. Mas pior ainda era a sensação de vazio no meu estômago. Eu precisava daquele trabalho, precisava de verdade. Não havia a menor possibilidade de recusar.

– Consigo, sim – respondi em voz baixa, já sem toda aquela confiança que eu demonstrava no início. – Mas agora eu preciso de um lugar para deixar o furgão. E quero um pouco de milho, como adiantamento pelo serviço.

– Você pode ficar aqui mesmo, na sua floresta. – Frost deu risada, mostrando com um gesto o imenso terreno vazio.

Ao longe, avistei as formas esparsas da cidade, as cúpulas e *bunkers* de aço imundos, os montes de concreto em ruínas. O vento se rebelou de repente, atravessando as construções, uivando e levantando poeira. Na mesma hora, baixei da testa para os olhos os meus óculos de proteção e cobri o nariz com a manga da camisa. Já os ricaços foram pegos de surpresa e começaram a tossir como loucos, quase colocando para fora os pulmões sensíveis.

– Sinta-se em casa – disse Frost, depois que o vento e a tosse acalmaram. Com os olhos lacrimejando, ele indicou o segurança com a cabeça. – Crow vai providenciar o milho, mas saiba que ele será descontado do seu pagamento.

– E quanto vou receber? – perguntei.

– Vou lhe pagar a quantia que achar que você merece. Algumas antigas notas de cem, se você tiver sorte. – Ele enfim me estendeu

a mão. Estava faltando um pedaço de um dos seus dedos. No lugar dele, só a pele inchada e úmida. – Trabalhe duro, Banyan – disse Frost, apertando minha mão. – E mantenha distância da casa.

Eu me virei e vi o casarão de aço que separava o terreno da rua. Era novo em folha, pelo que parecia. Os enormes pilares de metal lhe davam uma aparência espetada, como se fosse um pedaço gigante de arame farpado. Notei uma janela no andar mais alto, com dois rostos. Pareciam duas versões em miniatura de Frost e da esposa. A garota negra tinha mais ou menos a minha idade. O garoto era mais novo. Ele estava distraído, com o dedo enfiado no nariz, cutucando cada vez mais fundo, como se tivesse perdido alguma coisa lá dentro; mas a garota olhava direto para mim, com a testa colada ao vidro.

– Não precisa esquentar a cabeça – respondi, olhando novamente para Frost. – Você não vai nem notar que eu estou aqui.

Estacionei o furgão o mais distante possível da casa, rente ao velho muro de tijolos que cercava a propriedade. Do outro lado do terreno, o casarão tinha uma piscina, e eu conseguia escutar gente mergulhando, rindo alto e fazendo festa noite adentro. Era assim que os bons e velhos tempos deviam ser. Cara, aquilo parecia delicioso até para um sujeito com medo de água como eu. Eu me contentaria só em ficar perto da piscina, a uma distância bem segura. E ter alguém para conversar.

A traseira do furgão estava aberta, e me deitei ali dentro, em meio a todo o meu equipamento, rodeado de alicates e martelos, placas de metal e rolos de arame, com a cabeça apoiada em uma caixa de lâmpadas e os pés descansando sobre uma bolsa cheia de

chaves de fenda. À minha direita, estavam pendurados o maçarico e a pistola de pregos, junto com um par de luvas e os óculos de proteção sobressalentes; à esquerda, eu havia estocado o adiantamento pelo serviço: pipoca o bastante para uma semana, com direito a três refeições ao dia.

O forno de micro-ondas apitou, avisando que o jantar estava pronto. O “superalimento”, como a GenTech gosta de chamar. Pipoca feita com um milho especial, desenvolvido para fornecer tudo o que o corpo humano necessita. E isso não deixa de ser verdade, contanto que você coma bastante. O problema é que a maioria das pessoas emagrece de repente e começa a ficar com as costas curvadas, a pele amarelada e flácida. Os ricos acabam fingindo que são mais velhos – mas pouco importa quanto sua barriga está cheia, pois no final das contas, cedo ou tarde, quase todo mundo fica com os pulmões empedrados.

Tirei o pacote roxo de dentro do micro-ondas e abri. Pelo cheiro, era sabor macarrão com queijo. Acho que, no passado, eles costumavam tirar o queijo das vacas, mas isso foi antes de todo e qualquer animal ter sido varrido da face da Terra. Agora, só o que temos é um negócio que a GenTech diz ter gosto de macarrão com queijo. Apesar disso, o pacote estava suando e cheirando bem na minha mão, e aquele ainda era o melhor jantar que eu poderia esperar comer.

Estiquei o braço e alcancei o velho sombreiro que Pop sempre usava. O chapéu, tecido com palha de milho, estava coberto de furos e manchado com o suor do meu velho. Ao colocá-lo na cabeça, senti o cheiro esfumaçado que ele costumava exalar. Usando aquele velho sombreiro, eu me imaginei dizendo a Frost

que ele podia enfiar naquele lugar o trabalho que estava me oferecendo. Meu pai jamais admitiria ver um sujeito tratar a própria esposa como se fosse lixo. No meu lugar, ele, por mais desesperado que estivesse, teria dado o fora dali na mesma hora.

Pop sempre me dizia que um dia construiríamos uma floresta só nossa. Só precisávamos economizar dinheiro o bastante para poder abandonar a estrada. Faríamos nossa casa lá em cima, no topo das árvores, bem longe de todo ódio e sofrimento que reinam aqui embaixo.

Mas isso não se realizaria mais. Pop tinha sido levado havia quase um ano e a saudade ainda doía como um dente quebrado. É claro que eu já estava acostumado a trabalhar sem ele, a cuidar do nosso velho furgão e fazer as refeições sem companhia. Mas, nos momentos em que não tinha nada com que me ocupar, tudo parecia vazio.

Tirei o chapéu, coloquei-o no lugar e comecei a observar a casa, com luzes que se acendiam e se apagavam atrás das janelas. Quando terminei de comer, ainda não sentia o menor sono. Também não estava a fim de planejar o que fazer para construir a árvore da tatuagem. Em vez disso, alcancei a caixa de lâmpadas e comecei a vasculhá-la, atrás da minha lanterna de prender na cabeça e do meu livro.

Eu nunca aprendi a ler, embora Pop soubesse. Minha mãe, antes de ter morrido de fome, havia ensinado a ele. Então, quem sabe, o livro pudesse ajudar a me lembrar tanto dessa mãe, de quem jamais formei uma memória clara, quanto do meu pai, de quem nunca conseguiria me esquecer.

Mas o livro também me trazia de volta as histórias que Pop costumava ler para mim. Histórias do mundo de antigamente. Contos de uma gente que vivia perto de rios que corriam frescos e limpos; gente que tinha à sua disposição peixes para pescar e bichos para caçar; gente que via a grama crescer sob os pés e podia admirar vales cobertos de flores e árvores, entre montanhas que tocavam os céus.

Árvores cheias de sementes e flores. Galhos repletos de castanhas, frutinhas e outras coisas, só esperando para serem colhidas e mastigadas.

O livro estava com o mesmo aspecto enferrujado e sujo do meu furgão. Ainda assim, passei o dedo rapidamente pelas páginas, bem perto do meu rosto, e respirei fundo, como se, além da sujeira, eu pudesse sugar as próprias histórias escritas ali. Foi então que escutei o som de algo rastejando lá fora.

Algo que estava perto. Realmente perto.

Na mesma hora, enfiei o livro debaixo de um pacote de pregos, assegurando-me de que ele estaria bem escondido ali, e dei um pulo para fora do furgão, lançando-me na escuridão.

– Quem está aí? – gritei, tentando parecer ameaçador.

Eu o avistei de imediato. Era o mesmo garoto gorducho que eu tinha visto na janela mais cedo. Agora, ele estava abaixado junto ao pneu traseiro do furgão.

– Você é o construtor de árvores, não é? – ele perguntou, abrindo um sorriso que deixava as bochechas ainda maiores. Quando o iluminei com a lanterna presa à minha cabeça, ele se levantou. – Você mora na minha casa.

– Não, garoto. Nem pretendo chegar perto da sua casa. Tenho ordens bem claras para não fazer isso.

– Que pena – ele disse. – A gente tem luz lá. E televisão.

– E ela funciona?

– Como se fosse um sonho.

Apoiei o corpo no furgão. A TV servia para passar filmes antigos, era isso que ele queria dizer. Ainda assim, se houvesse árvores nos filmes, você poderia vê-las ali, firmes e fortes. Poderia observá-las cuidadosamente, ver os galhos balançarem e as folhas dançarem ao vento.

– É mesmo uma pena que você não possa morar lá em casa – ele voltou a lamentar.

– Se nós dois virássemos amigos, talvez seu pai me deixasse aparecer por lá de vez em quando.

– Eu duvido muito – disse o garoto, esticando o pescoço pela porta traseira do furgão, para espiar minhas coisas sem pedir autorização.

– Vá em frente – eu disse, cheio de ironia –, não seja tímido. – Então olhei para a casa e me perguntei se aquela inocente conversa com o filho de Frost não poderia acabar me trazendo problemas.

– Você gostou? – perguntou o gorducho, mexendo na pistola de pregos.

– É melhor você tirar a mão desse negócio – eu disse. – Isso aí não é brinquedo.

– Mas você gostou ou não?

– Gostei do quê, moleque?

– Da árvore. Na tatuagem. – O garoto tirou a cabeça de dentro do furgão e ficou parado, espremendo os olhos para me enxergar.

Desliguei a lanterna.

– Na verdade, eu nunca vi – ele continuou.

– Graças a Deus, filho. Você não devia ficar olhando a sua mãe pelada.

– Não me chame de filho. Você não é muito mais velho do que eu. Além disso, ela não é minha mãe.

– E quem é ela então?

– Meu pai a ganhou no jogo, em Vega – ele respondeu, com toda naturalidade. – Ela e a filha.

– A sua irmã?

– Essa mesmo, se é assim que você prefere chamá-la.

– Ela também tem uma árvore no corpo?

– Por quê? – perguntou o garoto em tom de brincadeira. – Você também quer vê-la sem roupa?

– Acho que já é hora de você dar o fora daqui, não é? – eu disse, cortando o barato dele. Aquele moleque já estava me enchendo. Ele não passava de um fedelho mimado querendo zoar com a minha cara.

– Acho que você deve estar querendo continuar a leitura, não é mesmo?

Eu não disse nada por alguns segundos. Fiquei só olhando para ele.

– Você estava me espionando?

– O que você estava lendo?

– Nada que te interesse.

De repente, ouvi um barulho vindo da casa. Uma porta batendo. Depois, passos se aproximando. O garoto deve ter escutado também, pois deu no pé rapidinho, antes que Crow surgisse da

escuridão. O segurança estava com fones nos ouvidos e com os óculos escuros de plástico puxados para trás, sobre os *dreads*.

- O que você anda fazendo por aqui, Banyan?
- Nada de mais.
- Não está trabalhando?
- Não dá para construir árvores no escuro.

Crow sorriu. Seus dentes eram grandes e brancos. Sem dizer mais nenhuma palavra, ele me deu as costas e fiquei sozinho novamente, desejando poder ir embora dali para procurar quem me desse trabalho em outro lugar. Só que Frost já tinha me adiantado um bocado de milho e abastecido o furgão de suco. Agora o filho da mãe seria o meu dono, até que o serviço estivesse terminado.

Peguei o livro outra vez e o coloquei em um novo esconderijo, enterrado no meio do milho. Não há mais muitos livros como aquele por aí. A maioria foi queimada durante a Escuridão, para manter as pessoas aquecidas. E, depois da Escuridão, novos livros nunca foram impressos, afinal, não havia mais papel para tanto.

Pois os gafanhotos surgiram.

E as árvores desapareceram por completo.



## CAPÍTULO 2

O dono do ferro-velho fez um bom preço no metal, já que conhecia o meu pai de longa data.

– Seu velho era o melhor construtor de árvores das Cidades de Aço, filho – ele disse, encarando-me com seu olho de vidro.

– Tenho certeza de que ele gostaria de ouvi-lo dizer isso.

– Eu bem que tentei avisá-lo. Disse o mesmo que digo a todo mundo. Não existe nenhum bom motivo para alguém viajar para o oeste. – Pensativo, o homem do ferro-velho alisou por alguns segundos as bochechas enrugadas, mordendo os lábios. – Nenhum bom motivo mesmo...

– Ele achava que encontraríamos trabalho por lá.

– E vocês conseguiram chegar a Vega, pelo menos?

– Quase chegamos. Foi por muito pouco.

Na verdade, conseguimos avistar a Cidade Elétrica ao longe e, no dia seguinte, finalmente a alcançaríamos. Mas, no meio da noite, Pop me acordou, cobrindo minha boca com a mão e explicando que tinha escutado vozes do lado de fora. Ele me disse para esperar dentro do furgão, em silêncio, enquanto ia conferir o que estava acontecendo.

– Estávamos no meio de uma tempestade de areia – continuei. – E, do lado de fora, tinha gente à espreita...

– E então o seu pai foi levado.

Fiz que sim com a cabeça.

Ele passou o dedo no olho de vidro e observou os montes de sucata, com o rosto todo contraído em uma expressão de tristeza.

– Ouvi dizer que há caçadores de escravos por lá. Eles armam as emboscadas e sequestram as pessoas. Parece que eles têm algum tipo de acordo com a Liga de Restauração.

– Pode ser – respondi. Houve um tempo em que eu achava que as histórias sobre sequestros eram apenas algo que os pais contavam aos filhos, para deixá-los com medo de sair por aí sozinhos. Deve existir pelo menos uma dúzia de teorias sobre o que acontece com as pessoas que somem, com aqueles que desaparecem e nunca mais voltam. Apesar de duvidar, acabei engolindo a história dos caçadores de escravos. Fui conferir em cada uma das equipes de restauração das Cidades de Aço, de norte a sul, mas não encontrei sinal algum de Pop em nenhuma delas, nem conversei com um chefe de equipe que o tivesse visto em algum lugar.

– Tem gente que acha que são os malucos de Vega – disse o Caolho, fazendo meu estômago revirar. Eu também conhecia essa história. Segundo ela, haveria em Vega um mercado negro de carne. Milho é a única coisa que cresce, hoje em dia, e o ser humano é o que restou dos velhos tempos; parece que existem pessoas doentes o bastante para criar um cardápio à base dos dois.

– Vou ser honesto com você – eu disse, tentando manter o ânimo.  
– Meu velho sendo transformado no jantar de algum maníaco por aí não é algo em que eu goste muito de pensar.

Lembro-me bem de como fiquei naquele dia, sentado na traseira do furgão, suando e tremendo, morto de medo. Nada havia restado ali para se ver, depois que a poeira vermelha parou de girar pelos

ares. E, agora, não havia mais nenhum lugar para procurar. Quase um ano já tinha se passado.

– O que interessa é que eles nunca voltam. – Eu me abaixei um pouco e cuspi no chão. – Eu acredito que “ser levado” quer dizer apenas que você acabou morrendo e ninguém o encontrou.

O velho conhecido do meu pai me estudou por alguns segundos com o olho bom. – Dê a volta com o carro e entre de ré, filho – ele disse, dando-me as costas. – Vamos carregar logo essa lata-velha.

Tive que fazer seis viagens para transportar todo o metal e ainda fui obrigado a parar no meio do caminho duas vezes para esperar a tempestade passar. Para meu azar, o vento tinha resolvido se rebelar naquele dia, de uma hora para outra, cobrindo o céu com imensas nuvens de poeira. Para ajudar, acabei ficando sem combustível no meio da última viagem. O furgão começou a se arrastar pelo caminho, fazendo os barulhos mais esquisitos, avançando cada vez mais devagar.

O ferro-velho ficava fora da cidade, bem no meio da favela que brotava dela, ao sul, como se fosse um cheiro ruim se espalhando devagar. Enquanto eu passava entre os barracos, com o furgão quase parando, as paredes de plástico fritavam ao sol, e os telhados de metal enferrujado estalavam. Não demorou muito tempo para uma porção de meninos aparecer e rodear o furgão, todos se espremendo contra os vidros, cantando trechos de antigas canções e gritando para mim, com suas gengivas inchadas e seus rostos cobertos de feridas. Meu medo era atropelar algum dos garotinhos por acidente; então coloquei um pacote de milho no micro-ondas e, assim que ele ficou pronto, o arremessei do outro lado da rua. Mal o pacote se abriu com a queda, os garotos já se

amontoaram ao redor dele, pulando e se debatendo para conseguir comer algumas pipocas.

Isso significava uma refeição a menos para mim. Mas o que mais eu poderia fazer naquela situação?

Algumas curvas adiante, dei de cara com um caminhão da GenTech cheio de milho. Era difícil não reparar nele, com sua pintura roxa metalizada. Havia seguranças dos dois lados do veículo, vestindo uniformes também roxos, sujos de poeira, e usando óculos de proteção engraçados. Máscaras com filtros especiais protegiam seus pulmões. Com uma das mãos, seguravam as pistolas; com a outra, mantinham os cassetetes sempre erguidos. Nos fundos do caminhão, eles vendiam porções de milho, enchendo os bolsos, como sempre. Um mísero grão de milho da pior qualidade já vale muito. E não importa se você forra a barriga com ele ou se coloca para fermentar e usar como combustível, o milho nunca sai barato. Pelo menos não quando só a GenTech pode plantá-lo e quando ele é a única maldita coisa que ainda consegue crescer.

É claro que você sempre pode tentar cultivar os grãos por si mesmo. Provavelmente, vão crescer muito bem se você conseguir água suficiente para regá-los. O problema é que o grão de cada nova planta nasce com um código da GenTech, em minúsculas letras roxas. E então, quando os agentes descobrem o que você está fazendo, eles o matam sem dó nem piedade.

Simple assim.

A favela até que estava vazia. O êxodo do inverno já havia começado. O povo batalhador da região viajava rumo ao oeste, em direção a Vega, na esperança de encontrar por lá uma vida melhor.

Pelo menos, eles estavam fazendo isso nos meses de frio. Era preciso estar realmente desesperado para querer viajar durante a época de calor. Para chegar a Vega, deve-se atravessar os gigantescos milharais da GenTech, e é ali que os gafanhotos saem dos ovos durante todo o verão.

As espigas de milho são o único lugar em que os gafanhotos ainda podem se esconder. E é ali que eles fazem seus ninhos. Mas os insetos não conseguem se alimentar das sementes do milho. A GenTech criou os grãos de um jeito que só é possível mastigá-los depois de cozidos. Eles inventaram um milho capaz de sobreviver a qualquer coisa. E fizeram um trabalho tão bom que a natureza respondeu com algo igualmente perverso. Isso porque, se existe alguma maneira de matar gafanhotos, é algo que nunca conseguiremos descobrir.

E é por esse motivo que se deve ficar bem longe dos milharais durante os meses de verão. Os únicos seres humanos que dão as caras por lá são os gatunos de milho, que vivem escondidos em túneis, e os trabalhadores do campo, para quem a GenTech não dá a mínima. Pois, uma vez que estão fora dos ovos, os gafanhotos partem em busca da única coisa que ainda podem chamar de almoço. Ou seja, as pessoas.

Eles se alimentam de carne humana.

Meus últimos trocados serviram para comprar meia hora de uso da mangueira de combustível em um posto no caminho. Sentado no capô do furgão, fiquei escutando o suco imundo gotejar no tanque.

Uma pequena multidão se acumulava no final do quarteirão, ao redor de um velho rastafári que fazia o discurso de sempre. O sujeito era tão curvado que a barba se arrastava no chão sujo. Se

ele ainda conseguia ficar em pé, era porque se mantinha agarrado, com ambas as mãos, a um velho bastão de hóquei que lhe servia de cajado e que ele havia pintado com as cores tradicionais de sua religião – vermelho, dourado e verde. Ele estava falando sobre Sião e o rei que nos guiaria até lá através do oceano. Para isso, bastava que juntássemos dinheiro suficiente, ele dizia, e então construiríamos um barco. Um barco que fosse grande o bastante para ultrapassar a Tormenta.

E foi aí que o velho rasta perdeu a maior parte do seu público. Pois não existia uma maneira de atravessar a Tormenta. Sem chance. E nenhum rei guiaria ninguém até um lugar onde cresciam plantas selvagens. Pop costumava me dizer: aquilo em que vale a pena acreditar é aquilo que você consegue ver com os próprios olhos.

Fiquei observando a rua empoeirada, rodeada de paredes de plástico e poças secas de urina. E imaginei que tudo poderia ficar um pouco melhor com favelas e Cidades de Aço em que as pessoas construíssem algumas árvores. Porque até para os ricos a vida é feia. Mas basta erguer uma árvore e você terá algo em que vale a pena prestar atenção. Algo em que vale a pena acreditar.

– Trabalhando duro, não é mesmo? – ressoou uma voz atrás de mim.

Eu me virei e avistei Crow sair de uma tenda na esquina. Ele usava os óculos escuros e tinha os fones de ouvido pendurados ao redor do pescoço. O grandalhão veio na minha direção, até ocupar todo o meu campo de visão. Aquele sujeito devia ter mais de dois metros de altura.

– Seis viagens – eu disse, apontando a sucata amontoada na traseira do furgão. – Vou precisar de mais combustível quando chegar em casa.

– Casa? – Crow soltou uma gargalhada. Então olhou para o céu, e o sol vermelho, cor de sangue, refletiu-se em suas lentes escuras.

– Vou arrumar o suco de que você precisa, baixinho – ele disse, enquanto começava a caminhar pela rua. – Mas você é nômade. Nunca se engane quanto a isso.

Quando cheguei com o último carregamento de metal, Frost estava parado no meio do terreno, fuçando as pilhas de sucata.

– Isso é tudo de que você vai precisar? – resmungou. Pelo fedor que Frost exalava e pela forma que seus lábios rachados se moviam, dava para dizer que ele tinha tomado umas biritas logo ao sair da cama, ou então, enchido a cara durante a noite toda.

– Com mais este último carregamento, acho que basta – respondi, arrancando de dentro do furgão algumas placas de metal enferrujadas e uma embalagem de lâmpadas. Frost simplesmente desabou com seu traseiro gordo sobre uma pilha de sucata e ficou me assistindo trabalhar.

– Eu fiz uma marca para você – ele disse. – Bem na metade do terreno. – Escutando sua voz arrastada e observando seu jeito desleixado, imaginei que talvez Frost costumasse viver em alguma sarjeta imunda antes de ter enriquecido. Nas Cidades de Aço, se uma família não tivesse economizado durante a Escuridão, só existiam algumas poucas maneiras de ganhar dinheiro: trabalhando para a GenTech ou para a Liga de Restauração; catando bugigangas

por aí e, melhor ainda, barganhando com essa mercadoria; ou sendo assassino e ladrão.

– E para que serve essa marca que você fez? – perguntei, olhando para o grande X vermelho que Frost tinha pintado no chão.

– Não é da sua conta. – Frost apontou um dedo para mim, e notei as marcas de queimadura no polegar, a pele toda rachada e avermelhada. Isso significava que ele não apenas bebia, como também gostava de fumar cristal. Um viciado naquilo. Mesmo tendo conseguido se erguer da sarjeta um dia, ele agora estava rastejando em outra, ainda mais imunda.

Frost se levantou cambaleando e começou a caminhar em direção à casa, fugindo do calor que começava a subir do solo e que só aumentava conforme os raios do sol se refletiam no chão. O vento também estava ficando forte, e vinha tempestade de areia por aí. Provavelmente, Frost entraria em casa agora, fumaria um pouco de cristal e depois dormiria até passar a ressaca.

– Mantenha esse pedaço livre, Banyan – gritou Frost enquanto tropeçava nas próprias pernas. – Mantenha livre, entendeu?

Eu não fazia a menor ideia da razão pela qual Frost pretendia deixar uma lacuna em sua floresta, mas não desperdicei muito do meu tempo tentando entender. Eu precisava encher o tanque do furgão e depois colocar as ferramentas para carregar. E, assim que o céu estivesse limpo, estaria pronto para começar a limpar o metal, até deixá-lo brilhando.

Pop dizia que, no passado, as árvores não costumavam apenas ser bonitas e nos dar o que comer. Elas não serviam somente para fazer sombra e barrar o vento. Elas limpavam a água, seguravam o solo no lugar e mantinham o ar puro para se respirar. Mas, agora,



isso não passava de história. Nem o meu avô tinha chegado a conhecer uma árvore de verdade. Pelo que dizem, já faz mais de um século desde que a Escuridão terminou.

Agora, as árvores não são mais que passado e estátuas. E era isso o que eu construiria. Uma floresta de metal e plástico, veludo e lâmpadas. Árvores que vi meu pai construir e que o pai dele também já construía no passado. Árvores que eu conheci apenas em antigas fotografias e desenhos. Árvores que agora tinha que erguer por mim mesmo e que nomearia com palavras do meu gosto. Nomes como Pera Ponderosa ou Folhagem Angelical.

Primeiro, eu colocaria de pé um belo amontoado de árvores. Só depois construiria a árvore tatuada na mulher de Frost. Aquela que eu nunca havia visto antes, que nem mesmo tinha conhecido em um desenho ou escutado alguém descrever. Mas uma árvore que, sem dúvida, já havia estado de pé em algum lugar, respirando. Pois é impossível alguém criar do nada uma coisa assim tão perfeita.

## CAPÍTULO 3

No dia seguinte, a criação do primeiro andar da floresta já estava bem adiantada. Eu já tinha aprendido a deixar a parte alta para o final. Se você monta as árvores maiores primeiro, o cliente acaba querendo economizar nos detalhes – e caras como Frost não costumam dar muita bola para os detalhes, disso eu tenho certeza. O primeiro passo foi forrar o chão com uma camada de pneus velhos, cortados em pequenos pedaços irregulares, o que dá uma sensação de maciez sob os pés quando você pisa, como se fosse terra úmida. Além disso, cobri tudo com uma tela plástica, fazendo o papel da grama, e depois plantei sobre ela alguns arbustos de metal, que preparei com o maior capricho.

No caminho de volta para o terreno, no dia anterior, eu havia deparado com uma verdadeira frota de carrinhos, desses que as pessoas costumavam usar nos velhos tempos para fazer compras em mercados que eram do tamanho de pequenas aldeias. Então tive a ideia de tirar as rodas de todos eles e, agora, as havia encaixado na ponta de alguns tubos, que se curvaram com o peso, para que elas girassem com o vento. Pode não parecer grande coisa durante o dia, mas basta colocar algumas lâmpadas piscando e aquelas rodas fazem um efeito fantástico no escuro. É o tipo de detalhe que você só consegue imaginar quando constrói de baixo para cima. E, de repente, sua floresta ganha vida à noite.

Com a parte baixa bem arrumada, eu estava deitado no chão de borracha, colando alguns cabos, quando a garota da janela apareceu, tirando fotos minhas. Tinha uma daquelas câmeras do mundo de antigamente, que clicavam, faziam um barulho estranho e depois cuspiam uma cópia do que quer que você estivesse olhando através delas. Aquilo, sim, era uma bela peça de restauração.

Com a vista ofuscada pelo sol brilhante, eu mal conseguia enxergar a garota. Parada acima de mim, ela não era nada além de uma sombra. Naquela situação desconfortável, deitado no chão, com ela me olhando de cima, senti o calor fritar o meu corpo e fazer a borracha derretida grudar na minha roupa. Limpei o suor e a poeira do rosto e ergui a cabeça, fazendo sombra para os olhos com uma das mãos.

A garota continuou no mesmo lugar, com uma perna trançada na outra, tirando suas fotos e esperando as cores aparecerem no papel.

– Ei, eu não me lembro de ter dito que você podia me fotografar – resmunguei.

– Eu também não me lembro de ter perguntado nada – ela respondeu. – Essas árvores são minhas, e eu posso fotografá-las o dia todo, se quiser.

– Suas árvores? – perguntei, enquanto sentava. – Pois bem, eu tenho algumas novidades para você, mocinha. Essas aí não são árvores, e sim flores. Alguns são apenas arbustos. De qualquer forma, aqui não há nenhuma árvore propriamente dita, por enquanto.

Meio sem jeito, ela olhou para as fotos, assoprando uma delas. – Então é melhor você voltar ao trabalho – disparou. – Você devia estar construindo árvores.

– Não é possível! – esbravejei, olhando para ela. – Quem vê você e o segurança da família falando comigo desse jeito acha que esse é um trabalho que pode ser feito com pressa. Para minha sorte, o único, aqui, que parece entender que as coisas precisam ser montadas com calma é o sujeito que está pagando a conta.

– Frost? – ela disse, já sem toda aquela animação na voz. – Você nem faz ideia.

– Por acaso, ele não ficaria bravo se a encontrasse aqui, conversando comigo?

– Pode apostar que sim. – A garota estava me encarando com o mesmo olhar que a mãe tinha usado poucos dias antes, enquanto eu observava aquela tatuagem. – Se ele voltasse agora e me pegasse aqui, eu estaria perdida.

– E quanto tempo você tem antes que ele volte?

A garota ergueu os ombros, indicando que não sabia.

– Tempo o bastante para me mostrar suas fotos, pelo menos?

Ela sentou ao meu lado, cobrindo a boca para se proteger do vento que circulava ao nosso redor. Então, enfiou as fotos rapidamente no bolso.

– Qual é o seu nome? – eu quis saber.

– Zee.

– O meu é Banyan. – Enquanto falava, eu estendi o braço em sua direção como se tivéssemos de apertar as mãos. Zee apenas deu uma olhada para a casa.

– Você já viu o oceano, construtor de árvores?

– O oceano? – eu disse, um pouco surpreso com a pergunta. – Já vi, sim. Por que a curiosidade?

– Você sabe se ele fica muito longe daqui?

Pensei um pouco a respeito. Em alguns pontos, o caminho era um bocado íngreme. – A viagem de carro deve levar mais ou menos duas horas – respondi. – E mais três para voltar.

– Então me leve para conhecer o mar – disse Zee de repente, como se esse fosse o tipo de pedido que se escuta todos os dias. – Se você fizer isso, eu mostro minhas fotos. Todas elas.

Dei risada, mas ela continuou com expressão séria. Quando fui tentar dizer algo, ela simplesmente se levantou e foi embora de volta para casa.

“Não, obrigado” – Era bem isso que eu pretendia responder para ela. Arriscar o meu precioso pescoço só para ver a Tormenta? Sem chance. Se as estradas eram perigosas, a costa era pior ainda. E Frost jamais concordaria com uma ideia dessas. Aquela garota tinha um parafuso a menos. E eu provaria que também tinha, caso aceitasse.

Mas então avistei uma foto que ela havia deixado sobre a borracha empoeirada bem ao meu lado, no lugar onde estava sentada, alguns segundos antes.

Uma única foto.

Eu a peguei e observei a imagem.

Árvores.

Uma porção delas.

Árvores que se curvavam, levadas pelo vento, e balançavam, com o céu azul ao fundo. Na mesma hora, meu coração disparou e minha cabeça começou a girar. As árvores deviam ter pelo menos

cinco metros de altura, com casca esbranquiçada e folhas amarelas. Eram iguais àquela que Frost queria construir. A árvore da tatuagem. Então elas existiam de verdade.

É claro que eu já tinha visto fotografias antes. De árvores, inclusive. Só que as imagens eram sempre borradas e as fotos, rachadas pelo tempo. Diferentes da que eu tinha agora em mãos, que parecia bem recente. Tinha de ser. Pois ali, em meio àquela floresta, preso com correntes de metal ao tronco de uma árvore, estava um homem vestido com alguns trapos velhos. Um homem com o cabelo muito parecido com o meu.

Um homem que tinha o rosto do meu pai.

Fiquei de pé com alguma dificuldade, minhas pernas tremiam. Olhei para a casa, procurando Zee nas janelas. Ou mesmo a mãe. Até aquele moleque chato me contentaria naquela hora. Tudo o que eu queria era poder gritar para alguém até não ter mais nenhuma palavra para sair de dentro mim. Mas a casa continuou lá, do mesmo jeito, com todas as janelas vazias.

Depois de ter suado o dia todo, eu agora estava morrendo de sede, com o corpo inteiro latejando de calor. Caminhei devagar pela borracha grudada e peguei a água no furgão. O sol estava se pondo. O vento tinha acalmado e a poeira começava a baixar. Tudo o que eu queria era olhar de novo aquela foto. Ver as árvores e o rosto do meu velho. Desabei sentado no chão, com as costas apoiadas na frente do furgão, o metal quente tocando minha pele.

Alguns metros adiante, minha floresta mais parecia uma imitação malfeita, em nada semelhante ao que se via na foto. Observei a imagem outra vez. Folhas no formato de pétalas, galhos estendidos

como se fossem dedos de madeira. Então, olhei para o meu pai. Seus braços estavam amarrados atrás das costas. Seu olhar era vazio e distante.

Era ele, sem sombra de dúvida.

Meu estômago começou a revirar. Vieram à tona vários sentimentos, todos ao mesmo tempo, que eu achava que nunca me atingiriam, porque sempre me considerei forte demais. Meu pai tinha sido sequestrado. Arrancado de mim em uma tempestade de areia. Durante meses, eu havia procurado por ele. Por quase um ano, temi que ele já estivesse morto. Mas, agora, lá estava ele, congelado em uma fotografia. Amarrado às coisas que ele tinha passado a vida toda tentando construir.

Pop sempre me dizia que não havia sobrado nada, que não existiam outras florestas além das que inventávamos. Nenhuma flor, nenhuma trepadeira, nenhum musgo em parte alguma. “Não acredite nos contos de fadas que contam por aí”, ele me dizia. “Não se iluda.”

Mas agora eu imaginava se, de alguma maneira, ele não poderia ter conhecido algo diferente e guardado o segredo. E se a foto fosse mais velha que eu? Eu tinha passado a vida toda ao lado daquele homem, e jamais havíamos visto um céu como aquele – limpo, sem nenhuma poeira, brilhando de tão claro que era. Por outro lado, Pop parecia velho na imagem. Estava com algumas mechas de cabelo branco e a barba tinha um tom grisalho prateado. Isso significava que a foto tinha sido tirada depois do desaparecimento dele. Aquele era meu pai depois de ter sido levado.

Procurei na fotografia por alguma arma ou algum estranho. Procurei ferimentos no corpo do meu pai. Não encontrei nem uma

coisa, nem outra. Apenas as árvores com sua beleza estonteante e Pop preso a uma delas como um homem que tivesse caído em alguma armadilha.

Minha cabeça começou a doer. Eu estava tentando enfiar coisas demais lá dentro. Examinei o verso da foto. A logomarca da GenTech estava impressa ali, em tinta roxa, fraca e falhada. Fiquei ainda mais confuso. O que eles tinham a ver com isso? E como, afinal, Zee tinha conseguido a maldita foto? Pensei nela, trancada dentro de casa, com aquele bochechudo inconveniente e com Frost, dopado com cristal e fissurado na tatuagem da mãe dela.

Fiquei de pé e olhei para o casarão de aço, uma vez mais. As luzes se acendiam e se apagavam no crepúsculo empoeirado. Quem tinha tirado aquela fotografia? A própria Zee, talvez? Afinal, era ela quem estava com a câmera. Será que ela já havia estado naquele lugar, entre as folhas e galhos? Será que tinha visto meu pai acorrentado às árvores?

Decidido, enfiei a foto no bolso de trás.

E saí andando em direção à casa.



## CAPÍTULO 4

Antes que houvesse tido a chance de alcançar a porta de metal dos fundos, ela se abriu diante de mim. Eu já estava na varanda e o gorducho pôde perceber que eu estava irritado.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou com aquela vozinha irritante. Por mim, eu poderia acertar um soco em sua cara rechonchuda ali mesmo, sem nenhum motivo especial, só para descarregar a tensão. Mas preferi apenas reparar no que havia atrás dele, dentro da casa.

– Cadê a sua irmã, moleque? – sussurrei.

– Já falei que ela não é minha irmã, fazedor de árvores. – O folgadoinho começou a rir e eu o empurrei para o lado, pronto para me esgueirar pela porta dos fundos e descobrir o que havia lá dentro. Mas, no mesmo instante, Zee apareceu correndo e me interrompeu. Seus olhos estavam cheios de medo.

– Aqui não – ela murmurou. – Ele já está de volta. – Eu mal conseguia ouvir sua voz enquanto ela tentava me levar para longe. Assim que colocamos os pés no primeiro degrau da varanda, resolvi que não ia sair dali de jeito nenhum. Simplesmente empaquei onde estava.

– Sal – ela disse, chamando a atenção do gorducho –, já para dentro de casa. – Então a boca do garoto começou a tremer e se contorcer, como se ele estivesse prestes a cair no choro. – Por favor – acrescentou Zee, em tom mais amável. – Você precisa manter o seu pai aí dentro.

– Mas você vai fugir de novo – ele disse, olhando para a irmã. – E sem mim.

– Não, agora nós tomamos conta um do outro, lembra-se?

Aí Sal voltou para dentro, nada satisfeito com aquela situação. Mesmo contrariado, ele acabou fechando a porta e nos deixando sozinhos.

Zee olhou para a casa, conferindo cada uma das janelas no nosso campo de visão. – Você não podia ter vindo aqui – ela sussurrou. – Frost não gostaria nada de encontrá-lo perto de casa.

– Não estou nem aí – retruquei, mesmo sabendo que ela dizia a verdade. O sol já tinha afundado no horizonte como uma pedra e, com ele, meu ímpeto também tinha diminuído um pouco.

As ordens de Frost eram para eu manter distância da casa. Sei como é. Gente rica não gosta dos outros espionando suas coisas.

Mesmo correndo o risco, acabei tirando a fotografia do bolso e mostrando a ela.

– Quando foi que você fotografou isto aqui? – perguntei.

– A gente não pode conversar aqui – ela disse, balançando negativamente a cabeça e tentando me afastar, com as mãos trêmulas me empurrando o peito.

– Pois eu não saio daqui antes de você me explicar que negócio é esse.

Uma porta bateu dentro da casa, e Zee deu um pulo para trás com o susto.

– São árvores – ela respondeu, olhando outra vez para a casa, insistindo em me empurrar para longe. – Árvores de verdade. Eu achei que você gostava delas.

– Gostar delas? Você sabe quem é esse homem? – Eu agora estava falando um pouco mais alto do que devia. Cheio de raiva, dei um tapa na foto com as costas da mão.

Ela me encarou, confusa. – Sei lá. Um cara encrencado?

– Um cara? – Eu arranquei sua mão do meu peito e me aproximei ainda mais dela. De dentro da casa, veio o som de outra batida e, depois, uma voz. – Onde você conseguiu essa foto? – perguntei.

– Zee? – Uma voz inconfundível chamou lá de dentro. Era Frost, procurando pela enteada.

Ela me fez um apelo com os olhos, implorando para que eu tomasse a atitude correta. – A foto veio com a câmera – sussurrou Zee, apavorada. Já se podia escutar passos dentro da casa. Frost se aproximava. – Foi Crow quem trouxe. – De repente, a porta de aço começou a se abrir atrás dela. As dobradiças rangeram, e a luz do lado de dentro surgiu por uma fresta.

– O oceano. – Zee olhou no fundo dos meus olhos. – Leve-me até ele, e eu mostrarei todas as fotos que tenho.

Eu ia tentar dizer algo, mas o chão começou a se mover sob os meus pés. Estava sendo arrastado para fora da varanda.

– Que diabos você está fazendo aqui? – gritou Frost, enquanto saía como um furacão de dentro da casa. Zee soltou um grito de medo. Ao menos o filho da mãe não tinha me visto na escuridão.

– Eu avisei – disse Frost aos berros. – Você não tem permissão para sair de casa. – Pelo barulho parecia que ele a tinha agarrado e ela estava se debatendo. A última coisa que escutei foi um grito abafado. Eu me senti horrível por aquilo. Eu devia ter gritado alguma coisa. Devia ter tomado alguma atitude. Mas estava

ocupado demais nessa altura. Ocupado sendo arrastado para o meu furgão, com as mãos de Crow ao redor do meu pescoço.

Crow acertou um soco na minha barriga e largou-me no chão de borracha da floresta. Não ousei tentar levantar. Só fiquei ali esperando e observando, enquanto o guarda-costas girava as rodas das minhas flores e depois caminhava cuidadosamente pela floresta, alcançando o interruptor que ligava as lâmpadas dentro delas. Uma das rodas fazia barulho enquanto girava, e Crow balançou a cabeça negativamente.

– Isso aqui precisa de óleo – ele disse, como se conversasse consigo mesmo. – Mas até que você faz um bom trabalho.

Crow tinha guardado os *dreads* dentro de um chapéu que parecia ter cem anos de idade, e reparei na cicatriz de marca a fogo em sua nuca: um leão vermelho. A marca de um Soljah.<sup>[2]</sup> Eu e meu pai tínhamos trabalhado para os rastafáris no Niágara. É um lugar tão bom quanto outro qualquer, mas muito mais bonito do que a maioria. E eu não fazia a menor ideia de como alguém, que era um guerreiro na Cidade das Cataratas, podia virar o segurança de um filho da mãe como Frost.

– Você já ouviu falar em Sião, baixinho? – perguntou Crow, antes de girar as rodas novamente.

Eu só fiz que sim com a cabeça, mas ele não estava olhando para mim, e então tive de tentar falar. – Já ouvi, sim – murmurei. – É claro.

– E você acha que as árvores lá são feitas de metal? Que as flores não passam de rodas barulhentas? – Ele se abaixou perto de mim.

– Duvido muito – respondi, imaginando se ele ia me bater novamente.

– Eu também. – Crow sorriu. – Então você acredita no que dizem? Que se pode fabricar um barco grande o bastante para chegar até Sião?

– Um barco? – Crow não me parecia fazer o tipo religioso. Por alguma razão, ouvi-lo fazer aquelas perguntas me tirava do sério. Por acaso, ao me espancar ou me entregar a Frost, ele não estaria comprando uma passagem direto para o inferno? – Eu já vi a Tormenta – continuei. – É impossível construir um barco grande o suficiente.

– Pode até não existir o barco. Mas isso não significa que o lugar também não exista, não é mesmo?

Tentei sentar e senti uma dor enorme nas costelas.

– Onde você encontrou aquela foto?

Crow soltou uma risada com seu vozeirão. – Acho que a senhorita Zee gosta de você. É, ela parece gostar mesmo.

– Mas e a foto? Onde você a conseguiu?

– O que ela mostrou a você? Árvores? – Crow sorriu diante do meu silêncio. – Claro que sim. Alguma coisa familiar ali? – Com o dedo, ele traçou umas linhas imaginárias na própria barriga. – Como a tatuagem, não? Assustador, não é mesmo?

Eu não sabia o que dizer. O desgraçado estava zoando com a minha cara, e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

– Escuta só – ele disse, olhando-me do alto. – Você é um cara legal, baixinho. Não bate muito bem das ideias, mas é um cara bacana. Só que se você tentar mexer com Frost, com a senhorita Zee ou qualquer um dos meus, eu serei obrigado a partir essa sua

carcaça em dois. Sacou? Então, preocupe-se em terminar o trabalho para o qual você está sendo pago. Do contrário, a coisa vai ficar complicada para o seu lado.

É claro que entendi perfeitamente. Mas, só para garantir que eu tinha captado a mensagem, Crow achou melhor me acertar um chute nas bolas. A força foi tanta que meu corpo inteiro começou a doer, e desabei no chão outra vez. Certo de que eu tinha compreendido, ele simplesmente deu as costas e me deixou ali, gemendo de dor, iluminado pelas luzes piscantes das minhas flores. E, apesar de estar ocupado com meu próprio sofrimento, eu ainda conseguia prestar atenção no som que vinha de dentro da casa: Zee chorando desesperada, enquanto o maldito viciado do Frost berrava, xingava e batia.

## CAPÍTULO 5

Frost ainda passou meia hora berrando, até que, de repente, a casa ficou em silêncio. Fiquei pensando e observando o casarão de aço até que todas as luzes tivessem se apagado. E, então, decidi o que faria.

A verdade é que não me restava outra opção. É evidente que eu tinha medo de Crow. E de Frost. Tinha medo de ser pego e espancado. Medo de ser mandado embora. Não ter emprego significa não ter dinheiro e, portanto, não ter combustível o bastante para sair e procurar outro lugar para trabalhar. Mas eu tinha no bolso uma foto do meu pai. Ele estava acorrentado, é verdade. Mas, ao menos, continuava respirando e, de alguma maneira, estava cercado por algo que parecia uma floresta de verdade. Aquela imagem se sobrepunha a todos os pensamentos que passavam pela minha cabeça. Eu sabia que não haveria tranquilidade sem respostas. E Zee era a única pessoa que podia fornecê-las.

Fiquei remoendo aquelas ideias, pensando no pai e na foto. E depois naquela menina magrela que tinha largado a foto no meu colo.

“Não seja estúpido”, tentei dizer a mim mesmo, enquanto observava a casa. Mas acabei concluindo que, se conseguisse tirar Zee de lá enquanto estavam todos dormindo, conseguiria levá-la ao oceano e voltar antes do nascer do sol. E aí, se ela me mostrasse o restante das fotos, eu poderia começar a conhecer algumas

respostas. Poderia – quem sabe? – descobrir por onde aquela câmara tinha andado.

Coloquei o furgão em ponto morto e o empurrei, silenciosamente, para a rua, fazendo-o andar ainda mais alguns metros, antes de estacioná-lo junto a uma cerca de metal. Parado na rua, admirei as edificações de aço ao redor. Casas de gente podre de rica, feitas dos destroços do que quer que tivesse existido antes.

Contornei a casa, caminhando com todo o cuidado, bem rente às paredes. Quando cheguei aos fundos, subi até a varanda e, por alguns segundos, fiquei completamente imóvel na escuridão.

E nada. Nenhum barulho. Nenhum movimento em parte alguma.

Foi assim até eu dar o primeiro passo em direção à porta e a maldita se abrir de repente. Era Crow quem estava saindo.

Rapidamente, dei um pulo para o lado e me espremi contra a parede, enquanto o grandalhão atravessava a varanda rumo às escadas. Pelos fones em seus ouvidos, vazava uma música alta. Ele parou à beira do primeiro degrau e ficou ali por algum tempo, a poucos passos de distância de mim, cantando baixinho a música que escutava.

Prendendo a respiração, não movi um músculo sequer. Só aguardei. Congelado. Até que, por fim, Crow desceu as escadas e desapareceu na escuridão do terreno.

Fiquei me perguntando se ele não teria ido me procurar na floresta. Se não notaria que o furgão não estava mais lá. Só que agora não havia mais volta. Eu precisava terminar o que tinha começado. Abaixado, atravessei a varanda e entrei na casa.

Enquanto eu avançava, tateando no escuro, as paredes quentes de metal amplificavam cada som. Cheguei a um corredor e segui



para um dos lados, até encontrar um cômodo repleto de vasilhas, panelas e caixas de milho. Milho fresco, ainda na espiga.

Dei meia-volta e segui o corredor no sentido inverso, procurando as escadas. O quarto de Zee devia ficar no último andar. Pelo menos era lá que eu a tinha visto pela primeira vez, observando-me pela janela. Mas a verdade é que eu estava começando a me dar conta de que não fazia a menor ideia de onde poderia achá-la.

Do outro lado do corredor havia uma pequena faixa de luz prateada, e segui naquela direção. O brilho vinha de baixo de uma porta de plástico, que rangeu quando a empurrei. Antes de entrar, espiei o que havia lá dentro.

Meu coração parou de bater por alguns segundos.

Era Frost. Ele não estava nem a dois metros de distância de mim. Mas estava completamente apagado. Dormindo. Seu rosto estava afundado em uma mesa cheia de fichários e livros. Eu nunca tinha visto tanto papel junto em toda a minha vida. De um lado da mesa, havia um cachimbo vazio e, do outro, uma bolsa cheia de cristal. A primeira coisa que me passou pela cabeça foi: "Será que esse cara passa pelo menos um dia da vida dele sóbrio?".

A luz prateada vinha de um velho televisor, e, por um momento, fiquei hipnotizado pelos pontos cinzentos que dançavam na tela. Mas então avistei os mapas.

Eles eram grandes e enrugados e estavam fixados na parede. Havia uma porção deles. Todos marcados com tinta e cheios de anotações. Grandes manchas verdes ligadas umas às outras por linhas azuis. Alguém tinha feito um desenho tosco da tatuagem e colado no meio da parede com fita adesiva. Eu me aproximei um

pouco, para poder enxergar melhor. Mas congelei de novo ao escutar uma porta ranger e depois bater.

Passos. Uma voz que cantava.

Crow estava de volta à casa.

Deixei Frost lá, babando em suas pilhas de papel, e voltei para o corredor. Fiquei imóvel alguns segundos, só escutando. Tentei me concentrar. Respirar. Mas era como se o cérebro não estivesse funcionando. Meus pensamentos estavam todos travados.

Experimentei abrir a porta ao lado. A última porta do corredor. E ali, subindo em espiral entre as sombras, havia uma escada de metal. Tirei os sapatos, amarrei um pé no outro e pendurei ao redor do pescoço antes de subir correndo, silenciosamente.

O andar de cima era ainda mais quente que o térreo, e eu estava suando agora, secando as mãos na camiseta a todo momento. Primeiro abri a porta do banheiro, depois descobri um quarto com a cama desarrumada no centro. Em seguida foram mais três cômodos, todos vazios. Nada além das paredes de aço nuas, brilhando na escuridão. Até que encontrei um quarto que não estava vazio.

Bingo!

Zee estava dormindo toda encolhida, com a mãe deitada ao lado. Por causa do calor, nenhuma das duas estava com muita roupa, e pude ver que o canalha do Frost tinha deixado uma porção de marcas nela. Mas havia ainda outra coisa errada com Zee. Observei seu peito subir e descer e, a cada movimento, escutei um chiado borbulhante vindo de seus pulmões, indicando que as coisas estavam ficando rígidas lá dentro.

Não dava para acreditar.

Ela vivia aprisionada naquela casa. Bem longe da poeira. Mas o som que eu estava ouvindo não podia ser outra coisa. Apenas pulmões empedrados fazem barulho daquele jeito.

Dei uma olhada na tatuagem da mãe. O desenho parecia saltar da pele daquela mulher, como se as cores estivessem em chamas. Eu me abaixei, para examinar mais de perto as raízes e galhos que atravessavam a barriga. Foi então que notei nas folhas algo diferente, que não tinha visto antes. Cada uma delas tinha um número, pintado em algarismos minúsculos. Um número longo, feito com tinta preta.

Zee acordou de repente e, quando me viu ali, seus olhos se arregalaram e um enorme sorriso se abriu em seu rosto. Ela alcançou uma bolsa que estava no chão e veio para perto de mim, abaixada. Durante todo o tempo, ela sorria para mim. Até parecia que aquele não era o pior lugar do mundo para eu estar naquele momento.

Descemos as escadas na ponta dos pés e nos esgueiramos pelo corredor, escutando Frost roncar. Crow estava no fim do corredor, ainda cantando e, dessa vez, batucando nas panelas e vasilhas. Logo estávamos do lado de fora, atravessando a varanda dos fundos e contornando a casa, direto para a rua.

Zee ainda sorria enquanto corríamos para o furgão, embora eu pudesse ouvir seus pulmões doentes se inflarem e esvaziarem. Eu ainda estava com os sapatos ao redor do pescoço, e eles pulavam e balançavam, batendo no meu rosto. Durante aqueles momentos de tensão, era impossível não pensar em Crow checando os quartos da casa e descobrindo que Zee não estava mais lá.

Era impossível não pensar que, se isso acabasse acontecendo, então não haveria como voltar atrás.

## CAPÍTULO 6

As estradas estavam praticamente desertas enquanto eu dirigia rumo ao leste, na direção do oceano. Qualquer traço de cidade, e mesmo das favelas na periferia, já tinha ficado para trás havia alguns quilômetros. As únicas luzes que avistávamos vinham de acampamentos decadentes ou viajantes solitários.

Quanto mais você chega perto da costa, mais pode se considerar no meio do nada. Faz muitos anos que as pessoas pararam de construir nas proximidades da Tormenta, com medo de ver suas casas serem partidas ao meio e encontrar seus poucos pertences boiando na água. Era esse o risco que se corria ao tentar ir para aqueles lados, pois não havia como saber quando a terra se desfaria, quando os penhascos desabariam e sumiriam para sempre.

– Você sempre dorme com sua mãe naquele quarto? – perguntei, aterrorizado até os ossos com a ideia de que Crow descobriria o desaparecimento de Zee.

– Nem sempre – ela respondeu. – Mas isso a ajuda a dormir melhor. – Zee tirava fotos o tempo todo, embora elas saíssem sempre borradas e escuras. Uma após a outra, ela as enfiava dentro da bolsa que estava aos seus pés.

Eu, sem tirar os olhos da velha estrada de pedras que corria sob os pneus do furgão, insisti nas perguntas, incapaz de pensar em outra coisa.

– E de quanto em quanto tempo você acha que Crow aparece para ver se está tudo bem?

– Ele aparece de vez em quando. Não sei direito.

Tentei imaginar que Crow poderia muito bem estar dormindo naquele momento, roncando e sonhando com a Terra Prometida. Ele já havia trabalhado demais por uma noite. É nessas horas que você tem que pensar positivo, não é mesmo? Pelo menos seria isso que Pop diria.

Para tentar me acalmar, liguei o rádio no painel e acertei nele as seis ou sete pancadas necessárias para fazê-lo tocar o CD que estava entalado lá dentro. A música me fez sentir um pouco melhor. Avancei as faixas até uma das últimas canções do disco, uma música sobre flores mortas e uma garota chamada Susie. Meu pai costumava batucar o ritmo no volante enquanto ouvíamos e cantávamos alto o refrão um para o outro.

*“And I won’t forget to put roses on your grave.”*<sup>[3]</sup>

O melhor então era construir umas flores bem pesadas, Pop costumava brincar. Do contrário, alguém acabaria roubando.

Ouvindo a música, olhei para a bolsa aos pés de Zee – cheia de fotografias. Então, pensei na foto que estava guardada no meu bolso. A foto do meu pai acorrentado às árvores.

E pisei fundo no acelerador.

Ainda não eram duas horas e eu sabia que já estávamos quase lá, graças à maneira que a água subia e encobria as estrelas. Diminuí o volume da música, começando a me preocupar com a possibilidade de os penhascos terem avançado para o interior. Mas, quando parei o furgão, pude avistar o mesmo trecho de cerca e o

velho estacionamento lotado de carros que mais pareciam cadáveres, além do monte de lixo que estava enterrado ao redor. Eu já tinha ido até aquele lugar com Pop, anos antes, quando perguntei a ele sobre Sião.

– Aqui estamos – eu disse a Zee. – Minha parte do acordo está cumprida.

Antigas placas de metal estavam presas à cerca, avisando do perigo de se aproximar dali. Mas, assim que desliguei o motor, Zee disparou para fora do furgão com um sorriso estúpido estampado no rosto. Fui obrigado a correr atrás dela e derrubá-la no chão antes que acabasse chegando perto demais da beirada.

– O que você pensa que está fazendo? – ela perguntou, com raiva no olhar e os músculos todos contraídos.

– Você tem que tomar cuidado – respondi, ficando de pé e ajudando a se levantar também. – A gente precisa ter certeza de que isso aqui está estável. A coisa toda pode desabar a qualquer momento.

Tentei limpar um pouco a poeira das roupas dela e Zee bufou, dizendo baixinho algumas palavras incompreensíveis e escondendo o rosto, como se estivesse com vergonha de algo. Como se estivesse com raiva de mim por tê-la visto caída no chão, tossindo e fragilizada. Mesmo assim, eu a fiz esperar ali, enquanto ia devagar até a beira, em meio ao barulho ensurdecedor, com o uivo do vento e o estrondo das ondas.

Dizem que, no passado, as pessoas costumavam ir até a costa para se divertir. Era a praia, como costumavam chamar. Todos ficavam dentro da água, brincando e rindo, e o mar era o mais manso possível. As ondas não passavam de alguns poucos metros.

Poucos metros?

Do alto do penhasco, eu observei as gigantescas ondas. Eram mais altas do que qualquer edifício de Vega. Mais pareciam ciclones líquidos, girando violentamente, com centenas de andares de altura. Imensos paredões de água, batendo, quebrando e fazendo meus ouvidos doerem. A água espirrava, lançando-se pelos ares, invadindo meu nariz. Ao longe, além da rebentação, dava para ver um mundo de água que subia e descia, dando forma à superfície do mar.

Pelo que diziam, isso tinha alguma coisa a ver com a lua. Por algum motivo desconhecido, a lua aproximou-se demais de nós. Acho que, antigamente, ela não costumava ocupar um pedaço tão grande do céu. Foi no final da grande Escuridão que aquilo aconteceu. Foram vinte anos de noite na Terra, e então, quando o sol voltou a aparecer, a lua estava tão perto que o mar simplesmente enlouqueceu.

Eu quase me afoguei uma vez. Estava pendurando correntes em um salgueiro à beira de um rio, quando me desequilibrei e escorreguei na margem. Por mais que me debatesse e tentasse subir, eu só continuava afundando. Tudo ficou silencioso. A ponto de explodir. Pop conseguiu me puxar e tirar do lodo amarelado, mas eu nunca consegui encarar a água depois daquilo. Nunca quis aprender a nadar. É claro que, só de ver a Tormenta, qualquer um sentiria medo, mas comigo é ainda pior. Mesmo observando do alto, da distância relativamente segura em que me encontrava, ela fazia meu coração querer sair pela boca.

Fiz um gesto para que Zee se aproximasse. Há dias em que não se pode nem chegar perto da cerca, por causa da força da água



lançada pelas ondas que quebram no precipício.

Mas Zee estava com sorte. Naquele dia, a situação estava suportável.

Zee aproximou-se devagar e olhou para baixo, através do arame. Seus olhos se arregalaram diante daquela cena aterrorizante. Na mesma hora, sua pele ficou coberta de gotas. Sua boca estava aberta, e Zee nem piscava, admirando o espetáculo monstruoso das ondas se debatendo contra o penhasco e da ondulação do mar ao longe.

– Não dá para acreditar! – ela gritou, tentando superar o barulho da água. – É desse jeito em todo lugar?

– Dizem que na costa oeste é ainda pior.

Seu rosto estava todo molhado, mas eu tinha quase certeza de que ela também estava chorando. Não que sua expressão estivesse toda contorcida ou algo assim, mas os lábios estavam apertados e tensos, em um choro contido. Sem saber direito o que fazer, segurei a mão de Zee.

– Vamos dar o fora daqui – gritei, e a puxei de volta para o furgão.

Zee não queria ir embora naquela hora, e eu também não estava com muita pressa de descobrir o que aconteceria quando estivéssemos de volta. Sendo assim, liguei a luz de dentro do furgão e ficamos sentados nos bancos da frente, com as roupas úmidas e salgadas.

– Não tem como atravessar esse negócio – disse Zee, olhando para o espaço vazio onde as estrelas deveriam estar.

Eu segui o seu olhar.

– Não mesmo.

– Então como a gente faz para sair daqui?

– Sair?

– É. Ir para um lugar melhor... – Falou tão baixo que mal consegui escutar, como se as palavras não tivessem muita força para sair pela sua boca. – A Terra Prometida.

– Ah, tá. Agora eu entendi. Sião... Do outro lado do oceano. Vai nessa...

Eu me senti mal por caçoar dela. Não sei se foi a maneira que falei ou se foi o cenário desolador que ela havia conhecido, mas Zee se afundou no banco e deixou as lágrimas correrem livremente. Chorou sem fazer nenhum barulho. E, por alguma razão, isso só piorou as coisas.

– E o resto das fotos? – perguntei, sem saber direito o que fazer. Além do mais, trato é trato, e faltava Zee cumprir sua parte.

– Tudo bem. – Ela tentou limpar a garganta. Assim que abriu a bolsa, eu a peguei de suas mãos e comecei a remexer em um punhado de fotos do céu, do casarão de metal, da mãe dela e daquele gorducho do Sal. Havia até algumas fotos minhas trabalhando na floresta.

E isso era tudo.

Eu a encarei, surpreso.

– Dane-se – ela disse. – Não é minha culpa.

– Dane-se? Dane-se você, garota. Você me fez vir aqui e arriscar meu pescoço e meu trabalho por nada?

– Isso é tudo o que eu tenho. A câmera era de Crow.

– Mas e as árvores? E a foto que você me deu?

– Já estava na câmera. Quando Crow a consertou, ela simplesmente cuspiu a foto. Você vai me devolver?

– Qual é a sua, menina? Você queria brincar comigo? Está a fim de me fazer de bobo?

Ela se virou no banco e começou a tossir. – Você tem alguma coisa para ler aqui?

– Por quê?

– Porque estou chateada. E, quando fico desse jeito, eu gosto de ler.

– Deve ser mesmo muito bom – eu disse. Acabei concluindo que não valia a pena ficar nervoso com ela. Mas, ao mesmo tempo, eu não tinha como evitar ficar furioso. Essa menina maluca havia me convencido a fazer tudo aquilo por nada. E agora? Quem me daria as explicações de que eu precisava sobre aquela foto, meu pai sequestrado e aquelas árvores que não deviam sequer existir?

Joguei um pacote de pipoca em cima de Zee, liguei o motor e dei meia-volta, para começar a longa subida para longe da costa.

– “GenTech: há mais de cem anos, trazendo o superalimento para sua mesa.” – Zee leu essa frase na embalagem de pipoca, como se as palavras fossem fazê-la parar de chorar e tossir, como se aquilo fosse uma história que pudesse ajudá-la a se acalmar. – “Nos bons e maus momentos, nós sempre encontramos uma forma de alimentar as pessoas. Milho. É isso que preparamos para o jantar.”

– Pois é – eu disse. – E também para o almoço e o café da manhã.

– Eu leio livros – ela disse, enxugando as lágrimas. – Da época em que existiam leis e governos. Nesse tempo, havia uma porção de empresas que produziam comida.

Eu já tinha escutado aquela conversa. Mas não fazia sentido para mim. Nos velhos tempos, todo mundo podia plantar a própria comida. Por que a comprariam?

Zee ficou em silêncio por algum tempo, chacoalhando o pacote de pipoca e olhando pela janela do carro.

– E então, onde mais você já esteve? – ela perguntou.

– Por aí.

– Já esteve em Vega?

– Quase.

– E o sul?

– Eu nunca vi a Muralha, se é o que você quer saber.

– E o norte?

– Já construí árvores no Niágara.

– E além de lá?

– Não há nada depois de lá – respondi. – Apenas terras inabitáveis. Cobertas de lava e vapor.

– A Fenda.

– É assim que eles chamam. – Olhei bem para ela. – Vou te dar um conselho, garota. Deixe essa história para lá. Nada mais consegue crescer desde a Escuridão. Nada além de milho. Agora, diga-me uma coisa: você, por acaso, já viu um gafanhoto?

Zee balançou negativamente a cabeça.

– Tomara que você nunca veja – eu disse, como se já tivesse deparado com algum. – Eles arrancam toda a sua pele antes mesmo que você consiga mijar nas calças de medo.

– Então, Sião fica bem longe daqui. Ou deve estar escondida em algum lugar seguro.

– Vê se cresce, garota! – eu disse, querendo mais do que tudo que ela parasse com esse papo furado.

– E como você explica a foto? Como você explica as árvores e o céu claro?

– Não dá para explicar – respondi. – E é por isso que eu preciso descobrir onde foi que Crow conseguiu essa câmera.

– Ele conseguiu com o pessoal para quem trabalhava antes.

– Ele era segurança de outro ricoço?

– Não. Trabalhava para eles. Para a GenTech – ela respondeu, como se fosse a coisa mais normal do mundo. Mas como, afinal, um Soljah acaba trabalhando para a GenTech e depois ainda vira guarda-costas nas Cidades de Aço?

Isso não faz o menor sentido. Ninguém odeia mais a GenTech do que os Soljahs.

– Crow trabalhou para a GenTech? – Encarei Zee, intrigado. – Você tem certeza disso?

Ela pegou um punhado de fotos e mostrou o verso de cada uma delas, com o logotipo roxo da GenTech impresso.

– Isso não quer dizer nada – eu disse.

– Você tem razão – respondeu. – Isso não quer dizer nada. Não agora que eu vi a Tormenta. Eles são malucos. Os dois.

– Os dois quem?

– Crow. E Frost. Eles se merecem. Um é tão maluco quanto o outro. É impossível construir um barco grande o bastante. Frost e suas estúpidas coordenadas.

– Coordenadas? – Tirei o pé do acelerador, encostei o furgão à beira da estrada e olhei bem para Zee. – Que coordenadas?

– É por isso que eles estão trabalhando juntos. Crow tem procurado há anos. Era isso que ele fazia na GenTech, eu acho. Trabalhava procurando boatos e pistas.

– Pistas do quê?

– Das árvores – disse Zee, encarando-me no escuro. – As últimas árvores do planeta.

# CAPÍTULO 7

E se existisse mesmo a Terra Prometida? Essa ideia tomou conta de mim. E se ainda houvesse um lugar onde coisas vivas crescessem? Não apenas uma fotografia. Nem uma imitação ou um sonho. Árvores. Árvores de verdade. Reais o bastante para que houvesse gente procurando por elas. Para que a GenTech estivesse à sua procura. E o meu pai? Como ele teria ido parar no meio daquilo tudo?

De repente, pensei no casarão onde Zee morava e na minha floresta de araque. Se existissem mesmo árvores em algum lugar, com raízes que cresciam cada vez mais fundo e galhos que brotavam cada vez mais alto, qual seria, então, o sentido de construir florestas com pedaços de lata-velha?

Desci do carro, e a Tormenta soprou para cima de mim um vento salgado e asqueroso, fazendo-me engolir um monte de poeira. Fiquei enjoado na mesma hora. Tudo o que eu queria naquela hora era poder dormir. Desligar-me do mundo por algumas horas e depois acordar. Mas, mesmo com os olhos fechados, eu não conseguia parar de ver o rosto do meu pai.

Acertei um chute com toda a força no pneu traseiro do furgão. Aquilo simplesmente não fazia o menor sentido. Nada fazia. E, embora Pop estivesse acorrentado e amarrado na foto guardada no meu bolso, eu não conseguia deixar de me lamentar por não ter sido levado junto com ele. Os desgraçados simplesmente tinham

me deixado para trás, sozinho, no meio de toda essa poeira maldita, cercado de lixo e de gente morta de fome. Chutei o pneu de novo, três vezes seguidas. Depois dei um murro no furgão e quase quebrei a porcaria da minha mão.

– Pare com isso! – gritou Zee para mim, do outro lado do furgão.

– A gente tem que pensar no que vai fazer agora.

– Fazer? Eu vou largar você na sua casa, é isso que vou fazer.

– E depois o quê?

Com o sangue fervendo nas veias, olhei para a Tormenta, com sua fúria monstruosa. Então me virei para o oeste e vi o solo todo rachado, mais parecendo uma broa de milho, e a poeira voando com o vento. Imaginei como seria a terra toda cortada por raízes que a mantivessem no lugar; pensei em galhos e gravetos caídos no chão, prontos para alimentar uma fogueira; e imaginei os altos troncos e as copas das árvores lá em cima, barrando o vento e fazendo sombra. Aí lembrei do meu pai, nas correntes de metal ao redor dele, prendendo-o àquela árvore. Por quê? O que ele estaria fazendo ali? Mas isso não importava. O fato era que, se fosse eu quem estivesse em apuros, meu pai viria correndo para me ajudar.

– Há quanto tempo você tem essa câmera? – perguntei.

– Crow a trouxe faz alguns meses.

– E com quem ele a conseguiu? Quem deu a câmera?

– Não faço ideia. Por que você mesmo não pergunta a ele?

– Pois é isso que vou fazer, se for preciso.

Zee começou a dizer alguma coisa, mas foi interrompida de modo bem brusco. Ela simplesmente despencou, ao mesmo tempo que o furgão afundava e um estrondo subia das profundezas.



– Não pode ser! – murmurei para mim mesmo, olhando para o oceano.

Zee estava gritando do outro lado, mas eu não precisava de outro aviso. Na mesma hora, abri a porta e pulei para dentro do furgão, virando a chave na ignição, com o solo roncando e cedendo de novo sob os pneus.

A estrada tinha afundado uns cinco metros.

– Entra logo! – gritei, esticando o braço, puxando Zee para dentro e pisando fundo no acelerador.

Pelo retrovisor, vi a poeira se erguer atrás de nós como se fosse fumaça na noite. Mais uma explosão e o furgão derrapou, mas eu segurei firme o volante, determinado a sair dali de qualquer jeito. Zee estava agora ajoelhada em seu banco, virada para trás, abraçada ao encosto, observando os penhascos desaparecerem ao longe e soltando um grito assustado a cada vez que uma nova porção de terra era engolida pelo mar furioso.

Durante anos, os penhascos haviam permanecido no mesmo lugar, mas agora eles estavam se desfazendo. Estavam desaparecendo. O mundo estava caindo.

Zee continuou gritando até os pulmões não aguentarem mais. Então começou a tossir. E, quando não estava tossindo, ela me implorava para ir mais depressa. Como se eu já não estivesse com o pé no fundo do acelerador, indo o mais rápido possível.

Estava difícil de enxergar. A poeira tinha tomado conta do ar. Debaixo dos pneus, a estrada se desfazia. Era como se ela estivesse boiando em algo. Mais um pouco e estaríamos nadando.

Nadando.

A ideia da morte debaixo da água cada vez mais próxima dominou meus pensamentos. Eu tinha certeza de que saber nadar não ajudaria em nada, mas não ter essa opção só piorava as coisas para mim. Quase conseguia sentir a água tomando conta dos meus pulmões, o meu peito ficando inchado, como naquela vez, anos antes. Meus membros seriam inúteis. Só poderiam se debater uma última vez, antes de pararem para sempre.

Balancei a cabeça com força, tentando afastar esses pensamentos, e olhei para a frente. Então Zee berrou meu nome, como se eu tivesse acabado de lhe dar um beliscão.

– Que foi?

– Acho que está parando! – ela gritou.

Prestei atenção nos sons ao redor. Parecia realmente que, além do barulho do furgão, não havia mais nenhum estouro, nenhum desmoronamento. Seria isso mesmo? Silêncio?

Continuei pisando no acelerador, longe de me deixar convencer por aquilo.

Alguns minutos depois, entretanto, a poeira começou a baixar, e tudo na estrada pareceu estar no devido lugar. Abri a janela do furgão e coloquei a cabeça para fora.

A Tormenta tinha ficado para trás.

Acontece que, no instante seguinte, a terra começou a se abrir diante de nós. Uma imensa rachadura, cortando a estrada e aumentando cada vez mais. Como se o planeta tivesse finalmente cedido e estivesse se desfazendo de uma vez por todas.

## CAPÍTULO 8

Por um momento, o furgão levantou voo na escuridão empoeirada. Até que os pneus da frente atingiram a terra de novo e ele empacou.

Atrás de nós, as rochas desabavam no oceano e a água espirrava para todo lado. O céu transformou-se em uma mistura de poeira e mar. E nós ali, pendurados – a frente do furgão atolada na areia e a traseira totalmente livre, balançando. Centenas de metros acima da água lá embaixo.

Zee estava agarrada ao painel, com os olhos brilhando, vidrados em mim. Como se estivesse esperando que eu fizesse alguma coisa. Qualquer coisa.

Podíamos simplesmente pular pela janela e sair correndo rumo a oeste. Mas não conseguiríamos chegar muito longe a pé. Então, tentei dar a partida.

O motor continuava morto.

Olhando para baixo, tive a impressão de que o mar estava um pouco mais tranquilo, como se a terra houvesse acalmado a água, diluindo suas ondas. Mas ao longe, depois da rebentação, havia redemoinhos gigantescos, maiores do que qualquer coisa que eu já tivesse visto. Além deles, no horizonte ondulante, surgiam faixas vermelhas brilhantes, como se o sol estivesse voltando só para testemunhar aquela cena. Logo ele estaria de pé novamente, fazendo tudo ferver.

Tentei dar partida de novo. Depois de quinze tentativas, o furgão pegou. Ele foi um pouco para a frente, abrindo caminho na areia, mas a parte de trás era muito pesada e afundamos de novo.

Olhei para trás. Todas as minhas coisas estavam ali. Ferramentas, material, comida.

– Aguenta firme – eu disse, empurrando Zee, para que ela ficasse ainda mais próxima ao painel do carro. Então, passei para a parte de trás, tentando alcançar a porta traseira, o que fez o furgão balançar um bocado.

Estava tudo tão escuro! Havia tanta poeira! E eu estava suado, melado e cheio de medo. As coisas estavam um pouco mais silenciosas agora, a não ser pela água batendo e espirrando lá embaixo, pelo furgão estalando e rangendo e pela traseira ficando cada vez mais baixa a cada centímetro que eu avançava.

A porta de trás estava toda grudada e emperrada por causa da poeira e dos pedaços de pedra, e tive de usar uma chave de fenda como alavanca para abrir. Mas isso acabou fazendo o veículo balançar e ranger ainda mais. Cheguei a pensar que aquele era o fim.

Tentando ficar imóvel, olhei para as ondas imensas, enquanto Zee gritava desesperadamente. Tudo estava se movendo. Caixas deslizavam pela traseira do furgão, passavam por mim e batiam no meu corpo.

Consegui abrir por completo a porta, com o corpo todo tremendo de medo, e comecei a jogar fora a sucata e os pacotes de pregos. Depois foi a vez das lâmpadas e das placas de metal. Vi tudo aquilo voar pelos ares, refletindo os primeiros raios do amanhecer, antes de desaparecer na espuma branca do mar.

O tempo todo, fiquei com uma das mãos agarrada à lataria do furgão e os olhos atentos à Tormenta. Até que senti o furgão se estabilizar. Joguei as ferramentas para a parte da frente e caminhei devagar na mesma direção, sentindo o carro pender até ficar na horizontal.

A terra estava suportando nosso peso. Por enquanto.

– Fique aí – eu disse, para que Zee continuasse espremida contra o para-brisa. Passei para o banco da frente e cuspi a poeira acumulada em minha boca, ao mesmo tempo que dava partida no furgão e acelerava, com as rodas da frente avançando uns poucos metros na areia e afundando até que, por fim, as rodas traseiras também tocaram na terra firme.

– Vamos, vamos! – sussurrei, pisando ainda mais fundo no acelerador e fazendo o motor roncar alto. Uma porção de areia se deslocou sob o furgão e foi o bastante para nos livrarmos do atoleiro e começarmos a andar livremente. Naquele momento, tanto fazia se o furgão estava meio esquisito e não era possível andar tão rápido. Enquanto o sol se erguia às nossas costas, estávamos novamente percorrendo as estradas no rumo oeste.

Zee soltou o painel e aproximou-se de mim, aconchegando o rosto contra o meu pescoço, meio chorando e meio rindo, parecendo uma lunática. Eu nunca havia chegado tão perto assim de alguém antes. Sabe como é. Uma garota. Junto de mim. Pude escutar seu pulmão roncando e, por um instante, tive vontade de envolvê-la em meus braços. E dizer que agora ela estava a salvo.

Mas o instante passou.

Fui obrigado a empurrar Zee para o lado e virar o volante de repente. Pois ali, bem diante de nós, uma figura solitária surgiu no

meio do que havia restado da estrada.

## CAPÍTULO 9

Os pneus derraparam e uma nuvem de poeira rosada se ergueu. Esperei o ar ficar um pouco mais claro e depois olhei para trás, onde a estrada devia estar. Eu estava prestes a abrir a porta do furgão quando um homem surgiu do meio da poeira, como se ele mesmo fizesse parte dela.

O sujeito tinha uns *dreads* longos e embaraçados, tingidos de cinza pela areia. Enterrado no meio deles, havia um rosto tão velho quanto eu jamais tinha visto antes, com uma barba imensa pendurada.

– Puta merda! – sussurrei, enquanto ele se aproximava através das nuvens imundas. Era o mesmo maluco que eu tinha visto naquela favela uns dias antes, com o mesmo bastão de hóquei servindo de apoio diante do corpo.

– Quem é ele? – perguntou Zee, segurando meu braço com força.

O velho rasta parou na frente do furgão e, sorrindo com seus dentes escuros, olhou para nós. Ele começou a dizer algo, e finalmente me cansei de ficar ali parado. Abri a porta e desci do carro.

– Que diabos você está fazendo aqui? – gritei para o velhote.

– Eu e eu[4] vim ver o sol nascer. – Sua voz era fraca, como se já tivesse falado demais nesta vida. – Que maravilha! Hoje, o sol vem vindo de Sião trazendo notícias da Terra Prometida.

– E você veio até aqui andando? – perguntei, olhando aqueles pés descalços, tão velhos e cascudos, que era como se tivessem

desenvolvido seus próprios sapatos.

Ele fez que sim com a cabeça. – Muito feliz de encontrá-lo aqui, meu senhor.

– Por quê? Você quer uma carona?

O velho rastafári caiu na risada. – Vossa senhoria veio do oceano. Eu vi com estes olhos aqui. Vi o senhor ser cuspidor do mar como Jonas foi cuspidor pela baleia[5].

Eu olhei para trás, para o sol subindo no horizonte, com a água que espirrava na Tormenta parecendo uma névoa ao longe. – Escuta só, meu chapa... – Tentei começar a falar, mas ele me interrompeu, erguendo o bastão para o céu e falando tão alto que pulei para trás ao escutar sua voz.

– Jah voltou para casa, meus amados. As raízes que alimentam esta árvore gigante. Direto das profundezas do oceano. Atravessando os montes e vales aquáticos... – O velho rasta estava praticamente cantando aquelas palavras. E continuou falando enquanto corria até mim e lançava-se ao chão, derrubando o bastão aos meus pés. – Assim como o rei fez no passado, vossa senhoria vai me guiar de volta à Terra Prometida.

Zee estava agora do lado de fora do furgão, dando a volta e correndo para a pilha de cabelos e trapos velhos que continuava parada diante de mim. Zee estendeu o braço para tocar o velhote no ombro, enquanto ele balançava o tronco para a frente e para trás.

– Você já esteve lá? – ela disse, meio perguntando, mas na verdade afirmando como se aquilo fosse fato. – Na Terra Prometida?



– E a vi com meus próprios olhos. – O homem parou de balançar e olhou para Zee, sorrindo e mostrando seus dentes, que eram poucos e marrons. – E Jah tocou em mim com as próprias mãos.

Dizendo isso, ele sentou no chão e começou a mexer nos trapos ao redor da barriga, até finalmente levantar a camiseta. E ali, esticada ao longo das costelas, sua pele negra tinha se transformado em outra coisa. Era como uma doença ou algo assim.

Fiquei parado, apenas olhando para aquela pele esquisita, dura e cheia de cascas. Zee já tinha se levantado e começado a se afastar daquela imagem bizarra.

– Mas que porcaria é essa? – perguntei, ajoelhando-me e tentando ver mais de perto. Naquela altura, eu até já tinha uma boa ideia do que se tratava, embora nunca tivesse visto algo como aquilo na vida e soubesse que não era uma coisa que deveria estar crescendo na pele de um ser humano.

– Um pequeno pedaço da Árvore da Vida, meu senhor. – O velho rastafári sorriu para mim e bateu na barriga. O que se ouviu foi um som forte. Não como ossos ou carne, mas também não era som de plástico, pedra nem metal.

– É madeira – eu disse, olhando diretamente em seus olhos arregalados, que mais pareciam estar sorrindo para mim, como se pudessem contar centenas de histórias entre uma piscada e outra.

– Uma casca de árvore.

– E Jah vai nos libertar quando todos nós voltarmos para lá, meu senhor. Quando construirmos um barco que seja grande o suficiente.

– Não dá para acreditar – sussurrei, espantado. Então, olhei para Zee. – Você viu isso?

Ela só balançava a cabeça, impressionada demais para dizer qualquer coisa. E não era por menos. Aquela era uma visão e tanto. Por outro lado, era a coisa mais próxima de uma árvore real que eu já tinha visto. Uma casca. Uma casca de verdade. Estendi o braço e toquei a superfície irregular, e era madeira mesmo. Como nas histórias antigas. Madeira que a gente poderia cortar com machado, esculpir ou então queimar.

– Por onde foi que você andou, velhinho? – perguntei a ele. – Como isso foi acontecer com você?

– Eu sou filho de Sião – ele respondeu. – Um filho que comeu da Árvore da Vida e se desviou do caminho da virtude. Mas vossa senhoria vai me guiar de volta para lá. E não vou mais precisar ter medo.

Tirei do bolso a foto do meu pai e abanei a poeira com a mão. Então a mostrei ao velho e os olhos dele brilharam.

– Jah! – ele gritou, feliz da vida.

– Esse aqui... – eu disse, apontando com o dedo. – Esse aqui é o meu pai.

– Claro que é, meu senhor – ele sussurrou. – Se ele ainda estiver vivo.

– Vivo?

– Mas ainda é inverno. Não costuma haver matança antes da primavera.

– Matança?

– Assassinos. – Lágrimas rolaram pelas bochechas do velho rastafári. – Só esperando a primavera chegar. Um monte de assassinos.

– Seu pai? – Zee agarrou a fotografia e a chacoalhou diante de mim. – Esse sujeito é seu pai?

– É, sim – respondi. Então me levantei, caminhei até o furgão e apoiei as costas na lataria, tentando ficar em pé enquanto tudo girava dentro de mim. – Esse homem é o meu pai.

– O rei – era tudo o que o rasta conseguia dizer. – O rei.

# CAPÍTULO 10

Seguimos caminho, em silêncio. Cada um estava em seu próprio mundo, sozinho. Eu havia preparado um pouco de milho para o velhote, que agora estava comendo, todo esparramado na traseira do furgão, usando o sombrero do meu pai e prestes a cair no sono de vez.

Não consegui tirar mais nenhuma informação do sujeito. Ele só repetia a mesma ladainha sobre o rei e a Terra Prometida, e, quando eu mencionava Pop, suas palavras assumiam um tom sério e preocupado.

De vez em quando, eu sentia que Zee estava me observando. Ela até ameaçou dizer algo, mas acabou desistindo. Fiquei com a sensação de que Zee conseguia não só escutar meu cérebro superaquecer de tanto remoer aquilo tudo, mas também ver a fumaça sair pelos meus ouvidos.

Tornei a olhar para o pobre-diabo que, deitado no meu carro, roncava com a cabeça apoiada na pistola de pregos e tinha casca de madeira no lugar da pele. Alguma coisa havia acontecido com ele. Uma mutação, talvez. Mas nada que eu já tivesse conhecido antes.

- Você acredita agora? – Zee finalmente perguntou.
- Acredito em quê?
- Em Sião. Na Terra Prometida.
- Parece que é um lugar onde existem árvores de verdade. Um lugar onde os gafanhotos não conseguem destruí-las. Mas onde fica

esse lugar?

– Não faço ideia – respondeu Zee. – Só sei que vou para lá de qualquer jeito. Faço o que for preciso. Dou tudo o que tenho em troca.

Só fiquei em silêncio, com minhas ideias. Ao longe, via os contornos da favela na periferia da cidade, com os barracos velhos fritando ao sol. Alguns quilômetros adiante, encontrava-se a casa de Frost. Naquela altura, o lugar inteiro já devia estar em alerta. A garota tinha desaparecido. E não havia sinal do construtor de árvores.

– Você podia ter explicado que aquele era o seu pai – disse Zee de repente.

– Ah, é? E por que eu faria isso?

– Teria mudado um pouco as coisas, não acha?

Preferi ignorar essa última frase. Mas ela estava com a razão. Tudo tinha mudado. Pop era uma metade de mim que sempre havia estado por perto. E eu me tornei vazio e fraco com essa parte faltante.

– Parece que você acredita que aquele lugar é Sião – eu disse, por fim. – Só que é difícil pensar no paraíso vendo meu pai acorrentado daquele jeito.

– Não importa.

– Para mim, importa, sim.

– Mas, se outras pessoas foram capazes de chegar até lá – continuou Zee –, se elas conseguiram achar aquele lugar, então nós também podemos.

– Ou talvez Frost possa – interrompi, ao me lembrar da sala cheia de mapas e livros em que eu o havia encontrado dormindo na noite

anterior. – Ele deve ter algum plano.

– Crow conseguiu convencê-lo de que Sião está em algum lugar por aí. – Zee apontou para o oceano. – Mas eles estão esperando alguma coisa antes de partir.

– Esperando o quê?

– Não faço a menor ideia. Só sei de algumas coisas porque Frost pensa que eu não passo de uma estúpida, de alguém que não entende nada.

– E o que eles pretendem fazer se conseguirem chegar até lá?

– O que você acha, meu chapa? As pessoas pagariam milhões por um pequeno pedaço de Sião.

– Então é isso que você quer? Encontrar a Terra Prometida para fazer dinheiro?

– Eu não. Só quero um pouco de ar puro para respirar. – Ela bateu no peito doente com o punho fechado. – Um lugar para ser livre.

– Com aquele canalha do Frost?

– Não se eu puder me livrar dele.

– Talvez você devesse continuar fugindo.

– Sem ter para onde ir nem o que comer?

– Talvez assim você possa ser mais livre do que jamais consiga ser.

– O quê? – ela disse, zombando de mim. – Você acredita mesmo que é livre? Andando sem destino por aí nessa sua lata-velha, correndo atrás de algumas migalhas para comer? Você não é livre. Ninguém é. Pelo menos não enquanto a GenTech for a única capaz de plantar qualquer coisa.

– Pode haver árvores frutíferas naquele lugar – argumentei. – Talvez as árvores na fotografia também deem frutos.

– E quem sabe o que mais cresce naquela terra?

– É, mas, haja o que houver por lá, você não poderá voltar. Os gafanhotos vivem nos milharais, mas podem facilmente abrir uma exceção se encontrarem um novo lugar para desovar.

– Quando eu achar Sião, nunca mais saio de lá.

– Ainda mais se eles a acorrentarem às árvores. – De novo, pensei no meu pai. Então encarei Zee com seriedade. – Eu preciso que você me fale sobre aquela história de coordenadas.

Ela sorriu, mas não para mim. Era o sorriso de quem tinha conseguido algo que queria. Olhando para mim, Zee afundou no banco do carro. – Eu não vou dizer mais nada a você, construtor de árvores. Se você quer minha ajuda, então vai ter que fazer o que eu digo.

– Que diabos você quer dizer com isso?

– Quero dizer que somos uma equipe. Vamos trabalhar juntos pelo tempo que for preciso. E, assim que um de nós tiver que cuidar dos próprios assuntos, a equipe acaba. Na mesma hora.

– Tudo bem – respondi. – Para mim, parece bom.

– Então pisa fundo. Crow vai estar na favela agora de manhã.

Escutando aquilo, pisei imediatamente no freio, embora os barracos ainda estivessem a boa distância de nós. – Crow?

– Isso mesmo. É hoje que ele leva minha mãe ao Tripnotizador. – Zee deu uma tossida seca. – Para a consulta semanal.

– Você quer falar com Crow?

– Não. – Zee balançou negativamente a cabeça. – Quero resgatar minha mãe.

– Você pode buscá-la depois – eu disse, pensando no meu pai e no que o velho rastafári tinha dito sobre a primavera que se

aproximava. – Em uma corrida disputada como esta, vamos precisar de toda vantagem que pudermos ter.

– Não vamos deixá-la para trás, fazedor de árvores. Frost pode tê-la transformado em um zumbi viciado em cristal, mas ela ainda é a minha mãe. – Zee olhou para mim. – E vamos precisar dela, se quisermos achar essas árvores.



# CAPÍTULO 11

A tatuagem. Zee disse que precisávamos dela. E isso seria tudo o que a garota diria a respeito daquele desenho, por enquanto.

Escondi o furgão no ferro-velho e o dono me disse que ficaria de olho. Achei melhor não dizer que havia um rastafári pirado dormindo no porta-malas. Nem que eu estava planejando sequestrar alguém.

Zee usava uma das velhas camisas do meu pai. Meus óculos de proteção sobressalentes escondiam boa parte do rosto da garota, e um trapo velho envolvia o resto. Ainda a ajudei a colocar mais um pedaço de tecido junto ao nariz e à boca, fazendo o possível para preservar seus pulmões doentes.

Eu nunca havia caminhado naquele trecho da favela antes. Não que fosse muito diferente do que se via pela janela do carro. Mas juro que cheirava umas três vezes pior. O vento estava ficando forte, e a areia se espalhava pelos ares, quente e fedorenta. Mas pelo menos ela servia para nos camuflar.

– Que história é essa de Tripnotizador? – perguntei, com a boca cheia de poeira.

– É um cara que ajuda as pessoas a se lembrarem das coisas – respondeu Zee, com a voz abafada pelos pedaços de pano e quase completamente encoberta pelo vento.

– Coisas tipo o quê?

– Não sei bem. – Ela ergueu os ombros magros. – Eu me lembro de tudo. Confesso que a maior parte das coisas eu preferia até

esquecer.

– E do que sua mãe não consegue se lembrar?

– Se eu soubesse, ela não precisaria ir ao Tripnotizador, espertinho. Mas Frost acredita que a tatuagem dela vem do mesmo lugar que a fotografia do seu pai.

Aquela era a mesma tenda de onde eu tinha visto Crow sair alguns dias antes, quando eu estava matando o tempo, esperando encher o tanque do furgão.

Caminhamos devagar, tentando não chamar muita atenção, escondendo-nos atrás de uma tenda que vendia velhos brinquedos de plástico restaurados, que imitavam as formas de animais. Lembranças de um tempo antes da Escuridão, antes dos gafanhotos e deste detestável mundo novo.

– Você acha que ele está aqui? – perguntei a Zee. Mas, antes que ela pudesse responder, vimos a cortina na entrada do barraco se mover e Crow sair usando os óculos escuros e os fones de ouvido.

Nós nos abaixamos ao lado da barraca e espiamos enquanto Crow se afastava. Fiquei me perguntando aonde ele iria e quais pensamentos passariam pela sua cabeça naquele momento.

– Essa é a sua chance – sussurrou Zee, dando-me um leve empurrão. – Tire minha mãe de lá. Diga a ela que você está comigo.

– Mas e quanto a esse tal de Tripnotizador?

– Diga a ela o que for preciso.

– E você? Vai fazer o quê?

– Vou ficar vigiando. Para garantir que Crow não esteja voltando.

Ainda esperei mais alguns segundos, até que o segurança grandalhão estivesse fora do nosso campo de visão, e corri para a entrada da tenda. Olhei para trás e vi Zee se esgueirar entre os tanques do posto de combustível. E então, antes que pudesse pensar mais uma vez sobre o que estava prestes a fazer, arranquei os óculos de proteção, afastei a cortina de plástico na entrada da tenda e mergulhei na escuridão.

Do lado de dentro, estava ainda mais escuro do que eu imaginava. A cortina voltou para o lugar atrás de mim, e, de repente, a rua pareceu estar a quilômetros de distância. Pisquei várias vezes tentando acostumar os olhos. Aí simplesmente comecei a caminhar às cegas, com os braços estendidos diante de mim, tateando ao redor.

Era possível escutar um zumbido de eletricidade. E algo mais. Seria uma música? Eu me concentrei, tentando escutar. Não. Era apenas ruído de máquinas.

Senti que havia cabos sob meus pés. Eu me abaixei e tentei seguir os cabos com as mãos, até que toquei em algo sólido. Era uma parede de metal, cheia de tiras verticais em relevo. Aquilo parecia ser um tipo de *container*, medindo mais ou menos o dobro do meu tamanho. Fiquei de pé e tateei ao redor. Encostei o ouvido na parede de metal e, entre os outros ruídos, consegui ouvir vozes.

Depois escutei algo diferente.

Eu me virei rapidamente e vasculhei com os olhos o espaço atrás de mim. Então ouvi o mesmo som novamente. Um leve arranhão. E de repente, apenas a alguns centímetros de mim, um isqueiro foi aceso e um clarão se fez na escuridão.

A chama cresceu e oscilou, colorindo a tenda com um brilho cor de laranja, e eu a vi tocar a extremidade de um cachimbo. Assisti à brasa acender e à fumaça subir, conforme alguém do outro lado do cachimbo aspirava. Antes que o isqueiro se apagasse, tive tempo o bastante para ler os olhos que me encaravam.

Mas aqueles olhos eram impossíveis de ler.

– Bem-vindo de volta, senhor Banyan – disse Frost, sugando o cachimbo como se fosse o café da manhã. Aí, ele apagou a chama do isqueiro, e tudo o que consegui ver foi o cristal queimar na escuridão, enquanto Frost vinha na minha direção.

## CAPÍTULO 12

Frost era bem mais rápido do que eu podia ter imaginado. Sem tirar o cachimbo da boca, ele se movia como uma sombra. Seus dedos me perseguiram no ar, querendo me agarrar, enquanto eu tentava fugir. Frost era rápido e grande demais. Ocupava todos os espaços, deixando-me sem saída. Até que pulou em cima de mim e fui parar no chão.

Eu estava preso. Pregado ao solo, com o rosto enfiado na sujeira e a sensação de que minha coluna tinha sido partida em dois. Frost estava em cima de mim, com o joelho sobre minhas costas. Nessa posição, colocou o cachimbo bem na minha cara, aproximando a brasa dos meus olhos.

– Por acaso, você precisa de mais material, sr. B.? – perguntou, irônico. – Ou será que andou colocando essas suas mãos nojentas em algum outro lugar?

Tentei me debater e escapar, mas não adiantou. Meus músculos não tinham a força necessária. O gordão do Frost, todo suado e cercado de fumaça, continuava em cima de mim, e tudo o que eu queria fazer era arrancar seus olhos com meus próprios dedos e depois fazê-lo engolir aqueles dentes podres.

Soltei um grito, tentando extravasar a raiva que sentia.

– Não adianta chorar. – Ele me deu um tapa na cabeça.

Gritei novamente, o mais alto que pude. Então o gordão saiu de cima, virou-me de frente e caiu por cima de mim novamente, dessa

vez com o joelho no meu peito. O desgraçado não parava de sugar aquele cachimbo imundo nem um segundo sequer, e o brilho do cristal em brasa bastou para que eu enxergasse quando ele sacou uma faca com a mão direita enquanto abria minha camisa com a esquerda.

Tudo aconteceu ao mesmo tempo. A lâmina afiada pressionou contra minha barriga e a cortina da tenda se abriu. A luz do sol iluminou o olhar grotesco do filho da mãe, um olhar que estava prestes a matar.

– Pare! – gritou da entrada uma voz conhecida. Era Zee.

Frost, ofuscado pela luz do dia, desviou o olhar de mim. Eu ainda sentia a faca pressionando minha barriga, rompendo minha pele. O maldito estava mesmo decidido a me furar com aquele negócio.

– Você não pode fazer isso – disse Zee, deixando cair a cortina atrás de si. – Deixe-o sair. – Ela baixou a voz. – As árvores. Você tem que pensar nas árvores.

Frost saiu de cima de mim, mas não sem perder a chance de me acertar um chute na cabeça. Depois caminhou até o canto da tenda e acendeu a lâmpada fluorescente pendurada ao teto. O barraco todo se iluminou com a luz branca, e as paredes surgiram ao meu redor enquanto o vento uivava do lado de fora. Frost apontou a faca para Zee.

– É melhor você contar tudo de uma vez – ele disse, cheio de raiva no olhar.

Ela correu até mim e virou-me de bruços de novo. Tudo estava acontecendo rápido demais para eu acompanhar. Não consegui ver o rosto de Zee nem reparar em seu olhar. Só senti suas mãos no

meu corpo, remexendo os meus bolsos. Quando voltou a se levantar do chão empoeirado, ela estava tossindo.

– Aqui – disse então Zee, tentando não engasgar. E, enquanto ela se afastava de mim, eu rolei para o lado e vi Frost observar a fotografia do meu pai, com um olhar que significava que os cristais estavam fazendo efeito.

– Esse sujeito é o pai dele – explicou Zee.

– Como você conseguiu isso? – Ele tocou a foto com a faca, e seu rosto se contorcia sem parar.

– É o pai dele – repetiu Zee. – Isso é o que importa.

Frost ficou imóvel por alguns segundos, pensativo, e depois bateu na parede de aço. Então escutei uma pancada e, em seguida, o barulho de um trinco que ia sendo liberado. E qual não foi minha surpresa ao ver que a parede começou a se abrir bem diante de nós.

Calmamente, Frost mexeu com o dedão no cachimbo, arrumando o cristal lá dentro. Enfiou a foto no bolso e se virou para a mulher magra, com brincos de cigana, que, nos fundos da tenda, surgiu de dentro da caixa de aço como se esta lhe tivesse dado à luz naquele mesmo instante.

Vi que o caminho para a saída estava livre e tentei correr para fora. Mas Frost foi de novo mais rápido e me agarrou pela nuca com suas garras rechonchudas. Sem pedir licença, ele me arrastou pelo chão de terra, jogando-me na direção do *container*.

A cigana tagarelava alguma coisa e balançava os braços. As pulseiras que ela usava tilintavam, batendo umas nas outras, e suas mãos tremulavam na luz. Frost simplesmente a ignorou. Ele me ergueu sem a menor dificuldade e me arremessou dentro da

caixa de aço, bem em cima da mulher por quem eu estava procurando.

Agora eu estava jogado sobre a mãe de Zee, mas o mais estranho foi que ela não moveu um músculo sequer. Meu rosto estava enterrado em sua barriga, pressionando aquela tatuagem, respirando o cheiro da sua pele. Consegui me levantar, um pouco zozzo, mas Frost me empurrou para o chão, mantendo-me dentro daquele caixão de aço e gritando que a cigana voltasse para dentro dele comigo.

– Mas sua mulher ainda está em transe – disse a cigana.

– Então você pode deixá-la dormindo. Enquanto isso, conecte esse bandidinho e diga-me o que você consegue ver. – Frost empurrou a cigana para cima de nós.

– E que direção devo seguir? – perguntou a cigana. Frost segurou a porta por um momento.

– O pai dele – ele sussurrou, olhando bem para mim. – Quero tudo o que você puder descobrir.



## CAPÍTULO 13

O lugar era tão pequeno que mal se conseguia respirar, ou mesmo se mexer, ali dentro. O interior do *container* era banhado por um brilho azulado, e eu, tentando me levantar, estava espremido contra a mãe de Zee.

Ergui o braço e toquei o teto, que era quase da mesma altura que eu. A cigana sentou de frente para mim, de pernas cruzadas e com o tronco inclinado para a frente, e foi só então que percebi que aquilo não era uma mulher, mas sim um homem. Ele usava saia e todo o resto. Mas tinha a barba por fazer e seu peito era tão chato quanto sujo.

– Você é o Tripnotizador? – perguntei, como se já não soubesse a resposta.

O cigano apenas piscou para mim, enquanto mexia em um painel de controle. Alguns dos botões não deviam estar funcionando direito, já que ele apertava com força e até batia em alguns deles às vezes.

O ar ali fedia tanto, e era tão pouco, que eu me senti tão sufocado como quando Frost estava por cima de mim. Observei a mãe de Zee ao meu lado, com a tatuagem refletindo um azul elétrico.

O rosto dela parecia estar desligado. Seus músculos estavam completamente relaxados, e suas joias, cobertas de poeira. Os olhos estavam cobertos por um par de óculos de proteção, com lentes feitas de fios velhos e pedaços de metal.

– Ponha esses óculos – disse o cigano, com voz tão frágil quanto o seu corpo.

– O que você vai fazer comigo?

– Apenas ponha os óculos. Nem eu nem você temos opção.

– Você vai me dopar? – perguntei, olhando para o corpo largado ao meu lado.

– Submergir ou não depende de você. Mas, uma vez que começar a se lembrar, você provavelmente vai preferir se desligar também.

O cigano me fez deitar em cima da mulher de Frost. Tirei os óculos dela e comecei a colocá-los.

– Tente relaxar – disse o Tripnotizador, sem parecer se importar com o fato de que aquela era a coisa mais idiota que ele poderia ter me dito naquele momento. Tive de brigar um pouco com os óculos para colocá-los, com meus cotovelos batendo nas estreitas paredes de aço. Foi então que notei os traços desenhados ao longo do teto azul.

Parei de tentar pôr os óculos e apenas prestei atenção à imagem estendida acima de mim, flutuando e tremendo, entrando e saindo do foco na tela.

Era um muro. Um enorme muro de cimento. Uma pequena parte, próxima ao chão, estava toda rabiscada, cheia de grafites sobrepostos, e o topo se escondia além das nuvens.

Eu sabia que era a Muralha do Sul, embora nunca a tivesse visto antes, nem mesmo em fotos. Ela se estende por todo o continente, de leste a oeste, encontrando a Tormenta nos dois extremos. Foi erguida ali antes mesmo da Escuridão, para manter as pessoas do sul presas do lado de lá.

– Ponha os óculos, garoto – disse o cigano.

– Essa é a Muralha do Sul – sussurrei. – É, não é?

– Não. – Ele apertou um botão e a imagem desapareceu de cima de mim. – Isso é só uma memória.

Os óculos ficaram bem apertados, beliscando minha pele e bloqueando qualquer raio de luz que viesse de fora. Meu rosto já estava todo suado e tentei controlar o pânico dentro de mim, mas era difícil manter a calma, agora que estava cego. Tão cego quanto preso.

– Fique de olhos bem fechados – disse o Tripnotizador. – A menos que você não se importe muito em perdê-los.

Fechei os olhos com toda a força e preendi a respiração, antes de sentir milhares de picadas em minhas pálpebras. Soltei um grito de horror, mas as agulhas pararam bem onde estavam, sem se aproximarem mais, apenas me mantendo no lugar.

– Não se mova – disse o cigano. Agora sua fraca voz era suave, quase tranquilizadora.

Uma música começou a tocar. Era um som estranho e pulsante. Batidas borbulhantes e toques agudos fora do ritmo. De repente, o som de sinos emergiu da confusão, e eu me senti preso dentro de um carrilhão, que tilintava e rodava, tudo ao redor se desfazendo em pedaços.

– Bem-vindo à vibração do som – disse uma voz. Era do cigano, mas estava diferente agora, com cada palavra ressoando infinitamente, banhada em eco. – Relaxe e deixe-se navegar para longe.

Cada centímetro do meu corpo gritava para eu resistir, mas me senti flutuando, como se a música tivesse conseguido me abrir e

destravar. Bem que tentei concentrar meus pensamentos em Frost, em escapar logo dali, em dar o fora daquele túmulo bizarro e correr para a liberdade.

Livre.

Era assim que eu me sentia, enquanto deslizava para dentro do nada. Era melhor do que dormir, melhor do que sonhar. Tentei não ceder por um momento, mas acabei desistindo.

Afinal, quem não gostaria de se sentir livre?

Eu vi árvores. Por toda parte. Imensos labirintos de metal brilhante. Cada uma das florestas que eu e Pop havíamos construído. Todas as nossas árvores lançavam seus galhos para os ares, e não havia sequer uma mancha de ferrugem entre elas.

No centro do labirinto, meu pai tinha centenas de metros de altura, trepado em um andaime. E eu estava nas suas costas, enrolado em um cobertor, com o tecido amarrado aos seus ombros, envolvendo o peito dele.

Meu pai estava construindo. Dando alguns toques finais com o martelo. Dobrando o metal para os raios do sol refletirem no ângulo certo. Senti seu braço dar marteladas, vi o suor escorrer pela sua nuca. Quando ele soldou as juntas de metal, vi as faíscas voarem para todo lado. E, enquanto meu pai descia pela escada, balancei a cada degrau, batendo em suas costas e rindo para ele.

No chão, meu pai admirou a copa das árvores, e eu a observei junto com ele, escutando o vento produzir um tom diferente em cada um dos galhos e assistindo ao movimento ritmado das folhas.

Então tornei a ouvir a música do cigano.

Agora, eu estava mais velho. Deitado na parte de trás do carro, comendo pipoca e escutando meu pai ler para mim.

Ele me contava histórias de lugares distantes que um dia haviam existido. Contos repetidos por inúmeros pais antes dele. Histórias com ursos e lobos, salmões e riachos. O cheiro da madeira queimando. O som dos pássaros cantando e de suas asas batendo.

Meu pai me disse para dormir, e sonhei que estava caminhando em uma floresta de verdade, com nossas árvores vivas e respirando.

A casca das árvores, o musgo, os gravetos caídos, e as aranhas tecendo suas teias.

E, no meu sonho, eu tentava acordar meu pai, para também ele ver as árvores. Mas o céu acabou tomado pelo som furioso de um enxame de gafanhotos. E, quando o silêncio voltou, as árvores estavam todas secas. Negras e frias. E, conforme o vento soprava, elas desabavam sobre nós, despencando no chão e quebrando-se, até que comecei a recolhê-las e a plantar sobre as cinzas.

A música ressoou de novo. E, com isso, desapareceram as árvores que eu tinha plantado. Eu e Pop estávamos parados no deserto além dos milharais. Estávamos de costas para eles, observando Vega brilhar ao longe, como uma lâmpada que alguém houvesse se esquecido de apagar.

Mais um dia e chegaríamos à cidade. Mas então era tarde da noite, e Pop estava me acordando, dizendo que tinha ouvido vozes do lado de fora. A tempestade de areia estava forte demais, arrastando tudo consigo. Eu queria procurá-lo lá fora, mas tinha muito medo de sair. E, quando finalmente consegui deixar o furgão, era tarde demais. Não havia o menor sinal dele ao redor. A

tempestade tinha levado tudo. Nenhuma pegada, nenhuma sombra. Só poeira para onde quer que eu olhasse, entre os milharais e a Cidade Elétrica.

Pop tinha sumido.

Tinha sido levado.

Desaparecido como sal na água.

Então me vi chorando na traseira do furgão. O rosto coberto de lágrimas e poeira, o corpo todo tremendo, e eu percebendo como estava sozinho naquele momento e de como permaneceria assim para sempre.

E o resto era só vazio.

## CAPÍTULO 14

Quando abri os olhos, senti o corpo molhado e trêmulo. Já não usava mais aqueles óculos e estava do lado de fora da caixa de metal, jogado em um canto da tenda, com o tacão da bota de Frost enterrado nas minhas costelas.

– Foi só isso? – perguntou Frost. – Não havia mais nada?

– Isso é tudo – respondeu o cigano.

Fiquei observando os dois conversarem, mas continuei deitado, tentando imaginar uma maneira de escapar dali.

– Então ele não tem nenhuma utilidade para mim – disparou Frost. Estavam olhando para uma tela dentro do *container*, com a porta aberta, mas agora o Tripnotizador a tinha fechado, guardando ali minhas memórias.

– O pagamento de sempre? – quis saber Frost, e o cigano sorriu, enquanto o observava tirar um pacote do bolso de trás e atirá-lo ao chão. Aí Frost abaixou, aproximando-se de mim, e sacou a faca para que eu pudesse dar uma boa olhada nela. O cabo perolado parecia ter sido, no passado, uma peça toda trabalhada, mas agora estava liso e gasto. A lâmina brilhava à luz pálida.

– Então quer dizer que o seu velho deu no pé e deixou o filhote imprestável para trás, não foi? – Frost simulou uma expressão de pena.

– Ele não fugiu – eu disse, batendo os dentes de frio. – Alguém o sequestrou.

O filho da mãe deu risada. Depois alisou a lâmina da faca com um dos dedos rechonchudos. Ele se ajoelhou no meu peito, como tinha feito algum tempo antes, e colocou a mão no meu rosto, forçando minha cabeça para baixo enquanto eu tentava resistir.

– Sabe de uma coisa, Banyan? Eu pretendo me encontrar com o seu papaizinho. Mas não precisa se preocupar. Vou dizer que você manda lembranças.

– Deixa o moleque para lá. – Crow apareceu ao nosso lado, falando com sua voz de trovão.

Frost fez uma pausa, com a faca pressionada contra minha garganta. E preendi a respiração.

– Alguma novidade? – perguntou Frost.

– Positivo. Há um em Vega. E o caminhão está pronto para partir. Então, por que você não esquece esse garoto de uma vez por todas? A senhorita Zee já está de volta, e você não vai querer manchar suas mãos com o sangue dele.

– Sabe de uma coisa, meu nobre segurança? – Frost ficou de pé. – Você tem toda a razão.

Então, jogou a faca para o guarda-costas.

– É melhor  *você*  cuidar dele – disse o desgraçado, encaminhando-se para a saída. – Talvez assim você se lembre de não ser tão descuidado da próxima vez.

Olhei ao redor. Nenhum sinal do Tripnotizador. Nem de Zee ou da mãe.

Só eu e Crow, sozinhos naquele barraco imundo. Como nos velhos tempos.

Ele veio na minha direção, balançando negativamente a cabeça. Fiquei de joelhos e avistei a saída, sem tirar o olho do grandalhão,



cada vez mais perto. Mas eu estava cansado demais e demorei a tentar tomar alguma atitude. De qualquer modo, não havia muito a fazer. Crow já estava diante de mim, olhando para a faca, sentindo o peso dela com a mão.

– Eu avisei que era melhor você não aprontar nada, baixinho. – Crow continuava balançando a cabeça, como se realmente não estivesse satisfeito por ter de me matar. – Então por que diabos você resolveu aprontar, hein?

Não respondi nada.

– Por que não cuidou apenas da sua floresta? – Dizendo isso, ele olhou para a saída. Então ergueu a faca acima da cabeça e a atirou para baixo, na minha direção. A lâmina girou ao atravessar o ar e, no instante seguinte, estava cravada no chão, bem ao meu lado.

Crow se abaixou e arrancou a faca do solo. Depois limpou a lâmina no tecido trançado em sua barba e olhou no fundo dos meus olhos. Ele colocou os óculos escuros e se levantou.

– Vejo você na próxima, baixinho – disse Crow, enquanto caminhava para a saída, e fiquei ali, imóvel, observando o segurança desaparecer através da cortina na luz do dia. Eu não conseguia acreditar no que tinha acabado de me acontecer.

Alguns segundos, talvez. Foi esse o tempo que permaneci parado, sentindo o coração praticamente abrir um rombo no meu peito. Então me levantei e fui até a saída. Eu me arrastei pela areia e levantei a cortina o bastante para poder espiar o mundo lá fora.

Tudo continuava no lugar – o sol, a poeira, o vento. Coloquei os óculos de proteção e tossi ao respirar o ar imundo. Ainda era possível ver as pessoas abrirem caminho para o caminhão que

descia a rua fazendo um barulho ensurdecedor, cuspiendo fumaça e diminuindo mais e mais de tamanho conforme se distanciava.

– Venha aqui para fora, garoto. – O Tripnotizador estava deitado em uma rede de plástico na esquina, fumando um cachimbo com cristal.

– Então é assim que ele paga? – perguntei, aproximando-me e apontando o cachimbo cheio daquela porcaria.

– Este aqui é do bom, meu chapa. Mas não tem o bastante para dividir. Nem adianta pedir.

– Ele também costuma entrar lá? – eu quis saber, de repente.

– O gorducho?

– É.

O Tripnotizador balançou negativamente a cabeça. – Só a senhora bonita. E a filha, vez ou outra.

– Zee? – Eu me surpreendi. Ainda não sabia ao certo se ela, entregando a história do meu pai a Frost, tinha me traído ou estava apenas tentando ganhar tempo. De qualquer modo, eu estava sozinho novamente. – O que ela viu?

– Escuta só, carinha. Posso até estar alto como a copa de uma das árvores que você constrói, mas não tenho o hábito de sair por aí abrindo as memórias dos meus clientes para qualquer um. Muito menos para um pé-rapado como você, que não tem nada para dar em troca.

– Ela vê a Muralha também? – perguntei, inclinando-me para ficar mais próximo do cigano.

– A Muralha? – Ele deu risada, depois começou a tossir. – Isso é só o começo, meu irmão. Agora, vê se deixa disso e tenta relaxar. Essa mulherada nunca faz sentido mesmo...

– Quanto você cobra? – perguntei. – Por uma sessão?

– Mais do que você pode pagar, carinha. E eu não me amarro muito em florestas.

– E um livro? Você toparia negociar?

Ele me encarou por um momento. – Depende da qualidade – disse, pensativo. – E do tamanho.

– Você sabe ler?

O Tripnotizador fez que sim com a cabeça, seus olhos brilhavam por causa do cristal. – Do que você quer se lembrar?

– Não é para mim – eu respondi, ficando de pé. – Mas me dê duas horas. Eu tenho alguém que está pronto para viajar para longe. O mais longe possível.

## CAPÍTULO 15

Quando voltei para o ferro-velho, o rastafári estava bem acordado, trepado em cima do meu carro e cantando uma canção sobre a Babilônia. O Caolho, dono do lugar, ergueu as sobrancelhas ao me ver chegar, demonstrando toda a sua surpresa com o convidado inesperado. Eu só o cumprimentei com um aceno e um sorriso, como se tudo estivesse na mais absoluta normalidade. Então subi em cima do carro para conversar com meu mais novo camarada maluco.

– Eu preciso que você me diga onde viu meu pai – expliquei. – Preciso que você se lembre de algumas coisas.

O rastafári parou de cantar e olhou para mim. – Ah, eu me lembro muito bem! A Terra Prometida. Do outro lado das águas.

– Mas como você conseguiu chegar até lá?

O velhote sorriu e apontou para norte, sul, leste e oeste. – O rei.

– O rei... – sussurrei, estudando seu rosto enrugado. – Vamos fazer uma viagem – disse a ele. – Você e eu.

– Agora mesmo, meu senhor. Agora mesmo.

Eu o ajudei a levantar e nós dois ficamos de pé sobre a lataria do carro tentando manter o equilíbrio e descer sem derrubar a sucata que estava em toda parte ao nosso redor.

Fiquei pensando que a tatuagem na barriga da mulher de Frost e a pele de madeira do velho rastafári eram mais ou menos como passagens para algum lugar. E que, embora Frost pensasse que a

tatuagem era a chave do mistério, o velhote acabaria se provando mais importante. E Frost nem sabia da existência dele.

Não ainda, pelo menos.

Também pensei em Zee. Agora, eu já não sabia mais de que lado ela estava. Para ser franco, confesso que eu torcia para que, no fim das contas, ela estivesse do lado de Frost. Pois, se não estivesse, a coitada teria sérios problemas.

O sol estava se pondo quando aparecemos na tenda do Tripnotizador. Espiei pela cortina na entrada, mas foi perda de tempo. O cigano estava exatamente no mesmo lugar onde eu o tinha visto pela última vez, deitado na rede, coberto de poeira e sujeira, dormindo enquanto o efeito do cristal diminuía.

Bati em seu ombro para acordá-lo, e ele, tremendo de frio, puxou o xale sobre os ombros. – Quer mais uma dose? – perguntei, sacudindo meu livro no ar. – Você pode ler ou, então, trocar por algo.

O cigano sentou na rede e apanhou o livro da minha mão. – “Os diários de Lewis e Clark” – ele leu na contracapa. – “O primeiro relatório sobre o Oeste, do outro lado das montanhas e muito além do pôr do sol, desbravando o futuro dos Estados Unidos.” – Então olhou para mim. – É uma história real?

Eu não fazia a menor ideia.

– Acho que isso aqui pode comprar uma viagem – ele disse, ficando de pé. – Mas uma só.

– Tudo bem – respondi. – Uma é tudo o que eu preciso.

Os olhos do velho rastafári se arregalaram quando a porta do *container* se fechou com nós dois dentro dele. Estávamos espremidos no canto, olhando para a tela vazia sobre nós.

– Não se preocupe – eu disse, tentando tranquilizá-lo. – Você vai adorar isso. Só faça o que o homem diz.

O rasta deu um sorriso amarelo, e, do outro lado da caixa, o Tripnotizador zombou de mim, com uma expressão no rosto que me dizia quanto ele achava que aquilo seria uma completa perda de tempo.

– E pelo que estamos procurando? – perguntou o cigano, sob a luz azul.

– Sião – respondi. – A Terra Prometida.

– Você só pode escolher um caminho.

– A Terra Prometida, então.

O cigano digitou as palavras em seu teclado enquanto eu colocava os óculos na cabeça do meu amigo.

– Relaxe – eu disse ao velho quando a música preencheu o ambiente. Seu rosto então relaxou totalmente, sua língua caiu para fora, e eu soube que tinha começado.

Eu me inclinei para trás e olhei para cima, para a tela no teto.

Nada.

Preocupado, olhei para o Tripnotizador, que só ergueu a mão, pedindo-me um momento, e apertou mais um botão no painel de controle.

E aí começou.

As árvores estavam começando a parecer familiares para mim – primeiro a tatuagem, depois a fotografia e agora isso.

As memórias do velho rasta flutuavam na tela e fiquei observando as folhas serem levadas pelo vento e os galhos chacoalharem enquanto as árvores balançavam para trás e para a frente. Olhei bem para a base dos troncos esbranquiçados e, depois, para os galhos no alto. Mas não vi ninguém. Ali, não havia nada além da floresta.

Quando as árvores desapareceram da imagem, elas foram substituídas pela água. Eu até podia prever que isso aconteceria, mas ainda assim a visão da água me deixou desconcertado. Ela se estendia até onde os olhos conseguiam enxergar e era tão calma que dava para contar as ondulações.

Águas profundas e tranquilas. Absorvendo o sol e refletindo as cores da noite. O rastafári também observou o próprio reflexo na água, e seu rosto era mais jovem, sua barba bem mais curta e menos tingida de grisalho. Outro rosto apareceu ao seu lado. Um rosto sem pelos. A pele clara, esticada sobre ossos pontudos. E aquele rosto começou a se multiplicar até eu não conseguir mais ver a água; mesmo o reflexo do seu rosto acabou encoberto.

A tela ficou branca. Novamente vazia, a não ser por uma única palavra. Uma palavra que até eu sabia ler. Era a palavra impressa em cada embalagem de milho, cada garrafa de bebida. Cada galão de combustível. A mesma palavra que crescia junto com cada grão de milho, estampada em letras roxas em cada espiga, para você nunca esquecer quem a havia cultivado.

A palavra parecia pulsar na tela, até que ficou parada, brilhando diante de mim, antes de a tela ficar completamente preta.

– GenTech – sussurrei. – GenTech.

## CAPÍTULO 16

– Eu não sei se isso importa – disse o cigano, pressionando alguns botões no painel e desligando a máquina –, mas “Terra Prometida” não funcionou muito bem para ele. Talvez se você tentasse “Sião” as coisas fluíssem melhor e levassem mais longe.

Olhei para o rastafári, ainda estirado na cadeira. Tentei balançá-lo de leve para despertá-lo; depois dei a volta e tirei seus óculos. Mas ele não queria acordar.

Nunca mais.

A língua caída e os olhos virados para trás eram indícios suficientes.

– Não, por favor – murmurei, sem querer acreditar. Mas não havia mais jeito. Fechei seus olhos e o coloquei sobre meus ombros. Por sorte, o cigano estava de costas para nós, pois, sem mais nem menos, eu comecei a chorar enquanto passava pela porta.

Era como se eu estivesse flutuando enquanto me movia, sentindo um nó na garganta. Respirei fundo e inalei o fedor dos velhos *dreadlocks*. O corpo, rígido e contorcido, estava começando a ficar pesado. Meu Deus! Era tudo culpa minha. Afinal, eu praticamente o tinha forçado a entrar naquele lugar. Afinal, eu nunca tinha chegado a perguntar se ele queria mesmo fazer aquilo. A experiência havia sido forte demais para o pobre homem. Agora ele estava morto e eu era o assassino. Aquele devia ser o sujeito mais velho que já havia cruzado o meu caminho.



E ele conhecia meu pai. De algum jeito. Da sua maneira meio insana, ele o conhecia. Os dois haviam sido levados juntos para algum lugar.

Mas agora o rastafári estava morto.

E foi o cigano quem fez tudo. Foi aí que me dei conta de que o Tripnotizador também tinha culpa. Afinal, era ele quem sabia dos riscos da viagem. Ele devia ao menos ter falado sobre eles. O maldito havia me passado a perna.

Depois de ter colocado o corpo do velho na traseira do furgão, resolvi parar de choramingar e limpei meu rosto com um trapo sujo. Pop sempre tinha me dito que eu era construtor, e não lutador. Mas Pop não estava mais lá, estava? Então peguei a pistola de pregos e corri para dentro da tenda.

– Você matou o coitado! – disse, assim que botei o pé ali. E, quando o Tripnotizador se virou para mim, eu já estava com a pistola de pregos apontada em sua direção. – Seu viciado filho da puta!

– Que diabos você pensa que vai fazer com isso aí, garoto?

– Você é quem sabe – respondi. – Eu posso encher essa sua carcaça podre de pregos, ou então você pode me devolver o meu maldito livro e continuar inteiro.

Nas planícies de areia fora da cidade, queimei o corpo do velho rasta. O cheiro era nojento, mas não me deixou tão enjoado quanto no momento em que tive de arrancar o pedaço de casca de árvore da barriga dele.

A madeira devia ter uns dois centímetros de espessura e estava bem colada à pele. Fui obrigado a arrancá-la aos pedaços, mas

acabei conseguindo tirar ao menos uma lasca grande. O restante, eu joguei ao fogo. Foi uma grande emoção assistir à madeira queimar, estalando entre as chamas, cuspidando fumaça no ar. Por fim, espalhei as cinzas pela areia e esperei a noite cair sobre mim.

A madeira era macia e esponjosa, e fiquei passando os dedos nela, arrancando as últimas tiras de pele. Pele e madeira. Um pedaço de homem e um pedaço de árvore. Pensar nisso fez meu estômago revirar. Mesmo assim, não consegui parar de mexer naquilo.

Sentado no chão, fiquei observando a cidade ao longe. Era uma noite quente, sem vento, e o ar estava tão limpo quanto era possível ficar.

Olhei para as estrelas, pensando no meu pai e sentindo entre os dedos o pedaço de casca de árvore, todo irregular, grosseiro e macio. Imaginei se aquilo seria o mais próximo que eu conseguiria chegar de uma planta de verdade até o fim dos meus dias. Isso fez que me sentisse triste e impotente. Pois eu estava cercado de pistas. Sabia que estava. Só precisava descobrir uma maneira de conectar tudo. Quando o fogo terminou de queimar, eu sabia que tinha que ir para o oeste.

Foi no oeste que meu pai acabou arrancado de mim. Além dos milharais, perto de Vega – a cidade responsável por sugar a maior parte do combustível produzido e guardado a sete chaves pela GenTech. Além disso, a Cidade Elétrica parecia ser a próxima parada de Frost e Crow. “Há um em Vega”, Crow tinha dito a Frost. Mas um o quê? O que afinal poderia ajudá-los a achar as árvores que os dois queriam tanto vender?

Zee tinha razão. As pessoas pagariam qualquer coisa por uma floresta. As últimas árvores reais da face da Terra. Comida, combustível e não sei mais que riquezas à disposição de quem conseguir chegar lá. De duas, uma: ou o lugar é livre de gafanhotos, ou as árvores de lá são capazes de resistir a eles. De qualquer maneira, todo mundo ia querer conhecer o tal lugar.

O problema é que ninguém pode pagar tanto quanto a GenTech. Nem de longe. Nem mesmo a velha tribo de Crow no Niágara, embora eles ganhem bom dinheiro vendendo água. E, claro, dizem por aí que a Liga de Restauração ainda tem uma porção de preciosidades guardadas do mundo de antigamente, mas não devem ser tantas quanto as histórias contam. Quanto à GenTech, eles podem facilmente enriquecer um homem se este tiver a informação certa para vender.

Ou podem conseguir a informação de que precisam e depois cortar a garganta do sujeito que tentou vendê-la.

No último trabalho que fizemos juntos, antes de Pop ter resolvido ir para o oeste, nós vimos uma cliente ser arrancada à força da própria casa por um agente com uma cicatriz enorme, que a chamava de criminosa e a acusava de contrabandear milho por todo o sudeste. Ele a surrou com o cassetete até os gritos da cliente se transformarem em silêncio. Quando tudo terminou, Pop me pediu para terminar o pinheiro de plástico que estávamos construindo para ela, e depois enterramos a mulher à sombra dele. E, quando resolvi perguntar o que era contrabando, Pop disse que era só outro jeito de dizer que você acabaria sendo assassinado.

Mas acabei aprendendo sobre os contrabandistas. São pessoas boas. Corajosas. Um tipo raro de gente rica que tenta ajudar os

outros. Doam milho para quem precisa ou então vendem com desconto, e a GenTech definitivamente não gosta disso.

Enquanto estava ali sentado, comecei a me perguntar se aquelas árvores eram algo para ser dividido, se todos deviam ficar sabendo sobre elas. Talvez as árvores preferissem continuar escondidas em um lugar onde ninguém pudesse estampar logotipo algum em seus galhos e folhas. Um lugar para esquecer tudo o que havia ficado para trás.

Que droga! Talvez aquelas árvores fossem mesmo Sião. A Terra Prometida de que todos falavam e que ninguém conseguia achar. Com grama, animais, água limpa e ar puro para respirar. Igual ao que as histórias contavam. Mas eu disse a mim mesmo que nada disso fazia diferença. Não ainda. Pois nenhum futuro faria diferença se eu não pudesse salvar o meu pai.

Todas as pessoas precisam ter algo em que acreditar, era o que Pop sempre falava. Ele havia passado a vida toda tentando fazer do mundo um lugar onde valesse a pena viver. E eu não poderia me perdoar se o deixasse morrer sozinho em algum canto desconhecido.

Meus nervos estavam prontos para entrar no furgão e dirigir sem parar rumo ao oeste. Mas eu precisava de suprimentos. Precisava de milho para comer e suco para encher o tanque do carro. O problema era que não tinha nem um tostão furado para pagar por isso.

E foi assim que decidi que ainda devia fazer uma última visita à casa do bom e velho Frost.

A primeira coisa a fazer era colocar munição na minha arma. Eu tinha uma caixa cheia de pregos de três polegadas, novinhos em folha, capazes de fazer um belo estrago. Com a arma carregada, resolvi que era melhor guardar o pedaço de árvore no bolso, o mais próximo possível de mim. Então, parti em direção à casa de Frost. Antes que o sol resolvesse nascer.

De longe, chequei o lugar com o telescópio que costumava usar para mostrar a copa das árvores aos clientes. Como tudo parecia tranquilo, fui direto para o galpão ao lado da casa, usando a pistola de pregos para arrebentar a fechadura. Já dentro, notei que o equipamento que Crow usava para fermentar o combustível não estava mais ali. Isso significava que eles tinham partido. Como eu imaginava.

Mesmo assim, ainda encontrei um galão de suco e depois mais cinco. Então corri para os fundos da casa. Achei mais prudente bater na porta e esperar alguns segundos, com a arma em punho, pronta para disparar se fosse necessário – só para o caso de estar enganado e ainda haver alguém lá.

Mas nenhum ruído quebrou o silêncio da noite. Bati de novo, com toda a força, como se a porta de aço fosse um maldito tambor. Tão forte que achei até que tinha quebrado a mão.

Ainda nada, nem ninguém.

Assim sendo, trouxe o furgão para mais perto e peguei o maçarico. Com ele, fiz um buraco na porta, ao redor da fechadura. Bastou empurrar com o pé, e a peça de aço se abriu diante de mim. Tirei os óculos de proteção e entrei na casa, passando por cada um de seus ambientes, com a arma de pregos em punho.

Tudo vazio. Cada maldito cômodo. O escritório de Frost estava completamente limpo.

Peguei o máximo de pacotes de milho que consegui e joguei tudo na traseira do furgão, junto com os galões de combustível. Enterrei meu livro e o pedaço de madeira em uma caixa de pregos e, quando estava com tudo pronto, estacionei o furgão no terreno, camuflado entre os montes de sucata.

O sol estava quase de pé e eu já tinha passado duas noites sem dormir. Peguei a pistola de pregos e um pacote de milho quentinho e voltei para a casa, direto para o quarto onde havia encontrado Zee dormindo na noite anterior. Estiquei os ossos na cama – uma cama de verdade – e comi o milho, antes de tentar dormir um pouco.

Mas, quando abri os olhos, Sal estava sentado ao meu lado. E a minha arma estava em suas mãos suadas.

## CAPÍTULO 17

O sol já estava alto, castigando a terra com seus raios ferventes, e eu continuava enrolado nos lençóis, meio acordado, meio dormindo. Quando vi Sal parado ao meu lado, com a pistola de pregos na mão, despertei na mesma hora.

– Que diabos você acha que está fazendo, moleque? – perguntei, olhando seu dedo gorducho alisar o gatilho da arma.

– Esta é a minha casa, fazedor de árvores. A verdadeira questão é o que *você* está fazendo aqui.

Abri um sorriso, tentando dar a impressão de que nós dois éramos bons amigos e de que ele simplesmente tinha se esquecido de quanto gostava de mim. Mas Sal não devolveu o sorriso. Ele só ficou torcendo os lençóis e fuçando a arma.

– Sabe de uma coisa, Sal? – eu disse. – Acho que eu só precisava de uma boa noite de sono antes de terminar de construir a floresta lá fora.

– Sono, não é mesmo? E um pouco de combustível, pelo que parece.

– É... eu já estava ficando sem.

– Também um pouco de milho, não? Você devia estar com fome.

– Isso mesmo.

– Engraçado. Porque eu já estava pensando que você não passava de um ladrãozinho sem vergonha.

Até tentei começar a me explicar, mas Sal deu um pulo para fora da cama e apontou a pistola de pregos para a minha cabeça.

– Calma aí, Sal – eu disse, naquela altura já morrendo de medo. – Você não quer fazer nenhuma besteira, quer?

– Meu pai contratou você para construir árvores e não para roubar a nossa comida e o nosso combustível. – O garoto apontou a arma para cima e disparou, acertando um prego no teto de metal. Então começou a rir e disparou mais um enquanto gritava:

– Você sabe para que serve a marca que o meu pai fez lá fora? Aquele X vermelho bem no meio da sua floresta?

Eu fiz que não com a cabeça.

– Meu pai vai plantar uma árvore de verdade bem ali, no meio das suas cópias fajutas.

– Então é isso.

– Pode apostar que sim. E vamos ficar mais ricos do que você pode imaginar.

– Não sei – respondi. – Eu consigo imaginar gente muito rica.

O moleque deu um sorriso irônico e apontou a arma para mim de novo. O plano agora era agir o mais naturalmente possível, tentando parecer tranquilo em relação a tudo aquilo, esperando que em algum momento ele baixasse a guarda.

– Seu pai deve mesmo gostar muito de você, para querer ficar tão rico – eu disse. – Um sujeito pode acabar morto procurando por algo que todo mundo quer, mas que ninguém consegue ter.

– Não – respondeu Sal, em voz baixa, deixando a arma cair no chão. – Meu pai sempre disse que me levaria com ele. Mas agora eles foram embora. Todos eles. Todos menos eu.

– Talvez só quisessem que você olhasse as coisas por aqui. Tomasse conta da casa.

Sal fez careta. – Ou talvez eles não estejam nem aí para mim.



Fui em frente e me levantei, caminhei devagar e peguei a arma do chão. Enquanto isso, o gorducho ficou apenas me observando.

– E você? Não está a fim de procurar umas árvores por si mesmo?  
– perguntou o garoto, olhando nos meus olhos.

– Procurar árvores? – Apertei a arma contra o peito dele e o empurrei para baixo, fazendo-o ficar de joelhos. – Não é boa ideia ficar brincando com isto aqui se você não for usar de verdade, moleque.

– Eu não sou moleque – ele sussurrou, com as bochechas tremendo e os olhos marejados, prestes a cair no choro.

– Calma aí, garoto – eu disse, mudando o tom e tirando a arma de cima dele. – Você tem milho suficiente para passar o inverno todo. Espere aqui e seu pai vai voltar. Mesmo que seja de mãos vazias.

Eu já estava saindo do quarto quando Sal me interrompeu. – Você tem razão – ele disse, ainda de joelhos. – Meu pai não vai achar coisa alguma. Ele está ferrado. E não tem nem ideia disso.

– É mesmo? – perguntei, virando-me de volta para ele. – E posso saber por quê?

– É simples. Ele está procurando no lugar errado.

Frost tinha deixado para trás uma garrafa de aguardente de milho, e agora Sal estava bebendo, sentado no meio das panelas e vasilhas sobre balcão da cozinha, no andar de baixo. Eu ainda tinha a pistola de pregos na mão, mas o garoto estava contando tudo sem que eu precisasse apontá-la para ele. O que não era nada mau. Ficar ameaçando as pessoas com aquele negócio deixa um gosto ruim na boca.

– São os números. – Sal deu um gole na bebida, parecendo uma versão em miniatura do pai. – Na árvore. Há números em cada uma das folhas.

– E daí?

– E daí que existe uma coisa chamada GPS, espertinho.

Eu não fazia a menor ideia do que ele estava dizendo.

– É mais ou menos como um mapa – disse Sal. – Ou uma bússola. Você coloca as coordenadas que quer achar e o GPS diz onde elas estão.

– E você acredita nessa conversa?

– Dizem que há coisas voando lá em cima – continuou. – Girando em torno do planeta, fora do alcance dos nossos olhos. Nos velhos tempos, eles chamavam essas coisas de satélites. São eles que dizem ao GPS onde os lugares estão.

– E basta você colocar os números nesse tal de GPS?

– As folhas viradas para cima estão marcadas com as coordenadas a norte. Você soma tudo, depois subtrai pelos números do sul, que estão nas folhas que apontam para você sabe onde. – Dizendo isso, o garoto caiu na risada, roncando pelo nariz, como se tivesse parado de respirar. – As coordenadas a leste e oeste, você descobre do mesmo jeito, subtraindo os números das folhas viradas para os lados.

– E como você sabe dessas coisas?

– Crow está pesquisando esse negócio há anos. Ele conhecia a história antes mesmo de ter encontrado aquela mulher.

– Então é só uma história. Não significa que seja verdade.

Sal olhou para o teto, como se eu tivesse acabado de dizer uma besteira inacreditável. – É claro que é verdade, fazedor de árvores.

Se até a GenTech acredita! Só que Crow nunca chegou a descobrir a última tatuagem. E é aí que está o problema.

– Última tatuagem? Que história é essa?

– Quer dizer então que você não a encontrou na sua pequena aventura na madrugada? – Sal deu outra risada. Seu rosto se contorcia totalmente, coberto de suor. – A última tatuagem é de Zee, seu idiota. É pequena e está bem escondida. Nem ela mesma deve saber que a última peça do quebra-cabeça está tão perto.

O garoto se levantou e deu as costas para mim, colocando um dos dedos rechonchudos bem acima do seu cofrinho, que estava à mostra.

– No começo das costas – Sal disse. – Bem aqui. E a folha aponta para baixo.

– Como você conseguiu ver isso?

Sal se virou e piscou para mim. – Eu avisei que ela não era minha irmã.

Escutando isso, eu devia ter ido embora na mesma hora, certo?

Mas o garoto continuou falando. – Isso quer dizer que o lugar para onde eles estão indo fica ao norte do lugar certo. Os idiotas precisam da correção. Precisam da última tatuagem. Se você arranjar um GPS, eu posso levar a gente para lá.

– Como? Você não pode ter decorado todos os números.

– Mais uma vez você está enganado, fazedor de árvores.

Sal me levou até o escritório vazio de Frost. Estava tudo do mesmo jeito. A mesa completamente limpa, o aparelho de TV desligado. Mas então ele me cutucou e apontou para o teto.

– Ela é incrível, não é mesmo? – murmurou. Eu não sabia ao certo se Sal falava da mulher ou da árvore. Mas, acima de nós, colada ao

teto, havia uma porção de fotos do corpo da mulher de Frost, arrumadas como se fossem peças de um quebra-cabeça. A mulher estava com os olhos fechados e a blusa erguida, a tatuagem parecendo mais viva que nunca.

– São números demais – eu disse, abaixando-me e esticando o pescoço.

– E tenho todos eles guardados aqui dentro. – Sal bateu com o dedo indicador na testa. – O da Zee também. Mas é melhor nós levarmos as fotos, só por segurança.

– Como assim, “nós”?

– Eu já expliquei. Você arranja o GPS, e eu cuido de chegar ao lugar certo.

– Claro. Um GPS. Você quer mais alguma coisa impossível de achar ou só isso já está bom?

– Se Crow conseguiu achar um, então nós também podemos.

Aquele moleque safado estava conseguindo me convencer. – Só existe um lugar onde vale a pena procurar.

– Vega.

Olhei para o teto, estudando a árvore. – E se você me contasse qual é o número que falta? – perguntei. – A correção.

Sal balançou negativamente a cabeça. – Eu nunca vou dizer. – Ele deu uma olhada para a arma na minha mão. – Como vou ter certeza de que você vai me levar junto?

– Você não é nada bobo, não é, garoto?

– Exatamente. – Sua voz ficou áspera. – Você precisa de mim. Assim como eu preciso de você. Juntos, podemos achar essas árvores, Banyan. É isso o que você quer, não?

Ele tinha razão. Era tudo o que eu queria. Aquela floresta podia trazer meu pai de volta e me dar uma nova vida. Um futuro que só a Terra Prometida podia garantir. Eu sabia que faria qualquer coisa para chegar lá.

Qualquer coisa mesmo.

# PARTE DOIS



## CAPÍTULO 18

A rodovia 40 é a única estrada que leva para o oeste, direto para Vega. Isso se você tiver sorte.

Atravessar as planícies nos meses quentes é arriscar que os gafanhotos devorem a sua carne assim que você chega aos milharais. É preciso esperar o inverno, quando o milho se fecha por causa do frio. Os insetos não saíram de novo até a primavera, e aí a rodovia 40 se torna um bom caminho. Mas ainda restam os piratas. E os gatunos.

Além disso, você tem de rezar para não ser sequestrado. É claro que as pessoas desaparecem em toda parte. Na maioria dos lugares que visitei, fiquei sabendo de alguém que sumiu sem ter deixado nenhuma pista. Mas é pior nas planícies. Assim como é pior o calor, a poeira e a ventania, que parece não parar nunca.

Alguns trechos da estrada são bons, com o velho asfalto conservado, parecendo um tapete sob os pneus. Mas, na maior parte do caminho, é preciso ir devagar. Por um lado, é perigoso derrapar na poeira; por outro, ela se espalha pelos ares, cobrindo os vidros do carro. Às vezes, não resta outra opção senão dirigir completamente às cegas.

Assim que entramos no furgão, Sal encontrou a câmera e a bolsa cheia de fotos que Zee havia deixado embaixo do banco do passageiro. Enquanto seguíamos rumo ao oeste, ele brincava com a câmera, tirando fotos da paisagem devastada ao nosso redor.

– Você não devia desperdiçar as fotos – eu disse, enquanto ele observava mais uma imagem borrada se formar no papel.

– E posso saber por quê? – Ele se voltou com a câmera e tirou uma foto de mim com as mãos no volante.

– Porque essa porcaria não é sua.

– Tanto faz – ele respondeu, sacudindo o papel fotográfico. – Banyan, que árvores você acha que devem crescer por lá? – Agora ele estava com a câmera dentro da camiseta, tirando fotos da própria barriga.

– Que diferença isso faz, garoto? Para quem não tem árvore nenhuma, o que vier é lucro.

– Eu li sobre elas nos livros. Macieiras, bananeiras, mangueiras... Cada uma é diferente da outra. Ei! – Sal estava de novo com a câmera apontada para mim. – Sorria.

Aproveitei a chance para arrancar a câmera da mão do gorducho e enfiá-la embaixo do meu banco. A brincadeira tinha acabado. Depois disso, Sal não demorou para ficar entediado e cair no sono, com a cabeça encostada na janela, quicando a cada solavanco que o carro dava, e com baba escorrendo pela boca.

A bolsa aos seus pés estava aberta e me estiquei para pegar as fotos que havíamos arrancado do teto do escritório de Frost. As coordenadas estavam ali, escondidas nos números inscritos em cada folha da árvore tatuada na pele da mulher dele. Então peguei as fotografias que Zee tinha tirado. Entre as imagens de Crow e Sal, havia fotos minhas, de quando estava trabalhando na floresta. Eu mal me reconheci naquelas imagens, o rosto tão compenetrado, as mãos enterradas no trabalho.



Chequei o nível do combustível e concluí que estávamos indo bem, considerando que o peso do carro tinha aumentado com os galões de suco, os pacotes de milho e o moleque babão ao meu lado. Mais um dia, e estaríamos no meio das planícies, atravessando os milharais – aquela região gloriosa, com plantas de dez metros de altura, gatinhos de milho, trabalhadores do campo e agentes da GenTech. Mas ainda não era possível contar muito com isso. Ainda não. Pois, entre as nuvens de poeira, eu avistei adiante os primeiros sinais de problema.

Piratas.

Um bando deles.

Eram dois caminhões. Os desgraçados estavam aterrorizando um grupo de batalhadores que, em busca de trabalho, viajava para Vega. Só Deus sabe o que aquela gente estava passando, tentando percorrer a rodovia a pé, mas então me dei conta de que não deviam ter começado a viagem daquela maneira. A verdade é que, quando você pega a estrada, qualquer coisa pode acontecer.

Eu bem que tentei calcular a distância entre eles e nós, mas a poeira cobriu a pouca visão que se podia ter do que nos aguardava à frente.

– Ei, garoto, pode acordar! – gritei, alto o bastante para Sal bater a cabeça no vidro de susto. – A gente tem companhia!

O gorducho não conseguia ver nada além das nuvens de poeira, então ficou ali parado, olhando para mim sem entender nada. – Eles não se parecem em nada com mercadores – expliquei. – E somos uma presa e tanto. – Enquanto esclarecia a situação para Sal, eu estacionava o furgão à beira da estrada.

– E o que a gente faz agora? – ele perguntou, em pânico. – Você acha que eles já nos viram?

– Com certeza já viram. Os piratas percebem tudo o que acontece na estrada.

Desci do carro e coloquei os óculos de proteção, para conseguir enxergar. A poeira estava dificultando as coisas. Muito. E essa era a notícia boa.

Gritei para Sal tirar aquele traseiro gordo de dentro do carro e lhe mostrei como cavar a areia com as mãos.

– Rápido com isso – eu disse, tentando enxergar entre as nuvens de poeira. – O mais rápido que você conseguir.

Enquanto Sal cavava à beira da rodovia, comecei a trabalhar no motor do furgão, desconectando mangueiras e arrancando peças. Depois, tirei do furgão os galões de combustível, a metade do milho, peguei meu livro e o pedaço de árvore, que guardei na bolsa de Zee, junto com a câmera e as fotos. Coloquei tudo dentro do buraco que Sal estava cavando e cobri de areia.

Tentei ver o que estava acontecendo adiante.

Nada além de poeira.

Verifiquei a pistola de pregos.

– Pelo que eles sabem, só eu estou aqui – eu disse. Sal apenas forçou a vista e se virou para mim. – O que eu quero dizer é que o melhor para você é fugir – expliquei. – Desaparecer daqui. Vá naquela direção e depois se abaixe em algum lugar. Só não vá muito longe, porque do contrário não vai achar o caminho de volta.

Sal nem se moveu. Eu tinha quase certeza de que ele ia começar a chorar. Pensando bem, naquela altura, ele já devia estar chorando.

Peguei nos fundos do furgão os óculos de proteção sobressalentes e os enfiei na cabeça do garoto. – Coloque a camiseta na frente do nariz para poder respirar – eu disse, sentindo o vento aumentar ao nosso redor. Agora mal se enxergava um palmo à frente do nariz. Mas dava para ouvir o barulho de motores. Dois deles. Aproximando-se mais e mais a cada segundo que Sal desperdiçava ali parado.

– Vai logo! – gritei. – Se esconde, moleque!

Ele enfim começou a correr para longe, o mais rápido que suas pernas roliças permitiam. Eu o vi tropeçar e cair, depois se levantar e continuar correndo. Até que desapareceu na poeira.

Na mesma hora, fechei as portas do furgão. Depois, corri para a frente do carro, onde a tampa do capô continuava aberta. Assim que olhei para trás, avistei as formas dos caminhões piratas, com sua pintura escura contrastando com a poeira que tomava conta do ar, aproximando-se a cada segundo.

## CAPÍTULO 19

Eu estava com a arma de pregos na cintura, embaixo da camiseta. Enquanto os piratas se aproximavam, continuei fingindo que mexia no motor. Em dado momento, comecei a escutar música alta. Pelo jeito, estava rolando uma festa. O ruído elétrico de guitarras cortou o ar quando o primeiro caminhão parou na estrada.

O vento acalmou e a poeira baixou um pouco. Quando me virei, fingi estar surpreso com a presença deles e abri o sorriso mais idiota do mundo. Então dei um grito, o mais alto e alegre que consegui. Meu plano era simples: agir como se não houvesse nada para me preocupar.

Cada um dos caminhões tinha nove pares de rodas e um baú sólido na traseira, com armas saindo por cima e apontando para todos os lados. Também reparei na suspensão erguida, nos *graffiti* ao redor de todo o veículo e nas janelas escurecidas.

A música parou de repente, e o motor do caminhão desligou, dando lugar ao silêncio.

Comecei a caminhar para o caminhão mais próximo, balançando os braços no ar. Assim que alcancei a cabine, a porta se abriu com força, e tudo o que vi foram pernas.

Coxas. Meu Deus do céu, elas eram tão fortes quanto lindas! A garota saltou do caminhão e apontou seu nariz quebrado para mim.

Quem já viu um pirata, viu todos. O mesmo cabelo moicano, as mesmas botas de borracha. Se ela era mais velha que eu, não devia ser muito. Mas eram os seus olhos que mostravam a

verdadeira quilometragem que ela já havia percorrido nesta vida, se é que você me entende. No ombro esquerdo, trazia um fuzil pendurado. Os óculos de proteção estavam ao redor do seu pescoço, como se aquela poeira não chegasse a incomodá-la.

– Alguma coisa errada com o furgão? – perguntou a garota, cruzando os braços e olhando diretamente para mim.

– O conversor de energia pifou – respondi. – Parece que é o fusível.

– Para onde você vai?

– Vega.

– Sozinho?

– Por quê? Você quer vir junto? – Ergui os óculos e forcei a vista na poeira, como se eu pudesse me equiparar à garota de alguma maneira. – Um pouco de companhia não seria nada mau.

A pirata jogou a cabeça para trás e riu da minha cara. Seus peitos balançaram dentro do colete rosa felpudo. Então, ela se aproximou de mim e ergueu minha camiseta.

– E isso aqui? Para que serve?

– É uma pistola de pregos.

– Você sempre carrega uma dessas enfiada nas calças?

– Nem sempre.

– Quer dizer então que você é um brincalhão?

– Só estou com o carro quebrado na estrada, maninha – eu disse, seguindo com meu plano inicial. – Existe alguma chance de você ter aí algumas peças para trocar?

– Trocar pelo quê? O que você tem aí atrás?

Um dos caminhões começou a buzinar para nós, e algumas vozes ressoaram através da poeira. Bastou a garota erguer o braço para

silenciarem. Ela então abriu a traseira do furgão e deparou com a minha caixa de ferramentas e os pacotes de milho espalhados. Eu tinha quase certeza de que havia deixado o bastante para parecer real. Um pouco de comida. Um galão de combustível.

– Pegue aquilo ali – ela ordenou, apontando para o galão cheio de suco.

– Para quê?

– Vamos levar junto com você. As ferramentas também.

Na mesma hora, pus a mão na pistola de pregos. O pânico estava tomando conta de mim. Tentei sacar a arma para me defender, mas a pirata foi mais rápida e me acertou com uma joelhada no peito que fez meus braços ficarem moles. Ela pegou a arma do chão e disparou contra meu braço, enfiando um prego tão rápido que não tive tempo sequer para gritar.

Cambaleei para trás e desabei no chão. A dor tomou conta de mim; o braço parecia arder em chamas. Meu corpo se contorcia na areia. A garota pirata me levantou do chão usando apenas uma das mãos, enquanto carregava minha caixa de ferramentas com a outra. Ela simplesmente me arrastou pela estrada, com a maior facilidade, até a traseira do caminhão que estava dirigindo. Meus calcanhares deslizavam no chão e meu braço parecia prestes a explodir. Só o que pude fazer foi olhar uma última vez para o furgão. Por algum motivo, o pior de tudo era ver a porta traseira aberta, balançando ao vento, deixando a areia entrar. Como se o meu velho carro tivesse feito sua última viagem e o mundo estivesse me dizendo que nada dura para sempre.

Nada, Banyan. Muito menos você.

– É melhor tomarem cuidado, meninas – anunciou a pirata na traseira do caminhão, ao mesmo tempo que uma centena de olhos se voltava para mim de dentro dele. – Este aqui gosta de jogar um charme.

Tendo dito isso, ela me ergueu e me arremessou para dentro do caminhão.

E o lugar estava cheio de corpos.

Nada além de pele e ossos, espremidos de medo. Cercados de urina e vômito. Mergulhados em poças de suor no chão. Fedendo a merda, que se acumulava havia uma semana.

Cada parte do meu corpo gritava, tremia e se contraía. Meu braço latejava e minha cabeça girava. Mas não havia escapatória.

Gritei até a boca ficar mole. Tentei fugir. Mas a pirata me empurrou para dentro, e cambaleei para trás, até sentir carne humana embaixo de mim, dedos me apertarem, o aglomerado nojento me absorver de uma vez por todas.

Quando a porta se fechou e a escuridão tomou conta do lugar, eu me virei de um lado para o outro, contorcendo-me, tentando achar ar para respirar. O cheiro era insuportável e quase me fez querer desistir. Mesmo assim, fiz de tudo para não perder a consciência, lutando contra mim mesmo para manter os olhos abertos.

Mas para quê, afinal de contas?

Pois não havia nada ali para ver além de dentes quebrados e pele amarelada. Eu estava cercado de carcaças humanas. Quando o caminhão começou a se mover, perdi o equilíbrio e dei de cara em uma parede. A música voltou a tocar em algum lugar, e o som das guitarras passou a encobrir os gemidos que saíam da minha boca e da boca de cada alma miserável ali dentro. De vez em quando se

ouvia uma voz ou um punho acertava a lataria com força. Era de algum dos capturados mais recentes, eu supunha – alguém que pertencia ao grupo que os piratas tinham atacado havia poucos minutos. Mas a verdade é que, na maior parte do tempo, o medo sufocava qualquer som. Ele nos colocava para baixo, oprimidos na escuridão.

E agora?, perguntei a mim mesmo. O que vem depois disso?

Senti um calafrio atravessar meu corpo suado. Eu era prisioneiro de um bando de piratas. Imaginei meu furgão dominado pela ferrugem, o velho livro se desfazendo com o passar dos dias e o pedaço de casca de árvore virando pó. As fotos de Zee se apagariam, reduzindo-se a um punhado de restos de nada, sem a menor importância. Assim como meu pai – e não apenas na fotografia. Ele seria assassinado na primavera, e eu provavelmente morreria antes disso. E não haveria ninguém na face da Terra para se lembrar de nós.

Eu me virei para a parede e soluzei, chorando. Cutuquei o prego enterrado no meu braço e desejei poder apenas me desligar e não sentir mais nada. Era impossível ficar pior que aquilo.

Engano meu.

De repente, o caminhão parou e a porta se abriu um pouco.

– Esse moleque está com você? – gritou uma mulher para mim.

Eu não me virei para olhar. Não queria ver. Só senti Sal me abraçar e me apertar com força, tremendo de medo. O coitado do moleque gritava tanto que mal consegui escutar a porta bater atrás de nós.



## CAPÍTULO 20

Eles só ouviam um único álbum. Repetidamente. Aumentando o volume sempre nos mesmos trechos das mesmas músicas, até que enfim chegamos ao lugar para onde devíamos estar indo.

Tudo o que eu queria era apagar. Desaparecer. Mas sabia que precisava ficar acordado, prestando atenção. E foi o que fiz – com os olhos fechados, mas os ouvidos bem abertos. Aquele maldito álbum tocou quatro vezes antes de o caminhão parar. Concluí que estávamos viajando fazia cerca de quatro horas. Pela velocidade que o caminhão devia rodar naquelas estradas arrebitadas, calculei que meu furgão estaria a um dia de caminhada. Isso se eu soubesse que direção seguir.

Quando o caminhão parou, comecei a ouvir vozes do lado de fora. Elas gemiam, choravam e engasgavam. Tentei visualizar alguma imagem tranquila em minha mente, algo bom. Então me imaginei de volta ao Tripnotizador, com as árvores crescendo e tudo verde ao meu redor.

De repente, escutei o som de trincos se abrirem, de metal bater em metal, e meus olhos se encheram de água com a luz do sol que invadia o ambiente.

Sal estava agarrado à minha cintura. Eu o afastei e rastejei até a porta. Tentei ficar de pé. Um a um, os piratas foram aparecendo. Só era possível enxergar suas silhuetas escuras contra a luz. Tentei contar os moicanos, os ombros largos e as cinturas rodeadas de bolsas e armas. Só que havia piratas demais ali fora.

Tentando ficar de pé, acabei caindo do lado de fora do caminhão, direto com a cara na lama, que era escura, doce e úmida. Deixei aquele negócio se infiltrar no meu corpo e respirei fundo, para varrer o fedor de dentro de mim. Olhei para o céu brilhante lá em cima e limpei a baba da boca. Então pensei em tentar dizer alguma coisa a Sal, para ver se o garoto se acalmava um pouco.

Mas as palavras simplesmente não saíam.

Contando os dois caminhões, pelo menos mil pessoas tinham sido sequestradas. E só Deus sabia como o bando de piratas tinha conseguido achar tanta gente.

Aqueles que não tinham mais energias para ficar de pé eram erguidos à força ou então acabavam arrastados, enquanto o restante de nós seguia caminhando, atrás da pirata que havia me capturado mais cedo. Ela andava de cabeça erguida e peito estufado, achando-se a mulher mais casca-grossa do planeta, batendo os pés na lama com suas botas de borracha.

Alfa. Era assim que os outros a chamavam. E era essa a palavra que parecia estar costurada, toda torta, nas costas do seu colete felpudo.

Peguei Sal pela mão e o conduzi no lamaçal, dando o melhor de mim para me manter em pé e para descobrir para onde estávamos sendo levados.

O ar ali era tão pegajoso quanto a lama. Eu conseguia senti-lo tocar minha pele, desafiando-me a respirá-lo. Naquela altura do dia, o sol estava baixo, alaranjado, mas o calor não dava o menor sinal de que diminuiria. Além disso, não soprava vento nenhum.

Nem sequer uma brisa. Pelo jeito, tínhamos viajado para o sul. Estávamos em algum lugar quatro horas ao sul da rodovia 40.

À frente, avistei um antigo vilarejo, suspenso por palafitas de pedra, sobre a água marrom. Havia pontes e passarelas espalhadas entre as construções, tudo caindo aos pedaços e remendado com plástico.

Fomos empurrados ao longo de uma rampa, que se erguia sobre o lodo e penetrava no vilarejo. Uma placa surgiu sobre as nossas cabeças.

– O que diz ali? – murmurei, cutucando Sal com o cotovelo.

– Velha Orleans – ele respondeu, olhando para as letras acima de nós. Olhei para o chão e, entre as ripas de madeira e as pedras, enxerguei a água que corria, mais parecendo esgoto a céu aberto.

Aquilo era como estar em uma favela construída pelo diabo em pessoa. O mundo se dissolvendo logo abaixo de nossos pés e você perdido, entre os escombros de dias que não voltariam jamais.

Enterrada no meio da vila, havia outra rampa, mas esta levava para baixo. Fomos forçados a descer e nos amontoar em um fosso úmido e, quando já estávamos todos lá embaixo, as correntes enferrujadas foram puxadas, suspendendo a rampa sobre nossas cabeças e bloqueando qualquer saída.

Olhei ao redor, para os meus companheiros prisioneiros, vendo-os desabar no chão enlameado e cobrir o rosto com as mãos. Tomei coragem e toquei meu braço, sentindo a cabeça do prego no meio da ferida úmida e inflamada.

– O que vamos fazer agora? – perguntou Sal. Mas só olhei para cima, com os ouvidos atentos enquanto uma mulher atravessava a

passarela a passos pesados.

Em algum lugar, um bebê começou a chorar, e, diante daquele fato, o mundo todo pareceu ficar em silêncio. Aí, a rampa desceu novamente, obrigando-nos a sair do caminho. Um par de botas marchou na nossa direção, e, acima deles, eu vi surgirem o colete cor-de-rosa e o nariz quebrado. Alfa se aproximou e pegou o bebê no colo. A criança se acalmou e parou de chorar enquanto a pirata a embalava e brincava com ela, enrolando-a em alguns trapos velhos. Aquilo não era algo que alguém ali pudesse esperar ver. Mas foi o que aconteceu. E foi estranho ver um pouco de ternura aflorar em um lugar tão horrível e decadente.

– Vocês estão a salvo aqui – disse Alfa então. Ninguém esboçou reação alguma. – Pelo menos, por enquanto. Depois, alguns serão negociados. O restante será libertado.

De repente, estavam todos cochichando uns com os outros; mas, no momento seguinte, o silêncio voltou a reinar. Eu queria dizer alguma coisa, gritar bem alto, mas tudo o que fiz foi observar enquanto Alfa apertava a criança contra o peito e subia a rampa para longe de nós, deixando para trás pais que gritavam e imploravam pelo filho.

Negociados. Foi isso o que ela disse. Trocados como uma velha nota de cem ou um item de restauração, um jarro com água ou um galão de combustível. Mas qual seria o nosso valor? Olhei para os corpos imundos ao meu redor, os inúmeros pedaços esfarrapados de carne iluminados pelo luar.

Que utilidade poderíamos ter para alguém, além de nós mesmos?

Fiquei pensando se Pop também havia sido capturado daquela maneira. Mas, naquela ocasião, estávamos perto de Vega, do outro lado dos milharais, e os piratas não costumam agir quando a GenTech está por perto. Além disso, com toda a arruaça que os piratas fizeram mais cedo, havia sido bem fácil perceber a aproximação deles. Quem quer que tivesse levado meu pai havia sido bem discreto. Pop disse ter ouvido vozes, mas eu mesmo não escutei coisa nenhuma naquela noite.

Acabei desistindo de ficar de pé e sentei naquela imundice. Sal desabou ao meu lado, na certa esperando que eu pudesse explicar como havíamos terminado nas ruínas de uma antiga cidade, aprisionados em meio a construções cobertas de lama.

– Esse aí eles vão levar, pode ter certeza de que vão – disse uma voz rouca, às minhas costas. Virei o rosto e deparei com um par de olhos penetrantes. A cabeça do homem atrás de mim refletia o luar prateado, e suas bochechas eram secas e magras. – O gorducho – ele sussurrou, olhando para mim.

– Do que você está falando?

– Ele é novo. E tem um belo bocado de carne.

– Para quê? – quis saber Sal. Sua voz era tão baixa que mal conseguimos escutá-lo.

O sujeito magrelo ergueu os ombros. – Para qualquer coisa que eles quiserem, ué.

– É melhor você ficar com o bico calado – eu disse ao sujeito, dando-lhe as costas. – Sal, não ligue para o que esse cara diz.

Mas Sal já estava soluçando, cerrando os punhos com força.

Tornei a sentir o prego encravado no braço, que ardia e latejava. Eu sabia que não poderia deixar aquela porcaria enfiada ali muito

mais tempo. Não restava outra opção além de arrancá-lo com meus próprios dedos. De manhã faço isso, disse a mim mesmo, afastando-me um pouco de Sal e me deitando, na esperança de conseguir dormir um pouco. Eu precisava descansar. Não tinha energia para nada naquele momento. Teria de esperar até o sol nascer outra vez.

Mas, quando o sol se ergueu no horizonte, eu estava doente. E a febre havia tingido de vermelho o mundo marrom ao meu redor.

# CAPÍTULO 21

Mal abri os olhos e já estava vomitando o pouco que ainda havia dentro de mim. Minha cabeça começou a rodar com violência, agarrei-me à lama como se, assim, fosse fazer o planeta parar de girar. Senti mãos me tocarem, tirando o cabelo da frente dos meus olhos. Eu estava me contorcendo e tremendo, com a pele toda arrepiada.

– Ele está pegando fogo – gritou Sal, cortando a neblina com sua voz.

A dor tomou conta do meu braço e alcancei com os dedos enlameados o lugar onde o prego havia penetrado.

Olhos fechados. Olhos abertos. Não fazia a menor diferença. Minhas entranhas se contraíram e vomitei de novo, só que não havia nada ali para ser posto para fora.

Em um mundo distante, escutei o som da rampa ao ser baixada e uma explosão de vozes e passos. Então, o cheiro de couro velho entrou pelas minhas narinas, fazendo-me sentir ainda mais nauseado, ao mesmo tempo que mãos me pegavam pelos ombros e pelos pés.

– Quantos dias teremos que manter essa gente aqui ainda? – perguntou a mulher aos meus pés, com as mãos bem apertadas ao redor dos meus tornozelos.

– Já desisti de contar – respondeu a voz acima da minha cabeça, e o som vibrou através do meu corpo, pois a pirata apoiava minha

cabeça contra seu peito. – Acho melhor a gente virar este cara – ela disse de repente. – Ele vai colocar o almoço para fora.

Almoço.

A palavra ecoou na minha cabeça conforme elas me viravam e corriam comigo rampa acima. E quase consegui saborear o milho estourado e a água quente, sentir a brisa no topo de uma floresta recém-terminada. Eu, Pop e uma refeição digna dos grandes reis. Meu velho me dando os grãos que não tinham estourado direito, fazendo com que minha porção praticamente dobrasse de tamanho. Se eu morresse agora, não haveria mais ninguém para ir procurá-lo. Ninguém para se preocupar com ele.

Ao longe, eu conseguia escutar música. Uma guitarra que parava e recomeçava e a voz de mulheres que cantavam. Tentei prestar atenção ao som. Depois abri os olhos.

Estava deitado em uma cama estreita, olhando para o telhado ondulado sobre mim. Pequenos pedaços do céu apareciam nos espaços entre as telhas e a parede, revelando um tom rosado, o que significava que o sol podia estar nascendo ou se pondo.

Senti o corpo tremer. Então, corri a mão pela minha pele dolorida. Estava nu. Apertei minha barriga, que estava inchada e rígida. Tentei erguer a cabeça, mas a mão de alguém me impediu, delicadamente.

– Descanse – disse a dona da mão.

Era ela. Alfa. A garota que tinha começado tudo aquilo, enfiando um maldito prego no meu braço. Agora a ferida tinha um curativo e a pele ao redor estava inchada.



– Eu arranquei o prego – disse Alfa, quando tentei enxergá-la. – Não podia deixar você morrer aqui conosco.

– Então era melhor não ter atirado em mim – murmurei, sentindo uma dor horrível atrás do meu crânio.

– Foi você quem tentou atirar em mim primeiro, meu chapa. Ou vai dizer que não se lembra?

Dizendo isso, Alfa passou um pano úmido no meu peito, e meus músculos se contraíram com a água que escorria e pingava. Eu me lembrei de quando ela carregou aquele bebê no colo, como se nem toda a doçura tivesse sido arrancada de dentro do seu ser. Então a dor cresceu uma vez mais, rasgando meus globos oculares, e apaguei completamente no mesmo instante.

Foi assim por horas. Virando-me na cama, para lá e para cá. Acordando, depois apagando de novo. Vozes tagarelando ao longe, cantando e soltando gargalhadas. E Alfa voltando de vez em quando, para me dar banho e checar o ferimento.

Os buracos no teto escureceram com a noite e se iluminaram de manhã. E não pensei nos meus companheiros lá embaixo, na lama. Não pensei neles nem uma vez sequer.

Eu estava sozinho, morto de sono e de cansaço, quando a porta se abriu e uma garota diferente entrou. Ela me cobriu com um lençol e sentou ao meu lado.

– Alfa me contou que você é construtor de árvores – disse então. Ela parecia jovem. E pequena demais para ser pirata.

– É o que eu costumava ser – respondi, virando o rosto para o outro lado. – Mas perdi todas as minhas ferramentas.

– Eu não acho que as ferramentas sejam o mais importante. Nesta vida, ou você é algo, ou não é.

Eu não disse nada.

– Deixe-me ver as suas mãos – ela pediu, sem me dar muita escolha quanto a isso. Então, observou as pontas dos meus dedos e depois sentiu as palmas das minhas mãos.

– Eu gostaria que você construísse algo para nós – disse a garota, parecendo satisfeita. – Na verdade, eu queria que você terminasse algo.

Tentei sentar na cama, mas ainda estava fraco demais, e só pisquei para ela. Aquela garota até que era bonita, de um jeito meio sério. Seus cabelos trançados eram loiros e mais limpos do que tinham o direito de ser em um lugar tão cheio de imundice.

– Mas quem é você, afinal? – perguntei.

– Você pode me chamar de Jawbone, embora a maioria aqui me chame de capitã.

– Pensei que era a Alfa quem estava no comando.

– Ela está logo abaixo de mim.

– Não me leve a mal, mas você não tem muito jeito de capitã.

Ela sorriu, tentando parecer educada e séria ao mesmo tempo. Comecei a dizer alguma outra coisa, mas ela me interrompeu.

– Você devia sentir-se honrado. Seu trabalho vai deixar um legado e tanto. – Jawbone falava diferente, parecia ter ido à escola ou algo assim, em vez de ter crescido naquele fim de mundo, ao sul da rodovia 40.

– Acho que você vai ter que me entender se eu disser que não dou a mínima para isso – respondi.

– Tudo bem. Mas imagino que você se importe com outra coisa: sua própria vida.

– Pode imaginar o que quiser.

– Se você construir para nós, então o deixaremos ir.

Nessa hora, congelei. Ela havia conseguido que eu baixasse a guarda.

– Mais alguns dias, e o rei Harvest estará aqui – ela continuou. – Você pode ser parte do nosso negócio com ele. Ou, então, pode não ser.

Construir ou ser vendido. Parecia uma escolha bastante simples.

– Só que tenho um amigo – argumentei, surpreendendo a mim mesmo com essa última palavra. – Um moleque gorducho, lá embaixo, no seu fosso.

– Você pode aceitar minhas condições ou recusá-las. Mas elas não podem ser alteradas.

– Nesse caso, é melhor você me deixar dormir – respondi. – Vou começar o trabalho assim que o calor diminuir.

– Sinto muito pelo seu amigo – ela disse, levantando-se. – Tudo o que eu queria era poder libertar todos.

– Então por que você não faz isso?

– Porque o rei Harvest exige que cumpramos a nossa cota. De um jeito ou de outro.

## CAPÍTULO 22

Quando o sol estava se pondo, eu já me sentia forte o bastante para ficar de pé. Depois de alguns minutos, estava atravessando as passarelas com Alfa de um lado e Jawbone do outro.

Seguimos caminhando em silêncio, parando apenas quando eu precisava descansar um pouco – o braço continuava inchado e dolorido, e o corpo ainda estava fraco. Eu me segurava no corrimão e olhava para cima, admirando aquele céu, estranhamente livre de poeira, e o esqueleto das antigas construções que, um dia, já haviam se erguido ali. A água marrom estava sempre por perto, parada sob os nossos pés, preenchendo o ar com uma umidade que era tão azeda quanto suave.

As piratas olhavam para mim conforme eu passava. Algumas piscavam ou sorriam, mas seus rostos pareciam todos iguais. Jawbone andava com expressão séria, enquanto as mulheres abriam caminho para a passagem da sua capitã. Já Alfa costumava brincar com as parceiras, sempre batendo amistosamente em suas mãos estendidas.

Ao longe, escutei geradores entrarem em funcionamento e a música recomeçar, com guitarras arranhando o ar e baterias explodindo, uma lutando com a outra pelo controle dos nossos ouvidos.

– Aqui estamos nós – disse Jawbone, por fim. Estávamos bem no centro da cidade, no limite de uma clareira, uma faixa vazia de

concreto e lama. E, bem no meio daquele lugar, encontrava-se o que elas haviam me levado para conhecer.

Parei exatamente onde estava, sentindo-me um pouco zozzo, tentando processar o que via.

Era um trabalho incrível. Assombroso. Mesmo depois de o tempo ter coberto tudo com ferrugem.

Um dossel baixo de samambaias de cobre, misturadas aos ciprestes. Folhas de palmeira esculpidas com estanho, pendendo do alto dos troncos. A pouca altura dava à floresta um ar delicado, uma doçura que eu dificilmente imaginaria, já que estava sempre tentando me superar, construir árvores cada vez mais altas, escalando tão longe quanto um andaime pudesse me levar. Mas a floresta era baixa por um motivo. Ela servia para destacar o que havia no centro.

Ao avistar a estátua inacabada, perdi o equilíbrio. Caí em cima dos arbustos pontiagudos, mas Alfa me agarrou e me puxou para perto de si, permitindo que eu me apoiasse em seu ombro.

– O que você acha? – perguntou Jawbone, olhando para a obra-prima enferrujada.

Eu não sabia o que dizer e, por isso, simplesmente não disse nada.

– Você consegue terminar? – perguntou Alfa.

Fiz que sim com a cabeça.

Eu terminaria aquilo. Ou, pelo menos, podia tentar. Porque ali, no meio da floresta, erguendo-se a dezenas de metros de altura, havia algo mais bonito do que qualquer árvore que eu já tivesse visto. A estátua de uma mulher com os braços abertos e uma perna erguida, como se estivesse dançando. E não era uma mulher

qualquer. Eu tinha certeza disso, mesmo com a cabeça incompleta e o cabelo faltando. Eu sabia com todas as minhas forças.

A estátua era da mulher da tatuagem. A mãe de Zee.

A mulher de Frost.

Quem quer que tivesse esculpido aquela estátua havia reproduzido as proporções perfeitamente, sem tirar nem pôr. Os peitos não estavam maiores, nem as pernas eram mais torneadas. Até mesmo a inclinação dos ombros e a maneira delicada com que a ela mantinha o pescoço erguido estavam lá. Mas o que realmente me deixou impressionado, o que me deixou de boca aberta de verdade, foi como o artista conseguiu captar a árvore.

Ele a construiu separadamente e depois uniu uma peça à outra, prendendo os galhos ao ventre da mulher e deixando as folhas livres para balançarem ao vento, brilhando quando ao redor tudo era ferrugem. Eu, impressionado, sentia a textura das folhas.

Bronze, só podia ser.

Fino, reluzente e perfeito. Quanto a mim, confesso que jamais pensaria em usar bronze. Nem em um milhão de anos.

– Antes, era tudo iluminado – disse Alfa. – Havia luzes que se acendiam e se apagavam, em diferentes cores. Só que a fiação acabou estragando.

– De onde isso veio? – Dei um passo à frente.

– Daqui mesmo – respondeu Jawbone. – Tínhamos um artesão. Um verdadeiro artista. Isso foi antes de eu nascer. Em um passado em que os piratas ainda estavam unidos. Quando lutávamos como Exército do Sol Poente.

– E esse exército tinha um construtor de árvores?

– Ele construiu esta floresta aqui e algumas outras, que depois perdemos nas terras baixas. Costumavam chamá-las de pântanos. Mas isso já faz tempo.

– E essa mulher? Quem é ela?

– Ela foi encontrada não muito longe daqui, perto da Muralha do Sul. Nosso povo diz que ela veio do Outro Lado.

– Você já viu a Muralha? – perguntou Alfa, e fiz que sim com a cabeça, lembrando-me da imagem na tela do Tripnotizador. – Então você sabe que isso é impossível.

– É só um mito, uma lenda. – Jawbone jogou os braços para trás. – A história conta que ela era muito bonita e que a tatuagem que tinha na barriga era mais linda ainda. Nosso construtor de árvores acabou se apaixonando por ela e começou a construir isso em sua homenagem. Eu gosto de pensar que foi um tributo a todas as mulheres. Assim como, construindo essas árvores, ele fez uma reverência à vida como um todo.

– E ele não terminou?

– Não. De uma hora para outra, ele e a musa inspiradora desapareceram. Foi pouco antes da destruição da nossa cidade pela Mão Púrpura.

– A GenTech?

– Foi o fim da nossa resistência. E é aí que a história termina. Até que você chegou. Termine a nossa estátua e você estará livre para partir daqui.

Olhei para cima, admirando as curvas da mulher e os galhos metálicos da árvore. – E essa tal tatuagem? O que vocês sabem sobre ela?

– Havia uns números nela – respondeu Alfa, e os olhos de Jawbone se reviraram em sinal de tédio. – Dizem que quem jogar aqueles números em Vega vai ficar rico na certa.

Observei uma vez mais as folhas de bronze manchadas balançando ao vento. Nunca tinha ouvido falar de piratas lutando contra a GenTech. Para mim, apenas os Soljahs haviam tentado resistir. Isso me fez imaginar quais outros segredos não estariam enterrados naquele lugar além das planícies. Quantas batalhas já não haviam explodido no meio do lamaçal? Quantas cidades não teriam acabado enterradas na areia?

– Muito bem – eu disse, então. – Acho melhor trabalhar à noite. Durante a madrugada toda, até o sol começar a esquentar. Mas vou precisar de andaime. E das minhas ferramentas. E de cada pedaço de sucata que vocês conseguirem. Vocês têm mãos fortes, e vou precisar usá-las. Podemos usar escovas de aço para limpar a ferrugem, mas vocês vão ter que continuar cuidando depois que eu partir. Do contrário, a ferrugem vai voltar. – Em geral, as pessoas pensam que basta construir meia dúzia de árvores que terão floresta para sempre. Mas é preciso fazer a manutenção, tomar conta de tudo. Como qualquer coisa nesta vida.

– Alfa vai ajudá-lo em tudo o que precisar. Posso mandar outras garotas quando for necessário. – Jawbone estendeu o braço na minha direção, e selamos nosso acordo com um aperto de mão.

– É o seu dia de sorte – disse Alfa, acertando um soquinho de leve nas minhas costelas, enquanto Jawbone se afastava de nós. Então, ela devolveu minha pistola de pregos, com um sorriso no rosto. – Mas é melhor você tomar cuidado – ela continuou. – Não vai querer que a sorte vá embora de repente.



– Como se chamava a mulher da estátua? – perguntei, ainda admirando a construção monumental diante de mim.

– Hina – respondeu Alfa. – Pelo menos é assim que nós a chamamos.

– Hina – repeti para mim mesmo, como se tentasse avaliar se o nome combinava com ela. A partir daquele momento, ela não era apenas a mãe ou a mulher de alguém, nem um mapa ou uma estátua.

Agora ela era uma pessoa que tinha nome.

## CAPÍTULO 23

Pensei em fazer o rosto sem expressão nenhuma. Ou quase. Concluí que, se estava criando algo para todas as mulheres, seria bom, então, tentar refletir cada uma delas de alguma maneira. E foi exatamente o que fiz. Cortei vidro e espelhos em pedaços mais ou menos do tamanho da minha mão; depois os coleí nas chapas de metal que havia moldado no formato das maçãs do rosto e dos lábios carnudos de Hina. Distribuí os pedaços mais brilhantes em padrões parecidos com diamantes e os coloquei no lugar dos olhos. E, quando chegou o momento de soldar o rosto à estrutura que meu antecessor havia deixado, tive a ideia de fazer que o olhar se voltasse para baixo.

Trabalhei sem parar até o sol nascer, quando então cobri o rosto da estátua com uma lona e desci do andaime que Alfa havia me ajudado a construir no início da noite. Eu estava completamente exausto.

Lá embaixo, ao lado da escada, Alfa estava deitada no chão, olhando para cima, admirando a estátua. Enquanto eu descia, ela abriu os braços e moveu as pernas, imitando a pose de Hina. Enquanto olhava aquela cena, passei os dedos no machucado do meu braço. Parecia que Alfa conseguia ora agir como garota, ora como uma autêntica pirata. E não preciso nem dizer que a parte “garota” tinha muito mais a ver com o meu gosto.

– Como estão indo as coisas aí em cima? – ela perguntou, olhando para mim.

– O que você acha?

– Parece que encontramos um construtor de árvores de verdade. É isso o que eu acho.

Observei-a por alguns segundos, enquanto ela admirava a estátua. Então me perguntei o que Alfa faria se, por acaso, eu tentasse fugir naquela mesma hora. Concluí que não conseguiria chegar muito longe. E, mesmo se alcançasse o muro nos limites da cidade, não teria forças para atravessá-lo.

– Você nasceu aqui mesmo? – perguntei, saltando os últimos degraus da escada e caindo bem diante dela. Alfa rolou um pouco para o lado, para poder olhar para mim, e foi aí que reparei em seus olhos pela primeira vez. Antes disso, eu estava impressionado demais com o moicano e com a maneira que ela se movia; mas, agora, percebia que seus olhos eram castanho-dourados – bem bonitos, para dizer a verdade. Como a luz do sol se refletindo em um rio lamacento.

– Que importância tem isso para você, meu chapa? – perguntou Alfa. Nessa altura, eu já tinha até esquecido que fiz uma pergunta. Ainda estava admirando os olhos dela, como um verdadeiro pateta.

– Só estava me perguntando se você era desta cidade.

– Por quê? Você é de onde?

– De lugar nenhum – respondi. – Lugar nenhum mesmo.

Naquele dia, não consegui dormir direito. Ficava prestando atenção nos sons da cidade, pensando em voltar para a floresta, e então pegava no sono de novo. Entrava e saía dos sonhos, como se

estivesse esperando algo acontecer. Talvez estivesse apenas esperando que Alfa viesse me buscar. Mas ela não apareceu.

No fim da tarde, eu finalmente saí, tentando descobrir o caminho que me levaria ao fosso lamacento onde estavam todos presos. Com a rampa erguida, mal era possível ver os corpos lá embaixo. Por isso, eu me abaixei na passarela, certificando-me de que estava sozinho ali, e foi só então que consegui avistar os trapos humanos amontoados naquele lugar imundo.

– Sal – chamei baixinho, tentando distinguir as pessoas no escuro.  
– É o Banyan.

Um rosto surgiu do meio das sombras. Era o sujeito magrelo com quem eu tinha falado no outro dia. – Você já está melhor? – ele perguntou. – Nós achávamos que tinha morrido.

– Você viu o meu amigo aí? O garoto gorducho?

Eu o escutei me chamar, tentando descobrir de onde minha voz tinha vindo. – Banyan! – ele gritava. – Banyan! Cadê você?

– Aqui, garoto!

Ele se aproximou.

– O que você está fazendo aí?

– Conseguindo minha liberdade.

Seu rosto ficou vermelho e firme, e Sal apontou o dedo para mim. – E quanto a mim? – Ele então soltou um grito, e me levantei rapidamente, verificando se não havia ninguém ali para reparar em seu chique.

– Fala baixo, moleque! – sussurrei. – Desse jeito, alguém vai querer saber o que está acontecendo.

– Vê se não me esquece aqui – ele gritou, enquanto eu me afastava. – Você não pode me deixar, fazedor de árvores. Eu tenho

o número. O número de que você precisa.

Quando cheguei à floresta, pude continuar com os meus planos. Em alguns trechos, as árvores ainda estavam enferrujadas. Mas muitas já brilhavam à luz fraca do anoitecer.

Observei as mulheres trabalharem nas folhas e galhos, esfregando-os com as escovas de aço, exatamente como eu tinha explicado. Alfa deu um assobio e um gritinho quando me viu.

– E aí, está gostando do que vê? – ela perguntou de longe, com o corpo todo coberto de suor. A floresta estava ficando mesmo muito boa, mas tenho de reconhecer que aquela garota estava ainda melhor. Alfa estava em cima do andaime, esfregando os galhos, com o corpo todo se mexendo e a pele molhada brilhando. Era como uma chama sem fumaça.

Uma pirata de cabelo verde disse algo a Alfa, e as outras caíram na risada, lançando olhares em minha direção, enquanto eu fingia estar muito ocupado supervisionando o trabalho. Só não consegui fingir que meu rosto não estava vermelho enquanto elas me encaravam. E é claro que isso as fez rir ainda mais.

Adiante, Jawbone pulou do andaime de onde estava trabalhando na coxa da estátua.

– Bom trabalho – eu disse, enquanto ela vinha até mim.

– Pois é – ela respondeu, sorrindo. – O seu também.

Naquela noite, curvei as barras de aço exatamente como queria e depois as uni com a solda. Do jeito que fiz, o cabelo acabou ficando um pouco menor do que Hina usava, mas funcionou muito bem, pois deu mais destaque ao rosto.

E Alfa ficou trabalhando ao meu lado o tempo todo. Ela manejava muito bem o maçarico. As faíscas brilhavam em seus olhos, e a fuligem cobria nossa pele. Soldamos o metal até o calor ficar insuportável; depois retornamos à cidade, com aquela sensação boa de cansaço, de quando você se ocupou de algo de que gosta até dizer: "Chega!".

– Quer dizer que a sua vida é isso? – disse Alfa de repente, quando me abaixei para beber a água que caía de um cano enferrujado. – Você constrói algumas estátuas e depois vai embora, para nunca mais vê-las?

– Que eu as veja não é o mais importante – respondi. – O que interessa é que os outros possam apreciar o que fiz.

– E você gosta de levar essa vida, sempre viajando de um lugar para outro, sem nunca parar?

– Acho que é melhor do que viver assaltando e sequestrando as pessoas na estrada.

Alfa se abaixou e colocou as mãos embaixo da água. – Isso se chama sobreviver, meu chapa.

– Eu prefiro acreditar em algo mais que apenas isso.

A pirata esfregou os braços com a água e depois limpou a fuligem das pernas. – Como o quê?

– Como aquilo que vocês deixaram para trás. – Apontei na direção da floresta. – As estátuas são como histórias. Elas impedem que as coisas sejam esquecidas.

– Você acredita naquelas histórias dos rastafáris? Eles dizem que ainda existe um lugar onde crescem plantas de verdade.

– Não sei bem. Eles dizem que fica além do oceano. Mas eu já vi a Tormenta. – Naquele momento, quase me senti mal por mentir

assim para ela. Por não contar que havia, sim, árvores crescendo em algum lugar. E que já havia gente procurando por elas.

– Já entendi que você gosta de estátuas e histórias – continuou Alfa, ficando de pé. – E quanto às músicas do mundo de antigamente? Você curte?

– Para dizer a verdade, nunca fui muito de ouvir música. Embora eu também nunca tenha escutado muitas histórias.

– É nisso que dá viver vagando perdido por aí. – Ela abriu um sorriso. – Chega mais, meu chapa. É melhor você ficar comigo.

Alfa começou a caminhar, e fui atrás. Logo estávamos cruzando um caminho caindo aos pedaços. Enquanto a seguia, eu sentia como se estivesse sendo sugado na direção de algo. Como a agulha de uma bússola, que acaba sempre atraída para o norte.

Em um canto distante da cidade, chegamos a um velho prédio de pedras, com uma bandeira suja hasteada no alto, estampada com um sol amarelo que se punha. Alfa bateu na porta, abriu e me convidou a entrar.

– Capitã? – ela chamou, quebrando o silêncio. – A senhora está por aqui?

Ninguém respondeu. Estávamos sozinhos, protegidos da luz do sol.

E estávamos cercados por centenas e centenas de livros.

Observei as paredes ao redor, com suas prateleiras repletas de livros e poeira. Todo aquele papel... Todas aquelas palavras... Era inacreditável.

No centro da sala, havia uma mesa de plástico e, em um dos cantos, uma banheira velha, lotada de antigos CDs. O chão estava

coberto de pilhas de livros, erguidas como pequenas torres. Era uma beleza de ver. Tudo aquilo guardado e isolado do mundo. Meu pai simplesmente adoraria conhecer aquele lugar.

– Onde vocês conseguiram tudo isso? – perguntei, percorrendo as prateleiras, passando a mão nas capas macias dos livros, em suas lombadas de papelão.

– Eles foram passados para Jawbone – disse Alfa. – Junto com o direito de lê-los. Eu não deveria nem estar aqui. Mas a capitã é gente boa. Vive lendo alguma coisa para nós.

– Sério? – Arranquei um livro da estante e comecei a folheá-lo. – Já ouviu falar de Lewis e Clark?

– Acho que não. – Alfa olhou para o livro em minhas mãos. – Você sabe ler?

– Não, mas meu pai sabia.

– E onde ele está agora?

Fiquei em silêncio. Acabei me sentindo mal por ter trazido o assunto à tona. Ele não tinha nada a ver com a vida de Alfa. E, aí, mesmo os livros que, havia pouco, tinham me deixado tão impressionado, pareciam agora uma grande perda de tempo.

– Você me disse que estava indo para Vega – ela disse, tentando mudar um pouco de assunto.

– E estou mesmo. – Enfiei o livro de volta no lugar. – Sigo viagem assim que conseguir dar o fora daqui.

– Não se preocupe, irmão. Vou ajudá-lo a terminar o trabalho. Assim que o sol se esconder no horizonte. – Ela deu alguns passos na minha direção e endireitou a estante ao meu lado.

– Você poderia me deixar ir agora. Se quisesse. Poderia me mostrar que caminho tomar.



– Mas qual é pressa? Por acaso, existe uma garota esperando você em algum lugar? – Ela fez essa última pergunta em tom de brincadeira.

– Não há nenhuma garota. É o meu pai. Ele está metido em uma encrenca danada.

– Então vamos fazer o seguinte: você termina a estátua como a capitã pediu, e eu o levo de carro de volta para a estrada. Na primeira chance que tivermos.

– Você faria isso por mim?

– Claro que sim. – Alfa se apoiou em uma das prateleiras e ficou me encarando. – A maior parte das pessoas por aí está sempre ocupada demais tentando se manter viva. Mas parece que você é diferente, meu chapa.

– Pensei que, para você, era tudo questão de sobrevivência.

– E eu pensei que você tinha dito que existia algo mais.

Era como se ela quisesse acreditar em algo também. Ou talvez desejasse apenas confiar em mim. Peguei um livro e examinei a capa, com o cérebro cansado e confuso.

– Pois eu sei como é – disse Alfa, com voz suave. – Minha mãe me criou aqui e depois me deixou. E eu costumava desejar uma vida completamente diferente.

– E agora? O que mudou?

– Eu parei de desejar, só isso. Tem gente que acredita que os piratas ainda vão se unir de novo. Que vão derrotar a Mão Púrpura. Mas isso é só sonho. Eu tinha uma irmãzinha, sabe? Costumava fazer a ela uma porção de promessas, que acabaram se transformando em mentiras. Nada além de mentiras.

Não dá para entender essas garotas. Primeiro ela atira em mim, depois vai lá e cura o meu braço. E, agora, estava revelando seus pensamentos mais íntimos, as ideias que lhe pesavam sobre os ombros.

– Já é bem difícil viver sozinho – ela disse. – Não é mesmo?

Meu olhar encontrou o fundo dos seus olhos castanhos, como se tivesse acabado de ser sugado por alguma força invisível. Então, a sala pareceu girar por um momento, como se o mundo quisesse me derrubar sobre ela.

– Eu não sou sozinho – respondi, perdendo o equilíbrio e tropeçando em uma pilha de livros no chão. – Não enquanto o meu velho estiver vivo.

De repente, fiquei completamente exausto e sentei no chão.

– E como ele é? – perguntou Alfa, sentando ao meu lado.

– Um cara esperto. Esperto de verdade. E muito engraçado. Aquele velho sabe fazer a gente rir quando tem vontade...

Eu queria dizer mais, só que me lembrei da noite em que ele tinha desaparecido. De repente, vi a mim mesmo trancado dentro do furgão, com a tempestade de areia lá fora e os estranhos misteriosos nos rondando. Eu estava com medo. Apavorado demais para fazer qualquer coisa. Então, fiquei dentro do carro, esperando Pop voltar.

Coloquei as mãos na frente do rosto.

– Preciso terminar aquela estátua – murmurei.

– Então é melhor você descansar um pouco.

Alfa tinha razão. Lá fora, o sol estava alto demais, muito quente. Ela me conduziu até a cabana e me deixou sozinho. Deitei na cama,

me espreguicei e fechei os olhos. Mas minha cabeça ainda estava agitada demais para simplesmente parar e descansar.

Fiquei pensando que, fazia poucos minutos, eu estava em uma sala cheia de histórias, cercado de livros maravilhosos. E onde estaria meu pai naquela hora? Preso e sozinho, em algum lugar desconhecido. Sem livro nenhum para ler. Sem garotas bonitas para olhar. Será que ele ainda se lembrava dos planos que havíamos feito para o futuro? Da floresta que construiríamos só para nós dois? Eu nos imaginei em nossa futura casa, com paredes de lata irregulares, rodeada de galhos e folhas de ferro fundido que trocaríamos na primavera e no outono.

A matança não costuma começar antes da primavera. Foi o que o velho rastafári tinha dito. E agora essas palavras ficavam ecoando na minha mente.

Assassinos, foi como ele os chamou.

Assassinos. Uma porção deles.

Voltei para a floresta antes até que o sol começasse a baixar. Disse a mim mesmo que precisava ser forte. Tinha de me concentrar no jogo e terminar aquela estátua, encontrar Sal e depois chegar em Vega, para arranjar o maldito GPS.

Estava quase amanhecendo quando dei os últimos retoques na estátua. Alfa estava trabalhando abaixo de mim, e o sol queria surgir no horizonte, projetando uma mancha rosada no extremo leste do planeta.

– Atenção, muita atenção! Agora é a hora da verdade! – anunciei, antes de arrancar a lona que cobria o rosto da estátua. Lá embaixo,

Alfa olhava maravilhada para aquele rosto, estudando cada um de seus milhares de reflexos.

Ela subiu as escadas correndo, tão rápido que nem parecia que havíamos trabalhado a noite toda. Quando me alcançou, pude sentir o cheiro do seu suor, misturado ao do couro e do aço ao nosso redor.

– Posso colocar a mão? – ela perguntou, com os olhos brilhando.

– Claro. Vá em frente!

Então, Alfa passou os dedos pelo rosto luminoso de Hina, bem devagar, tocando em cada um dos reflexos, soltando uma risadinha toda vez que olhava para trás e me via ali.

– É incrível! – ela murmurou.

– Gosto de vê-la refletida aí. – As palavras saíram antes mesmo que eu pudesse pensar se era uma boa ideia dizê-las. Como se minha boca tivesse pregado uma peça no meu cérebro.

– Então isso é o fim? – Alfa virou-se de frente para mim.

Na mesma hora, minha pele ficou toda arrepiada por senti-la tão próxima. Meus ossos ficaram pesados e molengas. Os pensamentos começaram a cruzar minha cabeça a toda a velocidade e meu coração disparou. Era difícil saber qual dos dois estava mais acelerado.

– E então – ela disse, esperando que eu respondesse algo –, ficou pronto?

– Acho que sim.

– Você acha? – Era como se ela estivesse decepcionada com alguma coisa. Comecei a dizer algo, mas ela me cortou. – Numa boa, cara. Vou levá-lo de volta à estrada, e você vai poder continuar vagando por aí.

– Não estou vagando – retruquei. – Eu tenho um pai para achar.

Ela riu de novo, mas sua risada tinha perdido toda aquela vivacidade. Alfa sentou na beirada do andaime, tirou as botas e começou a balançar os pés no alto da floresta. Eu continuei onde ela me deixou, olhando lá de cima para o ponto em que as samambaias davam lugar às antigas ruas caindo aos pedaços.

– Você pretende morar aqui para sempre? – perguntei. – Na Velha Orleans?

– Existem lugares piores.

– Você conhece algum desses lugares?

– Não. A não ser que eles fiquem entre a cidade e a rodovia 40.

– Quer dizer então que você nunca viajou para canto algum?

– E o que há mais para conhecer? – ela disse, querendo colocar um ponto final na conversa. Mas, então, eu pensei nas favelas das Cidades de Aço, na Tormenta sempre furiosa e nas centenas de quilômetros de poeira que separavam os dois lugares. E pensei nas luzes elétricas e na imagem de Vega surgindo no horizonte, com aquelas montanhas de concreto cobertas de pontos brilhantes. E, além de tudo aquilo, só o vapor que tomava conta dos ares e a fuligem brilhante que era espalhada pela lava que brota da grande Fenda.

– O Niágara vale a pena – respondi, de repente. – Os Soljahs construíram uma cidade inteira atrás das quedas-d'água. É um lugar para ver, seja de que jeito for. Mesmo com o barulho das cataratas impedindo que a gente escute os próprios pensamentos.

Por um momento, considerei a possibilidade de contar a ela a respeito das árvores, do meu pai e do velho rasta com madeira fundida à pele. Pensei em falar sobre os números do GPS e a Terra

Prometida. Mas como eu podia ter certeza de que ela era confiável? Afinal, ela devia ser fiel à sua capitã. E não havia espaço nessa história para um exército inteiro de piratas. Além disso, eu não queria me tornar apenas uma maneira de Alfa chegar a outro lugar. Ela havia se oferecido para me ajudar, levando-me de volta ao furgão. Era a primeira vez, desde que Pop tinha desaparecido, que eu deparava com uma mão amiga.

– E então, o que aconteceu com a sua irmã? – perguntei, sentando ao lado dela, tentando fazê-la olhar para mim.

Alfa deixou a pergunta pairar no ar por um momento.

– Morreu de fome.

– Mas que merda.

– Ela mal tinha começado a dar os primeiros passos.

– Não havia nada para ela comer?

– Não foi isso. Ela não conseguia comer o maldito milho. A garganta começava a inchar. Depois que minha mãe se foi, não havia nada que eu pudesse fazer.

– Então não foi sua culpa.

– É verdade. Mas isso não torna as coisas mais fáceis.

– Minha mãe morreu de fome também – eu disse, sem saber direito o que falar naquele momento. – Eu era bem novinho. Nosso furgão quebrou na rodovia das Mil Milhas e meu pai ficou longe tempo demais, tentando arrumar peças novas. Ele contou que, ao voltar, encontrou minha mãe morta. Eu mal estava respirando. Às vezes, fico imaginando o que ela deve ter feito naquela ocasião. Provavelmente se sacrificou para que eu pudesse continuar vivo. Essa deve ser a pior maneira de partir.

– Todas as maneiras são a pior maneira de sair desse mundo – disse Alfa, baixinho. E aquilo provavelmente era verdade.

Em silêncio, observei o sol se erguer. Depois olhei para o oeste, onde o céu ainda continuava escuro e sombrio. Mas aí congelei. Pois naquela direção, saído dos limites da noite, surgiu de repente o maior veículo que eu jamais havia visto.

Era como uma cidade inteira sobre rodas. Cada vez mais próxima da Velha Orleans, com pneus que pareciam grandes demais para conseguir rodar tão rápido.

– Que diabo é aquilo? – murmurei, ficando de pé.

– Parece que você vai ter que esperar mais um dia. – Alfa ajoelhou-se ao meu lado. – Ninguém pode sair quando eles estão por perto. Mas devem chegar ao anoitecer. Todo ano, o filho da mãe chega na hora certinha.

– Quem?

– Quem você acha? O rei Harvest. Pronto para negociar.

– E o que vocês tanto negociam com ele?

– A nossa liberdade – ela respondeu. – Se entregamos corpos suficientes, ele não precisa levar os nossos.

## CAPÍTULO 24

Eu sabia que, de um jeito ou de outro, seria um dia de despedidas. Para minha surpresa, o sol já estava bem alto no céu, parecendo mais apressado que de costume, e não havia nada que eu pudesse fazer para detê-lo. Ao anoitecer, o rei Harvest chegaria à Velha Orleans, e eu só tinha até lá para resgatar Sal. Do contrário, jamais saberia para onde ir. Jamais teria a chance de salvar meu pai.

Seguindo Alfa, desci do andaime, aproveitando para desmontá-lo enquanto avançava. O trabalho estava terminado. Ou quase.

– Você disse que a estátua costumava ficar acesa antigamente? – eu disse.

– É verdade.

– Então é melhor eu ver se consigo dar um jeito na fiação.

Alfa começou a lustrar um conjunto de samambaias, tentando devolver o brilho às folhas, enquanto eu passava um novo fio por entre as plantas rasteiras, conectando o antigo gerador de energia à base da estátua. A imagem de Hina ficava apoiada na ponta de um dos pés, com o calcanhar erguido. Na sola, havia um acesso ao interior da obra. Peguei um rolo de fio, outro de fita isolante, e preendi a lanterna à minha cabeça; alcancei o acesso e rastejei para dentro da estátua, procurando os trechos da fiação que precisavam ser remendados.

Admirando as curvas da batata da perna e a linha reta da canela, substituí alguns fios e os conectei com fita, consertando as ligações



elétricas da estátua como se fossem veias correndo sob a pele.

Conforme avançava, passando pelo quadril e alcançando a outra perna da estátua, depois seguindo os túneis que os braços abertos formavam até chegar ao lugar onde o cérebro ficaria, pude observar a obra de um ponto de vista novo. Eu a vi da perspectiva do seu criador, refazendo os passos que ele havia seguido para construí-la. Notei as emendas e o trabalho nas articulações, as marcas de solda e as vigas de sustentação que mantinham a coisa toda de pé.

Estranhamente, fui me sentindo habituado ao interior daquela estátua. Havia alguma coisa de familiar ali. Todo construtor tem uma maneira própria de contornar as regras; cada um assume riscos diferentes e segue um ritmo que é todo seu. E eu conhecia a precaução, a paixão e o estilo impressos naqueles pedaços de metal.

É claro que conhecia.

Aquilo era um espelho do meu próprio trabalho. Refletindo cada árvore que eu já havia construído.

E, quando descii novamente, escorregando pela coxa e pulando no chão, já não restava a menor dúvida.

Aquela estátua só podia ser obra de um único construtor.

E ele não podia ser outro senão o meu pai.

Enquanto me afastava da estátua de Hina, penetrando na floresta, senti como se todo o meu sangue estivesse escorrendo para fora de mim, acumulando-se nos meus sapatos. Olhei para o céu, mas o sol tinha desaparecido atrás de uma camada cinza que ondulava, corria e borrava o mundo inteiro.

– Nuvens de chuva – disse Alfa, olhando para mim. – É melhor a gente voltar logo.

– O que mais vocês sabem sobre o sujeito que construiu isso tudo? – perguntei quando consegui dizer alguma coisa. Até tentei guardar as ferramentas, com minhas mãos fracas e trêmulas, mas acabei desistindo e largando tudo amontoado na base da estátua.

– Tem gente que diz que o construtor de árvores fugiu com sua musa para Vega – respondeu Alfa. – Para apostar nos números e ficar rico.

– Acho que não. Ele não ligava para ficar rico.

– E como você pode saber de uma coisa dessas?

– Sei lá. É só uma impressão – murmurei, tentando evitar seu olhar. – Quando você adora fazer uma coisa como essa, já pode se considerar rico – eu disse, tentando consertar a situação e apontando para a estátua.

Alfa observou seu reflexo viajar e se dividir no rosto de Hina. – Mas acho que é como a capitã disse. É só um mito. Uma história que as pessoas gostam de contar.

– Uma história que protege as coisas do esquecimento.

– Tudo é questão de lembrança para você, não é mesmo?

– Só as coisas que realmente importam.

– Por acaso você vai se lembrar de mim? – perguntou Alfa, com os olhos ainda fixos na estátua. Mas, antes mesmo que eu pudesse responder qualquer coisa, ela deu meia-volta e começou a caminhar. – Vamos logo. É hora de voltar. Você está acabadoão.

– Não. Espere. Você ainda tem que ver uma coisa.

As nuvens de chuva tinham se acumulado o bastante para simular o começo da noite. Nos limites da floresta, baixei uma alavanca e

liguei o gerador.

As luzinhas nas árvores só piscaram, e, por alguns segundos, Hina continuou apagada, sem cor. Mas, então, ela se libertou. Primeiro roxo. Depois azul e vermelho. Cada cor aparecia por um momento, antes de dar lugar à próxima. A estátua ficou verde e amarela, depois dourada e cor-de-rosa. E as folhas de bronze refletiam as cores, dando vida à floresta inteira.

Quando a chuva começou a cair, Alfa olhou para o céu, maravilhada, cantando e rindo, de braços abertos.

– Isso é tão lindo! – ela gritou. Sua voz era como música para meus ouvidos.

E aquilo era lindo mesmo. Mais bonito do que qualquer coisa tinha o direito de ser nesse mundo devastado. A estátua estava terminada, e o final era um novo começo. Eu tinha certeza de que aquele era, de longe, o maior trabalho que eu e Pop já havíamos feito juntos.

## CAPÍTULO 25

Correndo pelas passarelas, de volta à cidade, escutávamos os trovões e sentíamos a chuva bater na nossa pele. Cada raio fazia o céu brilhar, mas eu só tinha olhos para o colete cor-de-rosa, pulando à minha frente, completamente ensopado, como tudo ao nosso redor.

Chegamos à cabana e entramos correndo. Alfa trancou a porta atrás de nós enquanto a chuva batia forte no telhado. Havia goteiras por todo lado, e o colchão estava úmido; mesmo assim, ela se deitou, com o moicano amarrado para trás, numa espécie de rabo de cavalo escorregadio.

Sentei ao seu lado e então deitei, olhando sua nuca e a parte de trás de suas pernas, desejando que ela se virasse de frente para mim.

- O que você está fazendo? – ela perguntou, ainda de costas.
- Só olhando para você.
- Não venha com nenhuma gracinha. Eu só queria fugir da chuva.
- É claro que sim.

Ela virou o rosto para me enxergar. – Não vai acontecer nada aqui.

- Por que não?
- Porque você vai embora. – Ela fechou os olhos e se virou outra vez.

Aquilo só me fez desejá-la ainda mais. Eu queria tocá-la e sentir seu corpo contra o meu. Queria tê-la nos braços, em cima e

embaixo de mim. Sonhava em me perder no seu corpo molhado. Mas eu sabia que era importante manter o foco. Eu precisava que Alfa me levasse embora assim que a troca estivesse terminada. E eu ainda tinha de descobrir uma maneira de tirar Sal daquele lugar. Se quisesse achar meu pai, eu dependia das malditas coordenadas. Tinha de resgatar o gorducho antes que ele fosse trocado de vez.

Acontece que estava difícil me concentrar naquela situação. Deitado ali, tão perto daquela garota e das suas curvas, escutando o som da sua respiração. Era como se o meu corpo estivesse absorvendo tudo aquilo que o dela liberava. Até que meus olhos enfim se fecharam. E todo desejo que sentia acabou vencido pelo sono.

Acordei com o som de alguém que esmurrava a porta da cabana. Sentei na cama, assustado, com a cabeça ainda girando. A cabana inteira balançava com as batidas na porta, mas Alfa continuava dormindo. Ela deslizou para perto de mim, toda encolhida, e continuei ali parado, olhando uma cicatriz do lado da sua testa, desejando que a pessoa que estava do lado de fora simplesmente desistisse e resolvesse ir embora.

Em vez disso, ela bateu mais forte.

– Só um minuto – gritei, levantando-me.

– Eu não vim aqui por sua causa – disparou Jawbone quando abriu a porta. Ela apenas colocou a cabeça para dentro da cabana e fez um movimento na direção da cama. – Estava procurando por ela.

O temporal caía com ainda mais força agora, mas Jawbone não parecia se importar com isso enquanto nos guiava através das

passarelas até os limites da cidade, pisando firme com suas pernas finas nas poças de água e lodo.

Enchi as mãos com a água da chuva e aproximei o nariz para sentir o cheiro. Há pelo menos uma coisa boa em uma chuva como aquela: ela nos acerta com tanta força que leva toda a poeira embora, até nos sentirmos mais limpos que nunca. Mas minhas roupas estavam pesadas e grudadas no corpo enquanto eu me arrastava pelo caminho, tentando imaginar aonde estávamos indo com tanta pressa.

E então consegui ver.

Antes mesmo que alcançássemos os muros externos da cidade. Era uma parte do enorme veículo que tínhamos avistado quando se aproximava da cidade à noite. Lá estava ele, diante de nós.

Era o maior monte de metal que eu já tinha visto em um único lugar. Agora que eu estava conhecendo aquela coisa de perto, ficava difícil até imaginá-la se movendo. Parecia maior que toda a Velha Orleans.

Havia uma inscrição estranha na lataria, e apontei para ela. – O que diz? – gritei no meio da tempestade.

– A Arca – gritou Jawbone para mim, com expressão séria. – É assim que o rei Harvest chama seu navio de escravos.

Não consegui entender por que aquele veículo, aquele “navio”, tinha se aproximado tanto da cidade, praticamente tocando os muros em ruínas, como se estivesse prestes a derrubá-los de uma vez por todas.

– Eles deviam ter esperado a um quilômetro daqui. – Jawbone apontou ao longe. – Além dos brejos. É lá que sempre fazemos negócio.

– Talvez seja por causa da chuva – sugeri. – Talvez eles não queiram que ninguém se molhe.

Ela se virou para mim. – Se o seu trabalho está pronto, construtor de árvores, então você é livre para partir.

– Pois acho que está – respondi. Abaixo de nós, a água marrom borbulhava com os pingos grossos de chuva. Ainda tinha de tirar Sal daquele fosso. E bem rápido. – Só pensei que poderia ficar durante a troca.

Jawbone sacudiu a cabeça. – Isso não faz parte do nosso acordo. Você deveria dar o fora enquanto pode.

– Ele não pode partir no meio disso – explicou Alfa, apontando as nuvens de chuva dançando no céu.

Um trovão ecoou à distância, enquanto algumas faíscas cortavam os ares. Quando o estrondo cessou, apenas o barulho da chuva restou. O imenso veículo estava parado, em silêncio. Como se estivesse vazio. Ou, então, cheio de fantasmas.

Escalamos os muros da cidade e ficamos no mesmo nível que o convés, a cerca de cinco ou seis metros do corrimão que o percorria a Arca de um extremo a outro. Na ponta do convés, havia uma cabine, cercada por janelas escuras e coberta de armas. Aquele armamento todo colocava no chinelo qualquer coisa que eu já tivesse visto antes. Fazia os caminhões piratas parecerem brinquedos de criança. Ficamos ali, esperando que alguém aparecesse.

Até que finalmente alguém surgiu.

Eu ainda levei alguns segundos para entender quem era a figura ossuda de pele branca e lisa.

Aquele era o homem que aparecia nas memórias do rastafári, o rosto flutuante na tela do Tripnotizador.

“O rei.” Era como o velho rasta o chamava, “o rei”.



## CAPÍTULO 26

– É ele? – perguntei a Alfa. – Esse é o rei Harvest?

– Ele mesmo – ela sussurrou, com a mão na frente dos lábios.

Jawbone apenas ficou parada, com os braços cruzados e o olhar decidido de alguém que está pronto a fechar o negócio que for necessário. Algo em sua postura me fez pensar que ela havia passado um bom tempo refletindo no pior que poderia acontecer naquela situação.

– É bom vê-la novamente, capitã. – O homem caminhou pelo convés e apoiou-se no corrimão, como se estivesse apenas apreciando a vista. Usava uma jaqueta cinza de plástico, com o capuz abaixado, e a água lhe escorria pelo corpo. Ele parecia feito de chuva.

– É mesmo? – gritou Jawbone para ele.

– Mas é claro! – respondeu o homem, em tom afetado, como um daqueles ricaços bizarros de Vega. – Um ano é tempo demais para se passar sem ver coisinhas tão adoráveis como as senhoritas.

Jawbone inclinou-se e cuspiu na chuva. – Então por que você demorou tanto tempo para aparecer?

– Estava verificando os números, fazendo a contabilidade, minha querida. Calculando quanto ainda precisamos. – Fez um gesto para mostrar o veículo gigante. – E quanto espaço ainda temos.

– Quer dizer então que você andou ocupado, não foi? – Era Alfa quem estava falando agora.

– Sem dúvida. – Ele piscou um olho. – Tem sido uma temporada e tanto. Fico triste ao me dar conta de que ela vai terminar. Mas quem é o seu jovem amigo? Alguém pronto para ser negociado?

Eu o encarei também. Se aquele rosto havia aparecido na visão do rasta, era porque tinha alguma coisa a ver com o lugar de onde o velho havia saído. E isso significava que esse tal de Harvest também tinha relação com o meu pai acorrentado àquelas árvores.

– Ele é nosso construtor de árvores – respondeu Jawbone. – E ele não está à venda.

– Minha querida, não se engane. Neste mundo, todos estão à venda. – Ele soltou uma risadinha contida. – Mas, se ele está trabalhando na floresta de vocês, então sugiro que ele também venha a bordo.

Senti Alfa ficar tensa ao meu lado.

– Venha, minha jovem capitã – gritou o rei Harvest, fazendo um gesto com a mão, ao mesmo tempo que as gotas de chuva batiam em seus dedos. – Temos muito que conversar.

– Baixe a prancha – pediu Jawbone a Alfa.

– Melhor não. – sussurrou Alfa. – Isso não está me cheirando nada bem.

– Não se preocupe – respondeu Jawbone. – Seu namorado vai estar comigo.

– Você não tem que fazer isso – disse Alfa, olhando para mim.

– Tenho, sim.

– Por quê?

– Acho que aquele homem sequestrou o meu pai.

– Então, bem-vindo ao clube – ela disse. – Ele também levou a minha mãe. Dez anos atrás.

Segui Jawbone pela prancha de metal toda torta, tomando cuidado para não escorregar no piso molhado. – O que esse homem faz com eles? – perguntei baixinho, aproximando-me dela o máximo possível. – Com os escravos?

– Tira alguma vantagem deles, eu acho. – disse Jawbone, dando de ombros. – O que mais poderia ser?

Harvest ainda estava sozinho no convés quando chegamos e nos recebeu com o maior entusiasmo, sorrindo e apertando nossas mãos. – Venham, venham – disse, apontando a cabine. – Vamos sair logo dessa chuva desagradável.

Enquanto cruzávamos a enorme plataforma encharcada, olhei para Alfa, parada sobre o muro da cidade, observando-nos. Ela já parecia tão distante! Tão fora do meu alcance!

Dentro da cabine, mal se escutava a chuva lá fora. O barulho ensurdecedor da tempestade se reduzia a um simples ruído de fundo. O lugar estava cheio de mapas de plástico e instrumentos diversos. Luzes piscavam em uma porção de painéis de controle. O sujeito tinha investido uma grana preta naquilo tudo.

– Estão com fome, meus caros? – Harvest apontou para uma tigela cheia de pipoca quentinha. Enchi a mão e enfiei tudo na boca, olhando ao redor da cabine e imaginando onde Harvest estava escondendo o seu pessoal.

– E então, para onde você viaja quando partir? – perguntei.

– Venham comigo – ele disse, não tomando nem conhecimento da minha pergunta. – Por aqui, por favor. – Ele nos guiou pelo interior do veículo, através de uma série de corredores escuros, até que chegamos ao topo de uma escada, que só levava para baixo.

– O que estamos fazendo aqui? – disparou Jawbone. Sua voz ecoava pelo túnel.

– Tenha paciência comigo, minha querida – ele respondeu com toda a calma. – Há uma coisa aqui que eu quero que vocês vejam.

Descemos as escadas, penetrando cada vez mais fundo no veículo monstruoso. Agora, as paredes refletiam um verde fosforescente. Toda a carcaça da Arca estava coberta por um brilho fraco. Enquanto avançávamos, comecei a escutar vozes. No princípio, eram abafadas e confusas, um leve rumor. Depois o volume aumentou e elas foram se tornando mais nítidas, deixando claro que nos aproximávamos do lugar de onde vinham.

A escada levou a mais um corredor de metal. Mas este era cercado de celas.

Jawbone parou ao meu lado, com os braços tensos e o rosto mostrando os primeiros traços de medo. Pelo jeito, ela não gostava muito de estar daquele lado do mercado da escravização.

As pessoas espremiavam-se contra as grades, tentando nos alcançar, com seus dedos arranhando o ar. Os gemidos e os gritos me lembraram de como tinha sido horrível ficar preso na traseira daquele caminhão pirata. O cheiro também. Fiquei observando os rostos desesperados, entre as barras de metal, com aqueles cabelos imundos e olhares vazios. Eu me recordei do velho rastafári, com o pedaço de casca de árvore colado à própria pele. E imaginei se meu pai também já não havia ficado atrás daquelas grades.

Então era isso. Era aquele o navio capaz de atravessar o oceano? Para ser sincero, não se parecia muito com uma passagem para a

Terra Prometida. Na verdade, aquilo era o mais longe possível que se poderia estar de qualquer coisa com esse nome.

– Acredito que você nunca tenha vindo a este pavimento. – Harvest, com a pele pálida refletindo o verde fosforescente, sorriu para Jawbone. – Curioso pensar que você mandou tanta gente para cá, não é mesmo?

– Mostre logo o que você quer que vejamos – interrompi.

– Sim, construtor de árvores. Com todo prazer.

Nós seguimos pelo corredor, encolhendo-nos e nos abaixando, tentando evitar as mãos que se estendiam para nós através das grades. Distraído com essa tarefa, eu praticamente caí em cima do safado do Harvest quando, de repente, ele parou diante da entrada de uma cela.

– Aqui estamos – ele disse, digitando uma combinação de números na tranca, até que a porta se abriu. Continuei parado no corredor, tentando ver os rostos lá dentro, deformados pela escuridão.

Então dei um passo para dentro da cela e mal pude acreditar no que os meus olhos me mostravam.

– Banyan? – gritou uma voz. – Banyan, é você mesmo?

Corri para dentro, e, de súbito, Zee estava me abraçando, com seu corpo fedendo a urina e metal e seus olhos derramando lágrimas no meu queixo.

– Uma velha conhecida, construtor? – perguntou Harvest, parado diante da porta. – Que momento emocionante.

– Quem é essa? – perguntou Jawbone, surpresa, chegando perto de mim. – Posso saber o que está havendo aqui?

– E eu que pensava que era a outra que você gostaria de ver. A que se parece com a estátua. A mulher com a árvore tatuada. – Harvest ligou uma lanterna e apontou para a cela, iluminando os tristes pedaços de carne, um corpo de cada vez.

Então eu a vi em um canto. Vestida com uns trapos velhos e sem mais nenhum brilho nos olhos ou no cabelo. Ela ergueu o rosto, deixando-se iluminar pela lanterna, e para mim foi como se Hina tivesse deixado para trás tudo aquilo que a estátua devia representar.

– É ela, não? – sussurrou Jawbone. Parecia que, mesmo naquela situação, a capitã ainda conseguia perceber. Por baixo da imundice, a graça de Hina ainda resistia. Aquela mesma firmeza com que ela dançava acima da floresta continuava ali, mesmo que estivesse escondida.

– Harvest – eu disse, virando-me para ele –, aquela mulher tem que vir conosco. Como parte da negociação.

Ele apenas riu. Uma risada pervertida e cruel. Sem nenhum humor. – Negociação? – perguntou o maldito, fechando a porta diante de nós. – Que negociação?

– Espere! – Jawbone correu e agarrou as barras de metal da cela. – Que diabos você pensa que está fazendo? – ela gritou, em desespero. – Deixe-nos sair! Agora!

– Desculpe-me, capitã – disse Harvest, balançando a cabeça negativamente, como se não pudesse fazer nada para mudar a situação. – O tempo acabou. Mais nada pode ser feito. Nosso negócio terminou. Eu vou levar tudo. – Seus dentes brancos se destacaram na escuridão quando ele sorriu. – E todos.

## CAPÍTULO 27

Jawbone ficou parada na porta da cela, agarrada às barras de metal, como se estivesse prestes a arrancá-las dali. Eu, sem saber o que fazer agora, a fiquei observando, estudando a linha formada pelos seus ombros, com seus cabelos loiros trançados bem rente ao crânio. Tinha certeza de que não havia sequer uma célula do seu corpo disposta a desistir. Dava para perceber que aquela situação a estava matando por dentro. Seu povo estava em perigo e não havia nada que ela pudesse fazer quanto a isso.

Zee ainda me abraçava, com o corpo todo tremendo. Hina continuava encolhida no canto. Passos ecoavam no corredor, conforme Harvest se afastava, até que desapareceram em meio à tosse e aos gemidos desesperançados dos prisioneiros.

– Eu pensei que você tivesse morrido – sussurrou Zee no meu ombro. Seu peito chiava mais do que nunca. – Eles me disseram que tinham matado você. Na tenda do Tripnotizador.

– E Crow? Onde ele está? – perguntei. – E Frost?

– Crow está aqui, eu acho. Em algum lugar. Frost nos entregou em troca da própria liberdade.

– Ele trocou vocês?

– Tínhamos acabado de chegar aos milharais. Eu tentei fugir, me esconder no meio da plantação. – Ela começou a tossir e bater no peito.

– Onde Harvest está levando vocês?

– Não sabemos – respondeu Zee, com voz rouca.

– Todo mundo aqui vai ser vendido – disse Jawbone, de sua vigília na porta da cela. – Pouco importa onde vai acontecer.

– Você voltou para a casa? – perguntou Zee entre os ruídos que lhe saíam dos pulmões.

– É, voltei.

– Eu disse a Sal que tomaria conta dele.

– Ele está aqui.

– Está tudo bem com ele?

– Não por muito tempo. – Dizendo isso, olhei novamente para Hina. A mulher que meu pai havia amado. Eu tinha um monte de perguntas a fazer. Mas aquela não era a hora certa para isso.

– Banyan – Zee baixou a voz –, ouvi dizer que eles controlam um mercado de carne humana. Na Cidade Elétrica.

– É. Também já escutei essas histórias.

Aquelas pessoas estavam magras demais, foi o que eu disse a mim mesmo. Mas então me dei conta de que poderiam ser engordadas se alguém as enchesse com o superalimento. Só que isso não combinava com o que o velho rastafári tinha me dito – as árvores, o navio cruzando o oceano. A verdade era que nada do que estava acontecendo fazia sentido.

Consegui fazer Zee me soltar, mas ela me seguiu até a porta da cela. – Qual você acha que vai ser o próximo passo dele? – perguntei a Jawbone.

– Depende do tamanho do exército que ele controla.

– Então qual é o plano agora?

Jawbone abriu um sorriso discreto e seus olhos brilharam à luz esverdeada. – O plano é o mesmo desde que vi o velho Harvest



estacionando sua Arca perto demais da minha cidade.

Jawbone tirou as botas ensopadas e arrancou de dentro delas um rolo de fios.

E depois os explosivos. Uma boa quantidade de explosivos.

– Espero que você esteja pronto para uma boa briga, fazedor de árvores – disse Jawbone, olhando para mim. – Pois vamos achar o sem-vergonha e virá-lo do avesso.

Zee agrupou o resto do pessoal da cela e fez todos se espremerem contra a parede, o mais longe possível da saída, enquanto eu ajudava Jawbone a colocar um pequeno pacote de explosivos na porta.

– Você sabe qual vai ser o tamanho da explosão? – perguntei, observando suas mãos, cheias de fúria, prepararem o pavio.

– Vai ser grande o bastante – ela respondeu. – E o resto nós vamos prender à tubulação de combustível. Recomendo que, quando isso acontecer, você suba o mais rápido que suas amigas conseguirem.

– E quanto às outras pessoas? O resto dos prisioneiros?

– Se você quer perder tempo aqui embaixo, vá em frente. Vou estar ocupada, tentando salvar o meu povo. Alfa inclusive. – Ao dizer isso, ela me olhou por alguns segundos, esperando para ver a minha reação. Só que não havia a menor chance de Jawbone conseguir ler a minha mente. Pois nem eu mesmo sabia o que estava se passando lá.

A capitã colocou a mão por dentro das calças e tirou um isqueiro dourado dali. Então, acendeu e o colocou na frente do pavio.

– Pronto?

Eu me afastei na mesma hora, mas acabei tropeçando e caindo. Rolei para trás e dei um pulo na direção da parede, com a garota maluca, cheia de explosivos no bolso, vindo logo atrás de mim.

Escutei a explosão um instante antes de senti-la. Quando ela me atingiu, meus pés saíram do chão e meu corpo foi arremessado contra a parede. A fumaça me fez engasgar. O calor fez a garganta secar, e fiquei ali, de quatro, com os olhos cheios de água.

Eu me levantei cambaleando e tentei caminhar para a frente. A fumaça se espalhava. Gritei o nome de Jawbone, mas, naquela altura, ela já estava longe.

Do lado de fora da cela, eu me esforcei para tentar enxergar algo no meio de tanta fumaça. Senti o pânico crescer dentro de mim quando me dei conta de que não fazia a menor ideia da direção que Jawbone tinha tomado. Tentei novamente chamá-la, gritando o mais alto que consegui, mas havia uma porção de outras vozes cortando os ares e os gritos todos se misturavam.

Corri de volta para a cela e agarrei Zee e sua mãe pelos braços, puxando-as para fora, irritado com a lerdeza das duas. Mas aí vi o rosto de Zee e entendi tudo. Ela estava tossindo sem parar, com o rosto vermelho e cheio de lágrimas, e a cada nova tossida um pequeno jato de sangue lhe espirrava nas mãos e algumas gotas escorriam pelo canto da boca.

– Escute só, Zee – eu disse, tentando ajudá-la a se acalmar para retomar o fôlego. – Eles têm uma sala lotada de livros nesta cidade. Assim que sairmos daqui, você vai poder sentar lá e ler quantos quiser. – Ela sorriu para mim, limpando o sangue dos dedos.

– Os livros fazem você sentir-se melhor – continuei. – Não é mesmo?

Então me virei para Hina. – Vocês têm que fugir daqui, bem rápido. – Apontei para a direção de onde, alguns minutos antes, tínhamos vindo. – No final do corredor, há uma escada. Vocês têm que subir. O mais rápido que puderem.

– E você? Vai fazer o quê? – perguntou Zee, enquanto a mãe a empurrava para a frente.

– Vou estar logo atrás de vocês – respondi, vendo-me obrigado a mentir. – Agora não há tempo a perder. Corram.

Eu as observei desaparecerem no meio da fumaça, depois dei meia-volta e corri no sentido contrário. Enquanto passava pelas celas, eu batia nas portas, o que era inútil, pois continuavam todas trancadas. Pelos meus cálculos sobre nossa localização, acreditava que a tubulação de combustível devia se concentrar exatamente naquele setor do veículo. E sabia que, se o combustível estava ali, então Jawbone também estaria.

Não tinha a menor ideia do que faria se alcançasse Jawbone. Nenhum plano em mente. Nenhuma alternativa. Mas tinha de existir maneira melhor de conduzir as coisas. Uma resposta melhor do que simplesmente deixar todas aquelas almas perdidas se desintegrarem ali, sem uma chance para tentarem escapar.

Mãos atravessavam as barras das celas tentando me alcançar. Vozes me imploravam para parar.

– Jawbone! – gritei mais uma vez, e foi como se o nome dela tivesse saltado para fora da boca, independente da minha vontade. Foi quando consegui vê-la. No momento seguinte, ela estava

esbarrando em mim, apressada, voltando pelo corredor e me derrubando no chão.

Sem parar de correr, ela olhou para trás e gritou para mim:

– Agora é tarde demais. Já achei o que estava procurando. É hora de fugir. Vamos logo!

– Baixinho, é melhor você fazer o que a garota está dizendo.

Eu olhei para o lugar de onde vinha aquela voz familiar. Era Crow.

Ele esticou o braço e me pegou pelo pescoço, erguendo-me e puxando-me para perto.

Olhei para dentro da cela e depois para o branco dos seus olhos. Examinei sua barba e seus dreads, agora cobertos de sujeira.

Crow sorriu, e seus dentes brilharam na escuridão. – Se você conseguir sair deste lugar, baixinho, e por acaso encontrar Frost, diga a ele que mandei um abraço.

Fiz que sim com a cabeça, ainda com a mão quente e áspera do segurança apertando o meu pescoço. Então, ele me soltou e meus pés tocaram o chão novamente.

– Eu e eu vejo você por aí, baixinho – disse Crow. – Na próxima vida.

Na mesma hora, disparei pelo corredor e deixei Crow ali. Sem olhar para trás uma vez sequer.

Quando a primeira carga explodiu, o som foi ensurdecedor. Um estalo e depois um estrondo enorme. Eu estava quase chegando à maldita escada, tinha praticamente conseguido. Senti o calor aumentar enquanto corria e vi a bola de fogo tomar conta do corredor atrás de mim como se ele estivesse sendo sugado por um canudo.

As chamas avançavam com violência, dançando pelo corredor, e o próprio ar parecia derreter ao meu redor, quando finalmente consegui agarrar o primeiro degrau da escada e dar impulso para começar a subida.

Escalei sem olhar para trás. O fogo subia pelo túnel, com tanta força que acabou me empurrando para cima, queimando as solas dos meus sapatos.

Chegando ao topo da escada, dei um salto e rolei no corredor, tossindo, com o corpo coberto de fuligem. As chamas chegaram logo depois, fazendo uma espiral na escuridão.

Arranquei os sapatos derretidos e corri na direção da cabine. De imediato, pude ver pelas janelas por que a Arca parecia tão vazia.

Eles estavam do lado de fora. Todos eles. Um exército, como Jawbone havia dito. Um exército de homens cinzentos, vestidos com jaquetas de plástico da mesma cor. E cada um daqueles homens tinha a mesma aparência. Mesmo à distância, eu conseguia perceber isso. Seus rostos eram tão idênticos quanto às roupas que eles usavam. O mesmo crânio sem cabelos. Um exército de cópias. Milhares de Harvests prontos para o ataque.

Eles estavam avançando pela cidade, encurralando os grupos de piratas ou, então, simplesmente atacando com violência. Aquilo tinha virado zona de guerra. Puro caos. E ali, na cabine, estavam Zee e Hina. Esperando por mim.

Mas Jawbone estava na frente do painel de controle, com uma arma na mão. E, diante dela, espremido contra os botões, estava o rei Harvest em pessoa. O homem que guardava todas as respostas. O homem que sabia qual era o destino final do navio de escravos.

## CAPÍTULO 28

Jawbone atirou antes mesmo que eu pudesse gritar algo. Antes que pudesse tomar qualquer atitude. Um tiro à queima-roupa, com a pistola enterrada na parte de baixo do queixo de Harvest. Pedacos dos miolos dele se espalharam pelo painel de controle, e o sangue espirrou por toda parte, nas telas, alavancas e botões.

Alguém estava gritando, e demorei alguns segundos para entender que era a minha própria voz que se projetava para fora de mim, sem nenhum aviso prévio.

Jawbone, tirando os pedacos de pele do cabelo enquanto se afastava do corpo, encarou-me.

– Relaxe, Banyan – ela murmurou. – Esse aí não valia nenhuma lágrima.

Mas era muito cedo para ela relaxar e baixar a arma. De repente, a porta da cabine se abriu e uma cópia de Harvest entrou junto com a chuva.

Ele estava armado até os dentes e começou a disparar, descarregando toda a munição na direção de Jawbone, fazendo o corpo franzino da pirata se debater e cambalear até cair sem vida sobre o painel. E, agora que o homem havia terminado com ela, estava se virando para Zee.

Corri pela cabine como se houvesse dois de mim. Um deles esperava parado, só assistindo à cena. O outro era pura velocidade.

Parti para cima da cópia e a derrubei no chão. Com a arma apontada para cima, ela apertou o gatilho e, em segundos, cobriu o

teto de buracos. De repente, notei que mãos me ajudavam. Eram Zee e a mãe. E nós quatro ficamos ali agarrados, como se nossos corpos houvessem se unido, mas apenas um cérebro pudesse governar.

Cravei as unhas na pele pálida daquele homem, puxei e chacoalhei a arma até conseguir pegá-la. Fiquei de joelhos e apontei a arma para o rosto dele, garantindo que ele conseguiria vê-la, para que os termos da nossa conversa ficassem bem claros.

– De onde foi que você veio? – gritei para ele, assustando as outras duas, que se afastaram.

O homem apenas ficou olhando para mim. Sua expressão era vazia, sem vida. Ele se parecia com Harvest. Que droga. Ele *era* o maldito Harvest. Só que não. Não completamente. Não no fundo dos olhos.

– Para onde vocês vão levar todo mundo? – perguntei então, debruçando-me sobre ele, pressionando a arma contra sua bochecha.

– Ele não vai lhe dizer nada.

Eu me virei, surpreso. Era Hina quem tinha dito aquilo. Até então, eu nunca havia escutado sua voz.

– O que você quer dizer com isso?

– Eles conseguem copiar o corpo – ela respondeu. – Mas não a mente.

Confuso, encarei o homem vazio diante de mim. Depois olhei para Zee e, novamente, para Hina. – Como você pode ter tanta certeza?

Seus olhos cinzentos olharam no fundo dos meus. – Porque o seu pai me contou.

Eu não sabia o que dizer. Mas isso não fez diferença. Pois, naquele mesmo instante, um estrondo veio de baixo de nós e a cabine começou a tremer, enquanto, em algum lugar nas profundezas da Arca, o tanque de combustível começava a explodir.

A segunda explosão nos arremessou contra o teto e nos segurou ali, enquanto o chão se deformava e a Arca inteira chacoalhava. O painel de controle pegou fogo, e as janelas se estilhaçaram. Acabei perdendo de vista meu prisioneiro. Zee e Hina também sumiram.

Ao som das explosões secundárias, eu lutava e me debatia, com cacos de vidro rasgando minha pele e a fumaça enchendo meus pulmões. Dei um pulo para a frente, na direção de onde parecia vir o barulho da chuva. Lá estava a água novamente. Eu podia escutá-la. Mais perto agora. Estiquei o braço e consegui sentir as gotas quentes atingirem minha mão.

Consegui me arrastar para a luz do dia e rolei para ficar com as costas sobre a plataforma toda retorcida. A prancha pela qual havíamos chegado não estava mais lá. Mas, graças à explosão, a Arca acabou tomando a direção do muro da cidade, chegando a bater nele e deixando-o a ponto de desabar.

Comecei a engatinhar no meio da fumaça e das chamas. Olhei para os destroços atrás de mim e enxerguei braços e pernas que se moviam.

– Por aqui! – gritei. – Sigam a minha voz. – Continuei gritando, enquanto abria caminho de volta aos restos da cabine. Segurei Hina nos braços e a tirei dali. – Onde você está? – gritei, procurando por Zee. – Não dá para ver nada aqui!

Ninguém respondeu.



– Zee?

Não adiantava. Gritei de novo. Mas nosso tempo estava se esgotando.

Enquanto a Arca desabava, agarrei Hina pela cintura e a levantei. Mal ela havia colocado o braço ao redor dos meus ombros, comecei a correr tão rápido quanto podia e saltei.

Foram uns bons três metros, que mais pareceram dez. Caímos sobre o muro, e o concreto se desfez debaixo dos nossos pés, derrubando-nos, mas conseguimos nos segurar com os braços e escalamos de volta, desesperados.

A Arca, em chamas, desabou finalmente na lama, dividindo-se em dois e fazendo um barulho ensurdecedor. A lateral estava toda arreventada, e o topo, coberto de buracos.

A chuva parou e deu lugar ao som do tiroteio. Eu me abaixei no muro e observei a cidade. As piratas haviam obstruído as passarelas, mas o exército de cópias não dava sinais de que pretendia recuar. No meio da cidade, consegui ver o fosso dos prisioneiros, que estava ainda coberto pela rampa. Do outro lado, ficava a floresta de ciprestes e samambaias e, bem no centro dela, estava a estátua da mulher que dançava sobre o resto do mundo.

Não sei quem explodiu os geradores. Mas aqueles sugadores de combustível quase conseguiram incendiar os céus. Foi como se as próprias nuvens estivessem em chamas. Eu estava no meio da floresta, respirando com dificuldade, cercado de todos os lados pela fumaça preta.

Hina não era muito pesada, mas, assim que chegamos à estátua, eu a larguei no chão como um saco de pedras. O tempo corria. Hina

estava quase consciente quando a arrastei até o pé da estátua e a ergui pela entrada que havia nele.

Então comecei a vasculhar a lama, no lugar onde havia deixado minhas ferramentas. Achei a pistola de pregos e a carreguei. Levantei-me e olhei para a Velha Orleans, tomada pelas chamas. Eu precisava achar Sal, descobrir as malditas coordenadas para o GPS e sair daquela cidade o mais depressa possível.

Mas tinha de fazer uma coisa antes.

Achar Alfa.

Há pelo menos uma coisa boa em um mundo que é todo feito de metal e pedras: ele não pode queimar por muito tempo. Uma vez que o fogo já havia consumido todo o combustível, as chamas reduziram-se a pequenos montes fumegantes, pilhas derretidas de plástico e borracha. Só que agora a fumaça era quase tão perigosa quanto as chamas haviam sido. Nuvens negras e tóxicas, pairando sobre a água marrom.

E, assim como o fogo se transformou em fumaça, a minha corrida virou uma caminhada hesitante. Eu estava com a pistola de pregos em punho e a camiseta na frente do nariz. Não aguentava mais pisar naquele concreto. A cada passo que dava, meu corpo parecia deixar um pedaço para trás.

Exausto, parei e tentei olhar adiante, através da fumaça. Dois soldados se aproximavam. Um par de gêmeos de pele pálida e rosto inexpressivo, avançando rápido no meio da fumaça, com as submetralhadoras balançando diante de seus corpos.

Ajoelhei-me no chão e segurei a pistola com as duas mãos. Meu primeiro tiro os surpreendeu, antes mesmo que tivessem me

avistado ali. Mas o resultado não foi muito bom. O prego acertou o ombro de um deles, mas não serviu nem para fazê-lo diminuir a velocidade. Atirei de novo. Mais alto dessa vez, tentando mirar na cabeça. E acertei na mosca.

O soldado caiu no chão na mesma hora, mas o parceiro dele acelerou o passo em minha direção. Dei imediatamente meia-volta, pisei em falso e tropecei na passarela. E, de súbito, eu estava desabando no escuro, desaparecendo embaixo da cidade.

Acabei soltando a pistola de pregos ao me espatifar na lama. Depois disso, continuei afundando. Meu corpo estava pesado. E eu não estava parando.

Aquilo não era lama, era água. E eu não estava nadando.  
Estava me afogando.

## CAPÍTULO 29

Quase se afogue uma vez e depois tente se afogar de novo. A segunda experiência é muito pior. Eu já sabia o que aconteceria, antes mesmo de as coisas se realizarem. Minha mente estava sempre um passo à frente do meu corpo. Eu previa que os olhos iam começar a pulsar com força e que a garganta ia travar. Como eu gostaria de estar errado! No início, meus braços e pernas debatiam-se, agitavam-se em desespero na água, que ia ficando cada vez mais pesada. E não demorou até que eles ficassem duros e paralisados.

Juro que não queria desistir nem simplesmente continuar afundando, mas, quando todas as tentativas fracassam, já não há muito o que fazer. Não vou dizer que a minha vida passou diante dos meus olhos, porque não houve nada disso. Mas, de repente, comecei a sentir algo diferente. Talvez por causa da maneira que os meus braços estavam abertos, não sei bem. Só sei que parecia que eu estava dançando. É sério. Dançando. E nunca dancei uma vez sequer na vida.

Foi como se eu tivesse me transformado nela por um breve momento. Em Hina. A estátua. E aí, minhas pernas começaram a se agitar de novo. Como se meu coração tivesse se lembrado de bater.

O que não adiantou nada. Só mais uma rodada de movimentos desesperados. Mas uma mão surgiu do nada e, por uma fração de segundo, eu senti o ar e tentei me manter na superfície. No instante seguinte, entretanto, estava afundando novamente. E

apagando. Sei que desmaiei por um segundo, porque houve um momento em que nada aconteceu, um momento em que não vi, nem ouvi, nem senti coisa alguma além de uma deriva sombria.

Quando voltei a mim, estava sendo puxado de novo. Mãos agarraram minha camisa e minhas calças, erguendo-me na água.

Meu rosto alcançou a superfície, mas eu continuava sem respirar. A boca estava fechada e travada, e os olhos tremiam – havia água demais dentro de mim. Apaguei mais uma vez. Depois, acordei estirado na lama. Meus pulmões recomeçaram a funcionar em espasmos, como um motor frio pegando no tranco, com o corpo todo se contorcendo a cada respiração.

A parte de baixo das passarelas formava um céu de concreto sobre mim, uma colcha de retalhos feita de pedra e costurada com aço. Tentei sentar, mas desisti. E Sal estava comigo, abaixado ao meu lado, esperando que eu dissesse alguma coisa.

Você nunca viu alguém flutuar como Sal conseguia. O filho da mãe não afundava de jeito nenhum. Não foi fácil para ele mergulhar até o fundo tantas vezes, procurando pela minha pistola de pregos, como pedi. Perdi a conta de quantas vezes vi seus pezinhos pairarem no ar e depois afundarem na água, antes de o gorducho voltar de mãos vazias.

– Não consigo achar. Não tem jeito. – Sal cuspiu e tossiu enquanto nadava de volta para a lama. – É fundo demais – ele disse, balançando negativamente a cabeça.

Observei a cidade acima de nós. Senti que ela não me queria ali. Sabia que o melhor era dar o fora o quanto antes. Eu tinha pressa. Pensei em Pop. Nas árvores.

Só que depois lembrei de Alfa.

– Vou voltar lá para cima – disse então, decidido.

– Você só pode estar doido! A mulherada está alucinada lá. E aqueles caras, então? De onde é que eles tiram tantas armas?

– Para que lado fica o fosso onde você estava preso?

Ele apontou. – Agora está cheio de água. E de corpos. Você não vai conseguir chegar até lá se não sabe nadar.

– Então venha comigo – eu disse. – Vamos voltar para a floresta. De lá posso refazer meus passos.

– Existe floresta aqui? – perguntou Sal, enquanto tentávamos manter o equilíbrio caminhando na lama.

– Existe, sim – respondi, olhando por entre as tábuas da passarela. – E não é só isso.

Embaixo das samambaias, encontrei um pilar alto e empurrei Sal acima da lama. Continuei empurrando até que ele tivesse alcançado o topo. Sal observou a estátua em silêncio, como se seu cérebro tivesse parado de funcionar.

– É ela – murmurou o garoto.

– Espere até você entrar lá.

Empurrei o gorducho na direção da estátua, expliquei como entrar e retornei para a cidade.

O tiroteio tinha acabado. Às vezes, uma rajada de metralhadora isolada quebrava o silêncio. A fumaça já havia se dissipado e, enquanto eu corria no meio de todo aquele caos, a chuva voltou a cair, arrastando os restos da batalha e escorrendo pelas pilhas de corpos.

No centro da cidade, eu ainda não havia encontrado uma alma sequer. Achei que era hora de começar a chamar por Alfa e, então,

gritei seu nome o mais alto que pude.

Consegui escutá-la bem antes de vê-la e, quando a avistei, mal a reconheci. Ela estava de pé sobre o muro da cidade, com as pernas abertas e a cabeça jogada para trás. E estava soltando um grito exaltado, mais parecendo uma criatura que tinha acabado de descobrir que sabia voar.

Apenas a observei lá em cima, através da fumaça. Ela era como alguma coisa que você tentaria construir se pudesse. Parecia representar algo que nenhuma palavra seria capaz de explicar.

Estava coberta de lama, dos pés à cabeça, e a roupa estava ensopada com o sangue de outros. Fiquei assistindo enquanto ela erguia os dois braços, balançando a arma sobre a cabeça, ainda dando aquele grito de guerra que não podia ter aprendido com ninguém neste mundo.

Quando enfim juntei forças para chamá-la, ela se virou na mesma hora e olhou para mim lá de cima. Eu me senti nu diante daquele olhar selvagem. E me senti vivo. Desconhecido. Naquele exato momento, soube que o mundo continha coisas que eu jamais conseguiria compreender.

Embora Alfa tenha permanecido parada, corri até ela. Ao alcançá-la, eu a abracei da maneira que gostaria de ser abraçado naquele instante. Envolvendo-a nos braços, olhei ao longe, para as planícies lamacentas, por onde se espalhavam os soldados de Harvest que haviam restado.

E a Arca estava lá, destruída, com chamas ardendo aqui e ali e a fumaça subindo por toda parte. Fiquei olhando aquele monstro abatido que, um dia antes, mais parecia uma cidade sobre rodas.

– E é assim que tudo termina – sussurrou Alfa, com a cabeça no meu ombro.

– Não – eu disse, apertando-a contra meu corpo. – Ainda há mais.

Não demorei muito tempo para convencê-la. Enquanto a chuva caía e a noite chegava, abri o jogo. Contei todos os meus segredos. Tudo o que sabia. Logo estava falando da tatuagem que apontava para um lugar diferente. Um lugar que não estava apenas preso a uma história antiga, nem escondido em alguma música do mundo de antigamente. Falei também sobre o meu pai. E falei sobre as árvores. Contei como eram bonitas e como eram muito mais que apenas isso. Eram criadas para a sobrevivência. Algo que podia colocar comida na mesa e queimar no escuro. E, enquanto falava, eu imaginava se meu pai alguma vez também já havia feito uma promessa, de pé sobre os muros da Velha Orleans, abraçando o mundo numa mulher, com os olhos mirando o horizonte na noite misteriosa.

– E se nós não acharmos as tais árvores? – Alfa me perguntou, tremendo de frio, enquanto a chuva se misturava ao sangue em sua pele.

– Então, eu continuarei a construí-las – respondi. – Da melhor maneira que conseguir.

Ela olhou bem para o meu rosto, como se estivesse tentando ler algo nele.

– O lugar para onde meu pai foi levado – continuei – pode ser o mesmo onde está sua mãe.

– Isso já faz um bom tempo. – Alfa olhou para a cidade. As piratas haviam começado a se reunir abaixo de nós, esperando por uma



nova capitã para obedecerem.

– Acho que elas não vão poder nos acompanhar – expliquei, olhando para baixo. – Caso você decida vir comigo.

– Eu vou com você, meu chapa. Vou me transformar na rainha de todos os piratas quando voltar para casa trazendo árvores para plantar e frutas para comer.

Só fiquei olhando para ela. Cheio de desejo. Queria ser mais para ela do que apenas uma passagem para a Terra Prometida. Sonhava ser a pessoa com quem ela ficaria para o resto da vida.

Sem conseguir me aguentar, eu me inclinei em sua direção. E a teria beijado facilmente. Não estava nem aí para toda aquela gente lá embaixo. Não estava nem aí para seu rosto sujo. Eu a teria beijado, com certeza. Pelo menos tentei. Mas, quando ia acontecer, uma voz surgiu lá de baixo e conseguiu estragar tudo.

– É você, baixinho? – gritou Crow na escuridão. – É você mesmo que está aí?

## CAPÍTULO 30

Meu coração praticamente parou quando olhei para baixo. Naquele momento, a noite já havia caído de vez, as nuvens cobriam a maior parte das estrelas e manchavam a lua. A chuva havia se transformado em garoa fina. Soldados estavam caídos por toda parte, e as piratas sobreviventes amontoavam-se lá embaixo, sentadas no chão. Mas Crow estava de pé, destacando-se acima de todos. E de tudo.

Sua barba tinha desaparecido. Todo o cabelo que havia em sua cabeça parecia queimado, dando lugar ao sangue e às bolhas. Suas roupas não passavam de pedaços de pano rasgados pendurados no corpo, como se, ao tentar arrancar tudo e se livrar delas, Crow tivesse desistido no meio do caminho.

Quando me aproximei, o sorriso dele se abriu na escuridão. – Que bom ver você – disse Crow. – Mesmo que o seu estado não seja muito melhor do que o meu.

– Então você conseguiu sair de lá! – eu disse, espantado, como se ao articular essas palavras pudesse acreditar nelas.

– Pode crer. Com corpos atrás de mim. E corpos na minha frente. – Crow olhou para as próprias mãos e braços. – Ainda consigo sentir os pobres coitados se agarrando em mim.

– Há mais gente lá?

– Não sei. Há uma rachadura imensa no meio daquele troço. Mas a srta. Zee estava lá. E a mãe também.

- Como eles pegaram vocês?
- Nos milharais.
- Foram os gatunos?
- Não. Agentes.
- Agentes não capturam gente na estrada.
- Parece que agora estão fazendo isso.

Tentei entender o que aquilo poderia significar. Agentes da GenTech sequestrando escravos para o rei Harvest. Pensei em como isso tornava ainda mais perigosa a viagem para o oeste, pois os milharais estão sempre cheios daqueles filhos da mãe de uniforme roxo.

– Que diabos ele ia fazer com toda essa gente, afinal de contas? – perguntei, na esperança de que Crow tivesse alguma informação.

– Não faço a menor ideia – ele respondeu, dando de ombros. – Mas, com um veículo daquele tamanho, dá para dizer que, fosse lá o que ele estava fazendo, era algo que já estava em curso havia muito tempo.

– Espere aí – eu disse, lembrando-me do que Zee tinha contado. – Você trabalhava para a GenTech antes de ser contratado por Frost.

Crow riu, alto como um trovão. – É verdade, baixinho. Eu trabalhei para eles.

– O seu trabalho era procurar árvores.

Ele parou de rir e seus olhos mudaram. – Procurar? – ele disse, sério. – Não, eu não procurava por nada. Mas pode-se dizer que elas me encontraram. E, agora, acho que seria melhor se me levasse com você.

– Comigo?

– Pelo jeito, a srta. Zee já contou tudo sobre a nossa busca pela Terra Prometida, o que significa que você procura o mesmo que eu. Vega é o único lugar onde se pode achar um GPS. E, já que você tem que ir para o oeste, então vai precisar de mim.

– Por quê? – perguntou Alfa, surgindo ao meu lado. – Para sermos pegos pelos agentes de novo?

Crow se virou para ela, passando a língua nos lábios rachados. Depois se virou outra vez para mim. – Os milharais são um labirinto, fazedor de árvores. Tão grande quanto a Muralha do Sul. E a rodovia 40 não é a única maneira de atravessá-los.

– Existe outro jeito?

– A GenTech tem uma porção de caminhos. E alguns não são vigiados.

– E por que você simplesmente não vai sozinho?

– Eu iria, baixinho. Pode crer que sim. Iria agora mesmo. Mas como, se não tenho nenhum meio de transporte? Entende o que eu digo? Você nos põe em movimento e eu posso mostrar o caminho.

– E o que faz você pensar que eu tenho um carro aqui?

– Os piratas sempre têm caminhões. E essa garota gosta de você, baixinho. – Ele nos observou, agora calado, apenas coçando o queixo, como se esse movimento o colocasse no controle de tudo. – Está na cara que ela gosta – completou, e de repente começou a escorrer sangue pelo seu rosto queimado, tão grande era o sorriso que estava dando. – Eu já lhe disse, baixinho: você é meio maluco, mas é um carinha legal.

Uma névoa, vinda do sul, cobriu o lugar. Na floresta, estava escuro demais para se enxergar qualquer coisa. Viam-se apenas as nuvens

cinzentas, que se moviam em meio ao metal, ao som da garoa que caía sobre as árvores. Alfa e Crow estavam exaustos, dormindo na cidade, mas eu tinha voltado para buscar Sal. E Hina.

Cruzei a floresta usando as botas de plástico de um soldado morto. Bati na base da estátua, gritando o nome de Sal. Como ninguém respondeu, vasculhei minhas ferramentas encharcadas, achei a lanterna e entrei na estátua.

Eles estavam no final da perna estendida, Sal todo encolhido contra o corpo de Hina. Os dois tremendo de frio. Daquele jeito, dormindo, os dois mostravam uma doçura que não conseguiam demonstrar quando acordados. Pareciam em paz. Calmos. Baixei a lanterna e deitei na curva da estátua.

Tentei trazer à mente a sensação de estar perto da mãe, nos braços de quem eu havia dormido um dia. Segundo Pop, minha mãe era das terras do norte. E passou fome até morrer, antes mesmo que eu fosse capaz de me lembrar dela. Mas ela havia ensinado meu pai a ler, o que eu sempre achei que era um presente de verdade. Para mim, nessa vida, a gente tem que se apegar ao que tem de bom.

Deixei escapar um suspiro e tentei imaginar o que havia acontecido entre meu pai e aquela mulher que agora, a poucos metros de mim, dormia com os braços em volta do filho adotivo. Pop devia ter se apaixonado de verdade por ela para construir aquela estátua, e Hina provavelmente correspondeu. Mas eu não entendia muito dessas coisas. E, apesar do que aconteceu entre eles, apesar do que sentiam um pelo outro, seus caminhos acabaram separados.

Hina terminou em uma mesa de apostas em Vega e foi obrigada a criar a filha com um gordão violento e viciado. Já meu pai conheceu minha mãe e depois correu as Cidades de Aço junto comigo, imitando a natureza em um mundo onde nenhuma forma de vida tinha resistido.

Ou será que não foi assim?

Naquela hora, pensei em acordar a mulher para perguntar o que ela sabia, olhando no fundo de seus olhos prateados. Perguntar sobre meu pai. Sobre a árvore tatuada em sua barriga. Pois parecia estranho demais que aquela tatuagem – que Pop devia conhecer tão bem – agora indicasse exatamente o lugar ao qual ele havia sido levado depois de o terem sequestrado.

O cansaço acabou me vencendo, meus olhos se fecharam devagar. Antes que eu pudesse pensar em qualquer coisa, levantar ou me mover, já estava dormindo com a lanterna ainda ligada e as pilhas descarregando à toa. Quando acordei, a lanterna já não tinha mais nenhuma utilidade.

O que não fez muita diferença. Pois o sol estava brilhando e Alfa gritava o meu nome na floresta.

– Cadê o Crow? – perguntei, enquanto saía da estátua e acostumava os olhos ao brilho do sol.

– Ainda dormindo – respondeu Alfa. – Feito um morto. Isso se os mortos fossem capazes de roncar.

– Isso é bom. – Eu não queria que Crow visse a floresta. Nem a estátua. Imaginei que, em algum ponto da nossa jornada, ainda poderia ser útil saber algo que o segurança desconhecia.

Sal apareceu rastejando atrás de mim, todo suado e pálido, no calor da manhã. Bocejando, ele pulou da estátua.

– É esse o seu amigo? – perguntou Alfa.

– Acho que sim.

– E onde está a mulher?

Como se tivesse sido invocada, Hina rastejou para fora, com os cabelos todos embaraçados, e se espreguiçou. Que maluquice! Era como se a estátua estivesse parindo ela própria. Então, lembrei-me do que Zee tinha dito. Frost mantinha Hina o tempo todo sob o efeito do cristal. Isso queria dizer que, naquele momento, Hina estava provavelmente sofrendo com a abstinência. Sem falar no fato de que a filha tinha acabado de morrer.

– Estamos indo para Vega – eu disse a Hina, ajudando-a a se levantar. – Acho que você deveria vir conosco. Mas não pretendo forçá-la a fazer o que não queira.

– Não posso ficar aqui – ela respondeu, mantendo-se de costas para a estátua. Hina contraía todos os músculos sob os raios de sol. Mas os olhos continuavam tão frios quanto sempre haviam estado.

– Ontem, você disse alguma coisa – eu comecei a falar, baixando a voz – sobre aquelas cópias de Harvest.

Ela olhou bem para mim. Sem sequer piscar.

Mas eu não podia falar com ela sobre meu pai. Não na frente de Sal. O garoto também era alguém sobre quem seria melhor ter alguma vantagem, quando fosse preciso usá-la.

# CAPÍTULO 31

Todos os veículos piratas tinham sido incendiados e agora estavam largados no meio do barro, fumegando, com as carcaças gigantes ainda quentes.

– Estamos encalhados aqui – murmurou Alfa, olhando para seus temidos caminhões reduzidos a um amontoado de sucata.

– Não – eu disse. – Meu furgão deve estar funcionando, isso se ainda estiver onde o deixamos. Só precisamos ir até lá a pé.

Já que essa era a nossa única alternativa, nós cinco enchemos alguns cantis com água da chuva, reunimos um bom suprimento de milho e pegamos a estrada no rumo norte. Tomando novamente a direção da rodovia 40.

Devíamos parecer uma perfeita família de malucos, arrastando-nos através das planícies, com nossas botas grudentas cobertas de lama. A Velha Orleans foi se dissolvendo no horizonte atrás de nós, e, à frente, o que víamos era um belo monte de nada. Só a terra vazia e a imensidão do céu.

Alfa tomou a frente do grupo, guiando-nos na direção do lugar onde tínhamos esperança de que o furgão ainda estivesse. Quanto a mim, preferi ficar para trás, na retaguarda do grupo, tentando entender qual era a ligação entre Hina e Sal e entre eles e o homem que, dias antes, era o seu guarda-costas. Na verdade, acho que estava tentando descobrir em qual deles eu podia confiar.

Crow passou a maior parte do tempo alternando entre Hina em seus braços e Sal em seus ombros, já que ambos eram fracos



demais para aguentar uma caminhada tão extensa. O gorducho ficou triste de verdade quando lhe contei o que tinha acontecido a Zee. Também o flagrei chorando. Mas agora ele não parava de falar, perguntando sobre o que acontece quando a gente morre, querendo saber se as pessoas vão para um lugar diferente e se esse lugar é melhor ou pior do que aqui.

O coitado devia ter poupado suas energias. Ninguém estava dando a mínima ao que ele dizia. Provavelmente, estavam todos se perguntando como, para começo de conversa, haviam chegado àquela situação. E ninguém estava mais silencioso do que Hina. A angústia que ela sentia saltava aos olhos, era possível ver a dor tomar conta do seu corpo. De qualquer forma, Zee não tinha muito tempo de vida. Não com os pulmões no estado em que se encontravam. Eu tentava me apegar a essa ideia.

A verdade era que, em grande parte, eu havia ficado para trás do grupo na esperança de que Hina pudesse desacelerar um pouco o passo e se encontrar comigo. Pensei que poderia confortá-la. Talvez pudéssemos conversar. Acontece que, por mais devagar que ela estivesse caminhando, parecia sempre apertar o passo quando sentia que eu estava me aproximando demais.

Ela era valiosa, disso eu tinha certeza. E era mais do que um simples mapa. Hina sabia do meu pai e talvez até conhecesse o lugar para onde o tinham mandado. Sua cabeça estava cheia de respostas. Juro que daria minha última gota de água em troca de saber o que havia em sua mente.

E lá íamos nós, arrastando-nos no meio do nada. Eu havia aconselhado Alfa a não levar muitas armas e nem deixar que as piratas entregassem uma delas a Crow, por mais que ele insistisse

em pedir. Por isso, ela ia adiante dos demais caminhantes, com duas pistolas na cintura e o fuzil às costas. Eram as únicas armas que tínhamos.

Suas botas altas faziam bom trabalho com a lama, e seu moicano havia retomado a forma costumeira. Impressionante. Mesmo o maldito colete que ela usava parecia estar voltando à vida. Eu sabia que, se me deixasse levar, não faria nada além de desejá-la, e a espera só faria crescer o desejo dentro de mim. Mas decidi que isso teria de ficar para depois. Como tudo mais que estava diante de mim, nossa história teria de esperar.

Perto do meio-dia, Sal não quis mais caminhar e sentou o traseiro cansado na lama. – Eu preciso descansar, vamos fazer uma pausa – reclamou quando o alcancei.

– Você não pode mais carregá-lo? – perguntei a Crow, que havia acabado de deixar Hina no chão e estava olhando para mim adiante.

– Já passei a metade da manhã carregando o garoto. É sua vez, baixinho, de fazer o trabalho pesado.

Nem passou pela minha cabeça seguir o conselho de Crow, e então assobieei para que Alfa parasse. Ela se abaixou exatamente onde estava, uns quinze metros à frente.

– Como está a sua pele? – perguntei a Crow.

– Ressecada e se desfazendo. – Ele forçava a vista enquanto conversávamos, e eu entendi que sentia saudade de seus velhos óculos escuros.

– Quer um pouco de água?

– Não. Dê a minha parte à senhora.

Então voltei meu olhar para onde estava Hina, ajoelhada na lama, com o rosto voltado para o leste. Estava quente ali. Um calor insuportável. E pensar que estávamos em pleno inverno! Não teria sido nada mau se uma brisa fresca soprasse ao sul da rodovia 40.

– Hina! – tentei chamá-la, mas ela não esboçou nenhuma reação.  
– Você está com sede?

– Eu estou – interrompeu Sal. – Mas, para dizer a verdade, estou com mais fome do que sede.

– Você não está com fome coisa nenhuma – respondi, sério. – Você não tem a mínima noção do que essa palavra quer dizer.

Caminhei até Hina.

– Você devia beber um pouco de água. – Estendi o cantil para ela. Seus olhos se voltaram para mim e cruzaram com os meus por um instante. Então ela pegou o cantil e o levou à boca, tomando um longo gole.

– Muito obrigada.

– Terminei a estátua – eu disse, embora ela não parecesse disposta a conversar. – Do jeito que meu pai teria feito.

Ela ficou paralisada.

– As piratas me disseram que ele amava você – continuei, mas Hina balançou negativamente a cabeça.

– Ele me deixou – disse Hina, olhando para o chão. – Eu não bastava para ele.

– Dizem que vocês dois foram para Vega.

Ela abriu a boca para dizer algo. Depois olhou para mim. Mas aí seus olhos despencaram novamente, como o sol se pondo no horizonte, e eu a perdi.

– Como ele sabia aquilo sobre os soldados de Harvest? – insisti um pouco. – Sobre o modo como são copiados?

Hina continuou calada e imóvel, como se eu nem estivesse falando com ela.

– Mas que merda! – Perdi a paciência e peguei o cantil. – Já deu para entender que você está sofrendo. E você nem imagina como eu lamento por isso. Mas você sabe de algo sobre esse lugar aonde queremos chegar, e seria muita gentileza se resolvesse dividir isso comigo.

– Eu tento lembrar – disse Hina, no mesmo tom desanimado de antes. – Eu bem que tento. Mas tudo o que vejo é a muralha. O concreto se erguendo no meio das nuvens.

– É a Muralha do Sul. Foi lá que a encontraram.

– E eu me lembro da estátua. Do seu pai a construindo. Mas me lembro mais dele nervoso. E com medo.

Tentei tocar o ombro de Hina, mas ela se afastou como se eu fosse o demônio em pessoa.

– Sinto muito – foi só o que consegui dizer. E fiquei ali parado por um momento, vendo-a chorar e tremer.

Quando voltei para perto de Crow, ele me recebeu com olhar de reprovação. – Pronto para caminhar? – perguntou, ficando de pé.

– Estou logo atrás de você, grandão.

– Se já está tudo resolvido entre vocês, então podemos ir. – Crow lançou um olhar para Hina e depois me encarou.

– O que você quer dizer com isso? – perguntei.

– Já é hora do almoço? – quis saber Sal, cutucando Crow na perna.

– Pergunte ao chefe – ele respondeu, ainda olhando pra mim. – É ele quem está no comando aqui.

– Não é hora de comer, não – eu disse. – Pode levantar daí, Sal. Vamos voltar a andar.

E caminhamos até a noite cair. E nem sinal da rodovia.

## CAPÍTULO 32

– As estrelas são tudo de que eu preciso – disse Alfa, apontando para o céu noturno. – Basta manter o norte. Sempre em frente.

– Quer dizer então que, se estivéssemos caminhando durante o dia, você ia nos fazer perder o rumo, docinho? – perguntou Crow, irônico, surgindo atrás de mim.

– Já caminhamos durante o dia – ela disse. – E vamos continuar. E, se me chamar mais uma vez de docinho, eu parto você ao meio. Sacou, grandalhão?

Crow deixou escapar uma risada contida. – Acho que o seu baixinho aqui não gostaria nada de nos ver brigando.

– Corta essa – eu disse, interrompendo a discussão. – Temos que chegar ao furgão a tempo.

– A tempo? Tempo de quê? Uns poucos segundos não fazem diferença aqui. Não nessa corrida. Como você acha que vamos passar à frente do sr. Frost?

– Isso depende do seu atalho.

– Eu nunca falei de atalho nenhum. Só disse que era seguro.

Alfa apontou para Sal e Hina, que já estavam deitados, dormindo na lama. – Parece que vamos ter que descansar um pouco. Ou os dois ali não vão conseguir continuar.

– Tudo bem – respondeu Crow. – Durmam. Eu fico de olho.

– Não vou dormir – respondi.

– É mesmo? – Crow riu, enquanto se deitava na lama. Então abriu bem os braços e observou as estrelas lá no alto. – Por que você não

dorme com um olho aberto, chefe?

Eu o ignorei e me sentei do outro lado de Hina e Sal, tentando manter as costas eretas, para não deixar a cabeça tombar.

– Não podemos confiar nesse sujeito – sussurrou Alfa, ajoelhando-se ao meu lado.

– Eu sei. Mas ele vai precisar de nós se quiser chegar até o furgão.

– Mas e depois?

– Depois vamos ter que ficar de olhos bem abertos.

– Vou ficar de olho nele desde já.

– Eu também.

E foi o que fiz. Mas só por uns cinco minutos. Até que minha cabeça tombou para o lado, meus olhos se fecharam totalmente e me entreguei a um sono sombrio.

Enquanto dormia, sonhei com Zee, e não foi um pesadelo como outro qualquer. Ela estava agarrada às minhas costas, e eu estava me arrastando para fora da Tormenta, todo molhado, com os pulmões exaustos e os braços e pernas cobertos de lama, escalando o precipício. Depois, eu estava levando Zee nos ombros, em uma cidade empoeirada, quando ela começou a construir uma floresta, trançando meu cabelo com seus dedos e o amarrando às árvores.

Quando terminou, ela começou a fazer algo diferente, e senti que havia alguém nos observando, mas não conseguia saber quem era. Então as árvores de Zee começaram a despencar, uma a uma, e eu não podia segurar nenhuma delas, pois meu cabelo estava todo preso aos galhos e eles me mantinham no mesmo lugar enquanto Zee corria livremente.

Nesse momento, reparei que Zee estava trabalhando em uma estátua, com ombros largos e sem rosto. Uma barba começou a crescer, e era Crow. Mas a barriga da estátua inchou de repente, e era Frost quem estava ali. No segundo seguinte, entretanto, apenas o corpo da estátua era de Frost; o rosto era o meu. Até que, finalmente, a estátua era do meu pai, e ele estava olhando para mim lá de cima, como se lamentasse alguma coisa.

Aí a estátua desmoronou diante de nós, e assisti enquanto Zee era soterrada por toneladas de aço, com o rosto se transformando silenciosamente enquanto eu tentava alcançá-la. Eu queria tentar dizer alguma coisa. Chamá-la para perto de mim.

Mas era tarde. Ela já estava morta.

Quando voltei a mim, as estrelas estavam tão brilhantes que mais parecia que tinham sido elas que haviam me acordado. Mas não foi o céu noturno que me despertou. Alfa estava de pé acima de mim, observando algo à distância. E Crow estava bem ao lado dela, com os olhos tão concentrados que me encheram de medo.

– O que foi? – sussurrei.

– Ainda não sei – respondeu Alfa. Agora eu conseguia escutar um ruído fraco, que estava aumentando. Era o barulho de um motor, de algo se movendo. Um veículo cortando as planícies.

– Será que é a rodovia?

– Não. – Alfa armou o fuzil e mirou. – A 40 é naquela direção. Esse som vem do sul.

– Do sul?

– Isso mesmo, meu chapa. E, se eu tivesse que adivinhar, diria que está vindo direto da Velha Orleans.



Tão logo avistamos o que se aproximava, entendemos que era grande demais para tentarmos algo. Era um veículo monstruoso, mais alto do que largo, e a coisa toda parecia estar girando. Um feixe de luz se projetava da parte da frente, iluminando a lama.

– Deveríamos nos abaixar – eu disse. – Tentar nos esconder.

– Nos esconder em quê? Não há nada aqui.

– No chão.

Corremos para acordar Sal e Hina e, sem muita conversa, os fizemos deitar de barriga para o chão, o mais esticados que podiam, enquanto escavávamos o barro e os cobríamos com ele. Depois cavamos um buraco mais fundo e entramos nele, com os rostos pintados de lama, encolhendo-nos até desaparecermos abaixo da superfície.

Alfa tornou a empunhar o fuzil e o apontou bem na direção do veículo, que, naquele momento, estava apenas a algumas centenas de metros de nós. Ele roncava e zumbia enquanto se movia, apontando para a nossa direita. Pelo que parecia, rumava para noroeste. E eu torcia com todas as minhas forças para que ele passasse sem nos notar.

– Você já usou uma arma antes? – perguntou Alfa, que colocou na minha mão uma das pistolas que trazia. – Uma que não estivesse carregada com pregos?

Fiz que não com a cabeça. Ela pegou a arma de volta para me mostrar como destravá-la e deixá-la pronta para disparar.

– Você trouxe mais uma dessas aí? – perguntou-lhe Crow. – Acho melhor que fique com alguém que vai saber usá-la.

– Nada disso, rasta. Pode esquecer – murmurou Alfa. E ficamos ali abaixados, imóveis e silenciosos, enquanto o motor soava cada vez mais alto e o veículo girava ali perto.

Até que, de uma hora para outra, a sombra gigante pareceu alterar sua rota, virando-se na nossa direção. Eu não consegui entender nada, mas foi exatamente isso o que aconteceu. Não fizemos nenhum movimento, nem um barulho sequer, mas parecia que agora o veículo estava vindo direto para nós. Como se soubesse onde estávamos.

– Dê a arma a ele – eu disse a Alfa, com o medo crescendo dentro de mim.

– O quê?

– Isso mesmo. Entregue a arma a ele. Ela não vai ter nenhuma utilidade se nós morrermos aqui.

Então eu a ouvi tirar a pistola do cinto. – Segura aí, grandão. – Alfa a jogou para Crow. – Veja lá o que vai fazer com isso. – Agora, estávamos os três armados.

De imediato, Crow liberou a trava. Mas, então, o veículo mudou de rumo, virando para o oeste. O motor funcionava a todo vapor, berrando no meio da lama, e nós ali, apenas observando enquanto aquilo cruzava a planície.

Era uma roda. Uma roda enorme. Um pneu gigante espalhando lama para todos os lados ao girar adiante na noite. E dentro da roda, suspensa para não girar com ela, havia uma cabine, feita para comportar algumas dúzias de pessoas.

Só existia uma coisa tão grande a ponto de usar um pneu daqueles. Ou, pelo menos, eu só tinha visto uma única coisa tão grande assim na vida. E era o transporte gigante do rei Harvest. A

Arca. Era de lá que havia saído a roda ambulante. Na minha cabeça, isso já era dado como certo. Aquilo devia ser algum tipo de veículo de fuga. Uma saída de emergência. A coisa toda havia explodido, mas a roda estava lá, girando livremente, avançando rápido, devorando os quilômetros na noite.

– Puta merda! – foi só o que consegui dizer, saindo do meio da lama e, à distância, observando a roda seguir viagem, enquanto o barulho do motor ficava mais baixo e a luz diminuía de tamanho, conforme ela se afastava de nós.

– Pode parar, rasta – escutei Alfa dizer, e me virei para ver que agora Crow estava guardando a pistola naquilo que havia sobrado das calças dele.

– Eu não sou rastafári, docinho – ele respondeu, tranquilamente. – Pelo menos não estritamente falando. Mas acredito na Terra Prometida. – Então Crow sorriu, dando uma batidinha de leve na arma em sua cintura. – E nós todos estamos indo para lá juntos. Não é mesmo, baixinho?

## CAPÍTULO 33

A lama virou areia, e a areia se transformou, finalmente, na rodovia 40. Assim que tocamos a velha trilha de asfalto, viramos para oeste.

– O furgão está nessa direção – disse Alfa. – Isso se ele ainda estiver onde o deixamos.

Vimos nuvens de poeira erguendo-se ao nascer do sol e, durante uma hora, fomos obrigados a nos segurar uns nos outros enquanto tossíamos e tropeçávamos, cruzando o deserto. Mas, quando o vento acalmou, o céu começou a cozinhar. O suor escorria sem parar pelo meu rosto, entrando nos olhos e causando ardor e inchaço. Os cantis já estavam vazios. Mas nós cinco continuávamos caminhando. Parecia que éramos feitos de areia.

Meu velho furgão marrom parecia camuflado no deserto. Foi só quando chegamos realmente perto que consegui enxergá-lo. Ele estava meio enterrado.

Saí correndo, deixando o cansaço de lado, com a pistola batendo no corpo enquanto avançava. O sol queimava sem dó, como se o inverno não fosse chegar nunca mais. Minha pele estava coberta de areia e queimada de sol, e meus braços e pernas ardiam de cansaço, mas mesmo assim abri o maior sorriso da face da Terra. Nenhuma outra alma ficou tão feliz ao encontrar um velho monte de metal como aquele. Eu mal conseguia acreditar. Meu velho possante. Ainda lá, esperando-me como um amigo que eu não

merecia. E só depois de meio dia cavando descobriríamos que os pneus haviam sido levados.

Antes disso, passamos a tarde toda trabalhando, e descobri bem rápido que alguém tinha feito uma limpa no interior do carro. Todas as portas estavam abertas, e o milho e o combustível não estavam mais lá. O banco do passageiro havia sido arrancado, assim como o acabamento de náilon das portas. Mas o motor parecia tão intacto quanto eu o havia deixado, e continuamos trabalhando, cheios de esperança, até Crow começar a cavar ao redor do primeiro pneu e descobrir que a roda não estava mais lá. Desesperado, comecei a cavar ao redor do resto do carro e deparei com a mesma situação triste. Os desgraçados podiam ter levado logo o carro inteiro. Afinal, de que adiantava um furgão sem rodas?

– O que fazemos agora? – perguntou Sal, desabando na areia. O sol não havia perdoado o garoto. Embaixo da poeira, seu rosto inchado estava todo roxo, com bolhas estourando por todo lado na pele. Mesmo assim, ele nem se comparava a Crow. A pele do segurança estava enrugada, toda rachada, descolando-se do corpo em faixas irregulares, como se ele tivesse decidido se livrar da própria carne e depois deixá-la crescer de novo.

– Vamos esperar aqui – disse Alfa. Eu havia lhe dado o velho sombreiro do meu pai, e ela fez um buraco nele, deixando assim um lugar para o moicano se erguer livremente. Vocês podem pensar que me incomodou ela ter feito isso no chapéu do meu velho. Mas não. Até gostei de vê-la usar o sombreiro daquele jeito.

– Basta esperar alguém aparecer na estrada, e então vamos lá e pegamos as rodas deles. Não vai demorar muito – ela explicou. – Não nesta época do ano.

– Pois é, pirata. Acho que essa é a sua área de atuação. – Crow sorriu.

– Se fazer isso vai contra o seu código moral – ela respondeu –, então sugiro que você bole um plano melhor.

– Código moral? – Crow se apoiou no furgão, que se inclinou com o peso. – Que código moral?

Eu estava trazendo apenas algumas das minhas ferramentas: chaves, umas serras e um conjunto de fusíveis sobressalentes. E peguei o telescópio. Aquele negócio era pesado, mas imaginei que poderia ser útil em algum momento. E esse momento era agora, com os cinco apertados e suados dentro do furgão e Alfa vigiando a rodovia pelo telescópio.

Os ladrões também tinham tentado levar o micro-ondas. Tentaram com tanta força que acabaram com a fiação. Consegui arrumar tudo, mas a água era um problema difícil de resolver. O tanque estava vazio.

– Tenho boas notícias, pessoal – eu disse aos outros. – Temos milho e combustível enterrados bem aqui ao lado.

– É verdade! – disse Sal. – As fotos também.

– Fotos? Que fotos? – Crow estava todo encolhido na traseira do furgão. O segurança era grande demais até para aquele espaço.

Sal apontou para Hina, indicando sua barriga como se a mulher não fosse mais que um desenho. – Tiramos fotos de cada uma das folhas. Todas elas. O corpo todo.

– Acontece que ainda precisamos de água – interrompi, não gostando muito do rumo que a conversa tomava. Hina cruzou os braços na frente da barriga e ficou olhando para a parede.

– Como você conseguiu essas fotos, baixinho? – Crow me encarou, com os olhos saltando do seu rosto derretido.

– Vocês as deixaram para trás – respondi, dando de ombros. – Junto com o garoto.

– Eu não deixei ninguém para trás.

– É que eu precisava tomar conta da casa – disse Sal, olhando para o segurança do pai. – Não é mesmo?

Crow não respondeu nada. Estava ocupado demais olhando para mim, e eu não conseguia entender por que ele havia ficado tão preocupado com aquilo. Aí o grandalhão voltou o olhar para Hina, e na mesma hora imaginei que ele devia estar pensando que, se já tínhamos os números, então não precisávamos mais da mulher. Mas Frost tinha levado Hina e Zee na viagem. Será que precisava delas para alguma coisa? Por que outro motivo teria carregado mais duas bocas que precisavam ser alimentadas? Mesmo se tratando de bocas tão bonitas como aquelas.

– Banyan – disse Alfa, com o olho fixo no visor do telescópio –, temos companhia.

Podia ser qualquer um. Só uma perua cinza puxando uma carreta, a caminho do oeste, sem a menor pressa. Diante disso, fiquei pensando se já haviam nos visto, mas o nosso furgão caindo aos pedaços não parecia ser um bom motivo para alguém ir mais devagar.

Observei pelo telescópio as janelas escuras, tentando imaginar que tipo de rosto estaria atrás delas. Então verifiquei os pneus. Um belo conjunto. Pneus para terreno acidentado. Tamanho grande.

Eram perfeitos. Mas não eram meus. E agora eu estava pronto para tomá-los à força.

– Você os faz parar – disse Alfa. – Eu estarei do outro lado do furgão. Esperando.

– Certo – respondi, escondendo a pistola na parte de trás das calças. – E quanto aos outros?

Alfa observou o resto do nosso grupo. – Fiquem aqui, escondidos. Mas deixem a porta aberta. E fiquem prontos para o que der e vier.

– Não precisa se preocupar – disse Crow, alisando a arma. – Eu estou pronto a cada segundo do dia.

Abri a porta e saí do furgão, perguntando-me como conseguiria terminar aquela situação com um novo conjunto de pneus, mas sem ter de atirar em ninguém. Coloquei o capuz e fingi novamente estar mexendo no motor, pensando na última vez em que havia feito isso e no que me aconteceu depois.

A perua se aproximava pela estrada por trás de mim, com as ranhuras dos pneus estalando no asfalto. Pelo canto do olho, eu conseguia ver o cano do fuzil de Alfa apontado direto para o capô.

Não demorou muito e o ronco do motor estava praticamente em cima de mim, junto com o chiado dos freios. Eu me virei nesse momento e vi os pneus darem sua última volta antes de pararem por completo. Sem saber quem estava me observando do outro lado das janelas escurecidas, sorri e acenei. E então fiquei simplesmente esperando.

Um mês inteiro pareceu se passar, e nada aconteceu. Dei uma olhada na carreta, mas estava praticamente vazia. Se eles estavam indo para o oeste à procura de itens de restauração, então não estavam fazendo um bom trabalho.



– Banyan – sussurrou Alfa de trás do furgão –, vá lá dizer oi.

Ela estava certa. Ficar ali parado não estava adiantando nada. Aumentei ainda mais o sorriso e andei calmamente até a porta do motorista. Estava quase tocando no carro quando a janela deslizou um pouco, rangendo.

Parei.

A janela baixou mais um pouco. E o cheiro... Cara. O cheiro era tão ruim que fez meu estômago revirar de imediato.

– Olá? – eu disse, sem querer me aproximar nem mais um centímetro sequer. – Estou com um pequeno problema no motor.

Escutei uma voz balbuciar qualquer coisa atrás da janela parcialmente aberta, mas ainda não conseguia ver o rosto entre as sombras. Agi como se estivesse coçando as costas, quando, na verdade, estava preparando a pistola. Dei um passo à frente, suando como louco. E isso, misturado ao enjoo e ao fedor horroroso que pairava ao meu redor, fez com que me sentisse igual a quando estava preso naquele fosso imundo na Velha Orleans, ardendo em febre.

Abri a boca para dizer algo, mas, antes que pudesse completar a primeira palavra, vi surgir o rosto do motorista pela fresta da janela.

Sua pele era praticamente verde e os olhos estavam virados. As marcas em seu rosto pareciam pedaços de milho mofado. O homem tentava falar, mas a boca estava grudada demais por causa da baba, e os lábios, rachados, sangravam.

– Puta merda! – sussurrei para mim mesmo.

Então chamei Alfa.

Enquanto ela vinha correndo, cobri a boca e o nariz com a blusa e me aproximei da perua, tentando enxergar o resto do corpo daquele homem bizarro. Suas roupas estavam ensopadas de suor, e o braço direito não continuava abaixo do cotovelo. Ele havia amarrado a camiseta no local do corte e ela estava totalmente preta por causa do sangue que ainda se acumulava. Quase vomitei na mesma hora, mas nada se comparava ao outro lado do pescoço dele. A pele toda corroída dava lugar a trechos em carne viva. Pedacos de osso apareciam.

Alfa suspirou ao meu lado.

– O que foi? – resmungou Sal do furgão. – O que vocês estão vendo aí?

– Nada de mais – gritei em resposta. – Mas não venha para cá.

Crow, é claro, já estava a caminho.

Ele deixou escapar um suspiro surpreso quando deparou com aquela cena, mas logo parecia que estava rindo de novo. – Nada mau – ele disse, escancarando as portas da perua. – Hoje é nosso dia de sorte.

– Sorte? – murmurei, olhando para dentro do veículo e avistando as outras carcaças amontoadas no banco de trás. Deviam ser a família do homem, imagino. Três corpos pequenos e um maior. Não havia sobrado nada para enterrar além de ossos e tufo de cabelo.

– Isso mesmo, baixinho. Estamos com sorte. – Crow estava tampando o nariz e fechando as portas do carro. – Conseguimos um jogo novo de pneus sem precisar matar ninguém para isso.

Ele tinha razão. Conseguimos os pneus, embora não pudéssemos levar o carro, que estava contaminado e impregnado de morte. Mas, quando o homem no banco do motorista tornou a ligar o

motor, para seguir viagem até Deus sabe onde, senti Crow me cutucar nas costelas.

– Acho que falei cedo demais – ele disse. – É melhor você dar um fim nisso logo.

Surpreso, arranquei a pistola da parte de trás das minhas calças. Mas foi o mais longe que consegui ir. É claro que eu já havia apontado a pistola de pregos para algumas pessoas antes, e até mesmo derrubado um dos soldados de Harvest com ela, mas puxar o gatilho de uma pistola de verdade, a sangue-frio, era algo completamente novo para mim. E me lembrei do que meu pai tinha dito. Sobre eu ser construtor. E não lutador.

– Ora, meu chapa – disse Alfa, entrando na minha frente e dando um tiro no crânio do motorista. – Isso não foi mais do que ajudar o sujeito a se livrar do sofrimento.

Ela estava certa. Aquele homem já estava condenado. Mas isso não alivia o peso de ter de matar alguém. Ao que parecia, o homem só estava seguindo viagem. Tentando fazer a coisa certa. E agora estava caído sobre o volante. Morto, finalmente.

– O que aconteceu com eles? – perguntou Sal, correndo até nós. Quando viu o que havia dentro do carro, suas pernas bambearam, e ele segurou-se em mim.

– Gafanhotos – respondeu Crow.

– Mas deveria estar frio agora – argumentei, intrigado. – Deveria ser a temporada de atravessar os milharais.

– Deveria ser mesmo, baixinho. – Crow abriu a porta do motorista e levantou o vidro, antes de fechá-la outra vez, aprisionando o fedor lá dentro. – Mas “deveria” não quer dizer porcaria nenhuma.

O pior era que ele tinha razão. Não adiantava nada dizer que as coisas “deveriam” ser diferentes.

E, enquanto eu pensava nisso, Sal cobriu minhas botas de vômito.

## CAPÍTULO 34

Passei o resto do dia tirando as rodas da perua e colocando-as no meu furgão. Até aproveitei os dois pneus da carreta e os guardei como estepes, presos ao teto. A água que eles levavam cheirava mal e tinha gosto ainda pior, mas servia para molhar nossas bocas sedentas.

O sol se punha e o vento estava calmo quando, exaustos, desenterramos os suprimentos que eu e Sal havíamos escondido dias antes. Se dependesse do gorducho, enfiaríamos todo o milho no micro-ondas naquela mesma hora e comeríamos tudo de uma vez. Mas tive de cortar o barato.

– Precisamos nos controlar agora – expliquei a ele. – Ainda temos um longo caminho pela frente.

Por quanto tempo ainda teríamos que viajar? Eu não fazia ideia. Precisávamos primeiro chegar a Vega. Esse era o plano. Tínhamos de arranjar um GPS em troca de algo. Ou de alguém. Fiquei observando Hina comer sua porção de pipoca e lambe os dedos engordurados. Trocar pessoas não é certo, pensei. Tomar uma atitude dessas não faz de você um bom ser humano.

Ainda assim, precisaríamos de um plano. Sem o tal aparelho de GPS, não tínhamos o que fazer com os números que deviam levar à Terra Prometida. E ao meu pai e àquelas árvores.

Ao cair da noite, só havia uma única coisa que ainda precisava ser resgatada – a bolsa de Zee, onde eu havia escondido meu livro e o pedaço de casca de árvore, junto com a câmera e as fotos.

Eu a tinha mantido escondida dos olhos dos outros, evitando pegá-la até então. Fiz isso de propósito. O problema era que Crow estava sempre por perto. Sempre prestando atenção. Imagino que isso o tornava um excelente segurança, mas, naquele momento, ele só estava sendo um pé no saco.

– Temos que ficar atentos – disse Alfa enquanto eu extraía a última gota de água do tanque da perua. – Agora que ele já tem um carro, para que vai precisar de nós?

– Ele não tem os números.

– Basta o safado levar a mulher.

Dei uma olhada para onde Hina estava sentada. – Não consegui conversar direito com ela até agora – expliquei a Alfa. – Mas ela sabe de algo. E conhecia o meu pai.

– Só mantenha o foco em achar aquelas árvores.

– Ela não está me distraindo.

– Acho bom.

– Ela não tem nada a ver com você.

Os olhos de Alfa brilharam, e, por um momento, foi como se eu conseguisse sentir a eletricidade berrar dentro dela.

– Você com certeza sabe como fazer uma garota sentir-se especial.

– Oh... Você já é especial.

– Ah, é? – Ela riu. – E por quanto tempo, posso saber?

– Continue por perto e vai descobrir – respondi.

– Ninguém fica por perto para sempre. Não por causa de um simples sentimento. Não no fim das contas. – Alfa estava sorrindo quando disse isso, mas vi sua expressão ficar séria quando me deu as costas e se afastou.

Coloquei as peças do motor no lugar e preparei o furgão para partir. Só que, antes, resolvi deixar os outros descansarem mais alguns momentos. Com o telescópio em uma das mãos e a arma na outra, examinei a rodovia.

Alfa estava deitada na areia, dormindo. Enquanto a observava, fiquei imaginando como seria acariciar aquele cabelo moicano maluco. Ou passar os dedos em seu colete cor-de-rosa imundo. Então imaginei como seria apenas me deitar ao lado dela e descansar minha cabeça em sua pele empoeirada.

A noite estava sem nuvens e a velha lua estava baixa, imensa. As estrelas pareciam tão próximas que eu poderia tocá-las se esticasse os braços. Fiquei observando o céu, procurando um daqueles satélites que, segundo Sal, ainda continuavam lá em cima, desde os velhos tempos. Depois, resolvi voltar para o furgão, para ver como todos estavam.

Hina e Sal estavam encolhidos debaixo do furgão, aconchegados em sua posição habitual, com ela o envolvendo entre os braços, como uma mãe que não percebeu que o filho ficou grande demais, rápido demais. Pensei em como Sal havia falado de Zee quando ela estava viva, em como ele tinha sido rude, dizendo que ela não era sua irmã. Hina também não era, definitivamente, a mãe dele. Mas Sal parecia bastante tranquilo, todo encolhido entre os braços dela. Concluí que, se eu sabia muito pouco sobre o amor e essas coisas, o pobre gorducho devia saber ainda menos.

Mas é claro que a pessoa em quem eu queria dar uma olhada não era Hina nem Sal, e sim Crow. Ele estava estirado em cima do furgão, com os pés apoiados sobre um dos novos pneus que eu

havia amarrado ali. Fingi que estava conferindo a estrada, mas estava mesmo era tentando ver seu rosto.

– Sua namorada está dormindo? – ele disparou, de repente. Eu estava dando minha quarta volta ao redor do carro, supostamente vigiando a estrada, quando Crow se virou e olhou para mim. – Não sabia que você gostava das invocadas, baixinho.

– Sai dessa, grandão.

– Você acha que pode confiar nela?

– Mais do que em você.

– Tanto assim?

– Não foi bem isso que eu quis dizer.

– Claro, claro. Escute este meu conselho, baixinho: não confie em ninguém além de você mesmo.

– É o que você faz, eu imagino.

– As únicas pessoas em quem confio são aquelas que eu sei o que vão fazer antes mesmo que façam. Como você, baixinho. Eu confio em você. Um bocado, se quer saber. De verdade.

Abri a boca para dizer algo, mas ele me cortou.

– Onde estão aquelas fotos?

– Que fotos?

– As fotos da árvore. Com os números do GPS. As fotos que Sal disse que você pegou na casa. Não o vi tirar nenhuma delas do buraco ainda. O que me faz pensar no que mais você tem enterrado ali.

– Tenho um livro – respondi, calmamente. – É isso o que você quer saber?

– Um livro?

– Isso mesmo.



– Boa. Se ficar frio numa noite dessas, nós já temos algo para queimar.

– Ninguém vai queimar porcaria nenhuma. Eu dou as cartas por aqui.

– É mesmo? – disse Crow, rindo de mim. – Pois saiba que, entre mim e a sua namoradina, acho que você está escolhendo o parceiro errado neste jogo.

Eu me abaixei ao lado de Alfa e desenterrei a bolsa de Zee.

– O que você está fazendo? – perguntou Alfa, acordando assustada.

– Nada – respondi. – Pode continuar a dormir.

Ela virou para o outro lado; abri a bolsa e separei as fotos das folhas da tatuagem. Espalhei as imagens no chão, para ver a árvore uma vez mais. Depois juntei tudo e coloquei no bolso do colete de Alfa.

Mexendo no resto das coisas da bolsa, encontrei uma foto de Zee e a peguei, imaginando que devia entregá-la a Hina. Fiquei observando o rosto de Zee na imagem. Então olhei para o asfalto caindo aos pedaços ao luar, uma estrada que foi construída quando o mundo ainda crescia, antes de a terra ser só um monte de poeira estéril, antes de tudo ter se tornado triste e vazio.

Deixei a foto de Zee cair no chão. Não consegui imaginar aquela fotografia fazendo algum bem a Hina. E decidi que há certas coisas das quais devemos nos lembrar. Mas que há outras que é melhor esquecer.

Amarrei o pedaço de casca de árvore ao redor da minha cintura, com um fio plástico, dando as costas aos outros para que ninguém

pudesse perceber o que estava fazendo. Em seguida, corri até o furgão com o livro e a câmera e os enfiei debaixo do banco do motorista.

E toquei a buzina. Por muito mais tempo do que era necessário.

Sal e Hina, tampando os ouvidos, saíram de debaixo do furgão. Crow olhou para mim de cima do carro, com a lua imensa brilhando atrás dele. E Alfa me lançou um olhar esquisito quando apareceu, limpando a poeira da parte de trás das coxas.

– Eu e meu furgão estamos de partida – gritei para quem quisesse ouvir e minha voz ecoou no vazio da noite. – Se vocês querem achar Sião, é melhor embarcarem também. Se vocês têm outros planos, sem problemas. Vou deixá-los em paz. Bem aqui, no meio do nada.

## CAPÍTULO 35

Cinco pessoas faziam bastante peso, mas o furgão seguiu viagem a todo vapor. Eu não estava muito no clima de conversar e agradei aos céus por estar atrás do volante novamente. Assim, tinha algo em que me concentrar. Atravessar as nuvens de poeira era perigoso; a visibilidade era quase zero e o vento forte empurrava o carro para fora da pista. Era preciso ainda ficar atento aos buracos. Aquela estrada era o caminho para Vega. Logo atravessaríamos os milharais e passaríamos pelo lugar onde meu pai havia sido sequestrado.

Levou o dia todo até alcançarmos as lavouras. Quando as avistamos, o sol brilhava vermelho, por trás dos milharais. O vento estava calmo, e ficamos olhando a plantação, que se perdia no horizonte. Uma fina faixa amarela contrastando com o céu do fim de tarde.

Ninguém disse nada. Todos só observaram.

Os pés de milho se erguiam firmes, altos e enfileirados, estendendo-se de norte a sul, até onde a vista alcançava. Eles mal pareciam balançar com a brisa.

Quando meu pai tinha me trazido para o oeste, paramos nos milharais e acampamos à beira da estrada. Era o auge do inverno, a época boa para viajar por ali. Pop cavou a neve e arrancou um pé de milho, mostrando-me as raízes que penetravam no solo. Ele me disse que as raízes de árvores podiam chegar a mais de um

quilômetro e meio embaixo da terra e que aquele milho não era nada, apenas um lance de sorte de gente que não tinha mais nada a fazer além de pregar peças na natureza. Só que, imagino, a natureza ri por último. Isso se for possível chamar de risada aquela praga dos gafanhotos, que devoram tudo o que aparece pela frente. Eu não sei ao certo se é. Só sei que essa gente fez um bom trabalho, criando um milho completamente indestrutível, que apesar dos gafanhotos, continuava ali, fornecendo comida e combustível e sendo uma mina de ouro para os donos de tudo aquilo.

Conforme o sol mergulhava no horizonte, fora da nossa vista, os pés de milho foram se tornando silhuetas escuras contra o céu. Encostei o furgão à beira da estrada, bem no ponto em que as planícies davam lugar à plantação.

Todos desceram do carro, com os pés no chão, mas os olhos fixos na parede amarela de milho à nossa frente. Plantas de dez metros de altura.

A GenTech tinha desenvolvido o milho para aguentar chuva e seca, ventos fortes e altas temperaturas. Eu não duvido nada que, se a plantação fosse inundada, as espigas de milho criariam braços e saíam nadando. Era a única coisa que os gafanhotos não comiam, a única que crescia depois da Escuridão. E, agora, nada podia matá-la. A GenTech só tinha que se preocupar com os gatunos de milho. Mas era difícil imaginar que eles incomodassem tanto assim, enterrados em suas colônias subterrâneas, escondidos dos gafanhotos e dos agentes, escondidos até do sol.

As plantas nos limites do milharal já estavam completamente crescidas, apenas amadurecendo. As espigas maiores ficavam perto

do topo, onde as folhas mais grossas pendiam. Mais uma semana e a GenTech mandaria as colheitadeiras para lá, e elas correriam o campo inteiro, arrancando as plantas maduras e lançando as sementes que cresceriam ali depois.

Por causa do logotipo roxo impresso nos grãos, é impossível furto o milho para plantá-lo. Quando as pessoas roubam a espiga, é para comer. Gente faminta. Como nós.

– Os limites da plantação são o lugar mais seguro – disse Crow. – Os gafanhotos fazem os ninhos mais para dentro, no coração dos milharais. E os agentes partem do princípio de que as pessoas não têm coragem de furto em campo aberto, onde podem ser achadas facilmente.

– Então qual é o plano? – perguntei, irritado com o fato de Crow estar bancando o grande especialista.

– Que plano? – Crow deu risada. – Só precisamos agora de uma faca.

Alfa tinha uma presa à bota, e assim nos embrenhamos pelas primeiras fileiras de pés de milho e nos esprememos entre eles, já que eram plantados muito perto uns dos outros. As folhas, expostas à poeira, ficavam verde-escuras e ásperas. Bati em uma haste, e ela fez um som oco, como se fosse um tubo de plástico. Mal parecia que era um ser vivo que estava ali.

Alfa subiu nos ombros de Crow e começou a serrar as plantas, fazendo chover poeira em quem estivesse embaixo. Crow a estava segurando, com as mãos firmes sobre as belas coxas de Alfa, e alguma coisa na maneira como os dedos dele as pressionavam me fez ficar nada à vontade por dentro.

– Não tem como ir mais rápido? – gritei para Alfa, lá no alto.

– Estou indo o mais rápido que posso, meu chapa.

– Você deveria ficar de olho, baixinho – disse Crow. – Perto do furgão. Não vamos perceber nenhum agente se aproximando se estivermos todos enfiados neste milharal.

Ele estava certo, mas era realmente irritante ter de admitir isso. Também era enervante ter de ouvi-lo me chamar de baixinho toda hora. Baixinho? Vá se danar! Nem todo mundo pode ser um brutamontes de mais de dois metros de altura.

Conformado com a situação, abri caminho entre as plantas, com as folhas cobertas de areia batendo no meu rosto. E estava prestes a sair do meio da plantação quando dei de cara com Sal.

O garoto estava de quatro, tentando comer uma espiga, roendo com toda a força, sem sair do lugar. – Estou com muita fome. Não dá mais para aguentar – ele disse, fazendo uma pausa para olhar para mim, com saliva escorrendo do canto da boca.

– Só não vá se perder por aí – sugeri, desviando-me do gorducho e conseguindo me livrar do milharal.

Hina não havia se juntado a nós na plantação. Estava sentada no chão, com os braços ao redor dos joelhos e a cabeça inclinada para um lado. Tinha dado as costas para o pôr do sol e estava olhando para leste, onde o céu já estava totalmente escuro.

Eu me sentei ao lado dela, com a plantação atrás de nós.

Notei que a pele dos ombros de Hina estava arrepiada e pensei em tirar a camisa e entregar a ela, mas eu tinha o pedaço de madeira escondido, então preferi deixar a camisa exatamente onde estava. Hina tremia um pouco, com sua blusinha fina, e seu olhar distante me lembrou Pop. Eu conhecia aquele jeito ausente, que diz

claramente que, não importa para onde a pessoa olhe, ela está vendo um mundo diferente.

– A comida vai chegar logo – eu disse, tentando puxar papo. Hina não respondeu nada, mas notei que olhou para o furgão. Continuei: – É, eu sei. Vai ficar um tanto difícil agora. Assim que entrarmos nos milharais, vai ser impossível sair do carro. Mas, se correr tudo bem, deveremos atravessar a plantação em um dia ou pouco mais que isso.

– E depois o quê? – ela perguntou, pegando-me desprevenido. Ela ainda não havia falado o suficiente para que eu me habituassem à sua voz.

– Bem, depois eu acho que vamos sair e achar as suas árvores.

Ela sorriu, mas de uma forma sem vida, amarga. – Elas não são minhas – disse, colocando as mãos na barriga.

– Você se lembra de alguma coisa? – perguntei.

– Como o quê?

– Alguma coisa sobre o meu pai.

– Só uma coisa ou outra. Fragmentos desconexos. – Ela olhou de novo para leste, esfregando os braços. – Acho que não sirvo para nada sem o aparelho daquele cigano.

Olhei para seu rosto e a vi piscar três vezes, antes de uma lágrima brotar e rolar pela sua bochecha. Pensei que eu tinha a obrigação de dizer algo. De fazer algo. Mas não sabia bem o quê.

– Melhor você achar o seu pai – sussurrou Hina. – Então poderá perguntar a ele o que aconteceu. – Senti seu corpo se inclinar contra o meu e, de repente, desejei ter guardado aquela foto de Zee para entregar a ela, essa mulher cujo cérebro era como uma

peneira rasgada. Mas só fiquei ali, encostado em Hina, até que os outros surgiram do meio da plantação.

Hina se moveu e eu me levantei, virando-me para ver Alfa aparecer com um monte de milho nos braços. Crow veio logo depois, com aquele sorriso estúpido no rosto.

– Hoje, vamos comer bem, pessoal – ele gritou. – A srta. Alfa não é mais pirata. Agora ela é uma autêntica gatuna de milho.



## CAPÍTULO 36

– Pronto para rumar para o sul? – perguntou Crow, quando sentei no banco do motorista e dei partida.

– Sul?

– Isso mesmo. Temos que seguir o perímetro da plantação, até acharmos a estrada de serviço número quatro. Então vamos para oeste e começamos a abrir caminho por esse labirinto.

– O trajeto menos vigiado.

– Isso mesmo, baixinho. O Crow aqui vai guiá-lo por esses campos intermináveis.

Saí da estrada e o furgão afundou na areia assim que aponte para o sul. Acendi os faróis, mas Crow disse que era melhor desligá-los.

– Só vá devagar – aconselhou, debruçando-se sobre o meu ombro e olhando pelo para-brisa. – Nós vamos enxergar as estradas de serviço. A noite está clara.

Dirigi em silêncio na escuridão. Nada além do ronco suave do motor. De alguma forma, ir para o sul era como escorregar ladeira abaixo.

A primeira estrada de serviço me surpreendeu.

– Caramba! É enorme! – eu disse, olhando para o largo caminho no meio da plantação. Sem asfalto. Só a terra compactada e as paredes de milho erguidas dos dois lados.

– Tem que ser grande o bastante para as colheitadeiras – explicou Crow. – Elas precisam de espaço para trabalhar.

– As colheitadeiras são tão grandes assim? – Eu já tinha ouvido histórias, mas aquela estrada de serviço era imensamente larga e longa.

– Pode acreditar – ele respondeu. – E ficam maiores a cada ano.

Horas se passaram. contei mais duas estradas, e na seguinte, a quarta que encontramos, virei à direita e apontei o furgão de novo para oeste.

– Aqui vamos nós – disse Crow. – Deem adeus às planícies. Quem precisar dar uma mijada tem um minuto fora do carro. No máximo. Na verdade, eu preciso me aliviar. Mas posso me resolver pela janela mesmo, se é que vocês me entendem. Aqui é o país dos gafanhotos, minha gente. E é muito pior do que vocês imaginam.

Após algum tempo, mudamos outra vez a rota para o sul. Depois viramos para oeste. E aí, sul de novo, até surgir uma curva a leste. Ao amanhecer, já tínhamos passado por tantas curvas que eu só conseguia saber a direção que seguíamos graças ao nascer do sol.

– Se você ficar com sono, posso dirigir – disse-me Crow, com a cabeça logo acima do meu ombro.

– Não estou com sono. Pode deixar.

– Só estava me oferecendo, baixinho. Você não precisa parecer durão o tempo todo.

– Você é muito gentil. Mas não precisa. Este é o meu furgão. E eu sou o único que dirige por aqui.

– Sem problemas. Vou me preocupar com o caminho.

– Parece que estamos andando em círculos.

– Tem razão – disse Crow. – É isso mesmo que parece. E é sempre assim no meio dos milharais.

- Por falar nisso, como foi que você acabou vindo trabalhar aqui?
- perguntei, sabendo exatamente aonde queria chegar.
- Ah, eu trabalhei em todo lugar.
- Como agente?
- Agente especial, pode-se dizer.
- Procurando árvores?
- Mais ou menos isso. A GenTech quer achar árvores mais que tudo nesse mundo, baixinho. Eles acham que há comida crescendo em Sião.
- E, durante esse tempo que você procurou por Sião, ouviu falar alguma vez de gente sendo levada à força para lá?
- Crow olhou pela janela. – Eu vi a mesma fotografia que você.
- A plantação estava mostrando suas cores ao sol nascente. No interior dos milharais, as plantas eram menos empoeiradas. Mais verdes.
- E como você começou a trabalhar para Frost?
- O sr. Frost tinha algo de que eu precisava.
- A tatuagem.
- E ele disse que, se achássemos as árvores, dividiria comigo tudo o que a GenTech pagasse. Metade para cada um.
- E você acreditou nele?
- Tanto quanto confio em qualquer um – disse calmamente Crow.
- E pode-se dizer que acabei concluindo que teria mais influência sobre o velho Frost do que sobre a GenTech.
- Pelo jeito, seus planos com Frost não deram muito certo.
- Sim e não. É que não estou fazendo isso só pelo dinheiro. Eu quero trazer uma coisa de volta para casa.
- Casa?

– O Niágara.

– Pensei que você tivesse desistido de ser soldado.

– Você nasce Soljah, baixinho. E morre fazendo parte da tribo.

– Então por que você partiu – perguntou Sal atrás de nós –, se só quer voltar para lá?

– Você já deve saber. Eu consegui ser mandado embora da Cidade das Cataratas.

– Banido – eu disse. – Quem diria?

– Mas, se eu conseguir levar uma árvore de volta – continuou Crow –, uma bela árvore frutífera, então serei aceito de novo, não é? E os Soljahs enfim vão ter algo mais para fazer negócio além da água.

– Eu também quero levar uma árvore para Velha Orleans – disse Alfa, entrando na conversa. – Uma macieira. Como nas histórias.

– Você não pode sair desperdiçando maçãs naquele buraco de merda – disse Crow, rindo.

Então era esse o plano deles: repartir todas as árvores.

– E quanto a você? – perguntou Crow, olhando-me nos olhos. – O que pretende fazer?

– É o meu pai – respondi. – O homem daquela foto. Acorrentado às árvores.

– O seu pai?

– Isso mesmo.

Crow sorriu. – E você não acha que ele já morreu?

– Ele não está morto na foto.

– Isso é verdade – disse Crow. Depois apontou. – Ali. Vire à esquerda.

Fiz a curva e entramos em uma estrada de serviço mais estreita, com a terra parecendo macia sob os pneus.

E no final da linha, a menos de cem metros de nós, havia uma colheitadeira da GenTech em toda a sua glória.

## CAPÍTULO 37

Pisei no freio na mesma hora e o furgão derrapou, levantando poeira ao redor. A colheitadeira ocupava praticamente a largura da estrada e era duas vezes mais alta que os gigantescos pés de milho. Não se movimentava. O monstro maldito apenas estava ali. Encarando a gente.

As enormes lâminas circulares descansavam no chão, e, atrás delas, havia algumas fileiras de dentes de metal que alimentavam o compactador e a caixa de triagem. Em cima de tudo, pintada na cor púrpura da GenTech, ficava a cabine de comando, com duas janelas se projetando para a frente, como óculos em um rosto de aço.

Eles haviam nos visto, é claro. Quem quer que estivesse lá. Os malditos estavam de frente para nós, encarando-nos.

Engatei a ré.

– Espere – disse Crow.

– Esperar o quê?

– Fugir correndo não vai adiantar nada. A GenTech gosta de manter suas máquinas em movimento. Veja só a sujeira nesse negócio.

Ele tinha razão. A colheitadeira estava coberta por uma fina camada de poeira. As lâminas, o motor e até mesmo as janelas. Tudo ali dava a entender que ela não saía do lugar havia algum tempo.

– Dê meia-volta – disse Alfa, passando por Crow e abaixando-se ao meu lado. Ela estava com o telescópio nas mãos, observando a

máquina estacionada e a estrada ao redor. – Não consigo ver mais nada – ela disse. – Nada além desse monte de metal.

– Acho que devemos nos aproximar – disse Crow. – Ver o que achamos ali.

– Que negócio é esse? – perguntou Sal, espremendo-se entre os outros.

– Nada de mais – eu disse. E Crow o empurrou para trás.

Alfa liberou a trava do fuzil e baixou um pouco o vidro, apenas o bastante para passar o cano da arma. Então, engatei a primeira marcha e segui em frente bem devagar.

Ao nos aproximarmos, pude ter ideia de como a maldita máquina era grande. Só as lâminas já eram maiores que o meu furgão, e a colheitadeira era tão larga, que mal deixava espaço para que passássemos entre ela e a parede de milho à beira da estrada. Hesitante, parei diante do vão, observando, junto com Alfa e Crow, as engrenagens daquele trambolho, as caixas de triagem e a cabine lá no alto.

Aí tomei coragem e ultrapassei as lâminas e dentes e comecei a cruzar a lateral da máquina.

– Espere aí – disse Alfa, de repente. – Pare!

– O que você viu?

– Olhe ali. – Ela apontou para uma escada, que se estendia do chão à cabine.

Parei o furgão e olhei para Alfa.

– Você está vendo? – ela perguntou.

– Estou, sim.

– Do que vocês estão falando? – quis saber Crow, tentando achar espaço para olhar pela janela.

– É um corpo – eu disse, embora não tivesse certeza de que era possível chamar aquela coisa por esse nome. Eram apenas ossos. Nada além disso. E uma mancha escura de sangue na lataria. Talvez um tufo de cabelo. Mas, nada de carne. Nem de órgãos. O pobre coitado estava agarrado à escada. Ele tinha quase conseguido chegar ao topo. Estava prestes a alcançar a cabine. Mas *quase* não era o bastante. Não naquele lugar. Não com os gafanhotos.

– E é por isso – disse Crow, olhando para nós – que ninguém pode descer do carro.

– Não dá para acreditar... – sussurrou Alfa. Ela me olhou com mais medo nos olhos do que jamais havia deixado transparecer para mim. Então, baixou a arma e fechou bem a janela.

Continuei andando devagar e parei o furgão atrás da colheitadeira, diante de um cruzamento.

– Para que lado agora? – perguntei a Crow.

– Pare aqui – ele respondeu.

– O quê?

– Fique parado. Aqui mesmo. Atrás do motor.

– Por quê? O que você está vendo?

– Agentes – ele disse, com os olhos arregalados. – Bem atrás de nós.

Manobrei o furgão, estacionei rente à lataria da colheitadeira e desliguei o motor.

– Vocês acham que eles estão nos seguindo? – perguntou Alfa.

– É provável que sim – respondeu Crow. – A não ser que você esteja vendo mais alguém para eles seguirem por aqui.



– Talvez estejam apenas verificando a máquina parada – sugeri. – Isso poderia fazer sentido.

– Eu digo que temos que armar uma emboscada e acabar com esses babacas. – Alfa olhou para a máquina imensa ao nosso lado.

– Afinal, nessa posição, nós estamos em vantagem.

– Mas para isso teríamos que sair do furgão – alertei.

– Se você quer ficar aqui sentado, só esperando, vá em frente, meu chapa. – Dizendo isso, Alfa abriu a porta e desceu do carro.

Eu e Crow ficamos observando enquanto ela pendurava o fuzil às costas e começava a escalar a colheitadeira, subindo nas rodas traseiras, depois caminhando pelo motor.

– Eu avisei. – Crow balançou a cabeça. – Essa aí é invocada. Sempre atrás de confusão. – Mas não é um plano ruim – eu disse.

– É verdade.

– Então, acho que hoje é o seu dia de sorte.

– Como assim?

Abri a porta e desci. – Porque hoje você vai ter a honra de dirigir o meu furgão.

Dizem que a gente escuta os gafanhotos um pouco antes de poder enxergá-los. Um zumbido ensurdecador costuma preceder sua chegada. É o som das incontáveis asas batendo, acredito. Significava que, por enquanto, estávamos seguros. Pois tudo continuava no mais absoluto silêncio. Exceto a minha respiração, enquanto eu escalava a máquina imunda.

Alfa estava adiante de mim, quase na cabine, escalando por uma série de tubos roxos, tomando cuidado para não aparecer do outro lado. Eu estava em cima do motor, com boa vista dos

compartimentos de triagem. Espigas em um, cascas e hastes no outro. Trabalho limpo e eficiente.

Eu estava bem alto agora, a quase doze metros do chão. Dali, enxergava por cima do milharal e via as ondas de plantas brilharem por todos os lados, até se misturarem ao céu.

– Me dê sua mão – murmurou Alfa, bem acima de mim, na parte de trás da cabine. Ela agarrou minha mão e me ajudou a subir até onde se encontrava. Agora, estávamos de pé sobre uma fina borda de metal, segurando-nos em qualquer coisa que se pudesse agarrar.

– Você os viu? – sussurrei.

– Vi. Bem ali. – Ela me empurrou para que eu passasse, e pude espiar da cabine. E lá estavam os malditos agentes.

Havia três deles. Dois homens e uma mulher. Todos usavam máscaras, mesmo nos campos, onde a poeira não conseguia viajar tão livremente. E se vestiam da mesma forma: trajes roxos com o logotipo da GenTech impresso por toda parte, em minúsculas letrinhas claras, como se a roupa tivesse contraído algum tipo de doença. Tinham vindo em um único veículo. Um pequeno carro de formas arredondadas, com pneus roxos largos e janelas escurecidas, estacionado a mais ou menos vinte metros de onde estavam. Eu os observei enquanto se ajoelhavam e se inclinavam no chão para examinar as trilhas que o furgão havia deixado para trás.

– Você acha que ainda pode haver mais alguém no carro? – sussurrei, voltando para trás da cabine.

– É difícil dizer. Talvez mais um agente.

– Bom, você é a pirata aqui.

Alfa sorriu para mim. – Então vou explicar o que vamos fazer agora. Mesmo que não haja ninguém no veículo, o melhor é imobilizá-lo, para o caso de tentarem voltar e fugir para chamar reforço.

– Ok.

– Esperamos até os agentes chegarem perto o bastante, e aí você começa a atirar. Vou furar os pneus do carro com o fuzil. Sacou?

– Pode deixar.

Alfa se posicionou e apontou o fuzil na direção do veículo dos agentes. Então fez um sinal com a cabeça, e passei abaixado, dando a volta na cabine, com uma das mãos livre para me segurar e a outra ocupada segurando a pistola.

Os agentes apontavam para nossas trilhas e vasculhavam o milho, dizendo alguma coisa. Até que os dois homens vieram na direção da colheitadeira e a mulher começou a correr para o veículo deles.

– Eu cuido da garota – sussurrou Alfa.

Os agentes apontaram para a cabine, e, por um momento, pensei que haviam nos visto. Meu coração parou por um segundo, mas logo voltou a bater. Eles apenas olhavam para os restos humanos que estavam pendurados bem perto de mim, na escada.

– Atenção aí, Banyan. Eles devem estar ao seu alcance – disse Alfa. E ela estava certa. Estavam bem perto, e eu os perderia de vista quando ficassem atrás das lâminas. Para piorar, eu estava tremendo, sentindo o medo crescer dentro de mim. Tentei me convencer de que aquilo não era diferente de atirar com a pistola de pregos contra os soldados de Harvest. Mas não parecia a mesma coisa. Na Velha Orleans, eu estava em uma zona de guerra, ao passo que ali estava tudo silencioso. Os dois agentes não faziam a

menor ideia de que eu apontava uma arma para eles, disposto a tirar suas vidas.

– Banyan, não é hora para amarelar – murmurou Alfa, sem paciência. Eu liberei a trava da pistola e apontei para o agente mais próximo. O sangue que meu coração bombeava pelo corpo estava gelado. Fechei os olhos e vi Pop precisar de mim, com o corpo todo amarrado e preso à árvore por uma corrente. Havia uma arma apontada para sua cabeça, e ele estava morrendo de fome. Assim como minha mãe havia morrido de fome anos antes.

Então apertei o gatilho. O agente deu um pulo para a frente e o tiro acabou pegando no chão. O segundo agente sacou e atirou na minha direção. A bala ricocheteou na lateral da cabine. A poucos centímetros do meu corpo.

Dei um passo para trás, abaixado. Alfa estava atirando no veículo deles, e o barulho dos tiros ecoava na minha cabeça. Eu precisava me recompor. Atirar de novo. Mas, de repente, eu não estava mais preocupado com isso. Pois, além do som do fuzil de Alfa e dos tiros que ricocheteavam no metal, um barulho diferente surgiu. Um som horrível.

O som de uma nuvem de gafanhotos.

## CAPÍTULO 38

Gritei para Alfa, mandando que corresse. Eu a agarrei pelo colete e a arrastei comigo ao redor da cabine. Mas acabei pisando em falso e escorregando. Quase despenquei lá de cima. Mas consegui me segurar com um braço, de cara com o esqueleto que continuava parado no mesmo lugar.

O som estava mais alto agora, um zumbido que parecia um motor com defeito. Consegui subir de novo, enquanto Alfa tentava abrir a porta da cabine. Mas, quando isso aconteceu, ela escorregou para trás. E, no instante seguinte, estava pendurada nos canos, três metros abaixo da cabine. E isso já era longe demais.

O sol escureceu quando a nuvem de gafanhotos se aproximou, cobrindo o céu sobre nossas cabeças. Eu me esticava todo, agarrado a um cano de aço, tentando alcançar Alfa com a mão.

– Vá se esconder! – ela gritou. Mas continuei tentando pegá-la, atento ao enxame de insetos que vinha de cima. E, então, vi os malditos surgirem também de baixo, saindo do meio do milharal e tomando conta da estrada de serviço, subindo pelas laterais da colheitadeira como se fossem uma inundação.

Alfa estendeu a mão o máximo que pôde, ao mesmo tempo que os gafanhotos se acumulavam em nossa volta, zumbindo e dançando, preenchendo todos os espaços.

Enfim consegui agarrar seu braço e a puxei com toda a força até mim. Subimos depressa, escalando pelo cano, direto para a cabine,

enquanto os gafanhotos batiam na lataria da colheitadeira estacionada.

Eu podia sentir suas asas perto da minha cabeça e seus corpos asquerosos se espremendo para entrar na minha bota, enquanto eu empurrava Alfa para dentro da cabine e me virava para fechar a porta.

Os malditos se espatifavam no vidro das janelas e batiam freneticamente na lataria. Era uma nuvem negra ao nosso redor. Uma mancha repleta de asas e bocas. Esmagamos os safados que tinham conseguido entrar conosco e depois ficamos parados no meio da cabine, encostados um no outro, com as mãos tampando os ouvidos e os olhos bem fechados.

Então o som foi se transformando em um leve zumbido, até desaparecer por completo. Uma luz surgiu atrás da cabine. A luz do sol. Abri os olhos e vi os gafanhotos viajarem acima do milharal, até mergulharem todos ao mesmo tempo e sumirem entre as plantas. Deviam ter encontrado um novo banquete. Talvez um trabalhador dos campos ou um viajante embrenhado na plantação.

– Tudo bem com a gente? – sussurrou Alfa, tremendo contra o meu corpo.

– Tudo – respondi. – Está tudo no lugar.

Olhei para baixo, para a estrada de serviço, e vi os esqueletos dos agentes espalhados no chão. Se por acaso houvesse uma quarta pessoa dentro do carro, os gafanhotos também a teriam devorado, já que Alfa havia arreventado o para-brisa com um tiro certo.

– É melhor voltarmos.

– Espere – ela disse. – Olhe só.

Olhei para oeste, além dos milharais, e lá, toda irregular e escura no horizonte, surgia Vega. A Cidade Elétrica estava logo ali, ao alcance dos olhos.

– Estamos cada vez mais perto – eu disse, satisfeito. Olhei para Alfa, e seus olhos brilhavam. Os lábios dela estavam a apenas alguns centímetros dos meus.

– Sabe o que deveríamos fazer agora? – ela murmurou.

– Seguir em frente até chegar lá.

– Não. – Ela fez nossos narizes se tocarem. – Eu quero dizer agora mesmo.

Sem falar mais nada, Alfa me puxou para o chão, por cima do seu corpo. Meu coração parecia que ia abrir um buraco no peito, e minha boca ficou seca na mesma hora. Eu me senti aceso. Cheio de energia. E no momento seguinte estávamos nos beijando. Algo dentro de mim parecia a ponto de explodir quando senti seus lábios tocarem os meus.

Alfa pegou minhas mãos e enfiou meus dedos embaixo das suas coxas. As pernas dela eram tão fortes! Tão macias! E ela era tão quente! Eu jamais havia sentido algo tão suave quanto sua pele. Beije seu queixo, depois seu pescoço e então sua boca de novo. Naquele momento, beijar aquela garota parecia ser todo o sentido da vida.

Os olhos dela estavam fechados, tremendo um pouco, e fechei os meus também. Tudo estava escuro agora. Como se tivéssemos sido sugados por um túnel que atravessava a terra.

– Parou por quê? – ela perguntou quando deixei de beijá-la por um momento.

Então ela pôs a mão no colete e o abriu, como se estivesse abrindo a si mesma para mim. Eu a estava olhando direto nos olhos castanhos quando tornou a pegar minha mão e a pressionou contra seu peito. Senti o coração de Alfa bater acelerado. Mas aí Alfa abriu um sorriso de orelha a orelha, como se ficar sério fosse a coisa mais estúpida a fazer naquela situação.

Tentei beijá-la de novo, mas ela já estava pegando o fuzil, levantando-se e reabotoando o colete. – Vamos nessa – ela disse, ajudando-me a levantar. – Já devem estar preocupados conosco.

Alfa abriu a porta da cabine, piscou para mim e começou a descer pela escada, passando direto pelos ossos do trabalhador, chutando seus restos que despencaram lá de cima. Eu só a observei, por alguns segundos, com meu corpo ainda faminto e aceso. Aí, desci a escada e pulei no chão ao seu lado. Saímos correndo para o furgão, vigiando o céu sobre nossas cabeças e com os ouvidos livres daquele zumbido aterrorizante.

Crow abriu a porta e pulamos para dentro. Ambos estávamos suados e exaltados, e ele apenas nos olhou, balançando negativamente a cabeça.

– Este seu carro é mais forte do que parece – disse Crow.

Hina e Sal estavam encolhidos no fundo do furgão, abraçados. Hina me lançava um olhar diferente agora, como eu nunca havia visto antes.

– O que sobrou lá fora? – perguntou Crow.

– Nada – respondi. – Só o carro dos agentes.

Ele arregalou os olhos. – O carro? Inteirinho?

– Isso mesmo.



Crow ligou o motor e manobrou o furgão, dirigindo-se para o outro lado da colheitadeira.

– O que você está fazendo? – perguntou Alfa, surpresa.

Crow deu risada. – Vou ver o que Jah nos proporcionou nesta gloriosa manhã, docinho. Um veículo da GenTech não é apenas algo que se pode reaproveitar. – Ele fez uma pausa. – É ouro. Ouro puro.

Crow nos levou até o carro dos agentes, passando com o furgão por cima dos restos, e as três pilhas de ossos se desfizeram sob os pneus como fumaça. Paramos bem perto do veículo da GenTech, praticamente encostando nele. Então Crow desligou o motor e aguardou até que tudo estivesse no mais absoluto silêncio.

– Vamos deixar esta porta aberta – ele disse, apontando para o lado do passageiro do furgão. – Temos que ser rápidos. E silenciosos. Se alguém ouvir qualquer coisa, a porta se fecha em dez segundos.

– Combinado – eu disse, e olhei para Sal e Hina. – Vocês dois esperam aqui dentro.

– Mas eu quero ir! – choramingou Sal.

– Você é lerdo demais, guri.

– Tudo bem – disse Hina, lançando-me aquele olhar estranho novamente, como se os seus olhos estivessem tentando me dizer algo. – Eu tomo conta dele.

Alfa abriu a porta e descemos do carro, sentindo a luz do dia banhar nossos corpos, com o céu azul lá no alto e o verde profundo das plantas ao nosso redor.

Os pneus do veículo estavam furados, a lataria coberta de buracos de bala e os vidros estilhaçados. Erguemos a porta lateral. E então

penetramos em um mundo completamente diferente.

O roxo da GenTech. Por toda parte. Tudo limpo, brilhando, como se tivesse sido arrancado direto de um sonho. Dentro daquele carro, havia equipamentos que pareciam vir de um tempo muito diferente do nosso. Nada de fios soltos, nada de partes presas com fita adesiva, nem componentes faltando ou máquinas caindo aos pedaços. Aqueles *gadgets* eram ainda mais impressionantes que o painel da Arca. Tudo novinho em folha.

– Aí está – disse Crow, ajoelhado no banco, alcançando um console brilhante na parede.

Alfa ainda estava com a cabeça para fora, olhando para o céu.

– O que é? – perguntei a Crow.

– Este é o computador principal – ele explicou. – Mas deve haver outro em algum lugar por aqui. – Crow abriu alguns painéis e os vasculhou.

– Você viu alguma coisa? – perguntei a Alfa, cutucando sua perna.

– Silêncio – ela respondeu. – Eu estou prestando atenção.

Olhei de novo ao redor no veículo. Peguei um boné com o logotipo da GenTech impresso na frente.

– Será que fico bem com um destes? – perguntei.

– Ei, baixinho – disse Crow, interrompendo-me enquanto ele mexia em uma caixa de ferramentas –, por que você não procura umas armas lá atrás?

Passei para a parte de trás do carro, e a primeira coisa que encontrei foi um traje da GenTech, dobrado cuidadosamente e embalado. Então, avistei, bem ali, penduradas no teto, duas pistolas roxas que pareciam ser muito melhores do que a arma que

eu estava usando. Elas reluziam, limpas, aparentando nunca terem sido usadas. Eu as tirei de lá e passei para a frente do veículo.

– Achei! – disse Crow de repente.

– O que é isso? – perguntei, olhando para a pequena caixa na palma da sua mão.

– Isso – disse Crow, abrindo um sorriso de orelha a orelha – é um aparelho do Sistema de Posicionamento da GenTech. Os agentes digitam as coordenadas e ele diz aonde devem ir. Acabou a busca, baixinho. Era disso que precisávamos. Isso, bem aqui na minha mão, é o nosso GPS.

## CAPÍTULO 39

Sal não conseguia acreditar. Seus olhos se arregalaram e nunca mais voltaram ao normal. Cara, eu mesmo mal podia acreditar no que havia acontecido. Mas lá estávamos nós, rumando para oeste, cruzando as estradas de serviço, atravessando o labirinto construído pela GenTech. E, assim que saíssemos do outro lado, tudo o que teríamos que fazer seria digitar aqueles números, o do norte e o do leste, e seguir viagem para a Terra Prometida. De repente, meu pai estava mais próximo que nunca. Era como se ele estivesse me esperando na próxima curva da estrada.

Alfa queria colocar os números naquela mesma hora, para ver logo quanto teríamos que rodar, mas Crow não largava o GPS de jeito nenhum. Era melhor economizar a bateria, dizia. Esperaríamos até sair do labirinto.

Dirigi sem parar até o sol se pôr. Quando ficou escuro, estacionei o furgão bem perto do milho e desliguei o motor. Não podíamos arriscar acender os faróis, e o céu sem lua tornava a noite escura demais para seguir em frente.

Nós cinco nos deitamos na traseira do furgão, todos espremidos, imaginando o que o futuro nos reservava. Era o mais próximo de uma família que eu havia experimentado depois que levaram Pop. Éramos uma equipe, pelo menos. Uma equipe de verdade. Até Hina parecia estar sorrindo, embora continuasse lançando aquele olhar estranho para mim. Mas não liguei muito para isso. Tínhamos

comida em nossos estômagos e um amanhã em nossas mentes. E o dia seguinte, e o seguinte a ele também. Tínhamos o futuro inteiro pela frente.

– Como vocês acham que elas são? – perguntou Alfa.

– Iguais àquela ali, bobinha – gritou Sal, apontando para a barriga de Hina e dando risada. – Como mais elas poderiam ser?

– Mas será que vai haver só umas poucas árvores? Ou será que vamos encontrar um monte delas?

– Deve haver um monte delas – eu disse, lembrando-me da foto do meu pai. – Uma floresta completa.

– Vai haver laranja, coco, amêndoa. Imaginem só os sabores. – Sal deixou escapar um suspiro. Então bateu na minha perna. – Vamos ficar tão ricos, mas tão ricos, que não vamos nem saber o que fazer com tanta grana.

Crow tinha passado a maior parte do tempo em silêncio, mas agora ele se intrometeu na conversa. – Só tenha em mente, sr. Sal, que o seu pai pode estar lá também. – Enquanto dizia isso, ele olhava para mim.

– É verdade – disse Sal, fazendo que sim com a cabeça. Aí ele se virou, e não consegui mais ver seu rosto. Pensei na correção das coordenadas, a tatuagem escondida, que Crow desconhecia.

E pensei em Zee.

Isso me deixou chateado. Não consegui evitar imaginá-la ali conosco, festejando algo que nem sequer havíamos conseguido ainda. Isso me fez pensar em como aquela jornada terminaria. Será que eu reencontraria mesmo o meu pai? Ele estaria vivo? O velho rasta tinha dito que Pop teria até a primavera. Naquela altura do ano, o inverno estava apenas começando.

Mas, se meu pai estivesse vivo, o que viria depois? Finalmente poderíamos construir uma casa no topo das árvores? Ou será que as árvores já teriam sido todas derrubadas e vendidas? Seria isso o que aconteceria no final das contas? Árvores comercializadas por alguns trocados como se fossem um punhado de milho? Um pouco para as piratas. Um pouco para os Soljahs. E para mais quem? A Liga de Restauração, talvez?

Isso se a GenTech não achasse as árvores antes. Olhei para as incontáveis fileiras de pés de milho ao meu redor. Ali, havia comida bastante para alimentar todos os pobres coitados que cruzavam os campos em direção a Vega. Mas o pessoal da GenTech preferia fazer montanhas de dinheiro à custa daquilo e manter as pessoas mergulhadas na pobreza e na fome.

Em pouco tempo, já tínhamos comido e conversado o suficiente para ficarmos com sono. Não existia porção de ar dentro daquele furgão que não houvesse sido respirada mil vezes por cada um de nós. Estávamos adormecendo sem querer. Todos, até o segurança durão.

– A última vez que dormi foi na Velha Orleans – disse Crow, colocando na frente do rosto o velho sombreiro do meu pai. – Acho que mereço pregar os olhos um pouco.

Uma a uma, nossas cabeças foram tombando para o lado, até que todos estavam dormindo profundamente. Acho que fui o último a adormecer, encostado em Alfa, observando seu rosto relaxado, sua boca aberta. Eu estava apaixonado pelo seu cheiro. Lembro-me de ter pensado nisso pouco antes de cair no sono.

Pouco antes de os meus olhos se fecharem e tudo mudar novamente.

Foi Hina quem me acordou. Ela estava me cutucando nas costas, e sentei assustado, olhando o furgão ao redor. Estavam todos dormindo. Todos menos nós dois.

Ela apontou para a porta, indicando que queria sair. A lua estava alta, brilhando sobre o milharal.

– Não dá para sair aqui – sussurrei. Mas ela insistiu. E deduzi que isso significava que Hina tinha algo a me dizer. Sobre o meu pai. Sobre as árvores.

Abri a porta traseira do furgão bem devagar, no maior silêncio, e depois respirei fundo o frescor que vinha dos pés de milho, colocando a cabeça para fora.

Atento ao menor som, desci do furgão e segurei a porta para Hina sair. Olhei a noite ao redor, pensando no ataque de gafanhotos e naquele som horróroso, pensando que Hina tinha de falar tudo logo.

– Venha comigo – ela sussurrou, pegando a minha mão. E começou a me levar para o meio da plantação.

O som dos nossos passos na terra ressecada era mais alto do que eu gostaria. Atravessamos as fileiras de plantas até encontrarmos uma espécie de clareira, grande apenas o bastante para ficarmos frente a frente. As batidas do meu coração eram tudo o que eu conseguia escutar naquele momento. Que ideia estúpida era estar ali! Eu conhecia bem o perigo. Mas Hina tinha algo a me dizer, e eu acreditava que era algo que precisava ouvir.

– O que foi? – sussurrei, ansioso.

– Eu me lembrei de onde ela veio – respondeu, e, enquanto falava, levantou a blusa para me mostrar os galhos e folhas daquela árvore majestosa. Eu podia ver as batidas do seu coração

fazerem que sua barriga se mexesse. – Pensei que você tinha morrido – ela disse, aparentemente mudando de assunto. – Mais cedo, quando vocês escalaram aquela máquina e os gafanhotos apareceram. Mas você é forte como o seu pai. E eu me lembrei. Lembrei que tinham me mandado achar o seu pai. Para levá-lo de volta.

Comecei a dizer algo, mas ela me interrompeu, o tempo todo alisando as cores tatuadas em sua pele.

– Ele queria acabar com tudo – ela continuou. Sua voz era como a de alguém que tivesse acabado de despertar. – Com tudo isso. E agora eu tenho que avisar você.

– Como assim me avisar? – perguntei, confuso. – Avisar do quê?

Hina apenas fechou os olhos. Embora seus dedos ainda acariciassem a tatuagem, o resto do seu corpo parecia estar dormindo, de pé diante de mim, mas envolto em um sonho distante. Por um momento, tudo ficou silencioso. Tudo permaneceu imóvel. Até que ouvi passos se aproximarem de nós. Cada vez mais perto. Alguém cruzava a pé a plantação.



## CAPÍTULO 40

O rosto daquele gatuno de milho parecia ter sido desmontado e depois remontado com as peças fora de lugar. Ele apareceu bem diante de nós. Uma sombra desagradável sobre o brilho prateado do luar.

– Saia de perto dela – ordenou. Mas eu estava paralisado, como se tivessem me amarrado às plantas. – Anda logo, meu chapa. – Dessa vez, ele apontou uma espingarda para a minha cabeça.

Dei um passo para o lado, com a arma acompanhando cada movimento do meu corpo e pairando a poucos centímetros do meu rosto. Tentei dizer alguma coisa, mas o homem me cortou.

– Boca fechada, garoto.

Ele apontou sua lanterna para Hina e a olhou de cima a baixo, com a boca aberta e coberta de saliva e os olhos saltando do rosto. Enquanto percorria a pele dela com a lanterna, o gatuno piscava, como se quisesse ter certeza de que aquela visão era real. Depois olhou de novo para mim e enfiou a arma embaixo do meu queixo.

Sem tirar a espingarda dali, olhou para cima e descreveu no céu um oito com a luz da lanterna. Em seguida, bateu quatro vezes em um pé de milho.

– Em quantos vocês estão? – perguntou.

– Não há mais ninguém – respondi, e minha voz tremia como todo o resto do meu corpo. – Só nós dois.

– No carro, moleque. – Ele pressionou a arma com força. – Quantos estão no carro?

– Não há ninguém lá – insisti. – O carro quebrou.

– Mentira sua. – Ele deu uma fungada. – Isso não vai ajudá-lo em nada.

Escutei mais passos no meio da plantação, e o gatuno me mandou andar. Coloquei Hina na minha frente e segui, sempre com as mãos em seus ombros, tentando afastá-la daquele sujeito, enquanto ele batia com a arma na minha coluna e nos empurrava na direção do carro.

Quando surgimos fora da plantação, na estrada de serviço, mais vinte outros gatunos apareceram ao mesmo tempo que nós. Saíram do meio dos pés de milho, como se tivessem sido cuspidos por elos. Alguns nem carregavam pistolas, apenas facas e serras. Todos usavam roupa de palha de milho e estavam descalços.

Fiquei impressionado com seus corpos e rostos enrugados ao luar. O olhar ausente. As cicatrizes mais numerosas que os dentes em suas bocas.

O gatuno ao meu lado apontou a espingarda para a minha cabeça, empurrando-me em cima do furgão, enquanto tentava espiar dentro dele. Então, com a parte de trás da arma, ele bateu na lataria.

– Todo mundo para fora! – berrou.

Nessa altura, seus companheiros já tinham cercado o furgão. Cabeças erguidas e armas apontadas. O homem tornou a bater na lataria.

– Não queremos vocês – argumentou. – Só vamos ficar com o carro e o que tem dentro dele. Então é melhor vocês saírem. Senão

os seus amigos aqui vão sofrer as consequências. – Enquanto dizia isso, olhou para Hina, e a senti estremecer ao meu lado.

O gatuno continuou batendo na lataria até a porta traseira se abrir, como se as batidas a tivessem destrancado. Sal colocou a cabeça para fora, e o sujeito deixou escapar um ruído que devia ser uma risada.

– Cacete! – ele disse, puxando Sal para fora pela orelha. – Vejam só o tamanho deste aqui!

Tudo aconteceu tão rápido que não deu tempo de pensar em nada.

Uma arma disparou atrás do furgão, e a bala acertou em cheio o gatuno que estava nos ameaçando, arremessando-o a uns dois metros de distância. Na mesma hora, seus companheiros atacaram. Alguns partiram para cima do gorducho, mas a maioria correu atrás de mim e Hina, obrigando-nos a fugir para o meio do milharal.

Foi um caos. Corpos arremessados na plantação, tiros por todo lado, gritos.

Até que tudo parou. E uma nuvem escura cobriu a lua.

Um zumbido familiar tomou conta do ar.

Eu nunca vi gente sumir tão depressa. Todos aqueles gatunos se espalharam e depois desapareceram, como se a terra tivesse se aberto para escondê-los no subsolo. Tinham evaporado. Simples assim. E eu e Hina ficamos ali, sozinhos, a dez metros da estrada.

De imediato, saí correndo no meio do milharal, tropeçando e tirando da frente a folhagem, arrastando Hina pelo braço. Os gafanhotos estavam por toda parte, preenchendo o ar com aquele som horrórico, que entra na nossa cabeça e nos impede até de pensar.

Acabei pisando em falso e perdendo o equilíbrio. Quando dei por mim, estava no chão e havia perdido a mão de Hina.

Então me virei para trás e a vi.

Uma última vez.

Ela havia parado de correr. Estava de pé, olhando para mim, e a nuvem escura desceu até ela, zumbindo, devorando e percorrendo seu corpo devagar. Consumindo-o por completo. Primeiro a cabeça, seu lindo rosto. Era como se o enxame a estivesse sugando. Depois da cabeça, ele avançou para o pescoço, em seguida os ombros, antes de se espalhar pelos braços e pelo peito, engolindo-a como um tornado nas planícies.

E eis que aquela barriga tão perfeita, o tom acobreado de sua pele, a árvore desapareceram. Estava tudo acabado. Devastado. Cada raiz. Cada galho e cada folha. Os segredos que havia ali continuariam escondidos para sempre.

Berrei, desesperado, olhando para aquela cena sem poder fazer nada. As estrelas podiam muito bem ter-se retirado naquela hora, pois não havia mais nenhuma razão para continuarem brilhando.

E o banquete continuava. Os gafanhotos estavam na altura dos quadris de Hina agora. Tão próximos de mim que eu podia tê-los tocado se tivesse coragem de esticar o braço. Então senti as minhas pernas se moverem, carregando-me para a frente. Primeiro, eu estava de quatro. Mas, segundos depois, já estava correndo com todas as forças que me restavam.

No furgão, todas as portas estavam fechadas. Só o que pude fazer foi gritar e bater nas janelas e na lataria freneticamente. Já conseguia sentir os gafanhotos atrás de mim, cortando o ar em busca de mais alimento.

Quando Alfa abriu a porta, eles já estavam me mordendo. Pulei para dentro e fechei a porta no mesmo movimento. Mas os gafanhotos já estavam em cima de mim, roendo meu pescoço e minha nuca.

Crow me jogou no chão e se debruçou sobre mim, arrancando os gafanhotos e esmagando-os com as mãos. Os malditos insetos também passaram a mordê-lo, mas Crow, entre gritos e pancadas, conseguiu acabar com todos. Então simplesmente caiu ajoelhado ao meu lado, exausto, com os punhos sangrando e as janelas ao redor cobertas pela nuvem lá fora.

Por fim, quando o ruído diminuiu e o enxame começou a se dispersar, pude ouvir o som de Sal, que chorava no canto. E a voz de Alfa, fraca e abafada.

– O que foi que vocês fizeram? – ela dizia, repetidamente. – O que foi que vocês fizeram, meu Deus do céu?

Fiquei apenas olhando para ela, paralisado, enquanto a luz da lua ressurgia na janela. O rosto de Alfa estava coberto de lágrimas, e suas mãos estavam sobre a barriga, pressionando o ferimento de bala, como se pudessem fazer o sangue parar de jorrar.

# CAPÍTULO 41

Alfa me olhou com expressão cheia de dor. Ela tremia e se contraía. Mas seus olhos continuavam vivos. Focados. As veias do pescoço saltaram, e a respiração foi ficando curta e superficial.

– Banyan – disse Crow, chamando-me, de repente. Mas aquele som pareceu não ter nenhum significado para mim. – Banyan!

O grandalhão, cheio de pressa, pulou para o banco do motorista, com as mãos estouradas, cobertas de sangue. E foi só aí que me voltei, tentando entender o que estava acontecendo.

Então senti a noite mudar de cor mais uma vez. Ficou brilhante. E não era nenhum brilho natural, não mesmo. Olhei pelo para-brisa e vi três veículos à frente, vindo direto em nossa direção, a toda a velocidade, banhando-nos com a luz roxa de seus faróis.

Crow deu partida no furgão e começou a fazer a volta.

– A gente tem que se livrar desses caras – ele disse, engatando a ré. E, pela primeira vez, as coisas pareciam incertas para Crow. Na verdade, ele estava se cagando de medo. Igualzinho a mim.

Enquanto eu arrastava Alfa na traseira do furgão, Crow o fazia derrapar, alinhando-o novamente à estrada, antes de pisar fundo no acelerador para nos tirar dali. Estávamos retornando por onde tínhamos vindo. Perdendo todo o terreno que já havíamos percorrido.

Acomodei Alfa no canto, tentando evitar que seu corpo balançasse demais. Ela estava em silêncio agora, mas seus olhos me diziam tudo o que era preciso saber. As mãos dela estavam cobertas com o

próprio sangue, e eu quis tampar o ferimento com as minhas, mas o líquido vermelho não parava de escorrer.

– Sal! – gritei, enquanto escutava Crow chamar meu nome. – Sal!  
– Agarrei o garoto pelo pescoço. – Deixa de choradeira, seu merdinha! Tem gente precisando de ajuda aqui!

Tirei a camisa e fiz Sal enfiá-la na barriga de Alfa e pressionar o ferimento, que continuava aberto e espumando, como se fosse uma espécie de boca. Depois arranquei o pedaço de árvore da minha cintura e o amarrei em cima da camisa, com tanta força que fiquei com medo de impedir Alfa de respirar.

Sal apontou para o pedaço de madeira.

– Não tem nada de mais aí – eu disse a ele. – Fique com uma dessas.

Entreguei a ele uma das pistolas que, mais cedo, eu tinha tirado do veículo dos agentes.

– Mais rápido aí atrás! – berrou Crow da frente do furgão. – Façam alguma coisa!

Então abri a porta traseira, com Alfa logo atrás de mim e Sal ao meu lado, eu e ele prontos para atirar.

– Fogo! – gritei, e começamos a descarregar nossas armas, apertando o gatilho sem parar e despejando um mar de balas que parecia não acabar jamais.

Os agentes da GenTech não revidaram nossos tiros. Simplesmente seguiram em frente, sem sequer desacelerar, enquanto nossas balas ricocheteavam no aço roxo.

– O vidro – Crow gritou. – Mirem no vidro.

Eu tentei. E continuei tentando. Mas estava difícil demais mirar com o furgão aos solavancos, sacudindo e pulando na areia.

Até que consegui acertar o para-brisa de um dos carros, mandando-o direto para o meio da plantação. E foi aí que os outros resolveram abrir fogo contra nós, mirando baixo, procurando nossos pneus.

– Continue atirando! – gritei para Sal, mas sua arma já estava sem munição. Vazia. Passei a ele a minha, com as balas que ainda restavam, e tentei alcançar o fuzil de Alfa na frente do furgão, estendendo o braço sobre seu corpo encolhido e tateando no escuro.

Mas minha mão nunca chegou a achar o fuzil.

Pois uma colheitadeira saiu do meio do milharal, bem diante de nós, como uma parede de aço. Crow pisou no freio, mas não pôde evitar a batida. A coisa foi feia. O furgão não teve a menor chance. As lâminas atravessaram o motor sem dificuldade, estraçalhando-o inteiro, sugando cada pedaço para as entranhas da máquina monstruosa.

As lâminas atingiram o volante. As coxas de Crow explodiram quando o metal afiado as rasgou. Agarrei os braços do Soljah o mais rápido que pude e puxei o que havia sobrado dele para o fundo do furgão.

E a colheitadeira continuava avançando.

Sal não estava mais lá, pelo que me lembro. Talvez tivesse sido arremessado pelo impacto. Ou talvez estivesse tentando fugir. Alfa não tinha condições de fazer nada. Eu a puxei para cima do meu ombro com uma das mãos e usei a outra para rastejar para porta aberta. O som da máquina era mais que simples barulho. De tão alto, parecia o mais puro silêncio. Ou talvez eu já estivesse apagando naquela altura.



Crow movia sua carcaça sangrenta apoiando-se nas pontas dos dedos. Nós três nos movíamos devagar demais. Só que conseguimos alcançar a porta. E passamos por ela.

Não dava para acreditar. Meu furgão estava completamente destruído, reduzido a um monte de metal retorcido. Eu me lembro de olhar para trás e vê-lo ser tragado pela garganta da colheitadeira; minha vida inteira estava sendo digerida e feita em pedaços. E aquela máquina infernal ainda parecia estar devorando o carro mesmo depois que as lâminas pararam de girar e o motor foi desligado.

Da mesma maneira, não acho que tenha havido um momento sequer em que eu tenha parado de gritar, com Crow todo ensanguentado e se contorcendo atrás de mim e Alfa desacordada ao meu lado.

Eu gritei e urrei, desejando estar morto.

Então uma luz se acendeu na colheitadeira, apontando para nós. Um sol roxo queimando nossa pele. E os faróis dos outros três veículos se aproximaram e se misturaram, deixando as coisas ainda mais brilhantes do que já estavam.

Ouvi passos. Portas que se abriam e se fechavam. Vozes. E, no momento seguinte, eles estavam levando Alfa para longe de mim. Havia sangue em seus uniformes. O roxo e o vermelho contrastavam. E não pude impedi-los de levá-la, pois eles estavam me carregando também. Senti uma agulha me espetar, rompendo minha pele.

– Parado aí, garoto! – alguém gritou. Como se eu pudesse fazer alguma coisa. Então escutei Crow gritar. Aquele devia ser o mesmo

tipo de som que se ouvia durante a Escuridão. Os vinte anos de noite ininterrupta.

– De novo não! – rugiu Crow, até sua voz desaparecer. – De novo não!

# PARTE TRÊS



## CAPÍTULO 42

Quando voltei a mim, tudo o que queria era poder apagar de novo. Eu tinha perdido Alfa. E Crow. E Sal. E Hina.

Eles haviam sido substituídos por estranhos.

Estávamos em uma estrada, e eu percebi isso de imediato. Acho que a estrada está no meu sangue. Fomos feitos um para o outro. Percebi o movimento. A sensação de me deslocar livremente. Tentei erguer a cabeça, mas só meus olhos conseguiam se mover. Eu estava dopado. Amarrado. E de volta à estrada, admirando o céu mais brilhante que já havia visto.

Olhei para os estranhos à minha esquerda e à minha direita. Seus olhos estavam fechados, e era assim que deviam permanecer. Afinal, eles não tinham nada de bom para ver ali.

O milharal não estava mais lá. O mundo tinha se transformado.

Novos cheiros. Cheiros familiares.

Plástico. Aço e combustível.

Ah, o combustível! Aquele sim era o cheiro da estrada. O maldito suco é o sangue que corre nas veias de cada veículo em movimento.

Quando o primeiro prédio passou acima da minha cabeça, pensei que fosse só uma sombra. Imaginei que eu apenas tivesse piscado. Mas os prédios continuaram aparecendo no céu, passando rápido

por mim, mais e mais deles, até que só havia prédios e o céu tinha desaparecido.

Infinitas sombras pretas, cinzentas e prateadas. Eu nunca havia visto tantas janelas juntas. Eram como olhos envidraçados. Os prédios, imensos, erguiam-se lado a lado, dando a impressão de que poderiam desabar a qualquer momento. Mas eles continuavam lá, montes de aço cobertos de plástico, apontando direto para o sol.

E depois para a lua. Mas mesmo a lua acabou bloqueada por eles. Mesmo a boa e velha lua, pairando imensa no céu.

Agora eu estava aspirando aquele fedor típico dos tanques de fermentação de milho para produção de combustível. Imaginei o suco jorrando e fluindo como os velhos rios, dentro de tubos imensos que atravessavam o subsolo como veias.

Quando as luzes da cidade se acenderam, o efeito das drogas só piorou. Primeiro, as janelas dos prédios começaram a brilhar, mas não foi nada de mais, apenas um tom laranja reluzente que invadiu meus olhos como se algo estivesse queimando lá dentro. Foram os enormes letreiros luminosos que me pegaram de jeito. Luzes de todas as cores. Era inútil tentar contá-las. Nunca piscavam, mas algumas giravam, e fiquei zozzo, sentindo tudo rodar à minha volta, como se estivesse me afogando em um mar de estrelas. Começou a ficar difícil engolir, e passei a morder a língua e as bochechas. Os letreiros saltavam na minha cara. O que eles estavam tentando dizer? Tanto fazia. Pelo menos para mim. Eu não conseguia ler porcaria nenhuma daquilo.

Até o último deles.

Toda a riqueza do mundo estava naquele lugar, e era isso que os malditos faziam com ela. Prédios imensos e luzes que queimavam a

nossa retina e ficavam acesas a noite toda. Tanto combustível jogado fora que eu me perguntava se ainda sobraria milho para as pessoas comerem. Mas eu tinha certeza de que estavam todos muito bem alimentados naquela cidade que nunca dormia.

Ninguém jamais dorme em Vega. Os maníacos não precisam descansar.

E finalmente parecia que eu poderia pregar os olhos, com os prédios desaparecendo do meu redor e as luzes se apagando. Agora, estávamos sendo sugados para debaixo da terra. Cada vez mais fundo. Perfeito. Dormir um pouco era tudo o que eu queria. Só que o último letreiro que enxerguei me deixou incomodado. Era horrível pensar que aquela era a única palavra que eu conseguia ler, como se apenas ela tivesse alguma importância no mundo.

GenTech.

Minha vontade é nem contar como era lá embaixo. Naquele lugar, o sol jamais brilhava, o vento nunca soprava.

Eles mantinham as luzes apagadas, e essa era a única coisa boa que faziam por nós. Mas isso devia ser parte do sistema dos safados – embora eu não tivesse ideia de como ele funcionava.

Mas é claro que eles tinham um sistema. Aquilo era a GenTech. Eles sabiam o que estavam fazendo. Sabiam bem o que queriam.

Aqueles malditos. Marchando de lá para cá, com seus uniformes roxos e os cassetetes erguidos. Para que afinal os imbecis precisavam daquela droga de cassetete? A maior parte dos prisioneiros estava inconsciente e o restante parecia na mesma situação que eu, dopados demais para tentar qualquer coisa. Éramos apenas corpos ali. Nem sequer pessoas. Só corpos, que

mijavam e vomitavam – e que gemiam quando os agentes os pegavam pela cabeça e pelos membros e os arrastavam, um por um, para a área de testes bem no meio daquele buraco escuro e nojento.

Aquele era o nível mais baixo para o qual se poderia descer. Era o fim da linha para as almas perdidas que eles sequestravam, as pessoas que eram arrancadas da estrada e vendidas pelos caçadores de escravos. Gente como o meu pai, o velho rasta, a mãe de Alfa e, agora, eu.

E era a GenTech que estava por trás daquilo. No fim das contas, era sempre ela. O punho roxo que arrancava até os últimos suspiros de nossos pulmões empedrados.

Mas por quê?

Por fora, eu mal conseguia mexer os dedos. Por dentro, entretanto, eu estava furioso. Minha mente não estava funcionando muito bem, mas continuava viajando de um pensamento a outro. E pensei novamente naquela história nojenta do mercado de carne a que os ricaços bizarros de Vega recorriam para variar o cardápio. Mas, se era nossa carne que eles queriam, então por que os malditos agentes examinavam nosso sangue? Pois era isso o que eles faziam o tempo todo, enchendo seus pequenos tubos plásticos com o líquido vermelho que corria em nossas veias.

Pelo que vi, duas coisas podiam acontecer depois que os agentes realizavam esses exames. Duas opções para todos os corpos jogados naquele lugar.

A primeira: desapareciam com você. Faziam os testes, e depois esse sujeito sumia. Não dava para saber onde ele ia parar. Mas essa era a melhor alternativa. Sem dúvida.

Pois, na segunda opção, eles tiravam o seu sangue, examinavam e depois olhavam como se você simplesmente não existisse.

E aí, eles o jogavam ao fogo.

No meio da área de testes, havia uma abertura para uma fornalha enterrada no chão. Um fosso cheio de fogo.

E, se essa era a opção número dois, dava para entender como a primeira se tornava atraente. Especialmente depois que a gente passava o dia inteiro respirando as cinzas de todos os pobres coitados que acabavam queimados vivos.

Pode ter passado mais de um dia. Ou talvez tenha demorado apenas uma hora. Só que cada minuto parecia durar vinte. As drogas que nos mantinham sedados faziam tudo aparentar tranquilidade. Na maior parte do tempo.

De vez em quando, um gemido abafado cortava o ar, escapando pelos lábios de alguém, como se a pessoa estivesse tentando despertar a si mesma.

Mas eu já estava suficientemente acordado. Por dentro. Enquanto observava chegar a vez dos outros infelizes presos ali, eu tentava imaginar que diabos estava acontecendo naquele lugar.

O exame de sangue de uma mulher que tinha apenas um braço deu positivo, e os agentes a levaram embora. Depois foi a vez de um garoto loiro, que não aprovaram. Não aguentei olhar.

E as coisas prosseguiram desse modo. Uma pessoa depois da outra. Os malditos uniformes roxos se embrenhando na multidão, gritando números, arrastando corpos e alimentando o fogo que queimava bem no meio do lugar.

E o que já havia começado mal só piorou. Todas as paredes que minha mente tinha conseguido criar para me proteger, ou que o



efeito das drogas havia erguido, começaram a desabar e a realidade se mostrou com toda a sua crueldade, como uma lâmina atravessando meus ossos. A coisa ficou tão ruim que comecei a desejar que a minha vez de ter o sangue examinado chegasse logo, só para não precisar mais assistir àquilo. Eu não aguentava mais ver crianças serem arrancadas das mães. Esposas tiradas dos maridos. Todos aqueles rostos desconhecidos. Aqueles completos estranhos para mim.

Mas até mesmo isso mudou. Pois, de repente, vi os agentes arrastarem alguém que eu conhecia.

Era Crow. A parte de cima do seu corpo ainda não tinha se curado completamente das queimaduras. Na parte de baixo, por outro lado, já não havia mais nada. As pernas não estavam lá. Tinham sido engolidas pelos dentes de uma colheitadeira. Os agentes carregaram o que restava do seu corpo até a área de exames. E, quando lhe enfiaram a agulha no braço e sugaram o sangue, uma parte de mim queria gritar alguma coisa para ele.

“Ei, baixinho!” Era isso que eu queria gritar.

Bizarro, não?

Devia ser o efeito das drogas.

Crow passou no exame de sangue e os agentes o tiraram da minha visão. Fiquei me perguntando como eles tinham conseguido conter o sangramento do Soljah na plantação. E tentei adivinhar para onde estavam levando. Mas não tive muito tempo para pensar nessas coisas, pois agora os agentes tinham pegado Sal e, pela expressão em seus rostos, o pobre coitado não tinha passado no exame.

A visão de Sal ao ser levado para o fogo despertou alguma dentro de mim. Penetrou nos meus ossos e explodiu na minha mente. Consegui me mover de novo. Mas, enquanto eu tropeçava e cambaleava na direção dos uniformes roxos, era como se outra pessoa estivesse controlando meus músculos, como se não fosse minha a boca que estava gritando. Parecia que não era meu amigo que estava prestes a ser queimado vivo.

Quer dizer então que era isso que ele era? Meu amigo?

Sinceramente, não sei. Mas, sim, eu gosto de pensar que era. E por isso ele deve ter se sentido mal quando seus olhos me reconheceram por um momento e tudo o que eu gritava era:

– O número, o número! Diga qual é!

No fim das contas, talvez tivéssemos sido apenas isso um para o outro. Números. Não apenas o gorducho e eu, mas também Crow, Alfa e Zee. Todos nós. Só o que queríamos era achar aquelas árvores.

Buscávamos algo em que acreditar. Algo que poderia nos levar de volta para casa. Algo que nos libertaria, talvez. Ou apenas algo para trocar por um monte de dinheiro.

Os agentes partiram para cima de mim, impedindo-me de enxergar Sal. Mas toda a força que eu tinha economizado enquanto estava dopado veio à tona de uma só vez. E, de repente, eu estava socando e chutando um babaca de uniforme roxo que nunca tinha visto na vida, mas que estava tentando me controlar. Tentando me machucar. Tentando assassinar o meu amigo gorducho bem diante dos meus olhos.

Eu gritava tanto que devia estar cuspiendo para todo lado. E, por um momento, consegui alcançar Sal. De algum modo, ele agora

estava bem ao meu lado, respirando a fumaça que saía da fornalha, com mãos calçadas de luvas roxas nos cercando por todos os lados.

O garoto me encarou como se seus olhos fossem janelas e ele estivesse preso em algum lugar lá dentro, cansado de se esconder.

– O número – eu disse a ele, ou pelo menos tentei dizer. E que diferença fazia aquilo, agora que tudo estava perdido?

Mas o garoto me surpreendeu e começou a falar.

– Não há número nenhum – respondeu, enquanto os agentes o erguiam e jogavam no fogo. – Eu inventei – continuou, desaparecendo para nunca mais voltar. – Para você me levar junto.

E foi esse o seu fim. Ele ainda estava dopado, acho. Pois não cheguei a escutá-lo gritar uma vez sequer.

Senti várias mãos me agarrarem e imaginei que estava tudo acabado. Estava conformado que meu destino era queimar naquela fornalha. Tudo em que conseguia pensar era que Frost já devia ter chegado à Terra Prometida. Ele tinha as coordenadas. E um GPS. E estava lá fora, livre. Meu pai estava lá, também. Rodeado de árvores e assassinos.

– Espere aí! – gritou um dos agentes. – Ele ainda tem que ser examinado.

Não tive nenhuma reação. Nem sequer senti a agulha furar a minha pele ou o sangue sair das minhas veias. Mas vi o líquido vermelho-escuro encher o tubo plástico. E, por causa do sangue que ia sendo sugado de mim, ou talvez por causa da explosão de energia momentos antes, eu me senti vazio. E, quando tiraram a agulha da minha pele, comecei a afundar, e tudo ficou escuro.

## CAPÍTULO 43

A droga que usaram para me sedar tinha uma coisa esquisita: quando você estava acordado, era como se estivesse sonhando; mas, quando apagava, não tinha sonho nenhum. Era só um vazio. A mais escura das noites. Indiferente tanto ao movimento do mundo ao redor quanto aos sentimentos mais íntimos.

Em certo momento, no barco, eles nos libertaram. De alguma maneira, eu sabia que isso significava que estávamos quase chegando.

Os agentes nos alimentaram com o milho mais suculento que eu já havia comido em toda a minha vida e nos deram água. Depois tiraram nossas roupas e cortaram nossos cabelos. Por algum tempo, fiquei parado, esperando. Ainda estava voltando à realidade, mais preocupado em proteger os olhos das luzes de neon. Mas, assim que tive forças, saí andando pelo enorme compartimento de carga onde havíamos acordado. Caminhei rumo à saída e encontrei o convés.

Não sei ao certo que horas eram. O começo da manhã, talvez. Eu estava sozinho. Debaixo da capa plástica que haviam jogado por cima do meu ombro, eu era só pele e osso. O frio era tanto que me senti novo em folha e, ao mesmo tempo, o mais velho dos homens. Chegava a doer. Quase resolvi voltar e ficar com os outros. Mas continuei ali, mordendo a língua e aguentando firme, enquanto o ar gelado me envolvia. Minhas mãos tremiam sem parar e meus dedos dos pés estavam ficando azuis.

Caminhei até o centro do convés, olhei para a água e depois para o barco ao meu redor. Havia uma cabine sobre o compartimento de carga e, acima dela, uma torre de segurança. Tudo preto e prata. Nada de roxo. Nenhum logo da GenTech. Aquele com certeza não era um barco tão grande quanto eu poderia ter imaginado, mas ele não precisava ser. As águas eram calmas. E se estendiam em todas as direções, até onde minha vista alcançava.

Puxei um pouco a capa e encolhi os ombros dentro dela. Minha respiração estava esfumaçada, da mesma cor que as nuvens lá no alto. O ar era tão frio que respirá-lo já era um trabalho e tanto. Pelo menos isso ajudou minha mente a voltar para os eixos, mesmo que meu corpo parecesse prestes a trincar em pedaços.

Tornei a observar as paredes de metal do compartimento de carga onde estavam amontoados meus companheiros, aqueles que tinham sido poupados do fogo. Poupados de serem queimados vivos.

Mas, ainda assim, prisioneiros.

Pensei no pobre coitado do Sal. Dopado demais para ter medo, privado até mesmo de ter emoções em seus últimos momentos na Terra. Senti que eu, desde o princípio, tinha sido um belo de um filho da mãe com ele. Afinal, o que foi que Sal fez? Nada além de agir de acordo com a maneira que o mundo parecia tratá-lo. Tendo um pai como o safado do Frost, que chance ele tinha? Voltei no tempo e vi Hina abraçando o garoto, transmitindo a ele algum sentimento. Conclui que aquilo era um bem e tanto para se fazer a alguém. Dar sem esperar nada em troca. Mas Hina também não estava mais entre nós. Senti um calafrio ao imaginar que ela estava prestes a me contar seus segredos antes de ser consumida por

aquele enxame. E quem havia sobrado agora? Apenas eu. E talvez Crow.

Meu olhar se voltou para o compartimento de carga.

E quanto a Alfa?

Eu não a tinha visto na usina, ou fosse lá como aquele lugar se chamava. Não a via desde aqueles momentos aterrorizantes no meio do milharal. Nós dois no fundo do furgão, ela morrendo em meus braços. Morrendo por causa da bala de um gatuno, bala que, na verdade, era eu o culpado por ter sido disparada. Devido ao meu egoísmo, posso muito bem ser considerado o responsável pela morte de todos. Por que eu tinha de sair por aí sem pensar nos riscos, em vez de fazer o que havia prometido e me concentrar em achar as árvores?

Mas sabe de uma coisa? Por um momento eu não dei a mínima para as malditas árvores.

Tudo o que queria era poder ter a minha pirata de volta.

Ali, parado no convés, eu só queria poder encontrá-la, como quando saí correndo descalço pela Velha Orleans, com as mãos vazias e o coração repleto. Queria vê-la como quem quer muito alguma coisa, mas sabe que vai ser impossível conseguir.

Eu tinha medo de procurá-la. De ter certeza de que estava morta. No fim das contas, Alfa provavelmente nem resistiu à viagem para a usina. E, se tivesse conseguido aguentar, nada impedia que houvesse acabado como o pobre Sal, jogada naquela fornalha faminta. Como eu aguentaria não encontrá-la no meio dos outros prisioneiros de cabelo raspado que estavam amontoados naquele barco horrroso? O que eu faria se ela fosse apenas cinzas e

fumaça, quando deveria estar ao meu lado, com sua voz soando livremente?

De uma hora para outra, entretanto, eu saí cambaleando, disposto a achá-la. Pois de alguma forma, mesmo quando não há mais esperança, ainda podemos encontrar um lugar para fixar dentro de nós as coisas de que precisamos.

Caminhei decidido pelo convés, mas tropecei e caí de cara no chão. Comecei a rastejar entre as poças de água gelada, tentando me levantar. Mas, quando experimentei o sabor daquela água, parei e olhei, surpreso, para fora do barco.

Havia apenas água para onde quer que se olhasse. E a água não estava apenas parada e tranquila, ela também era doce. Como se fosse de rio. A gente podia bebê-la, pois não era salgada como na Tormenta. Estávamos em um lago. Frio, profundo e enorme.

A temperatura indicava que estávamos ao norte. Muito ao norte. Só podia ser algum lugar além dos desertos derretidos. De alguma forma, a GenTech tinha descoberto um caminho capaz de atravessar o vapor e as cinzas da grande Fenda. Eu me dei conta de que, se aquilo era um lago, então devia haver uma margem próxima, um lugar para onde estariam nos levando. E devia haver alguma razão para que tivessem nos mantido vivos.

Entrei novamente pelas portas de aço e deixei o calor e o ar viciado me consumirem, sentindo cada porção de pele e osso do meu corpo voltar à vida. Fiquei algum tempo apoiado na porta, enquanto meu corpo descongelava. Aproveitei para olhar ao redor.

Havia agentes ao longo das paredes, e seus uniformes roxos contrastavam com a parede clara e o brilho pálido das luzes

fluorescentes. Eles estavam todos armados, é claro. Pistolas nos cintos e cassetetes cheios de pontas nas mãos. Mas eu garanto: aqueles agentes não tinham o que temer ali. Meus companheiros prisioneiros podiam até se mexer de vez em quando, mas ainda pareciam cadáveres.

Olhares vagos. Lábios cansados demais para gritar. Éramos uma multidão derrotada. Silenciosa. Tornei a pensar no rei Harvest e em sua Arca lotada de escravos. Por isso precisavam de tantos. Ainda teriam de examinar o sangue deles. E só alguns atravessariam o lago gelado naquele barco. O restante acabaria incinerado.

Mas, afinal, em que teste havíamos passado?

Eu não conseguia nos imaginar servindo de mão de obra. Nem fornecendo carne para um bando de ricos malucos. Não no estado em que nos encontrávamos.

Olhei ao redor, procurando por Alfa. E por Crow. Vasculhei com os olhos a multidão de cabeças raspadas e capas plásticas, buscando uma cara conhecida. Depois comecei a vagar por entre os corpos estirados no chão, desviando-me das mãos que tentavam me alcançar e do rastro de corpos que estavam cobertos de plástico. Vozes se erguiam. Pessoas sussurravam umas para as outras, gemendo e se lamentando, tentando criar laços com seus novos companheiros.

Segui caminhando. Tropeçando a cada passo, para dizer a verdade. Sempre atento aos agentes ao longo das paredes. Procurei a pele derretida de Crow e os cotos de perna que ainda lhe restavam. Na minha cabeça, Alfa não cabia em coisa alguma que meus olhos estavam vendo. Era como se ela pertencesse a um mundo diferente, que não combinava nada com aquele.



Dedos gelados agarraram meu tornozelo. Apertaram, chacoalharam e então afrouxaram. Olhei para baixo. E nenhuma parte de mim ficou surpresa por não tê-la reconhecido antes.

Imediatamente me veio à memória a imagem de Alfa nos muros da Velha Orleans, com os braços abertos sobre a cabeça e o colete coberto de sangue. Guardei aquela cena muito bem dentro de mim, para poder me lembrar dela quando quisesse. Para jamais esquecê-la.

Mas, dessa vez, Alfa não estava acima de mim, com as pernas afastadas e a cabeça jogada para trás. Ao contrário, ela estava toda encolhida. O colete felpudo cor-de-rosa, com seu nome gravado, havia sido substituído pelo branco de seus ombros e pelo plástico meia-boca da GenTech. Havia raspado o moicano, e isso transformou completamente seu rosto. Fez que Alfa parecesse mais jovem. E mais velha.

Eu me abaixei até ela. Minhas mãos tocaram as suas. Meus pés tocaram os seus. Tínhamos sido arrancados de tudo e cobertos de cinza, mas isso não importava. Não naquele momento. Passei a mão em seu cabelo raspado, e ela piscou para mim, como se o movimento dos olhos pudesse fazer sua boca abrir um sorriso.

– Estou aqui agora – sussurrei. – Bem aqui. E não vou a lugar algum. Eu prometo.

Alfa pegou minha mão e a passou na bochecha, depois tocou meus dedos com os lábios. E ficamos daquele jeito por um tempo, com espaço o bastante apenas para respirarmos. Até que, finalmente, eu quis falar a ela sobre o lago lá fora. E quis saber se ela havia visto o mesmo que eu, se estava acordada quando nos levaram para a cidade e tinha visto os prédios imensos e as luzes

explodindo. Quis saber se ela também tinha visto a usina, se tinha assistido às pessoas serem arrancadas do meio da multidão e lançadas às chamas.

Mas eu não conseguia falar sobre essas coisas. Ainda não. Além disso, eu tinha outra pergunta a fazer. Uma que, por algum motivo, parecia mais urgente.

– E o seu ferimento? – perguntei. – Você levou um tiro. Bem aqui – eu disse, apontando para minha própria barriga.

– Está fechado – ela respondeu, colocando as mãos na barriga e pressionando a capa plástica.

– Posso ver?

Ela fez que não com a cabeça.

– Deixe disso – sussurrei. – Pode mostrar.

Alfa deixou as mãos caírem para o lado, e afastei a capa. Bem no lugar onde o tiro havia acertado faltava um pedaço da pele. Havia madeira, ao invés. Não o velho pedaço que eu havia amarrado para conter o sangramento. Aquele era novo. Tinha crescido para fechar o ferimento. Era rosa e verde, cheio de nós. Dei uma batida. O inconfundível som de madeira.

Alfa tornou a colocar a capa no lugar e desviou o olhar do meu, como se estivesse envergonhada.

– Não, é lindo – eu disse. E não era mentira. Aquele pedaço de casca de árvore ficava ainda mais bonito misturado à sua pele. Tentei beijá-la, mas Alfa virou o rosto.

– Para onde estamos indo? – ela murmurou, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Não tenho ideia – respondi. Mas a verdade era que eu estava começando a pensar que podia ser o mesmo lugar para onde o

velho rasta havia sido levado. Onde ele encontrou o meu pai.  
O lugar onde ele viu as árvores.

## CAPÍTULO 44

Achamos Crow e o carregamos para fora do compartimento de carga para que ele visse a água. Não perguntei como o pessoal da GenTech havia conseguido fechar seus ferimentos, pois eu já tinha uma boa ideia do que devia ter acontecido.

Mas, por quê? Essa era a verdadeira pergunta. Para que afinal estavam nos mantendo vivos? O que era tão importante a ponto de sermos levados de tão longe para lá?

– Você já trabalhou para eles – eu disse, encarando Crow enquanto observávamos a água, na beirada do convés, tiritando e nos mantendo o mais perto possível uns dos outros para amenizar o frio. – Você conhece os negócios da GenTech. Então, que diabo você acha que eles estão fazendo?

Crow afastou a cabeça para poder olhar o horizonte, como se olhando naquela direção ele não estivesse vendo exatamente o mesmo que já tinha visto em todas as outras.

– Trabalhei para eles, é verdade – Essas foram as primeiras palavras que ouvi seu novo corpo dizer. – Eu era segurança. O pessoal dos escalões mais baixos estava começando a fazer perguntas demais. Meu trabalho era manter suas bocas fechadas.

– Perguntas demais? Sobre o quê?

– Sobre o que estava acontecendo.

Apenas olhei para ele. Sem entender.

– Isto – Crow apontou com o queixo. – Tudo isto.

– Mas o que é “isto”?

– É o que acontece com aqueles que são sequestrados. A GenTech chama de Projeto Sião.

– E que diabo é esse projeto?

– Não sei – disse Crow, dando de ombros. – Minha tarefa era parar com as perguntas, não achar as respostas. Mas acabei ouvindo que a GenTech estava desesperada para achar árvores em algum lugar. E descobri uma lenda sobre uma floresta e uma mulher que podia indicar a direção dessa floresta. Aí, comecei a investigar. Por isso, a GenTech tentou me apagar. Eles me capturaram e me doparam. Mas consegui fugir. E não desisti de investigar, de seguir as pistas. Até, finalmente, ter achado a mulher. E a tatuagem.

– Você acredita que as árvores podem estar depois desse lago? – perguntei. – Quer dizer... E se elas estiverem? E se estiverem aqui em algum lugar?

– Aqui?

– Por que não?

– Se for mesmo aqui, então eu acho que a GenTech deveria me cobrar o valor da passagem, em vez de me cortar em pedaços.

– Pense só – insisti. – “Projeto Sião”.

– Sião. Árvores. Você está falando do paraíso, garoto. Aqui, estamos sendo levados para o inferno.

– Não sei. Pode ser que esse paraíso e esse inferno sejam a mesma coisa.

Vi pedaços de gelo na água. Imaginei meu pai acorrentado ao tronco de uma árvore, preso em uma floresta, debaixo de um céu azul.

– Meu pai está aqui em algum lugar – eu disse, e me virei para Alfa. – Sua mãe também pode estar. Harvest era parte da operação

inteira.

Alfa apenas olhou para Crow e depois para a água.

– Que foi? – perguntei, surpreso com a indiferença dela.

– Ela deve achar que você está precisando de um descanso.

– Bom, não é primavera ainda. Eu não vou me entregar agora.

Os pedaços de gelo foram ficando cada vez maiores e mais altos. O barco desviava dos grandes montes, os que formavam verdadeiros picos, e batia sem medo nos pequenos.

Estávamos enrolados em nossas capas plásticas e bem perto uns dos outros, olhando nosso futuro navegar até nós. Mas o gelo começou a se agrupar e ficar cada vez mais grosso.

No começo, quase não conseguimos enxergar a ilha.

A ilha era longa e alta. Logo além da margem marrom, erguiam-se colinas cobertas de neve. Enquanto nos aproximávamos, uma sirene começou a tocar e não parou mais, tão alto que tivemos de tampar os ouvidos.

– Estou congelando – disse finalmente Alfa, levantando-se para voltar para dentro. O vento estava mais forte agora e começou a nevar. Mas eu não conseguia dar as costas àquela ilha.

Então era aquilo, concluí. O fim da linha.

O barco se aproximou, e percebi que a ilha flutuava. Embaixo dela, havia um amontoado gigante de lixo. Plástico, metal e velhos objetos, presos uns aos outros na água. Mais de um quilômetro e meio de sucata. Uma verdadeira montanha. Pedacos de lixo surgindo na margem, despontando nos montes cobertos de neve.

Mas, nas praias, era possível ver que o lixo estava se dissolvendo e virando terra novamente. Concluí que aquela ilha devia ser

antiga. Velha o bastante para o lixo se decompor daquele jeito.

Nós nos aproximamos ainda mais, e vi pessoas chegarem do outro lado das colinas. Estavam nos esperando. E, quando o barco alcançou a costa, pude ver que estavam todas vestidas de roxo, deixando bem claro a quem pertencia a ilha.

– Vamos entrar – disse Crow, com voz tão amarga quanto o resto do seu ser. Nossos dentes batiam sem parar. Eu ergui Crow para voltarmos.

Nós nos misturamos aos outros prisioneiros no compartimento de carga, e não demorou muito para escutarmos uma batida e o barco parar de repente. Muita gente tropeçou e caiu, mas fiquei no lugar, segurando Alfa e mantendo Crow preso entre nós dois.

As luzes se apagaram uma a uma, até a escuridão ser total. Então os agentes abriram as portas que davam acesso ao convés, e começamos a sair, todos juntos. Éramos uma grande massa que fluía devagar.

Segurei firme a mão de Alfa e carreguei Crow nas costas. Mas ficou difícil avançar daquele jeito. A multidão atravessou nosso caminho, separando-nos. Perdi Alfa no meio dos outros corpos, e um agente apareceu de repente atrás de mim, tirando os braços de Crow dos meus ombros e o levando de lá.

Tentei manter a cabeça erguida para respirar um pouco. Procurei por Alfa ao redor, mas as cabeças raspadas eram todas iguais.

Os agentes tinham armado uma rampa que se estendia do convés à margem congelada. Esperei, espremido no meio dos outros, até chegar a minha vez de deslizar para baixo, com os pés escorregando no piso coberto de neve.

Parei em uma pilha de lixo na praia de plástico, entre velhas garrafas e caixas retorcidas. No alto das colinas, os agentes nos observavam, embrulhados em seus agasalhos roxos, com os rostos enterrados em enormes capuzes. Eles apenas assistiam enquanto tremíamos de frio, com os pés enfiados nas poças de água.

Seguimos por uma trilha que levava às colinas. Logo, estávamos sendo obrigados a escalar, com os cassetetes cheios de pontas nos forçando a andar, vozes gritando para nos apressarmos. Lembro-me de ter olhado para o céu enquanto a neve caía e ter desejado parar de me mover, só para ver o que poderia acontecer. Mas meus pés descalços continuaram a se arrastar, cambaleando em frente, até alcançarem o topo da colina. Lá, avistei, do outro lado, um imenso tanque de fermentação, com as paredes de aço tremendo; dentro dele, o milho se transformava em combustível, lançando uma fumaça escura que borrava o céu.

– Banyan!

Era Alfa, chamando-me alguns metros abaixo, ainda a caminho de onde eu estava. Eu me virei e tentei esperar por ela. Só que, agora, outra voz chamava o meu nome.

Olhei para os agentes e um deles estava vindo em minha direção, ao mesmo tempo que gritava meu nome e dizia para eu esperar. No instante seguinte, o agente tirou o capuz e seu rosto surgiu, em meio ao ar congelante, como se fosse capaz de derreter tudo ao redor. Sua respiração se condensou e sua pele parda estava avermelhada.

Eu apenas fiquei parado. Congelado como a neve, enquanto os outros passavam por mim. Alfa me alcançou, pegou minha mão e



olhou para o mesmo ponto que eu. Como eu, ela viu Zee correr em nossa direção.

## CAPÍTULO 45

O lugar estava um verdadeiro caos. Prisioneiros tropeçavam e caíam por toda parte, ao som de gritos dos agentes que tentavam manter a multidão em movimento. Só que nada parecia sair do lugar ali. As pessoas ficaram paralisadas, não passando de um amontoado de corpos seminus no meio da neve. Os agentes apontavam os fuzis e sacudiam os cassetetes, mas, em meio aos seus comandos, eu ainda conseguia escutar a voz de Zee, gritando o mais alto que podia.

– Parem! – ela pedia. – Tragam-no até aqui! Tragam-no até aqui!

– Quem é essa? – sussurrou Alfa, bem perto de mim, e nossas capas plásticas roçavam uma na outra, frias e rígidas. Mas, antes que eu pudesse responder, um agente já estava com as mãos em cima de mim, enquanto outro abria caminho usando o cassetete.

– Esperem! – eu disse, tentando impedi-los de me arrancarem do meio da multidão. – Parem com isso!

Procurando me livrar deles, olhei para trás em busca de Alfa. Ela caminhava na minha direção, mas um dos agentes a acertou, derramando sangue na neve branca. Gritei seu nome e estendi os braços e os dedos para onde ela estava. Então a vi de novo; ela ainda estava em pé, seguindo o lento movimento do grupo, com a cabeça baixa e o braço sangrando. Ela continuava a caminhada; tinha desistido de me alcançar. E eu a perdi de vista, na confusão de gente que se arrastava.

– Não pode ser, não pode ser... – eu murmurava sem parar. E aí eu estava fora da trilha, cercado de agentes, com Zee abaixada para falar comigo, enquanto eu me curvava, contorcendo-me.

Então vomitei, como se algo tivesse saltado para fora de mim contra a minha vontade. Mas isso não ajudou em nada. Só me fez sentir mais gelado.

Zee colocou minha cabeça em seu peito, e suas mãos estavam agasalhadas com o mesmo material felpudo que o resto do seu corpo. Parecia que eu estava afundando naquelas roupas.

Tentei dizer algo, mas não consegui.

Queria falar com ela sobre Alfa. E Crow.

– Tragam-no para dentro – disse Zee, tirando o casaco e o colocando ao redor dos meus ombros. Os agentes me ergueram e começaram a me carregar, com Zee lhes dizendo o que fazer e tendo suas ordens obedecidas de imediato.

Dormi profundamente por um bom tempo, mas acordei de repente. Minha capa plástica tinha sido substituída por um roupão roxo macio e por cobertores mais felpudos ainda, que enrolei ao redor do corpo enquanto dormia. Eu me liberei deles e tirei a cabeça do travesseiro. Depois sentei e olhei ao redor.

Nenhuma janela. Nada para ver. Só minha cama e, ao lado, uma cadeira. Um par de botas felpudas no chão. Levantei-me da cama e as calcei. Passei as duas mãos no rosto e senti o cabelo recém-raspado. Então, caminhei até a porta e tentei abri-la.

O cômodo ao lado era bem maior e mais brilhante. Tinha muitas coisas também. Mesas e bugigangas dos mais diferentes tipos. Uma porção de lâmpadas fluorescentes. Montes de cabos embaralhados.

Painéis que mostravam números. Pequenos tubos de vidro que brotavam das paredes como se fossem algum tipo de decoração. Aquela bagunça toda cansou meus olhos. O logotipo da GenTech estava por toda parte, embora aquilo não se parecesse em nada com a limpeza e capricho habitual deles.

– Você se parece ainda mais com ele – disse uma voz que surgiu no vazio. – Agora que está acordado.

Era uma mulher que estava falando. No início, pensei que poderia ser Zee. Mas não era.

Era Hina.

Eu me apoiei em uma mesa e acabei derrubando um suporte com uma série de pequenos frascos de plástico, que se espatifaram no chão. Depois disso, a não ser pelo suave zumbido de eletricidade que preenchia a sala, o silêncio voltou a imperar.

– Eu vi você morrer no milharal – eu disse, sem entender nada.

Hina estava com o corpo afundado em uma cadeira de plástico, tendo o rosto iluminado pelo brilho de uma tela. Notei seu cabelo longo, grisalho prateado, e sua pele parda, flácida e enrugada.

Mas era ela, sem dúvida.

– E então – começou a dizer, olhando fixamente para mim –, como foi que morri?

– Você foi devorada.

– Devorada?

– Isso mesmo. Pelos gafanhotos.

– Parece horrível.

– Pois é – respondi. – Foi mesmo.

– Bom, temos que lidar com essas coisas, Banyan. – Ela me pegou de surpresa ao dizer meu nome. E sua voz era diferente. Mais forte. Suas palavras mais articuladas.

– Aproxime-se – pediu.

– Não – respondi, olhando de volta para ela. – Vá para o inferno.

– Comporte-se, garoto.

– Onde está Zee?

– Onde sempre estive.

Sacudi a cabeça com força, como se isso pudesse fazer Hina desaparecer. Olhei ao redor, procurando uma saída.

– Venha sentar aqui comigo – ela insistiu. – Por favor.

– Que lugar é este?

– É o meu laboratório.

– Qual das duas era real? Você ou a outra?

– Real?

– Você é mais velha. Isso quer dizer que deve ter vindo primeiro, certo? A outra era apenas uma cópia. É isso? Como os soldados de Harvest?

– Não é boa ideia simplificar as coisas apenas para torná-las mais fáceis.

– Então por que você não me conta o que está acontecendo de verdade?

Comecei a caminhar em sua direção, mas ela se levantou da cadeira e veio até mim. Eu avançava devagar, e ela me pegou pela cintura. Eu continuava fraco. Fraco demais para resistir.

– E Zee, onde está? – murmurei, com a cabeça apoiada em sua camisa roxa.

– Ela vai voltar.

– Minha cabeça está doendo.

– Peço desculpas por isso.

Olhei para cima para enxergá-la. Aquela mulher estava sugando minhas energias.

– É difícil para mim não ficar zangada – ela começou a dizer, com voz suave, mas olhar desvairado. – Você não sabe sequer quem sou eu.

– Claro que sei – respondi. – Você é Hina.

– Não.

– Uma cópia, então.

Ela fez que não com a cabeça.

– É a irmã dela. Ou, quem sabe, a mãe?

Levou um momento para ela voltar a falar. A mulher ao meu lado apenas continuou me segurando. E era como se eu já soubesse o que ela estava prestes a dizer.

– Não, Hina não é minha filha – sussurrou, enquanto aproximava seu rosto do meu. – Meu filho é você.

## CAPÍTULO 46

Não podia ser verdade. Eu sabia que não. Tentei explicar isso a ela também. Minha mãe estava morta. Sempre esteve. Ela havia morrido de fome, sacrificando-se por minha causa. Acontece que eu não estava conseguindo me concentrar. Não conseguia nem pensar direito.

– Não torne as coisas mais difíceis – disse a mulher. Ainda estávamos abraçados, no meio do laboratório.

Eu a afastei de mim. – Você só pode estar brincando comigo!

– E como eu poderia mentir para você?

– Você não tem como saber. Como poderia ter tanta certeza?

– Eu não preciso saber – ela disse. – A ciência sabe.

– Ciência?

– Seus genes.

– Meus o quê?

– Eles combinam perfeitamente com o meu DNA. E o do seu pai também.

– Meu pai?

– Isso mesmo.

– Onde ele está?

– Ele está aqui.

– Ele o quê? – Meus punhos estavam fechados com toda a força que ainda tinha. Meu coração queria sair pela boca.

O meu velho. Tão perto de mim.

– Você vai vê-lo – disse a mulher. – Quando estiver pronto.

– Estou pronto agora mesmo! – Comecei a tremer de raiva.  
– Não, Banyan. Você não está.  
– Quero vê-lo agora, deu para entender? – Eu já estava gritando. Agarrei um monitor e o atirei contra a parede, fazendo-o em pedaços.

Ela tentou me segurar, mas consegui escapar e correr para a porta do outro lado do laboratório. Consegui deixar a mulher para trás; só que, quando alcancei a porta, esta se abriu de repente e Zee apareceu, toda vestida de roxo, com um sorriso de orelha a orelha. Zee tentou dizer algo, mas eu a interrompi.

– Mas que droga! – resmunguei. – Me tira desse lugar! Quero sair daqui!

– Mas eu já tirei você de lá. Aqui você vai ficar bem – ela murmurou, e seu sorriso se desfez como o sol se pondo. Tentei passar por ela e sair, mas Zee estava em cima de mim e, de uma hora para outra, me senti tão cansado que as pernas não conseguiram sair do lugar.

– Vá com calma – disse Zee, que então olhou para dentro do laboratório. – O que você disse a ele, afinal?

Senti a mulher se aproximar de nós. – Que ele é meu filho.

– E sobre o pai dele?

– Não. Ainda nada.

– Você o viu? – perguntei a Zee. Naquele momento, eu estava cambaleando e enrolando as palavras.

– Melhor apagá-lo agora – disse uma das duas. E tudo ficou preto.

Quando voltei a mim, estava outra vez na cama, e todas as luzes estavam apagadas. Tentei me mover, mas cada um dos meus



membros estava dolorido. Senti alguma coisa pressionando minha coxa, fazendo peso sobre os cobertores. Tirei as mãos de debaixo deles para conseguir pegá-la.

Metal. Frio, com pontas. Tateei o objeto. Senti suas curvas e pontas. Acabei me machucando quando cravei minha mão em algo que parecia um espinho.

– Isto se chama rosa – disse Zee, de um canto do quarto. Procurei por ela, mas não vi mais que um vulto.

– Foi ele quem fez – continuou.

– Pop?

– Sim. – Zee se aproximou e acendeu um abajur laranja no chão, ao lado da cama. – Nosso pai.

– Nosso?

Ela confirmou com a cabeça, mas desviei o olhar. Meu cérebro não queria falar dessas coisas.

Levei a flor para a luz e examinei o trabalho. Arame farpado, que tinha ficado roxo por causa da ferrugem, enrolado ao redor de uma haste longa, encontrando o amontoado de pétalas. Meu sangue tinha pingado sobre elas.

– Ele deu isso a você? – Minha pergunta fez Zee sorrir, mas era o tipo de sorriso que se dá para algo triste.

– Não – respondeu. – Ele fez para ela. Sua mãe.

– Minha mãe está morta. Eu não conheço aquela mulher.

– As pessoas a chamam de Criadora.

– Para mim, ela não passa de uma maluca, isso sim. Ela se parece mais com a sua mãe do que com a minha. – Deixei a flor espinhosa na cama e olhei para Zee. Havia pouco tempo, ela estava morta o

bastante para assombrar meus sonhos; mas agora estava ali, em carne, osso e roxo GenTech.

– Minha mãe era uma réplica da sua – ela explicou.

– O quê?

– Uma cópia. Uma cópia perfeita.

– Então, como eu nunca ouvi falar de nada disso? Como nunca ficamos sabendo?

– Porque seu pai queria protegê-lo.

– Proteger? Proteger de quê? – Minha mente hesitava a cada palavra, a cada nova informação que recebia. Era como se tudo estivesse passando direto por mim e se espatifando no chão. Eu queria meu pai. Queria vê-lo. Mas, ao mesmo tempo, tudo parecia tão errado. E Pop nunca pareceu tão longe quanto naquele momento.

– Você vai entender – disse Zee. Ela me empurrou de leve para poder sentar na cama.

– Então é isso? Você é minha irmã? – Minhas mãos tremiam, e as enfiei embaixo do corpo.

– Parece que sim.

Só que eu nunca tinha tido irmã. Nunca tinha tido ninguém a não ser Pop. Tentei processar as coisas. Insisti em começar do princípio, mas sempre acabava me perdendo de novo.

– Eu devia tê-la procurado mais – eu disse. – No navio de escravos. Ao menos consegui tirar Hina de lá. Mas, no final das contas, não consegui salvá-la.

Zee começou a chorar, e isso foi o bastante para me fazer tremer ainda mais. Tentei respirar devagar, mas estava impossível.

– Não pude fazer nada – continuei, engasgando a cada palavra. – Nem por Hina, nem pelo coitado do Sal. E acho que pode ter sido tudo minha culpa. Fui eu quem os levou para o destino que tiveram.

– Não – disse Zee, interrompendo-me. Ela bem que tentou dizer mais alguma coisa, mas as lágrimas lhe cortaram as palavras, e ela apenas chorou tudo o que tinha para chorar. E, quando as lágrimas pararam de rolar, pude ouvir seus pulmões empedrados chiarem. Aquele som cheio de pequenos estalos.

– Hina se lembrou – eu disse. – No fim. Como se tivesse conseguido ver sua vida toda. E ela estava limpa. Livre do velho Frost e daquela porcaria de cristal.

– E quanto a Sal?

– Ele me salvou – respondi, lembrando-me daquele dia na Velha Orleans, quando Sal me tirou do fosso cheio de água. Quando o chamei de amigo.

– Ele sempre ajudava a me esconder quando Frost ficava insano. – Zee começou a soluçar outra vez. Para ela, Sal era mesmo como um irmão. Independente daquelas besteiras que o garoto tinha dito a respeito dela.

– Você foi levada para Vega? – perguntei, pensando na roda imensa que havíamos visto cruzando as planícies. – Foram as cópias de Harvest que a pegaram?

– Não sei dizer. Quando acordei, já estava aqui.

– Por que nenhum dos agentes lá fora está usando máscaras protetoras?

– O ar aqui é limpo – respondeu Zee. – O tempo todo.

– Quer dizer que este ar pode ajudá-la a se curar? Seus pulmões podem melhorar aqui?

– A Criadora diz que eles não vão ficar melhores. Mas, pelo menos, não vão piorar.

– Criadora... – Fiquei de pé e mergulhei a cabeça entre as mãos. – Quem quereria ser chamado desse jeito?

– É um título. É assim que todos a chamam.

– Parece que você está gostando de ter mãe de novo, não é?

– Eu já expliquei – disse Zee – Ela é a *sua* mãe, não minha.

– É impossível. Minha mãe morreu. Passou fome até a morte para que eu pudesse viver.

– Então foi isso o que seu pai disse?

Esfreguei a nuca com as mãos, confuso demais com tudo aquilo. Não era possível aquela mulher ser minha mãe. A simples ideia já fazia minha cabeça doer.

– Nosso pai veio para construir um monumento – disse Zee. – Para a GenTech. Eles queriam erguer estátuas das pessoas que fundaram este lugar.

– Ele está sendo obrigado a trabalhar? – Por um momento, imaginei meu pai e outros milhares de escravos sendo forçados a construir algum tipo de santuário da GenTech.

– Isso foi na primeira vez em que ele veio para a ilha. Sua mãe disse que foi assim que ela o conheceu. – Zee pegou a rosa e a colocou na cama, entre nós dois. – Ele fez esta flor para ela. Mas, na verdade, nunca chegou a construir as estátuas da GenTech. Assim que você nasceu, ele fugiu. E passou anos escondido.

– Escondido?

– Até o inverno passado.

– Isso mesmo. – Meu corpo recomeçou a tremer quando o motivo que tinha me levado até aquele lugar se misturou à confusão em

minha cabeça. – Foi no inverno passado que eles o sequestraram.

– Não – disse Zee, com voz suave. A expressão em seu rosto era quase um pedido de desculpas. – Ele não foi sequestrado.

Tentei dizer algo, mas não consegui. Só engasguei, como um motor sem combustível.

– Ele viajou para Vega. E se entregou.

– À GenTech? – As palavras saíram da minha boca e, ao mesmo tempo, escorreram pela espinha, em um calafrio.

– Só assim ele poderia voltar para cá. Atravessar a Fenda. E a água.

– Até as árvores – murmurei.

– Isso mesmo. – Zee quase abriu um sorriso. – Até as árvores.

Não sei quanto tempo se passou depois que consegui engolir tudo aquilo. Zee fez o melhor que pôde tentando me confortar, mas não era ela quem eu queria. Tudo o que eu queria era o meu pai. E gritei por ele na escuridão e comecei a esmurrar a parede de raiva.

Mas, de uma hora para outra, minha voz desapareceu. Tentei respirar e senti como se estivesse me afogando naquele mesmo rio amarelado de anos atrás. Só que, dessa vez, não havia ninguém ali para me tirar da água. E foi isso o que fez a dor ficar ainda maior. Pop era o meu único amigo no mundo inteiro. E ele não tinha sido sequestrado coisa nenhuma. Ele simplesmente tinha se levantado e ido embora, sem dizer nada.

Por quê?

Comecei a andar na direção da porta, mas Zee me segurou e me impediu de continuar.

– Você tem que ficar aqui comigo, Banyan.

– Nada disso. – Eu tentei me livrar dela, mas ainda estava fraco demais. – Preciso encontrá-lo.

– Não vai dar. Os agentes não vão permitir.

– Você o viu?

– Eles não deixam ninguém vê-lo.

– Por que não?

– Porque o estão mantendo preso.

Preso? Naquele momento, disse a mim mesmo que não devia me importar. E daí se eles o tivessem trancado e jogado a chave fora? Pop havia me abandonado. Me jogado fora como se eu fosse lixo. Simplesmente tinha inventado aquela história das vozes na tempestade de areia para dar no pé. Não me surpreenderia que ele nem sequer tivesse olhado para trás enquanto partia. Afinal, o desgraçado precisava desaparecer rápido na tempestade de areia. Ele tinha que chegar logo a Vega. Tinha que ir até a GenTech e pegar um barco para aquela porcaria de ilha de lixo. Quanto a mim, eu podia ficar para trás. Sozinho. Vazio. Ele estava mentindo para mim o tempo todo. E eu havia acreditado.

Desde o princípio.

## CAPÍTULO 47

Fiquei encolhido em um canto, deixando o mundo inteiro desabar sobre mim. Minha pele estava quente. Mas eu estava tremendo. Quieto. Tentando me manter consciente. Zee desistiu de falar por um tempo. E, assim que ela começou a cochilar, eu saí de mansinho pela porta.

Voltei para o laboratório e fiquei olhando as luzes que acendiam e apagavam, mais os monitores que mostravam novas informações a cada segundo. Era quase como um sonho. Por dentro, estava anestesiado. Eu me deixei cair em uma cadeira e tentei não pensar em nada. Mas continuava vendo o rosto do meu velho. Continuava repassando repetidamente toda a nossa vida, tentando entender como ele tinha sido capaz de me abandonar.

Procurando por pistas, tentei recordar cada pequeno acontecimento. Mas agora meu pai era uma pessoa totalmente diferente daquela de quem eu lembrava até então. Ele era como um desconhecido para mim. Um completo estranho.

Comecei a recapitular todos os passos que me haviam levado àquele lugar. Então pensei em Alfa. E Crow. Eu me endireitei na cadeira, como se pudesse sair a qualquer momento. Mas, assim que a Criadora entrou no laboratório tirando a neve dos ombros, eu senti que havia perdido muito mais do que jamais acreditei ter na vida.

– Por que ele fez o que fez? – perguntei, enquanto ela tirava o casaco. Acho que a pergunta a surpreendeu, mas tentou parecer

calma ao me ver sentado ali. – Por que ele quis voltar para cá? Por sua causa?

Ela sentou em uma cadeira no lado oposto da sala e deu o mesmo sorriso triste que Hina costumava dar e que Zee tinha aperfeiçoado.

– Ele nunca viria por mim – respondeu. – Ele veio por causa dos experimentos. Disse que tinha esperado até terminar de criar você. Disse que agora você estava livre.

– Que experimentos são esses? – Na mesma hora, imaginei Alfa com o cabelo raspado, quase sem forças, coberta com um plástico. E imaginei Crow, com o corpo mutilado, sendo carregado pelos agentes. – Onde estão os outros? – perguntei então, entrando em pânico. – O resto do pessoal que veio no barco?

– Não se preocupe – ela disse. – Estão todos dormindo.

– Dormindo?

– Eles são especiais, Banyan. E estão a salvo.

– Ao contrário dos outros, que foram queimados em Vega. – Vi o rosto de Sal surgir na minha mente, como um fantasma, e me lembrei de que ele nem sequer gritava enquanto as chamas o consumiam.

– Vega não tem nada a ver comigo – ela rebateu, defendendo-se. – Isso é coisa do diretor executivo e daqueles contadores. O topo da pirâmide. Não é algo de que todo mundo goste. Mas é algo que somos obrigados a tolerar.

Olhei bem para ela, tentando manter minha cabeça no lugar. Aquela mulher não podia ser minha mãe. Eu jamais permitiria que fosse. Meu cérebro já não aguentava tanta informação, mas eu precisava de respostas, e essa necessidade era maior que tudo naquela hora.



– Tolerar por quê?

– Chegue mais perto – ela disse. – Por favor. Eu posso mostrar a você.

Parei ao seu lado, enquanto ela apertava os botões de um painel de controle, fazendo aparecer uma tela escura e vazia. Nossos rostos se refletiram no monitor, e pude ver que a mulher havia se virado e estava olhando para mim. Mas, no momento seguinte, a tela ficou roxa, e nossos rostos desapareceram. Fiquei assistindo enquanto pequenas linhas brancas flutuavam pela tela e se encontravam no centro e pequenos blocos se conectavam e iam aumentando, entrelaçando-se, como as seções de um andaime.

– Estamos criando vida – ela disse, em um tom que era pouco mais que um sussurro. – O seu pai era muito bom nisso.

– Que coisa é essa? – Meus olhos estavam vidrados nos lances de escada que iam se estendendo e se torcendo sobre si mesmos na tela.

– É DNA. Sequências de nucleotídeos. Os tijolos por trás de toda forma de vida.

– Ciência.

– É a natureza. Seu pai tinha uma mente e tanto, Banyan. Ele tinha um dom. Ele via como as coisas se encaixavam, enxergava as peças que estavam faltando. – Ela mudou de posição na cadeira, aproximando-se de mim, quase me tocando. Seu corpo estava tão perto que eu podia sentir o cheiro. Um cheiro acre, misturado a sabonete. Frio e neve derretida. – Durante cinco anos, eu o ensinei e mostrei a ele todo o meu trabalho. Treinei-o em geometria genética e modelagem helicoidal. E, de repente, ele conseguia compreender coisas cuja complexidade me escapava totalmente.

Ele jamais construiu o monumento para o qual a GenTech o tinha contratado. Só trabalhou no laboratório. Comigo.

– Isso aí não se parece muito com uma árvore – eu disse, e ela deu uma risada que fez seus ombros pularem um pouco.

– Basta dividir algo em peças pequenas o bastante que você acaba encontrando um código – explicou.

– Como um mapa?

– Exatamente! Um mapa que você pode alterar. Reformular. Nós estamos construindo árvores, Banyan. Replicando as árvores que encontramos nesta ilha e alterando-as para levar de volta para o continente. – Senti sua mão tocar meu braço. – Faz décadas que temos tentado modificar o DNA das árvores para torná-las capazes de resistir aos gafanhotos.

– Igual ao milho.

– Mas o que funcionou para o milho não deu certo para as árvores. Temos que transformar a estrutura celular delas em algo mais flexível. Precisamos misturar seu DNA ao de outra espécie, mais abundante.

Eu me afastei daquela mulher. Desviei o olhar da tela. Lembrei-me do velho rasta e da placa de madeira que arranquei do seu peito. E pensei em Alfa, com a pele unida por um pedaço de casca de árvore.

– Humanos – eu disse, tropeçando nos próprios pés. – Vocês estão usando humanos.

Fiquei enjoado com a forma que ela franziu as sobrancelhas, com seu rosto todo enrugado, como se tivesse veneno na língua. Perdi os sentidos por um instante e cambaleei, segurando-me no encosto

de uma cadeira. Então, isso era o Projeto Sião. A GenTech sequestrava as pessoas para brincar com seus corpos, e só Deus sabe quanta gente eles já tinham usado. E aquela mulher, bem diante de mim, estava no coração de tudo.

– Apenas as células híbridas podem ser modificadas – ela argumentou. – E não há nada mais para usarmos. O milho é demasiado artificial. Costumávamos utilizar animais, mas já não há nenhum. Só existem os seres humanos agora.

– E o que vocês fazem com eles? – sussurrei, como se as palavras me tivessem simplesmente saltado da boca.

– Nós chamamos de fusão.

– Mas vocês matam as pessoas?

– Eu não mato ninguém. É um sacrifício e nada mais.

– Sacrifício? Pelo quê?

– Para reconstruir o mundo, limpar o ar e a água. Ter madeira e papel. Abrigo também. Além das frutas, Banyan. Vamos ter árvores frutíferas de verdade.

– Já entendi! – Agora eu estava gritando. – Reconstruir o mundo para estampar o logo da GenTech em cada pedacinho dele!

Ela me lançou um olhar como se eu lhe tivesse acertado um golpe. Perguntei:

– E o meu pai ajudou a fazer isso?

– Ele partiu quando nos demos conta do que precisaria ser feito.

– Meu velho não queria sujar as mãos de sangue, não é mesmo?

– Ele estava com medo.

– Claro que estava. Mas que merda! Talvez ele estivesse com medo de você.

Ela se levantou e acertou em cheio a minha bochecha com as costas da mão. Mas, de algum modo, era como se fosse eu quem a tivesse acertado em algum lugar. Seus olhos ficaram marejados, sua respiração acelerou. Então ela simplesmente deu as costas para mim e se virou para as máquinas.

– Você ainda quer vê-lo? – perguntou, como se fosse a única coisa que ainda podia me oferecer.

Acontece que eu já estava convencido de que não tinha chegado àquele lugar procurando apenas meu pai. Com certeza não. Eu estava procurando algo mais. Algo que não levanta e sai andando de repente. Algo que seria impossível deixar para trás.

– Você pode ficar com ele – eu disse, determinado. – Só o que quero ver são as árvores.

## CAPÍTULO 48

Zee me embrulhou com o roxo da GenTech e enfiou minha cabeça em um capuz enorme. Não consegui dizer palavra. Só a deixei me vestir, enquanto meus pensamentos giravam devagar, como uma roda emperrada.

– Vamos nessa – ela disse, fechando o meu casaco. – Você vai se sentir melhor quando as conhecer.

Eu estava de cabeça baixa, com a visão encoberta pelo capuz, mas imaginei que Zee estava sorrindo. Tentei deixar que seu sorriso me confortasse, pois eu só conseguia me sentir perdido e sozinho.

“Não vá acreditar em qualquer conto de fadas por aí”, era o que Pop sempre dizia: “Não engane a si mesmo”. “Não existem árvores em nenhuma parte. Não sobrou nada delas.”

Mas ele estava mentindo. A minha vida inteira.

Zee me guiou por escadas e corredores até que, por fim, estávamos do lado de fora, com o ar gelado entrando pelo meu casaco.

Olhei ao redor, para as faixas de gelo e de céu cinzento e as construções de concreto. Zee segurou minha mão e partimos pela neve.

– Ela até podia ser uma cópia – eu disse, quando começamos a subir uma ladeira escorregadia –, mas eu gostava da sua mãe muito mais do que da pessoa real.

– Hina era real.

– Real o bastante, eu acho.

– Os planos eram que ela fosse apenas um aviso – disse Zee. – Não acho que o meu nascimento estivesse nos planos.

– Um aviso? Aviso de quê?

– A Criadora explicou que, para misturar humanos e plantas, era preciso primeiro conseguir replicar pessoas da mesma maneira que as árvores se reproduzem por aqui. E um belo dia eles conseguiram. Foi por isso que mandaram Hina para o sul. Para achar o nosso pai. E para mostrar a ele o que tinham conseguido fazer.

– E ela foi mesmo para o sul. Chegou até a Muralha.

– Nosso pai tinha se unido aos rebeldes. Gente que costumava lutar contra a GenTech.

– É... Eu vi o que sobrou deles. – Dizendo isso, eu me lembrei do que Jawbone tinha falado sobre os piratas. Lembrei-me da bandeira deles. O Exército do Sol Poente.

– Hina era uma verdadeira revolução – continuou Zee, parecendo orgulhosa do que dizia. – Sua mãe acreditava que nosso pai voltaria para ajudar quando visse o que era possível fazer, quando ele descobrisse que eram capazes de criar uma autêntica cópia humana. Sua mãe pensou que ele poderia mudar de ideia.

– É melhor você parar de chamar aquela mulher desse jeito.

– A Criadora, então. A Criadora imaginou que ele voltaria correndo.

– Voltaria por quê? Para fazer gente de mentira?

– Copiar pessoas era só o primeiro passo. Mas apenas certas células humanas podem se fundir às árvores. Era aí que entrava a tatuagem. – Zee passou a mão na barriga. – Os números eram um código de proteínas. Eles tinham descoberto quais as combinações

que davam certo com as células das árvores. E, agora que sabiam, precisavam encontrar pessoas com o DNA correto.

Então os números, na verdade, não eram coordenadas. Eram ciência. A ciência que decidia quem vivia ou morria naquela usina. A ciência que tinha matado Sal.

– A mesma merda que eles fizeram com o milho – eu disse. – Só que, dessa vez, com pessoas.

– Eles estão querendo consertar as coisas.

– Então eu acho que deveriam deixá-las em paz.

– Mas eles criaram a minha mãe aqui – disse Zee, em voz baixa.

– E ela só foi usada pelos malditos.

– Eu sei disso.

– E essa tal de Criadora só está se aproveitando de você também.

– Eu não ligo. – Zee apontou para o próprio peito enquanto inspirava fundo o ar puro. Depois deu uma batida em seu casaco. – Fui usada a vida toda, um dia eu tinha que conseguir.

– Conseguir o quê?

– Ficar do lado que está ganhando.

– Quer dizer, então, que você encontrou Sião e conseguiu o que queria?

– Estou respirando, não estou? E não tenho mais que viver com medo.

Estávamos no meio da subida e eu já estava exausto. Parei e olhei para trás. Lá embaixo, havia apenas três construções. O prédio de onde havíamos saído; um galpão maior que ele; e, entre os dois, uma pequena cúpula de aço. Não havia uma janela sequer em nenhum dos três. Agentes guardavam cada uma das portas.

E, de acordo com Zee, meu velho tinha conseguido fugir e me levar daquele lugar em algum momento no passado. Então era ali que eu tinha nascido. Aquela era a minha verdadeira origem.

Observei o tanque de fermentação no alto da outra colina, soltando fumaça, bombeando combustível como um coração metálico gigante. Aqui e ali, pedaços de lixo despontavam na paisagem congelada.

– Você acha que ele a amava? – perguntou Zee.

– Amava quem?

– Hina.

– Claro que sim – respondi. – Pelo menos ela não estava por aí matando gente.

– Mesmo assim, ele a deixou.

– Ele era bom em dispensar as pessoas. Talvez seja um tipo de talento.

– Você quer tanto odiá-lo. Mas será que não tenho o direito de odiá-lo ainda mais? Hina sempre me disse que o meu verdadeiro pai não fazia ideia de que eu existia. Ele deve tê-la deixado antes até de descobrir que eu ia nascer.

Pensei na estátua de Velha Orleans. E imaginei se ela havia mesmo sido construída para Hina. Ou será que aquilo que Pop amava na réplica era algo que ele já amava desde antes de tê-la conhecido?

Foi então que me dei conta de que eu também devia estar lá, quando eles se conheceram. Na Velha Orleans. Se tudo o que Zee estava dizendo era verdade, eu era apenas um bebê. Talvez mal tivesse nascido. Mas estava lá. Nas costas do meu velho, embrulhado em um cobertor. Esperando, enquanto ele construía a



estátua que, anos depois, eu finalizaria. A estátua cujo rosto ele havia deixado por fazer.

– Ela era um reflexo – eu disse então. – Sua mãe.

– Acho que, no final, ela o lembrava do que ele tinha feito. Os experimentos. Isso tudo. – Zee apontou para baixo. – Você era a única coisa que ele não ligava a este lugar. E, quando abandonou você, foi apenas para que ele pudesse tentar fazer tudo aqui parar.

Tirei o capuz para conseguir olhar para ela direito, mas Zee estava toda embrulhada em seus agasalhos, escondida de mim.

– O que você quer dizer?

– Ouvi os agentes comentarem algo a respeito. Foi no inverno passado. Todos acreditavam que ele estava aqui para terminar o projeto. Mas ele iniciou uma rebelião. Muita gente foi solta e mandada de volta para o continente. Gente como aquele velho rastafári que encontramos.

Pensei no que a Criadora havia falado. Sobre Pop ter me criado e depois me libertado.

Então, era por isso que ele nunca tinha me contado?

Ele havia esperado até eu crescer o bastante para seguir em frente construindo? E depois partiu para arriscar tudo, consertar as coisas?

– Uma rebelião – murmurei.

– Sim. Só que ele foi pego.

A fotografia de Pop acorrentado àquela árvore me veio à memória. E depois a imagem daquela contrabandista que eu e ele enterramos – a mulher surrada até a morte por ter distribuído milho aos famintos. Ela havia sido nossa última cliente. Nosso último

trabalho juntos. Antes de Pop ter resolvido nos meter na estrada para Vega.

Meu coração acelerou e o mundo pareceu estar mais devagar.

– E agora ele está preso.

– Isso mesmo.

Pensei no velho rasta que agitava o cajado ao nascer do sol. Pareciam ter-se passado séculos.

– E eles vão matá-lo – eu disse, com a voz ficando mais baixa a cada sílaba. – Na primavera?

– Antes disso, provavelmente. Os experimentos costumavam ser feitos na primavera. Mas agora eles já entenderam tudo e estão prontos para erguer uma floresta no continente.

– Então é para isso que eles vão usar todas aquelas pessoas? – Pensei em Alfa e Crow. – Todas as que vieram no último barco comigo?

– Elas e os outros que já estavam reunidos aqui. Os que tinham o DNA certo.

– Mas aquela mulher disse que eles estavam dormindo. A salvo.

– E eles estão. Até a fusão começar. – Zee apontou para baixo, para o galpão principal. Ali, trancado em algum lugar, estava o meu velho. Ainda acorrentado, talvez. Tentando resistir. Alfa também estava lá. Será que estava dormindo? Será que sonhava que o seu construtor de árvores a tinha abandonado?

– E quando começa? – perguntei.

– Em dois dias.

Olhei para cima, na direção em que estávamos indo.

– E como eles chamam este lugar?

– A Terra Prometida.

Pensei mais uma vez no velho rastafári, em sua barriga fechada com madeira. Tentei me lembrar das coisas que ele tinha dito. E, enquanto eu subia, arrastando-me na neve, pensei em Pop.

Quer dizer que ele estava me protegendo?

Ele tinha partido para consertar algo que mantinha em segredo havia muito tempo. Algo que talvez pensasse que eu era fraco demais para compreender. Só que acabei descobrindo por mim mesmo. E cheguei até aquele lugar sem a ajuda do meu pai.

– Venha – disse Zee, pegando minha mão e apertando meus dedos com suas luvas grossas. – Estamos quase lá.

Atingimos o topo da colina, e pude ver o que havia lá embaixo, do outro lado. Avistei os galhos superiores das árvores.

Fiquei ali parado, olhando os galhos sem folhas que pareciam se erguer para mim. E, na mesma hora, notei como as árvores aparentavam ser pálidas e fracas. Nada que eu já tivesse construído se comparava à fragilidade delas.

Minhas pernas trabalharam rápido me levando ladeira abaixo, e o movimento fez com que eu me sentisse renovado, como se precisasse pegar no tranco. Quando terminei a descida, estava nevando de novo, e parei ali por um momento, a poucos metros dos galhos, observando enquanto eles dançavam ao vento e os flocos brancos caíam.

Dei um passo adiante. Depois, mais alguns. Agora estava perto o bastante para tocar os frágeis troncos das árvores. Sentir sua casca fina. Tirei as luvas e puxei as mangas do casaco até os cotovelos. Depois, estiquei os braços para as árvores ao redor e deixei meus dedos frios deslizarem devagar.

A casca era quebradiça, mas a madeira abaixo dela era lisa e escorregadia. A cor era branca, puxando um pouco para o verde, aqui e ali com nós escuros que mais pareciam olhos. Empurrei a árvore para a frente, e, ao soltá-la, ela voltou para o lugar.

Cheguei ainda mais perto, tirei o capuz e encostei o rosto na madeira, respirando seu cheiro, depois sentindo seu sabor com a língua, enquanto a neve derretia nos meus lábios.

Comecei a andar entre as árvores, tocando uma após a outra, sem jamais me separar delas.

Cavei um pouco na neve com o calcanhar e examinei o lugar em que uma árvore penetrava na terra. Encontrei folhas embaixo do gelo, algumas delas douradas, outras amarelas, mas a maioria já preta. Estavam encharcadas e misturadas, e as separei e agitei para secá-las. Mordi uma delas, e as nervuras eram macias e maleáveis. Depois eu simplesmente caí de joelhos e comecei a chorar.

Zee estava no início da floresta, observando-me, e, quando me acalmei, ela se aproximou, desviando-se dos galhos e troncos, e ajoelhando-se ao meu lado.

– É melhor você colocar o capuz – ela disse. – Senão vai acabar congelando.

Pequenos cristais de gelo cobriam o meu rosto, e os sequei com um pouco de neve. – As árvores não se parecem com nada que eu já tenha imaginado – eu disse.

– Pensei a mesma coisa quando as vi.

– Há quanto tempo você está aqui?

– Uma semana, mais ou menos.

– E já se acostumou?

– Um pouco.

– Não quero me acostumar nunca – eu disse. – Nunca.

– Mas imagine só a primavera. As folhas ficando verdes. As estações do ano...

– Pois é – eu disse. – As estações. Minha especialidade.

Nesse momento, reparei que, no meio da floresta, havia um trecho sem árvores. Uma clareira. Fiquei de pé e comecei a caminhar naquela direção.

– É desse lugar que eles as tiram – disse Zee, vindo logo atrás de mim. – Aqui ficava aquela que eles queriam de verdade.

– E qual era?

– Uma árvore de maçãs. Uma macieira. Ficava bem aqui.

Andei de um lado para o outro na clareira, mas só consegui ver os mesmos troncos frágeis, a mesma casca esbranquiçada como pérola ao luar.

– Não sobrou nenhuma – continuou Zee. – Eles arrancaram todas. Estavam prontas para a fusão.

– Mas você viu alguma maçã?

– Aqui estamos muito ao norte. Segundo a Criadora, as plantas não têm muito tempo para crescer antes de o frio chegar. Por isso, têm que ser arrancadas logo. Anos atrás, eles tentaram levar uma árvore de volta para o continente. Ela ficava protegida por uma cúpula de vidro. Mas os gafanhotos, depois de terem feito seus ninhos nos milharais, não demoraram a aparecer. Eles cobriram o vidro, taparam o sol e conseguiram fazer um buraco para entrar. – Zee estremeceu. – Mas os malditos não vão conseguir comer as novas árvores que estão fazendo aqui. Não vão poder sequer escavá-las como fazem com o milho.

– Quer dizer que a GenTech vai começar a nos vender maçãs agora? E árvores?

– E todo mundo vai comprá-las do mesmo jeito. – Zee deu de ombros. Então viu a expressão no meu rosto. – O que foi? Eu não quero que seja desse jeito. Mas é assim que é.

– Por que você deveria se importar, não é mesmo? Agora você está do lado vencedor.

– Não existe essa de lados, Banyan. A GenTech não estava sequer procurando por Sião. Eles estavam só enganando a todos com aquela conversa fiada, enquanto construía o que precisavam construir.

– Há mais árvores na ilha? Outras coisas crescendo?

Zee enfiou o capuz na minha cabeça e chegou bem perto. Pude sentir sua respiração quente enquanto seus pulmões estalavam e zumbiam.

– Isso é tudo – ela respondeu. – O último punhado de árvores.

E era tudo mesmo. Se uma mísera macieira tivesse sobrado, eles já a teriam arrancado da terra. Aquele era o império da GenTech. E era àquilo que meu pai nos tinha levado. Assassinato a sangue-frio, no grau mais grave.

Então ele não havia sido sequestrado. Mas muitos outros foram. Quantas mães e irmãs, quantos maridos e esposas? Cada um deles não era importante para alguém? Não mereciam um pouco de segurança como todo mundo?

Eu me afastei de Zee e me apoiei em um tronco de árvore. Observei os galhos lá em cima e, depois, fechei os olhos.

Pensei naquele homem quase completamente devorado pelos gafanhotos na rodovia, tentando levar sua família morta para casa.

Vi os olhares perdidos dos escravos na Arca do rei Harvest. Os corpos queimando em Vega e Sal sendo jogado às chamas.

Lembrei-me de Jawbone estatelada sem vida sobre um painel de plástico. E de Hina, sendo devorada pelo enxame de gafanhotos. Senti a morte me tocar naquele fosso em Velha Orleans. E senti o peso do velho rastafári morto em meus braços. Pele e madeira unidas, flácidas e enrugadas.

Era morte demais.

Muitos corações tinham virado pedra. Infinitos dias haviam sido roubados. Éramos as últimas coisas vivas na face da Terra e perdíamos nosso tempo nos fazendo em pedaços, que jamais poderiam ser reunidos novamente.

Isso acaba aqui, prometi a mim mesmo. Tem de terminar. E eu sabia que Pop tinha razão em voltar, mesmo acreditando que isso significava precisar me deixar para trás. Ele tinha razão em tentar parar o inferno que havia ajudado a GenTech a começar. Pois, às vezes, ser construtor não é o bastante. Às vezes é preciso ser lutador.

– Precisamos encontrar Crow – eu disse.

– Crow? – A voz de Zee cavou um buraco no ar. – Crow está aqui?

– Está. Você pode nem reconhecê-lo, mas ele está.

– Há mais alguém que você conheça?

– Não – respondi. Achei melhor não dizer nada sobre Alfa, embora me desse calafrios pensar no fato de que estava presa. O medo de perdê-la já fazia parte de mim e não iria embora tão facilmente.

Mas Alfa acreditava em mim. Eu me apeguei à sua fé, isso me deu força. Eu precisava ser forte, agora mais do que nunca. Pois eu sabia o que estava prestes a fazer. Precisava terminar o que Pop

tinha começado. E isso significava que eu precisaria de Alfa lá dentro.

Para a rebelião.



## CAPÍTULO 49

Zee me contou que, antes da Escuridão, aquelas árvores brancas cresciam por todo o oeste e ao longo do que agora é a Fenda. No mundo de antigamente, elas se chamavam *Populus tremuloides*. Mas também eram conhecidas por choupos-tremedores, pois antes havia tantas árvores por aí que as pessoas davam dois nomes a cada uma delas.

Aquela macieira, entretanto, era uma espécie rara mesmo antes da Escuridão. Ela crescia nas montanhas, em lugares afastados. *Malus sieversii*. Era um tipo de macieira selvagem que tinha crescido inalterado por longo tempo, antes que as pessoas houvessem aprendido a mexer com essas coisas.

Mas ali, na Terra Prometida, naquele monte de lixo congelado, as árvores não precisavam de nomes. Elas eram tudo o que havia sobrado. E naquela noite, depois de Zee ter feito os agentes acharem Crow e o despertarem, eu carreguei o que havia sobrado do velho segurança para ele ver o que havia sobrado das árvores.

Não era uma noite clara e, de alguma forma, ela parecia ainda mais fria pela ausência da lua e das estrelas. Crow estava enrolado em alguns cobertores que eu segurava por cima do meu ombro e mantinha amarrados à minha cintura. Eu estava começando a recuperar as energias e tinha subido a colina devagar, mas sem parar. No topo, estava escuro demais para enxergarmos os galhos logo abaixo.

– Segure firme – eu disse por cima do ombro. – Não falta muito agora.

O que antes era neve, agora era gelo, então deslizei ladeira abaixo, até terminarmos a decida. Antes de penetrarmos na floresta, desamarrei os cobertores e coloquei Crow no chão, segurando-o ereto e tirando seu capuz.

Nossa respiração se condensava na noite escura.

– Mais perto – pediu Crow, e eu o ajudei a se aproximar. – Quero me apoiar nelas – ele disse. Então o inclinei para trás, e Crow se manteve de pé com as mãos contra as árvores.

– Você quer entrar na mata? – perguntei.

– Ainda não.

Desenterrei algumas folhas e mostrei a ele, mas Crow só tinha olhos para a casca das árvores entre seus dedos. Embora estivesse escuro demais para saber, eu tinha quase certeza de que ele estava chorando.

– Estou pronto – disse Crow por fim, e eu o ergui e carreguei à minha frente, enquanto caminhava devagar pela floresta.

Na clareira central, parei para descansar. Ficamos ali, cercados pelo buraco vazio no meio das árvores.

– Obrigado por ter-me trazido, Banyan – ele disse. Sua voz era diferente agora. Não soava mais como se Crow estivesse a ponto de rir da nossa cara. Na verdade, parecia que dificilmente ele riria novamente.

– O que você acha delas? – perguntei.

– Acho que elas são Sião – ele respondeu. – Acho que elas fazem a vida valer a pena. E que, se você não tivesse me tirado do furgão, eu não estaria aqui para vê-las.

– Acredito que nós podemos salvá-las. – Isso foi tudo o que eu disse.

– Não. Eles não precisam de nós para salvá-las.

– Mas *elas* precisam. As árvores precisam de nós. E as pessoas necessitam de nós ainda mais. Se não ajudarmos, a GenTech vai matar um monte de gente só para ser dona das árvores.

– Eles têm matado pessoas e possuído tudo desde a Escuridão. E, provavelmente, já faziam isso há um bom tempo. Nada vai mudar.

– Mas nós somos mais numerosos do que eles.

– Nós? Não foi você que me disse que a sua própria mãe é quem controla tudo por aqui?

– Ela não é minha mãe. Ela não é nada. Nós só temos que libertar os prisioneiros. E poderemos levá-las. – Eu apontei para as árvores.

– Não estas. Eles estão fazendo novas. Nós as pegaremos, as colocaremos naquele barco em que viemos e voltaremos com todos para o continente.

– Continente? Você quer dizer a Fenda. – Crow balançava a cabeça, devagar e negativamente. – Eu vi os campos de lava ao sul.

– Se fomos trazidos aqui, deve haver algum caminho de volta.

– Então vamos achar uma rota no meio da lava e, de alguma forma milagrosa, vamos conseguir voltar. Mas e quanto aos gafanhotos? Eu sempre acreditei que essas árvores seriam diferentes, só que elas estão isoladas aqui, bem longe daqueles enxames famintos.

– As árvores novas serão diferentes. A GenTech conseguiu fazê-las de um jeito que os gafanhotos não poderão tocá-las, nem para comer, nem para fazer ninho. É uma mistura de árvore com gente;

conseguiram tirar alguma coisa boa daí. É por isso que eles têm juntado tantos prisioneiros. Para poder criar essas novas árvores e mandar uma plantação inteira de volta para o continente.

– Nós até podemos estar em maior número – disse Crow, quando se cansou de ficar em silêncio –, mas eles mantêm os prisioneiros dopados, dormindo.

– Zee diz que estão em dormência. É um tipo de preparação que fazem antes dos experimentos. Todos vão ficar bem por mais umas quarenta horas. Depois começa o show de horrores.

– E o que você pretende fazer? – perguntou Crow, com os olhos vasculhando a noite, como se estivessem procurando algo.

– Quero acordar todo mundo.

Nesse momento, Crow riu de novo. E sua risada era a mesma de sempre. – Quer dizer que você vai despertar todos?

– Só precisamos planejar bem. E, como você mesmo disse, eu já estou envolvido com eles. Aquela mulher. A Criadora. Eu posso conquistar a confiança dela. Posso fazê-la entrar no nosso jogo.

– E quanto ao seu pai?

– Ele está aqui – respondi, tentando manter a voz firme. – Em algum lugar. Nós vamos livrá-lo também.

– Você pensa grande.

– Eles conseguiram plantar árvores de maçãs, Crow.

– Maçãs?

– Imagine só as macieiras nas Cataratas, Crow.

– O Filho Pródigo – sussurrou Crow. – Retornando à Terra Prometida apenas para saqueá-la. É como sempre digo, Banyan, você é um filho da mãe de um maluco. Jah é testemunha de que você não bate bem das ideias.

Levei Crow para dentro antes que o frio acabasse nos matando e o ajudei a se preparar para dormir em seu quarto. Depois, atravessei a escuridão do abarrotado laboratório e voltei para o pequeno cômodo onde tinha acordado no primeiro dia, fechando imediatamente a porta atrás de mim.

Deitei na cama e me enrolei nos cobertores mais leves. Não demorou muito e eu já tinha pegado no sono. Mas também não levou muito tempo para a Criadora aparecer.

Exatamente como eu tinha previsto.

Ela estava com a mão na minha cabeça, acariciando meu couro cabeludo ainda bastante raspado, e a deixei pensar que eu continuava dormindo, meio que aconchegando a cabeça em seus dedos e deixando escapar um gemido sonolento.

Mas, de repente, abri os olhos e afastei-me ao vê-la, espremido contra a parede. Ela sentou, e me virei para o outro lado.

– Senti tanta saudade! – a mulher sussurrou sobre a minha cabeça, com voz falha, enrolando as sílabas. Eu só balancei a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse tentando impedir suas palavras de me tocarem.

– Você nunca foi me procurar.

– Eu bem que tentei, Banyan. Mas a GenTech jamais permitiria. Eles não querem que eu me distraia. – Ela ficou em silêncio por um momento. – E, quando tentei parar de trabalhar para procurá-lo, eles me disseram que você e seu pai tinham sido assassinados.

– Mas isso não está certo – eu disse. – Eu não me lembro de nada. Não consigo nem me lembrar de você me segurando no colo.

Seu corpo ficou tenso atrás de mim. Agora eu tinha conseguido entrar em sua mente.

– É porque você era pequeno demais – ela argumentou. – Quando seu pai o levou, você não passava de um bebê.

– O que significa que você nunca chegou a me conhecer.

– Eu costumava imaginar você aqui comigo. Eu o via crescendo ao meu lado. Pensava nos livros que leríamos juntos.

– Pop sempre lia para mim – eu disse.

– É mesmo? – Havia uma ânsia em sua voz. De repente, senti seu braço magro tentar me abraçar.

– É. Ele lia Lewis e Clark.

– Ele sempre gostou de ler sobre os desbravadores. Bom, eu devia ficar feliz em saber que vocês dois tinham algo para ler. Durante cinco anos, não me deixaram ter livros aqui em cima. Diminuía a produtividade, diziam.

– Ainda não entendi direito o que é isso que você faz.

Ela quase disse alguma coisa, mas eu a interrompi:

– E você diz que sentiu saudade. Mas como, se você nem me conhecia? – Levantei-me e fiquei sentado na cama, para poder olhá-la nos olhos.

– Então poderíamos nos conhecer melhor agora – ela disse, em tom quase inaudível.

– Por que eu faria isso?

– Porque sou a sua mãe. – Tentou soar séria, mas acabou praticamente implorando.

Resolvi fazê-la esperar, enquanto observava seus cabelos prateados, caídos despenteados sobre o rosto.

– Eu poderia construir algo para você – eu disse, surpreendendo-a. E esse é o melhor tipo de mentira. Notei seus olhos se arregalarem e seus lábios tremerem. – E você poderia me mostrar seu trabalho. Para me ajudar a decidir se quero ou não partir no próximo barco para longe daqui.

– Você sabe muito bem que eu poderia mantê-lo aqui se quisesse.

– Mas você não vai. A não ser que eu queira ficar. Zee provavelmente acha que você é a melhor mãe que ela ainda poderia desejar. Mas eu não sou Zee. E você vai ter que me convencer a querer ficar por perto.

– Então você quer construir algumas árvores para mim?

– Claro – respondi. – Assim que puder ver meu pai.

– Você não pode vê-lo. Não agora. – Ela tropeçou nas palavras por um momento. – Ele está ocupado.

– Ocupado em alguma cela?

– É complicado.

– Parece bem simples para mim. Vocês o prenderam quando ele tentou interromper os experimentos.

– É apenas graças a mim que ele continua vivo depois de tudo o que fez.

Só balancei negativamente a cabeça, como se aquela conversa toda estivesse me cansando.

– Amanhã à noite – ela disse. – Eu posso levá-lo até ele, amanhã à noite.

Por alguns instantes, não respondi nada. Era apenas mais um dia de espera, e eu precisava fazer tudo com calma. Que escolha tinha então?

– Amanhã cedo, a primeira coisa que vou fazer será começar a recolher material – eu disse, por fim. – A ilha está cheia de metal. Posso encontrar por aí as peças de que vou precisar.

– Onde você pretende construir?

– Bem no meio da sua floresta.

– No local em que fizemos a última colheita?

– Lá mesmo. Vou preencher de novo o buraco que vocês deixaram.

– E eu posso mostrar a você os progressos que temos feito por aqui.

– Só quero rever meu pai.

– Você vai vê-lo.

– Mais uma coisa. É o meu amigo. Aquele que está aqui, descansando. Preciso que você o conserte para mim.

Ela se aproximou e beijou minha testa. Antes de me afastar, fingi um sorriso discreto.

– Farei o melhor possível – disse a Criadora, antes de se levantar da cama. E devo dizer que aquele sorriso aberto não ficava nada natural. Ao que parecia, ele não costumava aparecer em seu rosto com muita frequência.

– A minha vida toda, tenho procurado consertar coisas – ela disse, dirigindo-se para a porta. – É só o que realmente sei fazer.

Então ela se foi e eu me deitei, pensando se entre minhas lembranças, por intermédio do meu pai, ou de Hina e Zee, havia alguma parte que conhecia aquela mulher. Eu me perguntei se algo do que ela era e do que ela sabia estava guardado em mim. Mas então me lembrei do que Hina tinha dito quando estávamos presos



na Arca, com minha arma apontada para a cabeça do soldado do rei Harvest.

Eles conseguem copiar o corpo, disse Hina. Não a mente.

Concluí com isso que um corpo, feito de carne e sangue, pode dar origem a outro. Mas é aí que a coisa termina. E é aí que as dívidas acabam.

Quando enfim consegui dormir, tive um sonho com Alfa. Sua pele parecia real, seus olhos brilhavam. Alfa suave, correndo pelas planícies para me encontrar, com seu moicano espetado iluminado pela imensa lua amarela.

“Você esqueceu”, ela ficava me dizendo com os olhos. Pois seus lábios não se moviam. Um pedaço de madeira cor-de-rosa tinha sido costurado sobre sua boca, e eu não escutava nada além de grunhidos, nem conseguia achar seus dentes e sua língua. Apenas beijei seus ombros, suas pernas, sua nuca e a madeira em sua barriga, até finalmente beijar o lugar onde a boca de Alfa deveria estar. Então começou a nevar e eu estava preso, do lado de fora, sem roupa, arrastando o corpo de Alfa colina acima, para lhe mostrar as árvores.

“Veja só”, eu dizia, apontando para a floresta branca. “Eu disse que conseguiríamos.”

Mas, quando olhei para Alfa, ela já não estava lá. Em seu lugar, ergueu-se um milharal metálico, com centenas de metros de altura, e no meio do milho havia uma macieira. Mas ninguém queria a árvore.

Todo mundo só desejava as maçãs.

## CAPÍTULO 50

– O que você está fazendo aí? – perguntou Zee ao me encontrar na floresta, remexendo o solo congelado.

– Procurando matéria-prima – respondi. – Aqui há latas e canos velhos o bastante para um sujeito construir uma árvore de dois quilômetros de altura.

– Construir árvores? – Ela tirou o capuz para que eu pudesse ver a expressão em seu rosto. – Por que você faria uma coisa dessas? – Zee apontou para a floresta ao redor. – Temos todas as árvores de que precisamos bem aqui.

– Bom, Zee, eu sou construtor de árvores. E sempre vou ser. Acho que, nesta vida, ou você é uma coisa, ou não é.

– Simples assim?

– Claro. Para que complicar?

– Você quer mostrar o que sabe fazer – ela disse, aproximando-se de onde eu cavava. – Você quer mostrar a ela, não é mesmo?

– Do jeito que vejo as coisas, se eu apresentar algo a ela, então ela vai ter que me mostrar algo em troca.

– E o que você quer ver?

– Meu pai – respondi. – O homem que vim aqui para encontrar.

– E você tem certeza de que quer encontrá-lo?

– Por quê? Você pode me levar até ele?

– Só a Criadora pode fazer isso.

Fiquei olhando para Zee. Seu belo rosto. Era como se o mundo a estivesse conhecendo pela terceira vez. A original tinha ficado

velha, e sua cópia não tinha conseguido viver muito. Logo, seria a vez de Zee crescer e aparecer.

Pelo menos enquanto seus pulmões continuassem funcionando.

Ela era da minha família. Sangue do meu sangue. Mas eu não acreditava nem um pouco que pudesse confiar nela. Zee agia como se desejasse que nós dois sempre tivéssemos sido próximos. Mas, naquele dia na tenda do Tripnotizador, ou ela estava tentando me salvar, ou estava apenas manipulando seus aliados. Nunca consegui me decidir sobre qual das duas coisas era verdadeira. Além disso, Zee parecia bastante à vontade com tudo o que acontecia na Terra Prometida. O que também era compreensível. Afinal, as coisas estavam melhores para ela naquele monte de lixo. Eu me lembrava muito bem da noite em que a havia encontrado dormindo, na casa de Frost, com o corpo todo marcado por hematomas. Por quanto tempo ela não teria sido obrigada a viver daquele jeito? Por quanto tempo ela não teria sofrido nas mãos de Frost, só porque nosso pai havia abandonado Hina?

Eu a traria comigo. Foi o que decidi. Mas ela não podia saber o que eu estava planejando. Ainda não.

– Chegue mais perto, irmã – eu disse, tornando a enfiar a pá no solo congelado. – Você pode aprender uma coisa ou duas.

– Irmã? – Ela deu um sorriso engraçado. – Bom, se você quer mesmo fazer isso, que tal se eu arrumasse um pouco de ajuda?

Zee trouxe agentes. Uma dúzia de idiotas. Eles chegaram enterrados em seus capuzes e agasalhos, mas não demoraram a tirar algumas peças de roupa quando os coloquei para trabalhar.

Do lado de dentro daquele uniforme, os agentes eram apenas pessoas. Gente comum. Ninguém em especial. Homens e mulheres. Velhos e moços. Se eles não tinham o mesmo rosto, então por que se vestiam do mesmo jeito? Por que se vendiam tão barato para botar em prática um plano que não era nem o deles?

Porque eram fracos, foi o que pude concluir. A maior parte não tinha sequer experimentado um dia inteiro de trabalho de verdade na vida. Estavam mais habituados a ficar atrás de suas armas, obrigando outras pessoas a ir de lá para cá, a fazer isso e aquilo. Não tinham o costume de criar nada, não conheciam o trabalho duro na construção, não tinham ideia de quanta energia é preciso gastar para transformar uma coisa em outra totalmente diferente.

Não demorou muito para as pás de fibra de vidro começarem a causar bolhas em suas mãos frágeis. Alguém sugeriu que usássemos britadeiras, para arrancar a sucata do solo logo de uma vez, mas precisei explicar que isso acabaria deixando minha matéria-prima em pedaços e que eu não queria que uma coisa dessas acontecesse. Assim, era melhor falarem menos e trabalharem mais.

No fim da tarde, eu tinha uma pilha de tubos de alumínio, algumas calotas, um monte de latas e garrafas velhas, alguns metros de cabo grosso, canos de plástico e um antigo tonel de metal. Mais uma boa, grande e enferrujada chapa de ferro.

Perfeito!

– Amanhã, começo a construir – anunciei, enquanto caminhava de volta com Zee pela floresta.

– Você está pensando em colocar algumas luzes?

– Claro que sim. Mas só se você arrumar um gerador e lâmpadas. E vou precisar de combustível – completei. – Bastante combustível.

Ao anoitecer, eu já estava de volta ao prédio, e a Criadora me esperava do lado de fora do quarto de Crow.

– Sucesso! – ela exclamou, com os olhos cinzentos cansados, mas brilhantes. – Ao menos, acho que sim. Em geral, conseguimos recuperar um ferido usando só um pequeno enxerto de madeira. Eu nunca tinha tentado substituir completamente os órgãos de alguém antes.

Por um momento, eu me perguntei o que seria preciso para que aquela mulher se transformasse em alguém preocupado apenas em usar a ciência para ajudar os outros. Afinal, aquela coisa de remendar o corpo das pessoas usando madeira tinha se mostrado mesmo útil. Alfa tinha sido salva. E provavelmente o velho rasta, antes de ter sido libertado por Pop.

– Quer dizer que deu certo? – perguntei.

– É o que parece. Vamos ter certeza quando ele voltar a si. Estimulei a propagação das células, e elas fizeram sua magia. Resta saber se o sistema nervoso do seu amigo concordou com o plano. Mas isso, só depois que ele acordar.

– Quanto tempo vai demorar?

– Ele deve continuar dormindo até amanhã de manhã. Mas e quanto a você, Banyan? Como foram as coisas?

– Você vai ver – respondi. – Amanhã. Quando eu terminar. Mas hoje eu vou encontrar o meu velho. Certo?

Ela sorriu e colocou a mão no meu ombro, sacudindo-o de um jeito esquisito. – Venha comigo – ela disse. – Vou lhe mostrar um

pouco do meu trabalho.

A Criadora me conduziu através da neve, passando pela cúpula de metal, até o galpão maior. – Esta é a nossa principal área de experimentos – explicou, enquanto caminhávamos na neve. – É onde realizamos a dormência e damos início à fusão.

Dizendo isso, ela passou um cartão de plástico na fechadura eletrônica, e dois conjuntos de portas de aço se abriram. Então entramos em uma câmara gigante, que tinha luzes brilhantes e estava lotada.

De corpos humanos.

Estavam todos juntos, estirados lado a lado, os pés de uma pessoa alinhados à cabeça de outra. Os olhos permaneciam sempre fechados, e a expressão em cada rosto era de algo além de um sono comum. Todos estavam nus, com os braços e pernas empalidecidos e relaxados. Dos braços saíam cabos, conectados a um tanque roxo gigantesco que pendia do teto.

Meu olhar começou a passear por cada corpo que podia alcançar, procurando o rosto de Alfa, convicto de que ela estava ali, em algum lugar.

– Eu sei o que está passando pela sua cabeça – disse a Criadora, erguendo a voz para superar o barulho das máquinas. – Mas não estamos matando ninguém. Estamos apenas transformando-os. Na verdade, dando vida eterna a eles.

– Como você sabe? – perguntei, querendo ganhar tempo para continuar procurando.

– Nós vamos torná-los lendas, Banyan. Eles serão a primeira leva de uma espécie completamente nova. Uma espécie à prova de

gafanhotos. E eles vão se autopropagar, exatamente como aquelas árvores brancas têm feito por séculos nesta ilha. Por reprodução assexuada. Novas plantas brotando do mesmo sistema de raízes compartilhadas. Uma vez iniciado o plantio no continente, o organismo se espalhará sozinho por toda parte. Você não vê? Estamos garantindo a esses corpos a possibilidade de se multiplicarem. De serem eternos. De fazerem parte de uma floresta sem fim.

Meus olhos continuavam vasculhando o campo de corpos humanos ao meu redor, corpos que, em breve, seriam feitos de folhas e madeira. Então pensei naquela fornalha na usina em Vega, e vi Sal ser atirado às chamas por não possuir o DNA que a GenTech procurava. Nada de vida eterna para ele. A não ser que alguém possa viver por meio de um punhado de cinzas.

– E vocês não podem simplesmente copiar os corpos de que precisam?

– O conjunto de genes precisa de diversidade. Tivemos que selecionar um grupo proteico central, mas, quanto mais variantes pudermos acrescentar a partir de agora, melhor será o desenvolvimento futuro.

Eu continuava observando os rostos. – E o que os faz dormir desse jeito?

– Aquilo ali. – A Criadora apontou para o tanque roxo no teto. – É um alimentador capaz de mantê-los em dormência, que fornece tudo o que seus corpos precisam para ficar fortes, com as células prontas para o que virá depois. Amanhã, a essa hora, vamos adicionar uma solução que os preparará para a fusão. E, pouco tempo depois, eles não serão mais simples seres humanos.

Apenas olhei para ela, que sorriu, toda orgulhosa. Ela continuou:

– A primeira safra de uma espécie nova em folha. Árvores preparadas para a vida no continente. Capazes de se regenerarem como as árvores brancas lá fora, mas dando frutos como nossas macieiras. E agora – ela disse, puxando-me pelo braço – é hora de mostrar a você a fonte disso tudo.



# CAPÍTULO 51

A Criadora chamava de Pomar a cúpula de aço entre os dois prédios. O lugar era bem menor e mais silencioso que o galpão repleto de corpos dormentes de onde havíamos acabado de sair. Ela abriu as portas de aço com seu cartão, e, assim que entramos, tive uma rápida visão de algo que só podia ter saído de um sonho despedaçado.

Tropecei em minhas próprias pernas, mas a Criadora me segurou. Eu deveria tê-la empurrado e me livrado de seus braços na mesma hora. Mas o mundo estava de cabeça para baixo. Eu estava tão tonto quanto tinha ficado quando adoeci, no fosso lamacento da Velha Orleans, tomado por uma febre que não deixava meu cérebro funcionar.

Eu a escutava falar. Ela estava de fato tentando me dizer alguma coisa. Tentava explicar o que estava acontecendo. Mas ela não se referia àquele homem como meu pai. Ou Pop. Ou qualquer coisa do tipo.

Ela apenas o chamava de Produtor.

Zee dizia que ele estava preso. Meu pai estava em algum lugar na ilha. Preso. Mas, na verdade, ninguém tinha me dito nada sobre ele. Pois ninguém tinha dito nada sobre aquilo que estava diante dos meus olhos.

Não era necessário prendê-lo.

Não era necessário acorrentá-lo a coisa nenhuma.

Ele tinha me largado perto dos milharais. No meio do nada. Mas agora, ao revê-lo daquele jeito, era como se ele estivesse me deixando de uma vez por todas. E era como se eu estivesse apenas olhando, impotente, enquanto ele flutuava para longe.

Eles o mantinham dentro de um tanque com água. Um tanque grande, iluminado por luzes douradas. Não existe jeito de dizer o que tinham feito com ele. Não há palavras para explicar o que estava acontecendo ali.

Eu continuava tonto. Parte de mim queria sair correndo para abraçar aquele vidro. Mas apenas esperei, olhando a Criadora ir até o tanque e verificar os itens de equipamento conectados a ele.

Consegui contar sete pequenas plantas.

Todas exalavam frescor, com seu verde-vivo brotando no líquido. Duas delas saíam das pernas do meu pai, e outras duas brotavam de suas mãos. Havia mais uma em sua cabeça e outra na barriga. E a menor de todas crescia do peito. Direto do coração.

A pele do meu pai era verde e cheia de nós. Parecia fibrosa. O cabelo no topo da cabeça crescia negro e enrolado. O rosto estava perdido em meio a um emaranhado de raízes verdes, e, bem no lugar onde a boca devia estar, brotava uma das pequenas plantas, destacada pelas luzes douradas.

Lembro-me de ter ficado grato por seus olhos estarem fechados.

Assim, não era preciso ver nenhum olhar perdido em seus olhos igualmente perdidos.

Achei que eu podia vomitar naquela hora. Deixar tudo sair de uma vez. Mas, simplesmente, me aproximei devagar. Meus passos arrastados ecoavam. Segui em frente e cheguei bem perto do vidro.

Então, fiquei de joelhos, diante das rodas de borracha sobre as quais o tanque havia sido colocado.

Independentemente do que pudessem chamar a coisa que flutuava ali dentro, ela ainda era o meu pai. Ou ao menos o que havia sobrado dele. E, se aquela mulher tinha dito a verdade, ele agora poderia viver para sempre. Sempre continuando.

Mas não da maneira que importava.

Fechei os olhos e visualizei a floresta de que eu e ele tanto falávamos. Um punhado de árvores de metal, com nossa casa no topo. E me vi no meio das árvores, só que as folhas e galhos estavam quebrados e cobertos de ferrugem. As árvores não passavam de buracos vazios. Eu carregava nas mãos o nosso velho livro, mas tinha esquecido as histórias. Agora apenas arrancava as páginas, as amassava e as jogava ao fogo, junto com o velho sombreiro de palha de milho. E eu não comia mais. Por isso, era feito apenas de ossos, e nem mesmo os gafanhotos me tocariam. E ninguém mais me tocaria, nem me veria ou escutaria, quando eu começasse a gritar pelo meu pai, desesperadamente, na noite sem fim em que minha vida tinha se transformado.

Quando abri os olhos, eu ainda estava gritando, e a Criadora tinha me abraçado. Tudo ao redor parecia me sufocar. Era insuportável. Então parei de gritar. Só fiquei ali, encolhido no chão. Quietamente. Imóvel. A Criadora me soltou e sentou no concreto, observando-me. Eu sabia que precisava arrumar um jeito de me livrar daquela sensação horrível. Um jeito de manter controle sobre mim mesmo. Eu precisava fazer o jogo certo diante daquela mulher. Tudo dependia disso.

Aí eu disse que o que ela havia feito ao meu pai era algo muito bonito.

E sabe o que é mais esquisito?

Isso não era mentira. Aquilo era mesmo bonito. De um jeito repulsivo, é claro. Então me lembrei do que eu tinha dito a Crow sobre o paraíso e o inferno e sobre a possibilidade de que, no fim das contas, eles fossem uma mesma e única coisa. Glória e fome. Medo e amor. Se tudo acontecia ao mesmo tempo, não era mais possível dizer onde começava um e terminava o outro.

E então, quando tornei a olhar para o tanque, pensei que talvez o mundo não estivesse tão morto quanto imaginávamos. Talvez ele estivesse apenas adormecido. Esperando por sementes.

– O líquido preserva o microclima – disse a Criadora, em tom rouco e arrastado, ainda olhando para mim. – E protege o Produtor do inverno.

Engoli em seco. Quase consegui dizer algo.

– Ele está bem – ela sussurrou. – Vai dar tudo certo. Os testes foram perfeitos. – A Criadora se levantou, olhando para o tanque. – Ele agora é cem por cento à prova de gafanhotos. Está protegido. Para sempre.

Tentei imaginar que meu pai ainda estava vivo por dentro. Que sua mente ainda funcionava. Que ele ainda estava pensando. Que podia sonhar. De algum jeito, meu pai não estaria morto se fosse assim. Ele não teria acabado de todo.

– E quanto ao cérebro? – perguntei enfim.

Ela fez que não com a cabeça. – Agora, ele é mais árvore que homem.

Suas palavras me acertaram em cheio. Reviraram minhas entranhas e meus ossos. Nada faz o mundo parecer tão sem remédio quanto saber que ele está vazio. Mas era preciso deixar para trás essas partes de mim que estavam contaminadas pelo que eu tinha acabado de descobrir. Partes que não conseguiriam fazer outra coisa além de doer.

– E o que vai sobrar? – perguntei, cerrando os punhos com força, como se pudesse espremer a dor que estava sentindo para fazê-la escorrer pelas pontas dos meus dedos. – Depois que vocês o usarem?

– Apenas o bastante para dar origem a uma nova safra. Seu corpo se transformou no berçário ideal. E vamos continuar fundindo essas células com o tecido humano, até alcançarmos suficiente diversidade.

– E depois?

– Depois, meu trabalho estará terminado. – Ela pôs a mão na parede do tanque e deixou ali uma mancha pegajosa. – O trabalho dele também.

Do lado de fora do Pomar, estávamos praticamente abraçados, enquanto a neve branca caía contra o fundo escuro da noite. Parecia que eu tinha acabado de levar uma surra. Minhas energias haviam sido completamente sugadas. Minha cabeça latejava e fervia.

– Sinto muito – disse a Criadora, deixando os ombros caírem. – Sinto muito pelo sofrimento que eu e o seu pai lhe causamos.

Ela sorriu para mim, e, pela primeira vez, senti pena daquela mulher. Pois eu sabia que ela não tinha a menor condição de

compreender como me sentia.

Ela havia passado os anos naquela ilha, procurando uma solução que já tinha custado centenas de vidas. Milhares, talvez. E, por mais que a Criadora conseguisse se justificar, da maneira como eu via as coisas, apenas a GenTech teria algo de que o mundo inteiro precisava. Como aquela mulher não conseguia enxergar um fato tão evidente? Por que havia escolhido ser cega a esse ponto?

Atravessamos a neve com nossos capuzes baixados, escondendo os rostos, direto para o prédio onde Zee provavelmente já dormia e onde, com sorte, Crow estaria se regenerando para poder lutar. “Você precisa ser forte”, eu repetia a mim mesmo. Por Alfa e pelos outros prisioneiros. Pelo que sobrava do meu pai. Por todos os que foram sequestrados e todos os que acabaram queimados vivos. Pelos batalhadores famintos que cruzavam as estradas. Nós tínhamos a chance de afundar planos realmente perversos naquela ilha. E, se fosse preciso, eu morreria por isso. Ou então continuaria vivo. E ainda levaria algumas árvores para casa.

Havia um agente guardando a porta do prédio. Ele estava todo agasalhado, como nós dois, enterrado dentro de um enorme casaco.

– Boa noite, Criadora – disse o homem.

– Você não está com frio aqui fora? – Ela passou o cartão na fechadura para abrir a porta.

– Ah, não precisa se preocupar comigo, senhora – ele respondeu, e sua voz fez meu estômago revirar. – Eu adoro ver as estações do ano. Não importa se eu tiver que passar um pouco de frio.

Do lado de dentro, quando a porta começou a se fechar atrás de nós, dei uma última olhada para a figura parada lá fora, coberta de

agasalhos e logos da GenTech, com um fuzil às costas e um cassetete na mão. Ele era exatamente como todos os agentes. A não ser por aquela voz, da qual eu me lembraria para sempre. Pois aquele agente não era um zé-ninguém. Não era qualquer um.

Aquele agente era Frost.

## CAPÍTULO 52

Não dormi. Só esperei ao lado da cama de Crow, contando os segundos até que ele acordasse. O trabalho que tinham feito nas pernas também tinha ajudado a melhorar sua pele, dando certo brilho diferente em lugares onde antes só havia cicatrizes e bolhas. Já as pernas em si eram outra coisa. Livres dos cobertores, elas eram enormes e fortíssimas, cheias das protuberâncias e ranhuras que a casca de madeira produzia. Conseguiram ser ainda maiores que as pernas originais. Se quando acordasse Crow fosse mesmo capaz de utilizá-las, ele teria uns três metros de altura.

Seu rosto estava relaxado; parecia que ele estava recuperando o sono atrasado de uma vida inteira. E eu só fiquei ali sentado, exausto, tomando conta do guarda-costas.

- Crow? – sussurrei, tendo finalmente criado coragem.
- O que foi?
- Você está dormindo?
- Não. Eu estou falando com você. – Ele abriu os olhos. – O que você está fazendo aí, olhando para mim?
- Queria saber como você estava.
- Tudo bem. Nós estamos bem.
- As pernas...
- Pois é. Tenho tentado usá-las.
- Há quanto tempo?
- Há tempo suficiente, carinha. Há tempo suficiente.



Olhei outra vez para as pernas, que não saíam do lugar. – Talvez demore um pouco para funcionarem – eu disse, tentando manter o otimismo.

– Claro, Banyan. Talvez seja isso.

– Tenho que dizer uma coisa.

– O quê?

– Frost está aqui.

A notícia conseguiu acordá-lo de vez. Agora Crow estava olhando atentamente para mim.

– Frost?

– Isso mesmo. Eu o vi.

– O desgraçado deve ter se oferecido como voluntário.

– E por que ele faria uma coisa dessas?

– Sei lá. Talvez não tivesse muita escolha. Ou pode ser que tenha pagado para o trazerem. Como é que, em nome de Jah, vou saber?

– Ouça – eu disse, sem saber muito bem o que falaria antes de as palavras começarem a sair pela minha boca. – Acho que podemos usar Frost.

– Frost? De jeito nenhum, carinha. Não se pode confiar em um sujeito como ele.

– Não precisamos confiar nele. Basta tê-lo do nosso lado por um tempo.

– E depois o quê?

– Depois, nós podemos nos livrar dele. De uma vez por todas.

– Quanta frieza, Banyan. Quanta frieza...

– Ah, é? Bom, você não tem pernas, meu chapa. E vou precisar de um pouco de ajuda por aqui.

– Fique à vontade para vender sua alma ao diabo, então. Por que eu me importaria?

– É só uma ideia – expliquei, tentando acalmá-lo.

– Uma péssima ideia.

– Mas vocês dois tinham um trato.

– E olhe só como eu fui terminar.

– Só temos até o final do dia. E é tudo. Eu tenho um plano, mas vou precisar de ajuda.

– Você poderia falar com Zee. Ela vai ajudá-lo, cara. Sei que vai.

– Tudo bem. Por enquanto, você fica descansando. Tente mover essas pernas. Eu volto para ver como as coisas progridem.

– Você vai pedir ajuda a Zee?

– Vou – respondi. Mas era mentira.

Eu estava indo falar com Frost.

Saí do prédio, na manhã fria. Neve por toda parte e nada do sol no horizonte. Quem estava guardando a entrada já não era Frost, e sim um agente mais magro.

– Sabe aonde foi o homem que estava aqui antes de você? – perguntei.

O agente apontou e fui na direção indicada, seguindo as pegadas de Frost, colina acima.

Quando cheguei ao outro lado, eu o encontrei bisbilhotando o lixo que havíamos desenterrado no dia anterior. Ele não usava o capuz, e a pele do seu rosto rechonchudo estava rosada e rachada pelo frio. Seus cabelos descoloridos estavam com as raízes escuras. Eu o observei por algum tempo, de dentro do meu casaco, protegido pelo volume da roupa e escondido no meio das árvores. Então

caminhei em sua direção, e Frost, ao som dos meus passos, se virou de repente.

– Ah... Olá. – ele disse, imaginando que eu era apenas mais um agente. Então voltou a remexer na sucata. – Você por acaso sabe o que eles pretendem fazer com toda essa porcaria?

– Sei, sim – respondi, tirando o capuz. – É para a árvore que estou construindo.

Os olhos de Frost ficaram tão grandes e redondos quanto o resto do seu corpo.

– É você mesmo?

Eu confirmei, e ele sorriu.

– Crow devia ter cortado a sua garganta.

– Você pode resolver isso com ele se quiser. Ele está aqui também.

– Ele está aqui, agora? Então quer dizer que todos nós conseguimos, não foi? Você e eu. E até o bom e velho Crow. – Frost abriu um sorriso nojento. – A belezinha também.

– Como diabos você conseguiu achar este lugar?

– Até os agentes têm um preço, meu caro.

– As coordenadas não ajudaram muito, ao que parece.

– Não importa. É só continuar cavando que a gente sempre consegue achar o que está procurando. Então eu mexi alguns pauzinhos e arrumei um emprego aqui. – Frost abriu os braços, exibindo o uniforme roxo.

– Você precisa saber que o seu garoto morreu.

– O meu garoto? – O sorriso no rosto dele se desfez, e seu queixo caiu. – Mas como? Eu o deixei para trás para que ele ficasse em segurança.

– Abandonar alguém não é exatamente cuidar da segurança. Sal veio atrás de você. E agora ele está morto.

Frost piscou repetidamente na neve. – Diga que isso é mentira.

– Não estou mentindo. Eles o mataram.

Suas mãos estavam tremendo. Ele tirou as luvas e começou a esfregar os dedos e os braços. Deduzi que já fazia algum tempo desde sua última dose. E não devia haver cristal na Terra Prometida.

– Sua esposa morreu também – eu disse, continuando com as más notícias, e suas mãos pararam de tremer.

– Minha esposa? – A raiva o fez parecer mais alto. Seu rosto ficou tenso, e a boca se transformou em algo que não se poderia chamar exatamente de sorriso. – Ela fazia a gente sentir-se mal só em desejá-la. Além disso, não faltam mulheres iguais correndo por aí.

– Bom, aquela que se casou com você está morta.

Frost jogou a mão para trás, como se estivesse negando a dor que sentia. Fiquei me perguntando se por acaso ele não precisava de Hina tanto quanto do cristal e se não é esse tipo de necessidade o que faz as pessoas apelarem para as drogas.

– De onde ela veio, há uma porção de outras iguais – disse Frost.

– Embora eu tenha que reconhecer que a mulher tinha um traseiro e tanto.

De repente, tive a sensação de que Crow estava certo. Eu não podia mesmo fazer negócio com um sujeito que vivia preso a um vício capaz de derrubar os melhores homens. E Frost, definitivamente, não era um dos melhores.

Mas eu precisava dele. Então o deixei falar.

– Para mim, aquela Criadora não é de se jogar fora. Mas vamos admitir: ela já está com o prazo de validade vencido. Zee, por outro lado, é uma coisinha de outro mundo, não é? Por que você acha que eu sempre mantive a vadiazinha por perto?

– Você pensa em tudo, não é, gordão?

– Um homem tem que planejar a vida, fazedor de árvores.

– Mas, afinal, o que você está fazendo neste lugar?

– Bom. Primeiramente, elas são maravilhosas – ele disse, apontando para as árvores ao redor. – Tenho certeza de que você concorda comigo nesse ponto. E, em segundo lugar, quero conseguir levar uma comigo. Para o continente. Não posso vender à GenTech algo que eles já têm, mas você deve se lembrar de que eu estava construindo uma floresta para mim. E vou colocar uma dessas belezinhas bem no meio dela. Pode crer que vou.

– Então é isso?

– Exatamente. O povo vai pagar uma nota preta para ver uma árvore de verdade.

– Os gafanhotos, Frost. Você tem um plano para eles também?

– Vidro – ele disse, olhando-me como se eu fosse um idiota. – Vou cobrir a árvore com vidro. E ela vai ficar segura.

– Você é um tremendo de um palhaço – eu disse, caminhando na direção dele. – Não passa de um monte de gordura inútil. Eu poderia denunciá-lo, se quisesse. Agora mesmo.

– Mas você não vai fazer isso, vai? Afinal, você me seguiu até aqui. Acho que deve ter algo a dizer.

– Você pensa pequeno demais – eu disse, então. – É esse o seu problema. Uma única árvore não vai levá-lo a lugar algum.

– Continue.

– Você precisa de algo que os gafanhotos não vão sair comendo logo no primeiro minuto. Do que você precisa realmente é daquilo que torna a GenTech diferente do resto de nós.

– Você quer dizer aquele negócio no Pomar?

– É exatamente disso que estou falando.

– É um belo sonho esse seu, sr. B. Mas talvez você não esteja contando com aquela tropa de agentes armados até os dentes. Nem com as portas que só abrem com uma única chave.

– É você quem não está se dando conta de que existe aqui um exército que adoraria poder lutar. Só precisamos acordá-lo.

Frost olhou para a colina, mordendo os lábios.

– Mas eles precisariam de armas – respondeu por fim.

– Você é agente, não? Bem que poderia desviar algumas armas.

Frost olhou para mim e para as árvores, alternadamente.

– Quem está nessa?

– Só eu e você. E Crow.

– E quanto a Zee?

– É. Ela também vem conosco.

– Então você pode contar com a minha ajuda. Mas eu fico com ela. Ela vem comigo quando tudo terminar.

– Tudo bem – respondi. E uma luz de alerta acendeu dentro de mim. Frost não poderia deixar a ilha, disso eu tinha certeza. Ele jamais poderia sair daquele lugar.

O gordão estendeu para mim a mão em que tinha um dedo a menos. Retribuí o gesto. Talvez não devesse.

Mas foi isso o que fiz.

## CAPÍTULO 53

Depois do pôr do sol, não demoraria mais que uma hora para tudo mudar. Segundo minhas apostas mais otimistas, era esse o tempo necessário para o medicamento começar a transformar os prisioneiros em algo que já não seria humano. E então perderíamos nosso exército. E eu perderia Alfa.

Mas isso não ia acontecer. Prometi a mim mesmo que não permitiria.

O sol se punha perto das três, e Frost teria mais uma hora de escuridão para levar as armas para o galpão e desligar o sistema que mantinha os prisioneiros em dormência. O meu trabalho era criar uma distração. Mas eu também precisava descobrir um jeito de colocar as mãos na chave do Pomar. A primeira tarefa seria fácil. Já a segunda, nem tanto.

Frost era um apostador. Disso, eu sabia muito bem. De qualquer ponto de vista que se olhasse, ele era um risco. Mas que outra opção eu tinha além de tentar usá-lo? Do jeito que as coisas caminhavam, era difícil confiar que Zee manteria a boca fechada. E Crow nem sequer podia andar.

De tempos em tempos, eu pedia que Zee fosse ver o Soljah, e ela atravessava a colina coberta de neve e depois voltava para a floresta sempre com a mesma notícia ruim.

Nenhuma novidade.

A manhã passou voando e não consegui me concentrar direito no trabalho. Construí uma única árvore no meio da clareira. Só uma. A

verdade era que, sem minhas ferramentas normais e por causa da ansiedade, nada parecia dar certo.

Eu estava cansado. Sem energias para gastar. Mesmo assim, moldei o ferro enferrujado em um cone de seis metros de altura e o enterrei no chão. Depois parti os tubos e, com eles, fiz os galhos. Na ponta de alguns, prenti uma calota e, ao longo de todos eles, pendurei latas e pedaços de vidro no lugar do que seriam as folhas.

Eu avisei. Não estava muito concentrado no trabalho.

Mas o mais importante foi o que fiz com os cabos. E aquele tonel de metal. Primeiro, soldei os buracos no tonel, para que ele não vazasse quando estivesse lá em cima, e fiz dele a copa da árvore. Em seguida, prenti o cabo ao tonel e o estendi ao longo de toda a floresta. Demorei séculos. Mas era preciso fazer direito, conectando todas as árvores, cobrindo a mata inteira.

E só mais uma coisa: antes de ter passado o cabo pela floresta, eu o mergulhei em um velho barril. Um barril que continha a mesma coisa com a qual enchi o tonel que coloquei no topo da árvore.

Combustível.

Meu ingrediente secreto.

Afinal, quando você constrói, os detalhes fazem a diferença. Pois bem. Esse era, sem dúvida, um detalhe capaz de dar vida à floresta. Ela brilharia mais do que todas as lâmpadas que eu pudesse achar.

E então ela queimaria.

E se reduziria a um monte de cinzas.



Quando eu estava terminando de pendurar os cabos na floresta, Zee voltou de mais uma conferida em Crow. O ar gelado estava um bocado fedido por causa do combustível, e Zee esfregou o nariz enquanto contemplava minha árvore.

– O que você acha? – perguntei.

– Já vi melhores, tenho que admitir.

– É nisso que dá querer apressar uma obra de arte.

– É um tipo de arte bem fedorenta essa que você está fazendo.

Bom, ela pelo menos agrada mais aos olhos que ao nariz.

– O gerador está vazando.

– Então as luzes não vão funcionar?

– Vamos ver o que acontece – respondi, louco para mudar de assunto. – E quanto a Crow?

– Está do mesmo jeito que estava duas horas atrás. E duas horas antes disso. Mas ele disse que quer ver a sua árvore.

– Não – interrompi. – Ele não pode vir aqui. Você tem que fazer com que ele não saia de onde está.

– Por quê?

Minha vontade era responder que queria protegê-los e que os dois precisavam ficar fora do caminho, mas eu não podia abrir o jogo. Ainda não.

– Só faça o favor de manter Crow onde está. Fora de circulação.

– Mas ele quer ver a sua árvore.

– Por quê? – disparei, atravessado. – Ele não está perdendo nada. É só um monte de lixo. Diga a ele para ficar lá. – Eu já devia ter explicado a Crow o meu plano. Isso teria evitado o pânico que eu estava sentindo naquele momento. Mas agora não dava mais tempo.

O sol estava baixando no horizonte. Eu havia combinado com a Criadora que, tão logo começasse a escurecer, ela estaria ali para ver o meu trabalho. Minha imitação de árvore, feita sem o menor cuidado.

Zee tossiu com seus pulmões detonados. E ficou ali parada, olhando para mim.

– Ouça – eu disse a ela –, agora você vai voltar para a base mais uma vez e vai fazer companhia a Crow. Diga a ele que Banyan acha melhor que vocês fiquem por lá. Você pode fazer isso por mim?

Ela não respondeu.

– Eu vou logo depois – completei. – É só vocês me esperarem que eu não demoro para aparecer.

– Tudo bem – respondeu Zee. Depois me deu as costas e foi embora. Eu a observei se distanciar até que ela tivesse alcançado a ladeira além das árvores.

Quando Zee já estava longe, tirei a pistola de pregos de dentro da caixa de ferramentas que tinham me arrumado e a enfiei bem fundo no bolso do casaco. E então me sentei na neve, esperando o sol se pôr.

## CAPÍTULO 54

Assim que o sol começou a se esconder por trás do monte de neve e lixo, a Criadora apareceu descendo a colina. Chegou bem na hora. E sozinha. Exatamente como eu tinha pedido.

Naquela altura, eu já estava morrendo de frio, andando de lá para cá na clareira, agitando os braços e batendo os pés. Anoiteceu bem rápido. Logo, estava escuro demais para enxergar. Por isso, eu a ouvi chegar antes mesmo de ter conseguido vê-la.

– Banyan? – ela me chamou, esbarrando nos galhos. Então a vi acender uma lanterna e apontá-la para a clareira. – Onde está você?

– Aqui! – gritei de volta. – Bem aqui!

Ela me avistou com sua lanterna, e eu a vi erguer o capuz. Seu rosto estava alegre como eu jamais havia visto.

– Apague essa luz – eu disse. – Era para ser uma surpresa.

– Mas agora eu já estou vendo o belo trabalho que você fez. – Ela estava ao lado da árvore, passando a mão nas folhas de lata e vidro.

– Só que não está tudo pronto ainda – eu disse, e de repente fiquei impaciente. – Você tem que vir até aqui para ver direito.

– Oh, mas já é adorável do jeito que está, Banyan! Você é um artista e tanto!

Imaginei Frost a me esperar com suas armas no escuro. Imaginei Alfa e todos aqueles rostos vazios que precisavam de mim. Quanto

tempo ainda havia para nós? Quanto ainda levaria até que fosse tarde demais?

– Venha até aqui – insisti, tentando parecer animado com aquela situação. – Venha ver comigo.

Ela caminhou bem devagar pela neve. Até que parou ao meu lado, admirando o novo pedaço de sua floresta. E foi aí que saquei a pistola de pregos e apontei para o seu peito.

– Agora eu quero aquela chave do Pomar – exigi, com voz tão trêmula quanto minhas mãos. – O cartão que dá acesso a ele. Pode passar para cá, vou precisar dele.

Mas ela apenas me encarou na escuridão. De uma hora para outra, seu rosto estava tão velho quanto a Terra e tão amargo quanto o vento frio que soprava da água.

– A chave – tornei a dizer. E repeti mais algumas vezes.

– O que você quer fazer lá? – ela sussurrou.

– Eu vou resgatá-lo. Vou resgatar Pop. Pelo menos o que sobrou dele. Vou levar as árvores para o continente. E vou libertar toda aquela gente.

– Não – ela disse. – O que você vai fazer *comigo*?

Tentei fazer minha mão parar de tremer. – Só me dê essa chave.

– Sou sua mãe, Banyan.

– Você não é porcaria nenhuma! – De repente, eu estava gritando. – Eu nem a conheço!

– Isso porque ele o roubou de mim. Foi ele quem levou você embora e se escondeu por anos e sou eu que acabo punida por isso? Acho que não mereço ser tratada dessa forma.

– Você não merece merda nenhuma, minha senhora! E há centenas de corpos a caminho da morte naquele galpão para provar

quem você é de verdade.

– O quê? – ela gritou também. – Que diabos você pensa que eu sou?

– Uma assassina – respondi, e sacudi a pistola. – E uma ladra. E agora eu quero a maldita chave.

Mas a verdade era que eu não podia fazer aquilo.

Simplesmente não podia.

Tudo tinha dado errado, e agora ela estava chorando e eu me odiava por isso. Queria fazê-la parar de chorar e deixá-la ir embora. Poderia até perdoá-la, acho. Era isso que eu queria fazer.

Mas não havia tempo para essas coisas.

– Nem vem! – eu disse, enquanto ela gemia e seu rosto se contraía. Ela havia se deixado cair na neve, e tentei revistá-la, procurando nos bolsos o cartão de que precisava para começar a rebelião e poder dar o fora daquele lugar de uma vez por todas.

Então, senti que estava perdendo muito tempo com aquilo. Era preciso começar logo o show. Deixei a mulher onde estava e mirei a árvore, apontando a pistola diretamente para o tonel cheio de combustível. Fiz uma leve pressão no gatilho.

Mas algo me interrompeu.

Escutei passos na neve, atrás de mim. E, antes que eu pudesse me voltar, senti uma pancada na cabeça. Um daqueles cassetetes cheios de pontas. Coisa da GenTech. Acertando minha cabeça, fazendo o mundo ficar branco de repente.

Desabei na neve, sangrando. Pisquei até meus olhos conseguirem enxergar novamente e então virei o rosto para o céu. A pistola de pregos tinha voado para longe.

E lá estava ela. Com aquele rosto que nunca pararia de me assombrar. Zee. Parada acima de mim, com o cassetete nas mãos, o peito arfante, respirando com dificuldade, e o rosto coberto de catarro e lágrimas.

Ela estava dizendo alguma coisa, mas não consegui escutar. E isso não por causa da pancada na cabeça, nem do zumbido em meus ouvidos. Mas sim porque ao longe, para além da colina, estava acontecendo um tiroteio. Eu só pude pensar que Frost estava encrencado. E que meu plano já tinha ido por água abaixo.

## CAPÍTULO 55

Sentei na neve e passei a mão no sangue que escorria da parte de trás da minha cabeça. Eu estava tonto. Enjoado. Minha mãe ainda estava caída na neve, chorando, e eu me perguntei por que a tinha magoado daquele jeito. Afinal de contas, eu estava prestes a agir da mesma maneira que ela já tinha agido inúmeras de vezes. Eu estava prestes a fazer algo errado para conseguir consertar alguma coisa.

De novo, tiros ecoaram ao longe. Pareciam pequenos trovões.

– O que está acontecendo lá? – perguntou Zee.

– Não sei.

– Você sabe, sim. Foi você quem me disse para esperar. – Ela balançou a cabeça. – Estava querendo se livrar de mim.

– Eu só queria protegê-la. Para poder trazê-la comigo depois.

– E quanto a ela?

– Não se preocupe comigo – disse minha mãe, levantando-se do chão e limpando a neve das roupas.

Então, por um momento, houve uma pausa. Só por um momento. Um amontoado de segundos em que as duas se olharam como se estivessem tentando chegar a uma conclusão conjunta sobre mim. Aproveitei a chance para enfiar a mão na neve, procurando alguma coisa que pudesse usar.

– Seu pai podia ter acabado morto – disse minha mãe de repente, virando-se para mim na escuridão. – Quando os agentes

conseguiram pegá-lo, eles o acorrentaram a essas árvores, espancando-o, felizes da vida.

Mas eu estava cansado de escutar. Meus dedos acabaram tocando alguma coisa dura. Um cano de plástico, dos que eu havia encontrado, mas que acabei não usando para construir minha árvore. Eu o arranquei da neve e o girei com força, por cima da minha cabeça, obrigando as duas a se afastarem.

Zee tentou me acertar com seu cassetete, mas eu o bloqueei e a empurrei para longe. Então deixei de lado o cano e tornei a cair na neve, cavando e procurando. Até que a achei. A pistola de pregos. Ela estava em minhas mãos e pronta para atirar.

Zee partiu para cima de mim de novo, mas eu não tinha tempo para ela. Apontei a pistola para a copa da árvore falsa e disparei alguns tiros.

Metal atingindo metal. Soltando faíscas. E, então, *bum!* Foi assim que o tonel explodiu em chamas, iluminando toda a clareira. Na mesma hora, o fogo se espalhou pelos cabos, cortando o céu noturno.

Tudo ao redor se acendeu, e, aí, houve outra explosão. Enterrei meu rosto na neve, ouvindo os estalos da madeira em chamas. E, quando olhei de novo, a cobertura das árvores estava queimando.

Nenhuma árvore seria poupada.

Eu nunca tinha visto algo queimar daquele jeito. As árvores pegaram fogo como se a sua verdadeira utilidade na Terra fosse essa: alimentar as chamas e iluminar a noite. Nenhuma fumaça. Ao menos por enquanto. Apenas bolas vermelhas e douradas que se agitavam, giravam e lançavam calor em nossa direção.



As chamas se espalharam depressa pelos troncos das árvores, e logo estávamos cercados pelo fogo. Eu suava dentro do casaco e, enquanto me levantava do chão, ia abrindo o zíper para me livrar dele. Enfiei a pistola de pregos na parte de trás da calça e corri na neve, que derretia sob meus pés.

Zee e minha mãe estavam no limite da clareira, mas empacaram ali. Não havia mais para onde correr a não ser para o meio do fogo.

– Vamos! – tentei chamá-las. Mas meu grito acabou abafado pela barulheira do mundo se consumindo em chamas ao nosso redor. Então as agarrei pela mão e arrastei as duas comigo, direto para o meio do incêndio.

Mergulhamos na floresta em chamas, e o brilho era tal que ficava impossível enxergar. Zee escapou da minha mão, mas entrei atrás dela, empurrando-a para a minha frente, e seguimos adiante em fila, rumo à escuridão gelada que nos aguardava além das árvores.

Enquanto corríamos, tropeçávamos e respirávamos cinzas, os meus pulmões começaram a falhar e minha vista ficou borrada. Entrei em pânico. Eu as tinha matado. Cada uma delas. Cada uma daquelas lindas árvores. Exceto uma, era o que eu me dizia a todo momento. Exceto aquela trancada no Pomar, do outro lado da colina.

O casaco de Zee começou a pegar fogo, e tive de arrancá-lo, livrando seu corpo franzino de todo aquele volume. Ao tirar seu casaco, eu o joguei à nossa frente, tentando afastar as chamas.

Perdi contato com as duas por um segundo. Tentei chamá-las. Gritei o nome de Zee. Então uma árvore desabou e me obrigou a recuar. Quando percebi, as costas da minha camiseta estavam pegando fogo.

Rolei na neve e o fogo se extinguiu. Avistei Zee. Ela estava a salvo, fora do incêndio. Cambaleei em sua direção, às cegas, e dei um pulo para a frente.

E, finalmente, consegui sair.

– O que foi que você fez? – ela perguntava sem parar, batendo-me com suas mãos descobertas, enquanto eu, ajoelhado na neve, tentava recuperar o fôlego.

– Pare com isso! – gritei. Aí, olhei de volta para a floresta, e a única coisa que não estava queimando era aquela árvore de metal malfeita no centro. A árvore que eu tinha construído às pressas.

– Você acabou com elas, Banyan. Você as matou. Todas elas. Depois de tudo o que fizemos!

– Não – respondi. – Não são apenas essas. Há mais. – Fiquei de pé, agarrei as mãos de Zee e as segurei, imóveis, junto ao seu corpo. – No Pomar. Nós temos que ir para lá agora. E depois vou tirar a gente deste lugar. Vou tirar todos nós.

Ela conseguiu soltar uma das mãos e tentou me acertar um soco, mas eu o bloqueei. Zee procurou dizer algo, mas começou a tossir, com o pulmão cheio de fumaça. E, quando finalmente parou, ela apenas me encarou, com os braços e pernas tremendo e os olhos arregalados.

– Zee, não podemos permitir que eles fiquem com as árvores. Não podemos deixar que isso aconteça. Eles fazem o que querem. Com todos nós. Quem entra no caminho deles é eliminado, como se não fosse nada. Enquanto puderem controlar o que cresce e o que não cresce, ninguém será livre.

– Pelo menos haverá árvores. Céu azul e água limpa. Frutas crescendo em toda parte. E ar puro para eu respirar.

– As árvores não vão existir em toda parte se apenas a GenTech puder plantá-las.

– Mas como vai ser sem eles? Você não sabe o que está fazendo. Não dá para construir essas árvores com martelo e pregos.

– Mas temos que tentar – respondi. – Para que mais ninguém seja morto em nenhum experimento. Para que mais ninguém tenha que sofrer.

Zee caiu no chão e colocou a mão no peito, com a garganta contraída. – Meus pulmões – disse com dificuldade, enquanto lhe brotavam lágrimas dos olhos. – Eu não posso fazer isso. Não posso voltar para lá.

– Eu vou ajudá-la a ficar bem – argumentei. – E vamos ter sempre árvores por perto. Prometo.

– Por quê?

– Porque você é minha irmã. E não vou abandoná-la. Não se você vier comigo.

Zee segurou-se na minha cintura e ficou de pé. Eu a abracei, sentindo seus cabelos macios em meu rosto, enquanto ela soluçava e tremia.

– Mas preciso daquela chave – eu disse, olhando de volta para as árvores em chamas. – Preciso da Criadora.

– Lá vai ela – disse Zee, e me virei.

E lá estava ela. A meio caminho do topo da maldita colina.

## CAPÍTULO 56

Disparei ladeira acima, o mais rápido que minhas pernas cansadas permitiam. Não saquei a pistola de pregos. Era inútil. Eu não poderia puxar o gatilho. Não contra ela. Não agora.

Ela avançava bem rápido. Mas eu conseguia ser mais veloz. Eu a estava alcançando, aproximando-me mais e mais a cada vez que ela olhava para trás. Então dei um salto em sua direção. Passei os braços ao redor do seu peito e tentei derrubá-la. Ela tirou o cartão de acesso que estava pendurado em seu pescoço e estava prestes a arremessá-lo na neve.

Caímos no chão, agarrados, com minha mão segurando firme em sua cintura, tentando mantê-la embaixo de mim. Aí ela jogou a chave o mais longe que pôde e rolou para cima das minhas costas, procurando me segurar e me bater enquanto eu remexia a neve, em busca do maldito cartão.

Eu o achei e o enfiei na lateral da minha bota, ignorando a mulher que me batia e que, com o rosto se contorcendo, molhado de suor e lágrimas, gritava comigo.

– Você precisa vir comigo – eu disse, enquanto tentava me levantar. – Vou tirá-la daqui. Eu juro.

– Para fazer o quê? – ela perguntou, aos berros. – Acabar queimando como todo o resto?

– Não – respondi, abaixando-me em sua direção e segurando suas mãos trêmulas. – Para reconstruir o mundo. É o que você quer, não? Mas não para a GenTech. Não do jeito que é aqui. – Fiz um

movimento com a cabeça, indicando o complexo de construções. – Aqueles corpos lá dentro são pessoas. Irmãos e irmãs de alguém. Pais e mães. Filhos e filhas.

Ela olhou bem para mim, e eu não soube ao certo se estava mesmo se convencendo. Mas agora era tarde. Minha distração tinha surtido efeito. E, no alto da colina, os agentes estavam alinhados, em pânico, apontando para o fogo que consumia a floresta lá embaixo.

Zee apareceu ao nosso lado, e nós nos erguemos na neve, olhando para os agentes no topo da colina. Escutei tiros do outro lado e senti minhas entranhas se revirarem. O que Frost estava fazendo afinal? O que tinha acontecido no galpão? Alfa estava livre? Ou será que era tarde demais? Será que eu sempre chegaria atrasado?

– E agora? – quis saber Zee.

– Eles não vão conseguir me deter. – Saquei a pistola de pregos, apontei na direção dos agentes e perguntei a Zee: – Você está comigo?

– Estou. Mas você não vai conseguir nada desse jeito. Deixe-me falar com eles.

– Não – disse minha mãe, interrompendo-nos. – Eu falo com os agentes.

Surpreso, olhei para ela.

– Seu pai tinha razão – ela disse. – Você está mais livre do que ele jamais imaginou. Mas, se quer tirá-lo daqui, vai precisar da minha ajuda.

– Você vai trair a GenTech?

– Não estou nem aí para a GenTech – ela disse, enquanto ia em direção ao topo da colina. – Tudo o que sempre me importou foram as árvores.

Enfiei a pistola de volta no cinto e subimos até o topo da colina, onde minha mãe, aos gritos, mandou os agentes se moverem.

– Vão logo lá para baixo – ela ordenou. – Recolham qualquer coisa que ainda não tenha queimado. Qualquer galho, qualquer graveto, qualquer mísera folha. Vou precisar deles. Vou precisar de tudo o que puderem encontrar.

– Mas houve uma violação da segurança – disse um dos agentes, apontando para o outro lado da colina, onde tiros ricocheteavam nas paredes do galpão, cortando o silêncio da noite. Uma arma solitária revidava entre as portas de metal. Uma única arma. Apenas Frost.

– As tropas que estão lá vão dar conta do recado – disse minha mãe ao agente. – Além disso, sempre poderemos arrebanhar mais prisioneiros. Mas não conseguiremos achar outras árvores.

Os agentes começaram a descer a colina de um lado, e nós a descíamos do outro. Eu avançava saltando e deslizando, esquecendo-me de respirar. Ao terminarmos a descida, entreguei a Zee o cartão de acesso e a pistola de pregos e disse que a encontraria depois no Pomar.

– Vamos deixar o Produtor a postos – disse minha mãe. – O tanque estará livre e pronto para partir.

– Vão logo com isso! – eu disse. Então saí correndo de novo, rumo ao galpão cheio de corpos dormentes. Minha mente estava presa a uma única ideia e não a abandonaria facilmente. Pois as árvores importavam. Mais do que tudo.

Exceto uma coisa.

Eu, com as mãos para o alto, sem a jaqueta da GenTech e com as roupas esfarrapadas e chamuscadas, passei direto pelos agentes.

– Não atire! – eu gritava, enquanto corria na direção do fuzil apontado para fora das portas de aço do galpão. Se fosse Frost lá dentro, ele me veria e me reconheceria. E tinha de ser Frost. Tinha de ser.

– Frost! – berrei, sentindo as balas atingirem o chão gelado perto dos meus pés. Mas os tiros vinham de trás de mim. Dos agentes.

Pulei na neve e deslizei para dentro do galpão, com as mãos ainda para o alto e o rosto de frente para o cano de uma arma.

– Onde diabos você estava? – perguntou Frost, agarrando-me pela nuca e me puxando para dentro.

– O que aconteceu aqui? – perguntei.

– Não aconteceu nada, ora essa. Para que serve um exército que não se consegue acordar?

Eu parei. Olhei ao redor. Todos os corpos continuavam no mesmo lugar, frios e largados.

– Que horas são? – perguntei.

– Bem mais que quatro, idiota. São quase cinco. Por que você demorou tanto?

– Você não desligou? – Apontei para o tanque de veneno pendurado no teto.

– Desligar? E o que eu tinha que fazer para desligar essa porcaria, gênio?

– Eu é que não sei. O funcionário da GenTech aqui é você, meu chapa.

Dizendo isso, saí correndo entre aqueles corpos, olhando para cima, para o enorme tanque roxo e os cabos que o conectavam a cada braço que se via ali.

Aí, simplesmente, comecei a arrancar os tais cabos. Eu segurava o máximo de cabos que podia e então puxava com força.

Eles se soltaram, e perdi o equilíbrio, caindo de cara sobre um corpo. Mas me levantei na mesma hora e corri de novo, desconectando mais cabos e procurando entre os incontáveis rostos um que eu conhecia.

Frost falou:

– Banyan, eles vão invadir o prédio. Não posso mais segurá-los. Não dá mais.

Continuei correndo entre os corpos, chutando-os para despertá-los, arrancando e largando os cabos.

– Acordem! – gritei, precisando mais que nunca de ajuda. Sabendo que não conseguiria continuar com aquilo sozinho. – Acordem!

Desesperado, eu arrancava os cabos e continuava correndo. Já tinha percorrido metade do galpão. E nada de Alfa.

Nem uma alma sequer havia acordado.

Balas atingiram as portas. Frost estava berrando e xingando.

E, então, achei finalmente a minha garota. Mas cada parte do meu corpo gritava que eu tinha chegado tarde demais.



## CAPÍTULO 57

– Alfa... – sussurrei, desconectando seus cabos e segurando seu corpo mole em meus braços. – Volte... – pedi, sacudindo-a de leve. Eu estava chorando e tremendo. O meu mundo caiu quando a perda pareceu inevitável.

Eu tinha esperado tempo demais. Tinha tentado fazer coisas demais. E, no final, percebi que salvar Alfa era a única coisa com que deveria ter me importado.

– Por favor, volte – eu continuava dizendo, sem parar. Abri seus olhos com os dedos e a beijei. Nada aconteceu. Resolvi verificar seu pulso. Fraco e lento. Mas o coração continuava batendo. Ela ainda estava lá.

Sua pele pálida tinha tom levemente esverdeado. Coloquei a mão no pedaço de madeira com que haviam fechado o ferimento em sua barriga, e ele latejava, cheio de vida, como se estivesse prestes a explodir. Pressionei o lugar, massageando a barriga, esperando que, de alguma forma, isso pudesse fazer a vida se espalhar pelo corpo de Alfa. Mas, como ela permaneceu imóvel, eu só deitei a cabeça em seu ventre, abracei seu corpo e deixei as lágrimas correrem.

Enquanto isso, ouvia os tiros do lado de fora e as vozes cada vez mais altas dos agentes. Eles estavam próximos. De verdade. Mas, então, surgiu um som diferente. Um zumbido estranho, que aumentava de volume e se tornava humano, deixando escapar algumas palavras.

Eram vozes. Vindas de todos os lados. Um caos de gemidos e gritos confusos. O som que se faz quando se está voltando da morte.

Elas estavam comigo. Estavam comigo!

Centenas de vozes além daquela que era tudo o que eu precisava escutar.

– Eu amo você – foi a primeira coisa que eu disse a Alfa, abraçando-a com força.

– Eu sei disso, meu chapa. – Sua resposta foi apenas um sussurro, mas parecia que ela estava cantando. Talvez uma de suas canções do mundo de antigamente. Ou então uma música toda nova, que ela mesma havia escrito.

Não deve ter sido nada fácil para as pessoas acordarem daquele jeito, ao som do tiroteio e de gente gritando, com um gordão e um moleque magrelo tentando enfiar um fuzil nas mãos delas.

Como era de esperar, foi Alfa quem liderou o ataque. Vocês deveriam tê-la visto. De repente, ela ergueu sua arma e soltou um grito de guerra que silenciou completamente o galpão e fez o mundo inteiro se envergonhar.

– Agora que estamos em maior número, temos que partir para cima deles – eu disse a ela. – Faça-os recuar. Depois leve todo mundo para o barco. O lago fica logo além da colina atrás de nós.

– E você? Vai fazer o quê?

– Vou buscar aquilo pelo qual viemos. Nós nos encontramos no barco.

– Não! – ela respondeu.

– Eu estarei lá, pode confiar. Prometo. Mas, agora, você tem que libertar toda essa gente.

Então, ela me beijou. Durou apenas um segundo. Eu a agarrei entre meus braços, como se estivéssemos sozinhos durante aquele breve instante, como se ela tivesse despertado toda a energia que estava adormecida dentro de mim.

– Nós nos encontramos no barco – repeti.

– Tudo bem, meu chapa. Só tome cuidado.

Entreguei uma arma para alguém que estava de mãos vazias e corri até a porta, onde uma porção de corpos nus atirava contra os agentes, obrigando-os a procurar abrigo e recuar na noite escura.

Eu, abaixado atrás da nossa linha de frente, examinei os vinte metros que me separavam do Pomar e me preparei para correr até lá.

Mas aí uma mão agarrou meu braço com força. Era Frost.

– Aonde você pensa que vai? – ele perguntou.

– Vou procurar a árvore.

– Você não vai a lugar algum sem mim. Pode apostar.

Então ficamos ali juntos, esperando, observando os agentes se afastarem e aguardando o melhor momento para sair. Até que houve uma pausa no tiroteio e nos lançamos na noite, abaixados.

Seguimos o mais rápido possível, espremendo-nos contra a parede do galpão, até que estávamos quase lá.

De repente, um tiro atingiu a neve. Depois outro, mais próximo que o primeiro.

Enquanto avançava, Frost apontou seu fuzil e disparou na direção dos agentes. Eu corri direto para a cúpula de metal e me espremi contra a porta, batendo nela sem parar, até que alguém abriu.

Pulei para dentro e Frost veio logo atrás, atropelando-me, fazendo com que nós dois desabássemos no concreto enquanto a porta se fechava.

As luzes principais estavam desligadas, e as lâmpadas douradas do tanque iluminavam o ambiente como um sol elétrico.

Minha mãe já havia se livrado de todos os agasalhos e agora estava ocupada em fazer o tanque se mover por meio de um controle remoto, apertando botões que faziam as rodas daquilo girarem e mudarem de direção. Zee estava parada ao lado da porta. Congelada. Os olhos voltados para Frost.

– Olá, Zee – disse o desgraçado, com um sorriso no rosto. Frost ficou de pé, e Zee se encolheu contra a porta, tentando fugir do alcance dele.

– Temos que nos apressar – eu disse. – Está tudo pronto?

– Quase – respondeu minha mãe, antes de baixar uma alavanca na parede. Então começou a descer do teto uma caixa preta e vazia, prestes a cobrir o tanque como uma capa metálica.

– Banyan – era a voz trêmula de Zee me chamando –, que diabos esse sujeito está fazendo aqui?

– Vou levá-la para casa, querida – disse Frost, adiantando-se. – Você e a árvore.

Fui até o tanque e comecei a empurrá-lo para que se alinhasse à caixa que descia do teto. No vidro, pude ver o reflexo de Frost atrás de mim. E, antes mesmo de me virar, eu já sabia o que estava acontecendo.

O filho da mãe estava com a arma apontada para mim.

– Acabou, sr. B. – ele anunciou. – Este é o fim da linha para você.

– Não... – sussurrei. Mas já era tarde.

A última coisa que vi foi seu dedo rechonchudo apertar o gatilho. Aí um clarão me cegou por um momento. E, quando consegui enxergar novamente, havia sangue no ar.

A bala tinha acertado.

Mas não o meu corpo.

Minha mãe tinha pulado na minha frente no último segundo possível. Foi a última coisa que ela fez na vida.

Eu a segurei nos braços e caí com ela no chão, sentido a vida deixar seu corpo rapidamente.

– O que foi que você fez? – Parecia a voz de outra pessoa sussurrando, mas era eu.

– Eu o mantive vivo. – Isso foi tudo o que ela conseguiu dizer, enquanto cada centímetro do seu corpo se entregava e a sua voz desaparecia para sempre. Ela começou a tossir e engasgar e deixou a mão cair no vidro do tanque atrás de mim, com a luz dourada que o iluminava brilhando e tremulando nos grandes olhos negros de minha mãe. Ela quis dizer mais alguma coisa, mas parecia que os circuitos já tinham entrado em curto dentro dela. Sua boca começou a se contorcer e a deixar escapar sons incompreensíveis, e eu comecei a chorar. Já era tarde quando tentei dizer que sentia muito por tudo aquilo. Ela se foi. Seus ombros magros estavam gelados. Sua pele ficou rígida ao meu toque.

Olhei para Zee, que estava abaixada no canto. Então vi Frost erguer outra vez o fuzil, sempre com aquele maldito sorriso.

– Agora, fazedor de árvores – ele disse, apontando a arma para mim –, é a sua vez de bater as botas.

Mas, antes que Frost pudesse puxar o gatilho, Zee descarregou a pistola de pregos bem na têmpera dele, um prego depois do outro.

Conforme Frost tropeçava e caía, Zee ia se aproximando, até estar acima dele. E, de repente, tudo acabou. Frost estava morto. Com o corpo cheio de buracos.

E eu sabia que, na verdade, não estava nada acabado. Não completamente.

Não ainda.

## CAPÍTULO 58

Fosse qual fosse o tipo de metal de que era feita aquela caixa, eu ainda temia que uma bala pudesse atravessá-la e estourar o tanque dentro dela.

Isso acabaria na mesma hora com a viagem de Pop de volta para o continente.

Assim, teríamos de esperar o tiroteio cessar por um instante, antes de podermos sair com o tanque dali e correr até a última colina, antes de seguirmos pela trilha que levava para o outro lado e antes de, finalmente, embarcarmos e começarmos a navegar.

Mas os tiros ainda eram frequentes. De ambos os lados. Ninguém parecia disposto a parar.

Entrei de novo no Pomar, mas deixei a porta aberta. O tanque estava coberto com a capa de metal e apoiado contra a parede atrás de mim, fora do alcance de qualquer atirador que resolvesse surgir da escuridão.

Zee colocou ao redor do corpo da minha mãe uma jaqueta da GenTech, e o logotipo roxo praticamente brilhava no escuro.

– Os prisioneiros estão encurralados – disse Zee, olhando comigo para fora. – Estão presos no galpão.

– E vão ficar sem munição antes dos agentes.

– Precisamos fazer alguma coisa.

– Estou tentando pensar em algo.

– E temos de buscar Crow.

– Não, isso não – respondi.

Pois lá estava ele.

O guarda-costas avançava mancando, arrastando uma das pernas atrás de si. Ele tinha saído do outro prédio e caminhava direto para o galpão, com uma submetralhadora em cada mão e a cabeça jogada para trás.

Estava medindo três metros de altura, e seus tiros acabaram com o fogo inimigo, obrigando os agentes a se esconderem e permitindo que os prisioneiros avançassem por um momento.

Os agentes já não sabiam mais em quem atirar – no homem-árvore gigante, com pernas de madeira, ou na multidão de corpos depilados, com os braços cheios de buracos. Em pouco tempo, os homens da GenTech, com seus agasalhos volumosos, estavam encurralados contra a colina que levava à floresta. Estávamos vencendo.

Por enquanto.

Olhei para Zee – É a nossa chance! Temos que chegar até o barco antes que eles consigam reforços. Ainda há uma porção de agentes cuidando do incêndio.

– E quanto a eles? – Zee apontou para a multidão.

– Não se preocupe – respondi. – Eles vêm conosco. – Arranquei o fuzil das mãos sem vida de Frost e saí para o campo de batalha.

Tentei chamar Alfa e Crow, mas só o que consegui ver eram corpos e balas atravessando a noite.

– Deem o fora daqui! – gritei. – Vão para o barco. O barco.

Alguns dos prisioneiros olharam para mim, e indiquei a trilha que levava para a água. – Subam no barco! – disse a eles. – Rápido!

– Partindo tão cedo, baixinho?



Dei meia-volta e deparei com Crow. Só as suas pernas já eram do meu tamanho. – Como está se sentindo? – perguntei.

– Ah... Já estive melhor. Mas, com certeza, já estive muito pior também. Onde está Zee?

– Está ali, na cúpula. – Nós nos escondemos atrás de um *container*, enquanto as balas atravessavam o gelo ao nosso redor.

– E Frost? – quis saber Crow.

– Morreu. Zee o matou.

– Foi mesmo? Que bom para ela.

– Agora temos que fazer com que todos consigam chegar ao lago o mais rápido possível. Em pouco tempo, mais agentes vão entrar na briga.

– É melhor você falar com a chefona, se quiser fazer esse povo todo se mover.

Crow apontou e a avistei de imediato. Eu me perguntei se plantar árvores e ter uma vida tranquila eram algo que aquela garota poderia se acostumar um dia. Pois ela parecia completamente em seu elemento naquele lugar, em meio ao sangue e à fúria.

Alfa tinha arrancado a capa de um dos agentes e estava com a pelúcia roxa amarrada ao redor do corpo. Ela tinha sangue nos braços e um corte na perna e havia ajoelhado, recarregando a arma com as mãos, enquanto seus olhos vasculhavam a colina.

– Temos que voltar! – gritei para ela, com o som dos tiros abafando minha voz. – Alfa! Volte! Agora!

Ela se levantou e deu um grito, e apontei para a colina ao longe, na direção do tanque de fermentação, que continuava trabalhando, soltando fumaça e fazendo barulho. No instante seguinte,

estávamos correndo para lá. Todos nós. O mais rápido que conseguíamos.

Quando alcançamos o Pomar, eu disse a Crow para seguir para o lago sozinho. Afinal, ele ainda estava indo muito devagar, mancando com o novo par de pernas.

– Estaremos logo atrás de você – continuei. – A gente se encontra lá no barco.

– Tudo bem – respondeu Crow. – Rápido com isso, vocês dois. – Ele saiu mancando, junto com os outros prisioneiros, rumo à colina. E eu e Alfa entramos na cúpula.

– Quem é esta? – perguntou Zee, olhando para Alfa.

– Sou a garota dele – respondeu Alfa, que agarrou o controle remoto. – E quem é *você*?

– Ela é minha irmã – expliquei. Então Alfa me ajudou a abrir uma janela na cobertura de metal, e apontei para dentro do tanque, onde pequenas árvores brotavam do que ainda sobrava do meu pai.

– E esse aí é o meu velho.

– Família esquisita essa que você foi arrumar, hein, meu chapa? – disse Alfa, fechando a janela. Acho que ela estava certa. Mas, nessa vida, você tem que ficar com aquilo que é possível.

Você tem que aceitar e abraçar aquilo que pode ter.

## CAPÍTULO 59

Então finalmente saímos do Pomar com o tanque são e salvo, devidamente coberto pela caixa preta de metal. Alfa estava sentada sobre ela, mexendo no controle remoto, fazendo as rodas girarem na neve.

– Venham aqui comigo – disse Alfa, puxando Zee para ficar ao seu lado no alto do tanque. Mas parei por um instante e então disse a elas para seguirem em frente.

E corri de volta para o Pomar. O corpo da minha mãe ainda estava caído ali, e tirei o casaco que lhe cobria a cabeça. Apenas olhei para minha mãe por alguns segundos, sem pensar em nada.

Era como se eu a tivesse visto morrer duas vezes. Pois ela tinha me protegido da bala assim como Hina tinha me protegido dos gafanhotos no milharal. As duas acabaram se entregando e decretando o próprio fim. Por mim.

Pensei em levar o corpo comigo, mas acabei decidindo que era melhor não. Era ali que ela devia permanecer, concluí. Em seu túmulo de aço. Naquela ilha que ela mesma havia escolhido para passar seus dias. Ainda assim, ela merecia alguma espécie de sepultamento. E pensei que eu poderia dizer algumas palavras. Mas, quando tirei a jaqueta da frente do seu rosto, as palavras me faltaram por completo. Só o que veio à minha mente foi a velha canção que eu e Pop costumávamos cantar, a canção que continuaria para sempre presa no aparelho de CD do nosso velho

furgão. A canção sobre flores mortas e o sujeito que deixa rosas sobre a sepultura de uma garota.

Mas eu não estava muito no clima para cantar. Então apenas me levantei e corri para fora do Pomar, tentando não ser atingido por nenhum tiro enquanto chispava na direção da colina.

O tanque continuava avançando, alguns metros adiante, e reparei que agora era Zee quem estava no comando, com o controle nas mãos. Alfa estava de pé, atirando com sua arma e mantendo o caminho livre atrás de mim. Eu as alcancei e pulei para cima do tanque, sabendo que, por baixo do metal escuro, aqueles pequenos brotos verdes nadavam na luz dourada.

Alfa me ajudou a subir, e nós nos esprememos ali. Não demorou muito para atingirmos o topo da colina e começarmos a descer para o outro lado. Esperamos até quase perder de vista o grande tanque de fermentação. E aí Alfa o cobriu de tiros.

Senti o clarão e o calor da explosão crescerem atrás de mim. Agora os agentes estavam presos do outro lado da colina. Avistei Crow no convés do barco, lá embaixo, agitando os braços e chamando nossos nomes, enquanto tudo ao redor começava a refletir as cores do incêndio e o lago mostrava as chamas para um céu negro.

– Que árvores são essas? – gritou Alfa, depois que uma terceira explosão ecoou e espalhou o fogo.

– São macieiras – respondeu Zee. – De um tipo completamente novo.

– Muito bem – continuou Alfa, envolvendo-me com um braço e ainda segurando a arma com o outro. – E para onde vamos agora, meu chapa?

– Tanto faz – respondi, assim que o tanque atingiu a praia. – Contanto que possamos ir juntos.

E então deixamos a Terra Prometida, ao som de tiros que iam se distanciando. Aos agentes, só restava observarem do topo da colina esfumaçada o nosso barco se afastar da costa.

Alfa disse que, agora, só precisávamos das estrelas, e o céu estava cheio delas. Era um mapa de frias luzes brancas acima de nossas cabeças, guiando-nos para o sul, até o nascer do sol. E tínhamos as águas escuras logo debaixo de nós, levando-nos de volta para o nosso lar.

Um lar?

Seria mesmo isso? Aquele velho punhado de terra e sujeira?

Eu achava que era. Ou achava que ainda poderia ser.

Os sobreviventes estavam todos vestidos e alimentados no compartimento de carga. O tanque do meu pai ia bem guardado no interior do barco. Então, resolvi sair um pouco e deixar os outros na cabine com os mapas e aparelhos, enquanto Crow tentava descobrir nossa posição em um GPS.

Fui até o convés e olhei para o sul, com o vento frio cortando minha pele e fazendo todo meu corpo ficar dormente. Pensei no meu pai.

Nunca chegaríamos a armar nossa casa no topo das árvores. Eu sentiria sua falta todos os dias da minha vida. Mas fiquei imaginando se ainda construiríamos uma última floresta juntos. Se eu conseguiria plantar aqueles brotos e vê-los crescer.

Ousei pensar em um mundo onde as árvores voltariam a crescer. E, se elas haviam conseguido sobreviver naquela ilha, então, que

outras coisas ainda não poderia haver por aí, em outros lugares, resistindo bravamente? Coisas selvagens do tipo que faz valer a pena acreditar neste mundo. Afinal, foi isso que levou as pessoas a construir suas próprias árvores. Ter algo em que acreditar. Provar que se pode pegar uma coisa e transformá-la em outra, totalmente diferente.

Ali parado, imaginei como seria minha vida em um mundo onde árvores espalhassem suas raízes pelo solo e tornassem o ar algo mais respirável. Mas, enquanto esticava os músculos, de pé sobre o aço gelado, sentindo a cabeça dolorida e pesada e o corpo inteiro cansado e machucado, eu me dei conta de tudo o que ainda poderia sair errado à nossa frente. E me perguntei quem viria atrás de nós na água, ou quem estaria nos esperando quando atracássemos no continente. Tentei imaginar o tipo de inferno que nos aguardava, no meio da lava e do vapor, nas terras arrasadas da Fenda.

Teríamos de passar por lá, entretanto. Mas a GenTech havia descoberto uma maneira. E era melhor pensar positivo. Era o que Pop sempre dizia.

Assim, resolvi parar de pensar no que poderia dar errado e comecei a admirar as constelações no alto, visualizando os rostos que eu sempre traria comigo. Rostos daqueles que já haviam partido e daqueles que ainda respiravam.

Pensei na estátua na Velha Orleans, a mulher que meu pai havia construído e cuja face eu havia terminado, com milhares de peças brilhantes, que sempre refletiam o mundo de volta para o observador, independente de quantas vezes ele olhasse.









# AGRADECIMENTOS

Escrever *Sem raízes* foi uma aventura, e sou grato à minha família, aos meus amigos e aos meus professores, que me ajudaram ao longo do caminho. Também gostaria de prestar reconhecimento a todos os artistas que me inspiraram; pessoas que jamais conheci, mas que me estimularam sempre que sentei para escrever. Gostaria de agradecer a todo o pessoal maravilhoso da editora Scholastic, da agência literária Andrea Brown e da biblioteca Henry Miller, em Big Sur, Califórnia. Gostaria de agradecer a cada um dos leitores. E gostaria de agradecer, especialmente, às três pessoas que me ajudaram a transformar essa história em livro: minha agente, Laura Rennert; meu editor, Mallory Kass; e minha inspiração, Allison Benner.



## **SOBRE O AUTOR**



Antes de escrever ficção, Chris Howard compôs canções, estudou gestão de recursos naturais e guiou adolescentes em excursões por áreas de natureza selvagem. Ele atualmente mora no estado americano do Colorado, e *Sem raízes* é seu primeiro romance.

Visite a página de Chris na Internet:

[www.chrishowardbooks.com](http://www.chrishowardbooks.com)

Para meu pai.

# NOTAS

[1] Pop, em inglês, é uma forma coloquial de dizer papai. (N. T.)

[2] Soljah: grafia variante da palavra inglesa *soldier* (soldado) e um termo rastafári para os guerreiros da fé. (N. T.)

[3] “E eu não me esquecerei de colocar rosas na sua sepultura.” A canção a que Banyan se refere é “Dead Flowers”, dos Rolling Stones, penúltima faixa do álbum *Sticky Fingers*, de 1971. (N. T.)

[4] “Eu e eu” (em inglês, *I and I*) é uma expressão tradicional do movimento rastafári. Este surgiu na Jamaica na década de 1930, entre os descendentes de escravos, e tem forte influência da cultura cristã. Usada no lugar do simples pronome “eu”, a expressão “eu e eu” indica a unidade de Jah (Deus) com todo ser humano. (N. T.)

[5] A personagem se refere aqui à narrativa bíblica conhecida como “Jonas e a baleia”. Diz a história que o profeta Jonas (suposto autor do livro do Antigo Testamento que leva seu nome), fugindo de uma missão designada por Deus, é surpreendido no mar por uma tempestade e acaba engolido por um grande peixe. Depois de passar três dias no ventre do peixe, Jonas se arrepende de ter fugido e é então vomitado pelo animal em uma praia, para poder cumprir sua missão. (N. T.)

Publicado originalmente com o título: *Rootless*

Copyright © 2012 by Chris Howard

Direitos para tradução: Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna

Agência Literaria, SL

Todos os direitos reservados.

Tradução: Bernardo de Carvalho

Design de capa e ilustração © 2012 por Phil Falco

1ª edição digital 2013

ISBN 978-85-16-08947-4

Reprodução proibida.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

[www.modernaliteratura.com.br](http://www.modernaliteratura.com.br)

DE ACORDO COM AS  
NOVAS  
NORMAS  
ORTOGRÁFICAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Howard, Chris  
Sem raízes [livro eletrônico] / Chris Howard ;  
tradução de Bernardo de Carvalho. -- 1. ed. --  
São Paulo : Moderna, 2013.

Título original: Rootless  
4,2 Mb ; e-PUB

1. Ficção científica norte-americana I. Título.

13-07856

CDD-813.0876

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura  
norte-americana 813.0876